

McKEW' PARR COLLECTION

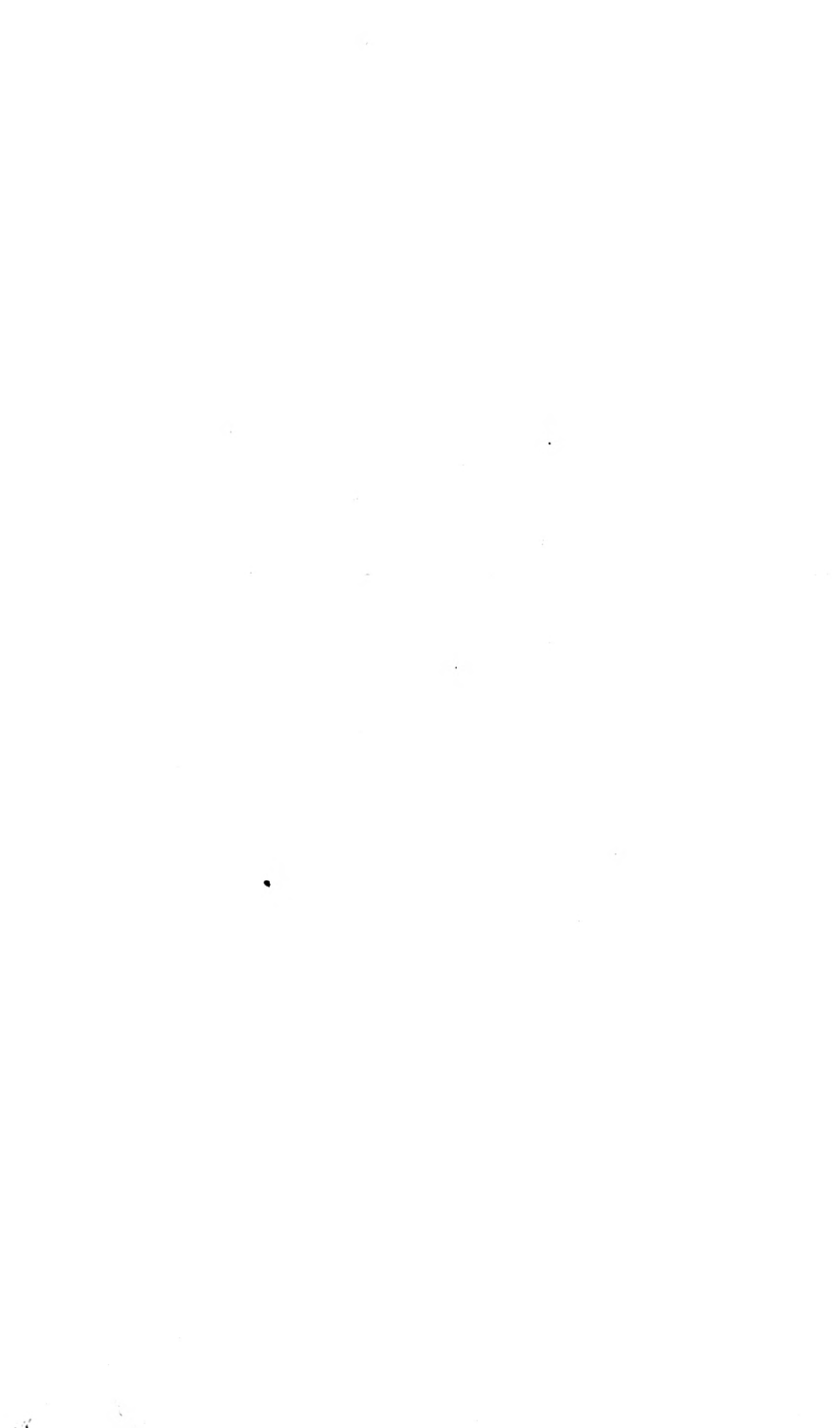


MAGELLAN
and the AGE of DISCOVERY



PRESENTED TO
BRANDEIS UNIVERSITY • 1961

CONTINUAÇÃO
DA ASIA
DE
JOÃO DE BARROS
POR
DIOGO DE COUTO.



DA ASIA DE DIOGO DE COUTO

DOS FEITOS, QUE OS PORTUGUEZES FIZERAM
NA CONQUISTA, E DESCUBRIMENTO DAS
TERRAS, E MARES DO ORIENTE.

DECADA QUARTA

PARTE PRIMEIRA.



LISBOA

NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.

ANNO MDCCLXXVIII.

Com Licença da Real Meza Censoria, e Privilegio Real.



Silva delin.

Frois sculp.

V I D A
D E
DIOGO DE COUTO

Chronista do Estado da India, e Guarda mór
da Torre do Tombo della.

Por MANOEL SEVERIM DE FARIA.



EM tanta força as obras dos Homens doutos para fazer estimar seus Authores em toda a parte, que não sómente ganham com particular affeição as vontades dos que os vem, mas ainda levam apôs si os desejos dos ausentes para pertenderem sua comunicação. Estes me fizeram procurar com cartas desde este Reyno a amizade de Diogo de Couto na India; e agora me obrigam a que ponha em lembrança a noticia, que alcancei de suas cousas, assi por cumprir em parte neste officio com o que lhe devo, como por entender, que com isso faço huma obra agradavel a todo este Reyno, de que pelo muito que trabalhou no serviço público, com razão he tido por merecedor de outras avantajadas memorias.

Foi Diogo de Couto filho de Gaspar de Couto, e de Isabel Serrão de Calvos, pessoas nobres, e ella foi filha de Vasco Serrão de Calvos, por cuja via ficava Diogo

go de Couto segundo primo daquelle insignie Prégador , e grande Religioso o P. Luiz Alvares da Companhia de Jesus. Nasceu Diogo de Couto em Lisboa no anno de 1542. estando seu pai Gaspar de Couto em serviço do Infante D. Luiz , a quem o dera ElRey D. Manoel. Por esta razão entrou Diogo de Couto , como teve idade , no serviço do Infante , o qual o mandou estudar em Lisboa , e de onze annos começou a ouvir Grammatica entre os primeiros estudantes do Collegio de Santo Antão da Cidade , que foi o primeiro Collegio que a Religião da Companhia teve em toda Europa. Seu Mestre na lingua Latina foi o P. Manoel Alvares , célebre Humanista , e Author da Arte da Grammatica , que hoje se lê em todas as Universidades , e estudos , que a Companhia tem a seu cargo. A Rhetorica ouviu do P. Cypriano Soares , que compoz a Rhetorica , perque se ensina esta Arte nas escolas da Companhia. E se he verdadeira aquella Sentença , que o primeiro fervor , e motivo da sabedoria he a excellencia dos Mestres , com razão se podem ter em muito as obras de Diogo de Couto , pois além de serem nascidas de seu grande engenho , foi elle cultivado per tão célebres , e doutos varões daquelle tempo.

Acabados os estudos da Humanidade ,
pa-

parou Diogo de Couto na continuação das escolas , porque ainda então se não liam em Lisboa mais que as letras humanas , e assi ficou continuando no serviço do Infante ; o qual mandando algum tempo depois o Senhor D. Antonio seu filho ao Mosteiro de Bemfica para ouvir a Filosofia do santo varão Fr. Bartholomeu dos Martyres , que depois foi Arcebispo de Braga , vendo a boa , e natural habilidade , que já em Diogo de Couto se descobria , lho deo por condiscipulo. Aprendeo Diogo de Couto deste insigne Mestre não sómente as Artes liberaes , em que elle foi eruditissimo , mas juntamente as virtudes , que nelle mais resplandeciam , como bem o mostrou depois na temperança , modestia , e piedade , que em toda sua vida guardou , assi no estado de soldado , como no de Cidadão , sem lhe as delicias da India poderem fazer mudança nos costumes em tão largos annos , como teve de vida.

Faleceo o Infante ao tempo que Diogo de Couto acabava a Filosofia , e pouco depois desta perda recebeu a segunda com a morte de seu pai , e assi cortando-se-lhe o curso de suas esperanças , foi constangido a mudar estado , e deixando as letras , seguiu as armas , a que seu animo não pouco o inclinava. E como já naquelle tempo
não

não havia outra conquista, senão a do Oriente, por quanto ElRey D. João III. tinha largado os lugares de Africa, sustentando sómente aquelles que podiam servir de fronteira de Hespanha, determinou passar á India; como o fazia então a mór parte da nobreza de Portugal, por nesta empresa terem muitos em breve tempo ganhado honra, e proveito, o que sempre alli acontecera, se os que depois vieram quizeram continuar no valor, e virtudes dos primeiros, que áquellas partes passaram, e não seguíram os vícios da sensualidade, e avareza, com que corrompêram aquelle tão bom procedimento antigo.

Embarcou-se Diogo de Couto no anno de 1556. militou na India oito annos, achando-se nos mais dos feitos affinalados de seu tempo, mostrando com particular valor, que as letras não impedem, antes favorecem as armas, como deram a entender antigamente os Gregos na imagem de Apollo, a quem pintavam armado de arco, e settas, e o veneravam juntamente por Deos das sciencias. Cumpridos dez annos de milicia contínua, tornou ao Reyno a requerer o premio de seus trabalhos; e ainda que chegou a Lisboa, quando com maior força ardia o mal de peste, que vulgarmemente se chama grande, foi brevemente, e bem def-

despachado. Com este despacho se partio logo para a India, onde se casou na Cidade de Goa com Luiza de Mello, pessoa nobre, cujo irmão foi o P. Fr. Adeodato da Trindade, da Religião de Santo Agostinho, que depois cá no Reyno lhe assistio á impressão das suas Decadas.

Tanto que o estado de Cidadão pacifico, e livre das occupações da guerra, lhe deo lugar para se lograr do ocio, tornou a renovar no animo os antigos estudos das letras humanas; e assi por estas, como por sua cortezia, e boa condição, se fez mui conhecido na India, e amado de todos os doutos, nobres, e curiosos, e até dos Principes Pagãos daquellas partes.

Foi Diogo de Couto mui douto nas Mathematicas, e particularmente na Geografia; soube bem a lingua Latina, e Italiana, nas quaes compoz alguns Poemas, e assi na nossa vulgar, em que teve particular graça, tudo obras lyricas, e pastoris, de que deixou hum grande tomo de Elegias, Eglogas, Canções, Sonetos, e Grosas. Teve particular amizade com o nosso excellente Poeta Luiz de Camões, o qual o consultou muitas vezes, e tomou seu parecer em alguns lugares dos seus Lusíadas, e a seu rogo commentou Diogo de Couto este seu heroico Poema, chegando com os
Com-

fina , ajuntar outra vez o que naquellas duas Decadas tratava ; de que fez hum só volume , recopilando nelle as cousas de mór importancia , e relatando as maiores mais largamente , com que se remediou este furto de maneira , que quando alguma hora apparecerem , assi pela ordem , como pela materia , publicarão claramente seu Author.

Destas Decadas estam sómente até agora impressas a quarta , quinta , sexta , setima ; porém á sexta succedeo hum grande desastre , e foi , que estando a impressão acabada em casa do impressor , se accendeo o fogo nas casas , e ardêram todos os volumes , escapando sómente seis delles , que acaço estavam já em o Convento de Santo Agostinho de Lisboa. As mais Decadas não sahíram ainda á luz , e quando faleceo Diogo de Couto ficáram em poder do P. Fr. Adeodato da Trindade seu cunhado.

O estilo , que nestas Decadas guardou Diogo de Couto , he muito claro , e chão , mas cheio de sentenças , e com que julga as acções de cada hum , e mostra as causas dos successos adversos , e prosperos , que naquellas partes tiveram os Portuguezes. Porém ainda que nesta parte póde ser com outros comparado na verdade do que escreve , que he a alma da historia , no que trata dos Principes do Oriente , nos costumes da-

daquelles póvos , e remotas Provincias , na situação da sua verdadeira Geografia , levou a muitos conhecida vantagem ; como se póde claramente ver das suas Decadas , nas quaes se mostram os erros , que nestas materias tiveram os que antes d'elle escrevêram as cousas do Oriente. Para esta noticia , além da grande applicação , com que se deo ao estudo dos Geografos antigos , e modernos , lhe valeo a assistencia , que teve naquellas partes por mais de sincoenta annos , nos quaes vio por razão da milicia , e commercio muitos daquelles Reynos ; e depois sendo Cidadão de Goa , cabeça daquelle Estado , pode bem alcançar a verdade dos successos que refere , pois naquella Cidade assistem todos os Viso-Reys , e della sahem todas as Armadas , e a ella se tornam a recolher , de maneira , que recebeo as informações dos mesmos que se acháram nas empresas , e a tempo que as testemunhas de vista , que na mesma Cidade havia , os obrigavam a fallar verdade. A esta razão se lhe accrescentou outra , que foi a do officio de Guarda mór da Torre do Tombo do Estado da India , o qual cargo lhe deo ElRey D. Philippe I. quando mandou ordenar este arquivo pelo Viso-Rey Mathias d'Albuquerque , no qual se recolhêram todos os contratos de Pazes , Provisões , Registos de

Chan-

Chancellaria , e os mais papeis de importancia , que costumavam andar em poder do Secretario , e de outras pessoas daquelle Estado , com que lhe ficou huma noticia original de tudo o tocante áquella historia , donde com razão podemos ter esta por não menos verdadeira , que a de Polibio , e Salustio , a quem este desejo levou de Grecia a Italia , e de Italia a Numidia , para verem os sitios das Provincias , de que haviam de escrever , e alcançar as informações dos feitos , de que tratavam , dos quaes (por serem passados muitos annos antes) de força lhe faltaria a noticia em muitas partes essenciaes , tendo juntamente o mesmo tempo mudada a face das terras , e lugares , como cada dia vemos.

Não he menos de estimar esta obra por sua grandeza ; porque além de escrever Diogo de Couto noventa livros nestas nove Decadas , numero a que raros Escritores chegaram , foi toda esta historia escrita por elle novamente , e não tomada de outros Authores , no que se mostra bem a grandeza , e valor de seu engenho , a que não chegou Livio , ainda que lhe excedeo no número dos volumes , por quanto a maior parte de sua historia foi tomada de outros , e principalmente de Polibio , o qual tambem confessa de si , que das obras que muitos Escri-

tores tinham publicado de cada conquista dos Romanos em particular, compuzera a sua universal historia. Mas Diogo de Couto foi o primeiro que tirou á luz a historia da India, do tempo, em que a deixou João de Barros, (senão foi o que até o principio do governo de Nuno da Cunha tinha escrito Fernão de Castanheda;) por quanto a quarta Decada de João de Barros, que acaba com o governo do mesmo Nuno da Cunha, sahio muitos annos depois.

Para aperfeiçoar esta obra, e dar huma consummada noticia do Oriente, compoz outro livro, a que chamou *Epilogo da historia da India*, no qual, tratando de cada fortaleza nossa, aponta as cousas principaes que alli acontecêram, as em que faltáram os nossos Historiadores, e outras, que de novo foram succedendo, de maneira, que neste volume está summariamente tudo o que toca á historia, commercio, e policia Oriental, accommodando o estilo a este compendio com muita clareza, e brevidade. Não foi menos eloquente no estilo Oratorio; porque além do que se vê nas suas Decadas, que não he pouco, por insigne nesta faculdade foi escolhido para fazer as praticas aos mais dos Governadores, e Viso-Reys, que em seu tempo entráram em Goa; mas isto não era só pela linguagem, e ornato de
pa-

palavras com que fallava, mas pela verdade, e defengano com que as dizia, das quaes algumas andam impressas, que não desdizem de seu Author.

Acompanhou a Diogo de Couto desde seus primeiros annos hum grande zelo do bem público da patria, que junto com o entendimento, e experiencia, de que era dotado, lhe fez considerar as causas de alguns inconvenientes, que havia no governo da República, e principalmente no estado da India, onde elle assistia, e onde por ausencia dos Reys, e excessos dos Ministros hiam as desordens a maior crescimento. Para remediar este mal, vivendo ainda ElRey D. Sebastião, compoz hum livro, a que chamou o *Soldado pratico*, no qual introduzio per modo de Dialogo hum Viso-Rey novamente eleito, fallando com certo soldado velho da India, que andava na Corte em seus requerimentos, para se informar das cousas que lhe importavam para a jornada, e do mais que tocava ao governo da Fazenda Real, e milicia daquelle Estado, e em todas estas cousas aponta com cortezão estilo, e brevidade o que se deve seguir, ou evitar, dando os exemplos, e razões fundamentaes de maneira, que póde ser hum excellentes instrucção para aquelle governo. Porém antes de aperfei-

feiçãoar esta obra , lhe foi furtado o original della , e sem mais o poder haver ás mãos , chegou a este Reyno sem nome de Author , aonde se trasladáram algumas copias , que foram tidas em grande estima dos que as puderam haver. Sendo disto advertido no anno de 1610. por hum amigo seu , tornou a reformar esta obra , ou quasi a fazella de novo , porque introduzio por pessoas do Dialogo hum Governador , que tinha sido da India , com hum Soldado pratico della , ambos em casa de hum despachador , tratando sobre as cousas daquelle Estado , trazendo-as ao tempo presente , com tanta ponderação , e juizo , que não sómente pôde servir de norte aos que o governarem , mas em todo o tempo de claro desengano das cousas delle. Esta obra dedicou ao Marquez de Alemquer , e o original está na livraria de Manoel Severim de Faria Chantre de Evora , a quem elle o mandou.

Este zelo da honra da patria lhe fez escrever hum livro , contra o que compoz o P. Fr. Luiz de Urreta Dominico , da historia , e policia do Reyno da Ethiopia , a que vulgarmente chamamos *Preste João* , no qual o Padre com a pouca noticia que tinha do Oriente , e sem ler as historias da India , nem deste Reyno , (como quem escreveu entre os bosques , e delicias de Valen-

Couto. Tom. I. P. I. ** ça ,

ça, sem ver mais que hum só homem, que o informou, e a quem creio) disse muitas cousas contra toda a verdade da historia, sendo todo o seu livro huma obra fabulosa, e temeraria. E posto que os Padres Fernão Guerreiro, e Nicoláo Godinho da Companhia tinham respondido ao P. Urreta com particulares Apologias; os mesmos Padres da Companhia de Goa pediram a Diogo de Couto respondesse tambem pela honra deste Reyno, o que elle fez, estando já quasi com o corpo na sepultura; mas com tanto vigor de animo, que bem parece que se lhe faltavam as forças corporaes, que as do entendimento hiam sempre em maior perfeição. Este livro trouxeram os Padres da India ao Arcebispo de Braga D. Fr. Aleixo de Menezes per ordem de seu Author.

Com estas occupaões não pode acabar de todo outra empresa, que deixou começada para luz do commercio da India, em que tratava de todos os tempos, e monções, em que se navega para todas as partes do Oriente, e dos pezos, medidas, e moedas, com todas as mais cousas que a este particular pertenciam.

Nestas taes obras gastou Diogo de Couto a maior parte de sua idade, exercitando o talento que lhe foi entregue, como bom, e util servo, até o anno de 1616. no qual sendo de 74. annos o levou Deos para si, fab-

fabbado a 10. de Dezembro, para lhe dar o premio que suas obras merecêram. Foi Diogo de Couto homem de meã estatura, de alegre, e veneravel presença, olhos vivos, côr atereciada, o nariz algum tanto aquilino, mui laborioso, como o mostra a multidão de seus escritos, teve grande conselho, e por essa causa era chamado muitas vezes dos Vice-Reys a elle nos negocios de mór importancia. Era pouco cubiçoso, que para homem, que viveo tantos annos na India, he grande maravilha, e assi foi mais rico de partes, e merecimentos que de fazenda, posto que esta lhe não faltou em seu estado, com que sempre passou honradamente.

De sua mulher, com que viveo largos annos, teve huma só filha, que morreo antes de casar, donde não ficou delle geração, o que os antigos julgavam por infelicidade, porém não tal, que lhe possa tirar a bema-venturança, que os mesmos antigos tinham por grande, que era escrever feitos alheios, e dar materia para que se escrevessem os seus proprios, o que elle fez na sua milicia, e historia, compondo, e pelejando. Pelo que com razão lhe puzeram aquelle Distico ao pé de seu retrato, que como estava immortal, lhe imprimíram nas suas Decadas, que diz:

Exprimit effigies, quod solum in Cæsare visum est.

Historiam calamo tractat, & arma manu.

NOTICIA DOS AUTHORES;
QUE ESCREVERAM
DE
DIOGO DE COUTO,

E Catalogo das Obras , que compoz , extrahidas da Bibliotheca de Diogo Barbosa Machado Tom. 1. pag. 648. até 649. e Tom. 4. pag. 98.

E Screveo a sua Vida o douto Manoel Severim de Faria nos discursos varios desde pag. 148. até 157. Nicoláo Antonio *Bibl. Hisp. T. 1. pag. 215. col. 1.* fallando delle , diz : *Studiis denuo se restituens rebus quidem per totos quinquaginta annos terra , marique in isto Orientis orbe gestis sive miles prius , sive Proregum familiaris , & ad negotiorum momenta subinde admisus non sine magno rerum Lusitanarum incrementò haud minus animo , attentaque observatione , quam præsentia interfuit.* João Soares de Brito *in Theatr. Lusit. Lit. D. num. 12. Hist. da Etiop. Alt. Liv. 1. Cap. 27. e Liv. 2. Cap. 7. insigne Historiador.* Niceron *Memor. pour servir a l' Hist. des Hom. Illust. Tom. 12. pag. 94.* Soufa *Flor. de Hespan. Cap. 8. excell. 11. num. 7.* Morery *Diccion. verb. Couto.* Antonio de Leão *Bibl. Ind. Tit. 3.* Faria Elencho dos Authores Portug. no princípio do Tom. I. da *Asia Portug.* D. Francisco Manoel na *Carta dos Authores Portug.* escrita ao Doutor Themudo.
Ca-

*Catalogo das obras , que sabíram á luz
pública da impressão.*

Decada quarta da Asia dos feitos , que os Portuguezes fizeram na conquista , e descobrimento das terras , e mares do Oriente , em quanto governáram a India Lopo Vaz de Sampaio , e parte de Nuno da Cunha. Lisboa por Pedro Crasbeeck no Collegio de Santo Agostinho 1602. fol.

Decada quinta da Asia , &c. em quanto governáram a India Nuno da Cunha , D. Garcia de Noronha , D. Estevão da Gama , Martin Affonso de Sousa. Lisboa pelo dito Impressor 1612. fol.

Decada sexta da Asia , &c. em quanto governáram a India D. João de Castro , Garcia de Sá , Jorge Cabral , e D. Affonso de Noronha. Lisboa pelo dito Impressor 1614. fol.

Decada setima da Asia , &c. em quanto governáram D. Pedro Mascarenhas , Francisco Barreto , D. Constantino , o Conde de Redondo , D. Francisco Coutinho , e João de Mendoça. Lisboa pelo dito Impressor 1616. fol.

Decada oitava da Asia , &c. em quanto governáram a India D. Antão de Noronha , e D. Luiz de Ataíde. Lisboa por João da Costa , e Diogo Soares 1673. fol.

Sin-

Sinco livros da Decada Duodecima da historia da India. París 1645. fol. Comprehen-
de o governo do Vice-Rey D. Francisco da Gama Conde da Vidigueira , que sahio á luz pública por diligencia do Capitão Manoel Fernandes Villa-real , Consul dos Portuguezes na Corte de París.

Todas estas Decadas com a Nona , que nunca foi impressa , sahíram novamente á luz pública em 3. Tomos com Indices muito copiosos na Officina da Musica. Anno 1736. fol.

Da Decada Decima foram sómente impressas 120. paginas , e de toda ella ha algumas cópias , que constão de dez livros.

A Undecima Decada nunca se descobrio , applicando-se infructuosamente multiplicadas diligencias para que apparecesse , a qual certamente escreveo , como testemunha o grave Antiquario Manoel Severim de Faria na *Vida de Diogo de Couto* , pag. 152.

Falla que fez em nome da Camera de Goa a André Furtado de Mendoca , indo por Governador da India em successão do Conde da Feira D. João Pereira , dia do Espirito Santo de 1609. Lisboa por Vicente Alvares 1610. fol.

Relação do naufragio da ndo S. Thomé na terra dos Fumos no anno de 1589. e dos grandes trabalhos , que passou D. Paulo de Li-

Lima nas terras da Cafraria até sua morte. Sahio impressa na *historia Tragico-Maritima*, Tom. 2. a pag. 155. até 213. Foi escrita esta relação em o anno de 1611. á instancia de D. Anna de Lima irmã do dito D. Paulo de Lima.

Vida de D. Paulo de Lima Pereira Capitão mór de Armadas do Estado da India, com huma descripção desde a terra dos Fumos até ao Cabo das Correntes. Lisboa por José Filippe 1765. 8.

Obras Manuscritas.

Epilogo da historia da India. Nelle trata de cada fortaleza nossa, e o que succedeo mais digno de memoria.

Soldado perfeito. Nesta obra introduz por modo de Dialogo hum Vice-Rey novamente eleito, fallando com hum soldado veterano da India, que andava na Corte requerendo para se informar de tudo, que pertence á arrecadação da fazenda Real, e milicia daquelle Estado, sendo hum excellente instrução para o que deve obrar hum Vice-Rey. Antes de pôr a ultima mão a esta obra lhe desappareceo o original, o qual chegando a este Reyno sem nome do seu Author, se extrahíram delle algumas cópias; porém sendo advertido por hum seu amigo, a reformou em o anno de 1610. e
fa-

fahio com este titulo : *Dialogo entre hum Fidalgo, e hum Soldado da India*. Dedicado ao Marquez de Alemquer. O original se conserva na livraria do Conde do Vimieiro.

Historia do Reyno da Ethiopia, chamado vulgarmente *Preste João*, contra as falsidades, que nesta materia escreveu Fr. Luiz Urreta Dominicano. Foi offerecida esta obra pelos Padres Jesuitas ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes.

Commento ás Lusíadas de Luiz de Camões feito á petição deste incomparavel Poeta, em cuja empreza não passou do quinto Canto, que conservava D. Fernando de Castro Conego de Evora por lho ter deixado seu tio D. Fernando de Castro Pereira, a quem o Author o tinha remettido.

Poezias varias. Constavam de Elegias, Eglogas, Sonetos, Canções, e Glozas.

Falla que fez na Camera de Goa ao Conde D. Francisco da Gama, quando nella puzeram o retrato de seu bisavô D. Vasco da Gama. Começa: *A cousa de que se prezavam aquellas famosas Républicas*, &c.

Falla que fez ao Vice-Rey Ayres de Saldanha, quando entrou em Goa a rogo da Cidade. Começa: *Aquelle grande Theopompo Rey dos Lacedemonios*, &c.

Oração que tinba feito para o dia que se

se levantasse a Estatua do Conde Almirante a segunda vez que se restituiu a seu lugar donde a tiráram, a qual não houve effeito. Começa: Aquelle Principe de toda a eloquencia Latina M. Tullio Cicerão, &c.

Oração que fez a rogo da Cidade de Goa ao Vice-Rey D. Martim Affonso de Castro, quando entrou na Cidade de Goa. Começa: Daquelle grande Alexandre Monarca do Mundo, &c.

Oração que fez ao Arcebispo D. Fr. Aleixo de Menezes, quando por morte do Vice-Rey D. Martim Affonso de Castro succedeo na governança da India em 11 de Fevereiro de 1608. Começa: Escrevem gravissimos Authores, &c.

Oração que fez ao Vice-Rey Lourenço Pires de Tavora, quando entrou na Cidade de Goa. Começa: Hoje que me era necessario hum animo arrebatado, hum espirito fervoroso, &c.

Oração que tinha feito pera o dia da entrada do Vice-Rey D. Jeronymo de Azevedo. Todas estas orações conservava na sua grande Bibliotheca o insigne Antiquario Manoel Severim de Faria.

Tratado de todas as cousas succedidas ao valoroso Capitão D. Vasco da Gama, primeiro Conde da Vidigueira, e Almirante do mar da India no descobrimento, e
con-

conquista do mar , e terras do Oriente , e de todas as vezes , que á India passou , e das cousas , que succedêram nella a todos seus filhos. Dirigido a D. Francisco da Gama , Conde da Vidigueira , Almirante do mar Indio , e Vice-Rey da India. Fol. Ms. Consta de duas partes , a primeira comprehende vinte e oito capitulos , e a segunda trinta. Foi feito em Goa a 16. de Novembro de 1599.

De todos os tempos , e monções , em que se navega para todas as partes do Oriente , e dos pezos , medidas , e moedas , com tudo o mais pertencente a este argumento. Esta obra não acabou impedido pela morte.

AO INVICTÍSSIMO
 MONARCA DE HESPAÑHA
 D. FILIPPE
 REY DE PORTUGAL
 O PRIMEIRO DESTE NOME.

E P I S T O L A.

A COUSA a que a Natureza mais inclinou todas as creaturas affi racionais , como irracionais (segundo os Filozofos affirmam, INVICTÍSSIMO MONARCA) foi a conservação de fua propria especie , trabalhando por produzirem outras semelhantes a fi. Mas ao homem como mais excellente de todas lhe deo além dífio hum appetite quafi sobrenatural , que he defejar, e follicitar mais que tudo a conservação de feu proprio nome, trabalhando por deixar delle hum memoria eterna por feitos, e obras he-

heroicas , antes que por imperios , Reynos , e senhorios. Disto temos hum muito claro exemplo no grande Alexandre , que sendo já senhor do Mundo , quando parecia que a cubiça humana estava satisfeita , então lhe entráram novas invejas , vendo o sepulcro de Achilles , porque não tinha outro Homero pera lhe acabar de rematar sua bemaventurança , pera em tudo ser maior que todos. E por tanto maior tinha esta gloria de ficar no Mundo vivendo por fama , que o imperio de todo elle ; pois estando pera morrer , não deixou seus Reynos a seu filho polo não achar digno delles , senão ao virtuoso Perdica , porque assi accrescentava mais em sua fama , que não quiz arriscar no filho pola inclinação que lhe fin-tio. A mesma opinião teve Phartes Rey dos Parthos , que tendo tambem filhos deixou seus Reynos ao famoso Mithridates , porque esperava com seus feitos perpetuar mais sua memoria. Apôs este appetite natural corriam aquelles famo-
fos

los Capitães Themistocles , e Julio Cesar , quando hum muito pensativo dizia , que os troféos de Milciades o não deixavam quietar ; e o outro quando vio em hum templo esculpidas algumas façanhas de Alexandre , entristeceu-se , por se ver em idade em que o outro conquistou o Mundo , e elle não tinha feito nada. E assi he na verdade ; porque nenhuma cousa puxa mais por hum varão de honra , que estes desejos de gloria , e fama , porque tantos obráram , e fizeram tantas , e tão altas maravilhas , que pareciam passar os termos , e limites da natureza humana. Isto sentio muito bem Thucidides , quando dizia que aquelle sería famoso , e grande que corresse apôs aquillo que andava mais perto da inveja ; entendendo que necessariamente havia ella de andar apôs a virtude , que he o mesmo que Plutarco affirma. Desta gloria eram os antigos Gregos tão amigos , que o mór galardão , que davam aos seus famosos , eram estatuas , que se punham em lu-

ga-

gares publicos pera memoria. E assim costumavam a dar a seus noveis escudos brancos , pera que fazendo façanhas tão notaveis , que merecessem ficar em memoria , as pudessem pintar nelles , pera com isso os obrigarem a fazerem feitos dignos de serem por elles eternizados. Isto significou Virgilio no quarto livro de sua *Æneida* fallando de Heleno , dizendo que morreo na guerra com seu escudo branco sem gloria ; porque o matáram tão moço , que não teve tempo de fazer cousa digna de se pintar nelle. E este tão glorioso costume guardáram aquelles famosos Principes D. Reimão de S. Gil de Proença , D. Reimão de Tolosa , e Dom Henrique seu sobrinho , de quem VOSSA Magestade directamente descende. Que sahindo juntos pelo Mundo a ganhar fama , leváram os escudos brancos , e com elles chegaram ao Reyno de Castella , e ajudáram a ElRey D. Affonso o Sexto contra os Mouros , e pelos galardoados os casou com tres filhas. E destas

tas coube em forte a D. Henrique o
senhorio de Portugal, que seu filho Dom
Affonso Henriques tanto dilaton. Este
valeroso Principe depois daquella tão
famosa, e milagrosa vitoria do Campo
de Ourique, em que venceo os cinco
Reys Mouros, logo pintou em seu es-
cudo, que ainda era branco, aquelle si-
nal de nossa Redempção, que nosso Se-
nhor por muito particular mimo, e
mercê lhe quiz mostrar no ceo por lhe
dar esperanças da vitoria. Estas armas,
por serem tão gloriosamente ganhadas,
deixou por herança aos Reys de Por-
tugal, como VOSSA Magestade as tem.
Esta gloria das estatuas, e dos escudos
brancos passaram depois os Athenien-
ses ás escrituras, por verem que as
imagens, e pinturas eram mudas, e
não podiam recitar seus feitos. Daqui
se estendêram aos Romanos, e a todas
as mais nações do Mundo, tão desejo-
sas todas de huma perpétua fama, que
lhe não fica cousa, que não seja logo
por muitos, e varios modos escrita. Só
a ef-

a esta nossa nação Portugueza faltou esta gloria, como se fora menos merecedora della, de que nós mesmos temos a culpa, parecendo-nos que só o obrar feitos illustres, e insignes nos basta; não vendo que esta gloria em cada hum se passa, e que estoutra vive em todos eternamente; e que assi ficam sendo suas obras mortas, como o estavam muitas, e mui dignas de grandes escrituras, que neste Oriente passaram, que em toda a outra nação haviam de andar em mil volumes por espantosas ao Mundo. Esta perda, que tanto nos deve envergonhar, quiz VOSSA Magestade remediar com me mandar proseguisse a Historia da India, começando donde João de Barros acabou, pera que sahifsem á luz os feitos, que estes vassallos Portuguezes tem obrado nestes Estados. E tanta ventagem faz esta mercê a todas as que fez a todos, depois que herdou essa Coroa de Portugal, quanto vai da vida á morte, e do que sempre dura ao que logo se acaba. Porque os
ju-

júros , as fortalezas , as commendas ,
as tenças , e tudo mais de que encheo
todos os Portuguezes affi deſſes Rey-
nos , como deſſes Eſtados , couſas fo-
ram que acabáram já em muitos , e
não tardará muito que o faça em os
mais. Mas ter VOSSA Mageſtade tanta
lembrança de todos , que até os que
acabáram , já ha tantos annos , quiz que
participaſſem da grandeza de ſuas mer-
cês , mandando-me que lhe traga ſeus
feitos á luz , couſa foi em que parece
quiz imitar a Deos , que he em reſuf-
citar mortos pera tornarem a viver em
fama outra vida , que nunca ſe acabará
em quanto dũrar o Mũdo. E niſto
quiz VOSSA Mageſtade tambem reme-
diar o deſcuido Portuguez tanto pera
eſtranhãr , que as Decadas de João de
Barros noſſo natural (que affi por ſua
muita erudição , como pelos grandes
feitos que de ſeus naturaes eſcreveo ,
ſão dignas de muita eſtima) affi foram
eſtimadas de nós , que não houve mais
que a primeira impreſſão , que o tem-

po tem tão consumida , que não sei se ha em Portugal dez volumes , e na India hum só. O que não he em Italia , onde andam traduzidas por Affonso Ulhoa , e dirigidas a Guilherme Gonzaga terceiro Duque de Mantua. E foram tão estimadas delle , e o são hoje de todos os Grandes , que as trazem ás cabeceiras das camas , como Alexandre trazia a Iliada de Homero. E certo , que vendo tamanho esquecimento , poderamos cuidar que por algum occulto juizo de Deos não merecemos andar na memoria dos homens , não negando , que o mesmo Senhor nos tem feito muito particulares mercês nas muitas , e raras vitorias , que dos inimigos de sua Santa Fé cada dia alcançamos , como pelo decurso da historia se verá. Fui ainda continuando por Decadas por seguir a João de Barros , como Vossa Magestade me mandou. E porque elle acabou com a morte do Governador D. Henrique de Menezes , que na governança da India succedeo ao Conde

Al-

Almirante, comecei com a successão de Pero Mascarenhas, e differenças que teve com Lopo Vaz de Sampaio, que nesta Decada se verão. E tenho acabadas seis Decadas, as tres cumprindo o tempo de 28. annos, e nove Governadores. Pero Mascarenhas; e Lopo Vaz de Sampaio, que conto por hum, por governarem ambos juntos, e de Nuno da Cunha, D. Garcia de Noronha, D. Estevão da Gama, Martim Affonso de Sousa, D. João de Castro, Garcia de Sá, Jorge Cabral, e D. Affonso de Noronha. As outras tres Decadas começam no dia que VOSSA Magestade foi jurado por Rey nestes Estados; e a primeira contém o tempo de tres Governadores, sc. Fernão Teles, D. Francisco Mascarenhas, e D. Duarte de Menezes. Estas tinha feitas quando VOSSA Magestade me mandou tornar atrás. O tempo que fica em meio (tendo vida, e favor de VOSSA Magestade) trabalharei por escrever. Este volume, que contém em si a quarta Decada,

offereço humilmente aos pés de VOSSA Magestade. E só com pôr os olhos nelle haverei por muito bem empregadas todas as despezas, e trabalhos de tantos annos quantos gastei, e despendi em ajuntar cousas tão esquecidas. Ahi verá VOSSA Magestade as muito grandes, e admiraveis façanhas feitas por aquelles antigos Governadores, que com haver tão poucos annos que foram, parecem cousas sonhadas, assi pelo esquecimento em que estavam, como pela mudança que o tempo tem feito em tudo. E he bem faiba VOSSA Magestade a causa dellas, que verá pelo decurso da historia. E esta era a razão, porque Demetrio Falereo aconselhava a ElRey Ptolomeu que se occupasse em ler livros, porque nelles achavam os Reys cousas, que ninguem lhes ousava dizer pessoalmente. Pelo decurso destas Decadas verá VOSSA Magestade nos raros, e espantosos feitos, que estes seus vassallos tem feito, e cada dia fazem, com quanta mais razão póde dizer por elles o que dizia
Pir-

Pirro , que se tivera os Romanos por soldados , que facilmente fora senhor do Mundo , ou elles se o tiveram a elle por Capitão. E pois nós temos em VOSSA Magestade outro Pirro , e elle nestes seus vassallos Portuguezes outros Romanos ; mande-os , porque elles lhe levarão suas columnas mais adiante , e pollas-hão onde Semiramis , e Alexandre não chegaram. E elles com a espada , e eu com a penna mostraremos ao Mundo , que assi como em VOSSA Magestade se acha a ventura de Cesar , a prudencia de Fabio , o esforço de Scipião ; assi lhe não falta a humanidade , e clemencia de Filippo pera com os seus , com o que romperão com hum animo seguro por todos os perigos da vida , até arvorarem as Reaes bandeiras da milicia de Christo , e as pôrem nos mais altos coruchéos da nefanda casa de Mafamede ; pera que no lugar de suas torpezas , e abominações , offereçam ao Altissimo Deos muitos sacrificios de louvor , com que o nome de VOSSA MAGES-

TA-

TADE fique muito affima de todos os
que celébra a Fama. Desta Cidade de
Goa a vinte de Novembro de 1597.
annos.

Diogo de Couto.

IN-

I N D I C E

DOS CAPITULOS, QUE SE CONTÉM

NESTA PARTE I.

D A D E C A D A IV.

L I V R O I.

CAP. I. *De como por morte do Governador D. Henrique de Menezes succedeo na governança da India Pero Mascarenhas, que estava por Capitão de Malaca: e do modo por que Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a terceira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.* Pag. 1.

CAP. II. *De como Affonso Mexia entregou a India a Lopo Vaz de Sampaio: e de como o Governador se partio pera Goa: e da grande vitoria que houve de hum Armada do Camory no rio de Bacanor.* 7.

CAP. III. *Do que o Governador passou em Goa com Francisco Deça, Capitão daquella Cidade, sobre o não querer receber nella: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de como o Governador partio pera Ormuz.* 18.

CAP. IV. *Do que aconteceu a Eitor da Silveira no estreito de Méca: e de como foi ter a Maçud, e mandou buscar D. Rodri-*

- drigo de Lima ao Preste João: e do que lhe succedeo na viagem de Ormuz.* 24.
- CAP. V. *Do que aconteceu a Eitor da Silveira na viagem até Ormuz: e de como o Governador recebeu o Embaixador do Preste João.* 31.
- CAP. VI. *De como Affonso Mexia mandou a Malaca chamar o Governador Pero Mascarenhas: e do que elle fez depois que soube as novas: e do que aconteceu na jornada a Martin Affonso Jusarte, e a Francisco de Sá.* 37.
- CAP. VII. *De como Eitor da Silveira partio de Ormuz a esperar as náos de Méca: e de como Melique Az Capitão de Dio tratou de dar aquella fortaleza aos Portuguezes. Do fundamento daquelle Ilha, e do tempo em que os Mouros conquistáram aquelle Reyno: e do que passou Eitor da Silveira com Melique Az.* 42.
- CAP. VIII. *De como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Silveira, e elle se foi para Chaul sem concluir em nada: e de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traição, e a entregou a ElRey de Cambaya.* 52.
- CAP. IX. *Da Armada que este anno de vinte e seis partio do Reyno: e das novas successões que ElRey mandou: e de*

DOS CAPITULOS

como Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a primeira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio. 61.

CAP. X. *Do que fez o Governador em Cochim; e das náos que partiram pera o Reyno; e de como ElRey D. João recebeu o Embaixador Abexi.* 71.

L I V R O II.

CAP. I. *Da origem, e princípio do Reyno, e Reys de Malaca: e do tempo em que recebêram a lei de Mafamede: e do fundamento, e descripção da Ilha de Bintão.* Pag. 80.

CAP. II. *De como Pero Mascarenhas partio pera Bintão, e de como desbaratou hum Armada d'ElRey de Pão: e do grande trabalho que os nossos tiveram na entrada do rio.* 87.

CAP. III. *De como os inimigos commettêram o navio de Fernão Serrão, e do risco em que se vio: e de como o Governador o soccorreo, e commetteo a Cidade de Bintão, e a tomou.* 92.

CAP. IV. *Do alvoroço que havia na gente da India sobre o governo de Lopo Vaz de Sampaio: e de como se elle fez prestes pera ir buscar as galés dos Rumes.* 103.

CAP. V. *Do que aconteceu a Pero Mascarenha-*

I N D I C E

carenhas até chegar a Cochim: e de como Affonso Mexia lhe defendeo a desembarcação: e do que passou em Cananor, e de como se partio em hum catúr pera Goa.

110.

CAP. VI. *Do que fez Lopo Vaz de Sampaio tanto que teve novas de Pero Mascarenhas: e de como o mandou esperar na barra, e o prendêram em ferros, e o leváram a Cananor.*

117.

CAP. VII. *Do que Christovão de Sousa Capitão de Chaul escreveu a Lopo Vaz de Sampaio sobre as cousas de Pero Mascarenhas: e de como chegou a Goa prezo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz: e dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampaio.*

125.

CAP. VIII. *Das revoltas, que em Goa houve sobre as cousas dos dous Governadores: e de como Eitor da Silveira, e Diogo da Silveira se lançáram da parte de Pero Mascarenhas.*

133.

CAP. IX. *Do protesto, que Pero Mascarenhas mandou aos Vereadores, e Fidalgos de Goa: e de como os apresentáram a Lopo Vaz de Sampaio.*

139.

CAP. X. *Do que Lopo Vaz respondeo aos protestos de Pero Mascarenhas.*

147.

CAP. XI. *De como os do bando de Pero Mascarenhas*

Masc-

Mascarenhas tratáram de prender Lopo Vaz, e das uniões que sobre isso houve: e de como Lopo Vaz os fez prender a todos. 155.

L I V R O III.

CAP. I. *Do que aconteceu na jornada de Francisco de Sá, e da descripção da Ilha de Jaoa, e de qual he a maior, e menor de Marco Polo: e de como Francisco de Mello rendeo humá não de Turcos na barra de Achem.* Pag. 163.

CAP. II. *De como D. Garcia Henriques fez pazes com ElRey de Tidore, e a razão porque logo as quebrou, e de como faleceo aquelle Rey: e das suspeitas que houve ser ajudado a isso com peçonha que se lhe deo.* 173.

CAP. III. *Do que aconteceu a D. Jorge de Menezes na jornada de Maluco, e de como descobrio as Ilhas dos Papuas: e da Armada que partio de Castella perra aquellas Ilhas de Maluco, e da derrota que levou até chegar a ellas.* 178.

CAP. IV. *De como D. Jorge de Menezes chegou a Maluco, e de como fez tregoas com os Castelhanos, que se quebráram logo: e de como faleceo ElRey Bayano, e succedeo seu Irmão Ayalo. E de como*
El-

INDICE

ElRey de Loba matou os Portuguezes que estavam em seu porto , e tomou hum galé por engano. 192.

CAP. V. *De como D. Simão de Menezes soltou Pero Mascarenhas : e dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz : e da Armada que este anno de vinte e sete partio de Portugal : e de como duas náos della se perdêram na Ilha de S. Lourenço.* 199.

CAP. VI. *Da Armada , que o Turco Solimão mandava contra os Portuguezes : e das differenças que houve entre os Capitães : e de como matáram o General , e a Armada se desfez.* 208.

CAP. VII. *De hum affinado , que Antonio de Miranda de Azevedo deo a Pero Mascarenhas de lhe obedecer : e do que affsentáram o mesmo Antonio de Miranda , e Christovão de Sousa sobre as cousas dantre os Governadores.* 218.

CAP. VIII. *De como se mostrou a pauta a Lopo Vaz , e de como jurou de a cumprir , e se partio pera Cochim , aonde se havia de julgar a contenda : e do que passou em Cananor com Pero Mascarenhas.* 227.

CAP. IX. *De algumas desavenças , que houve em Cochim entre os Governadores : e de como se accrescentáram mais dous*
Jui-

DOS CAPITULOS

*Juizes por parte de Lopo Vaz , e do
que mais passou.* 235.

L I V R O IV.

CAP. I. *Dos Juizes que se accrescentaram de novo : e de como se deo a sentença por Lopo Vaz de Sampaio : e de como Pero Mascarenhas se embarcou pera o Reyno.* Pag. 241.

CAP. II. *Do que passou D. Jorge Capitão de Maluco com D. Garcia Henrique sobre certos apontamentos que levava , e de como mandou a Malaca pedir soccorro , e prendeo D. Garcia em ferros.* 250.

CAP. III. *De como os de D. Garcia o induziram que prendesse D. Jorge : e de como o fez , e se metteo na fortaleza.* 257.

CAP. IV. *Do que fizeram os amigos de D. Jorge sabendo sua prizaõ : e das cousas que succedêram até o soltarem : e do que aconteceu aos que D. Jorge tinha mandado a Borneo.* 263.

CAP. V. *Das cousas em que o Governador provêo , em quanto esteve em Cochim : e das Armadas , que despachou pera fóra : e da grande vitoria , que D. João Deça houve de huma Armada de Calecut : e*
de

I N D I C E

de como Christovão de Mendocça foi entrar na fortaleza de Ormuz, e da morte do Guazil Rax Hamede. 272.

CAP. VI. *Do que aconteeço a Antonio de Miranda no estreito do mar Roxo, e das prezas que fez.* 278.

CAP. VII. *De como Simão de Sousa Galvão, que hia pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem: e da grande, e espantosa batalha que teve com huma Armada sua, em que foi morto, e a galé tomada.* 282.

CAP. VIII. *Decomo Gonçalo Gomes de Azevedo, que hia pera Maluco, chegou a Banda, e do que alli passou com D. Garcia Henriques: e de como chegou a Tido-re Alvaro de Sayavedra Ceron, que partio da nova Hespanha, e do que aconteeço a D. Jorge com elle.* 292.

CAP. IX. *Do que aconteeço a Antonio de Miranda, que invernou em Ormuz: e de como Diogo de Mesquita foi cativo da Armada de Cambaya, e foi mettido em huma bombarda, pera que se fizesse Mouro, e da grande constancia que teve: e de como esta Armada pelejou com Henrique de Macedo, e da brava batalha que tiveram.* 304.

CAP. X. *Do que aconteeço na jornada a Martim Affonso de Mello Juzarte: e de*
co-

DOS CAPITULOS

como se perdeu na costa de Bengala : e dos grandes trabalhos que passou até ser cativo.

312.

L I V R O V.

CAP. I. De como ElRey D. João mandou por Governador da India Nuno da Cunha : e do que aconteceu na jornada.

Pag. 325.

CAP. II. Do que succedeo ás mais náos da companhia do Governador Nuno da Cunha : e de como elle se perdeu na Ilha de S. Lourenço : e do que aconteceu á gente da companhia de Manoel de Lacerda.

333.

CAP. III. De hum Armada nossa , que partio de Cochim , e se perdeu no rio de Chatuá : e de como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio pera Cochim , e desbaratou hum grande Armada do Camorim.

339.

CAP. IV. De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio destruiu o Arel de Porca : e da Armada que do Reyno partio : e do que lhes aconteceu na jornada até chegar a Cochim.

348.

CAP. V. De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio foi avisado de hum Armada de Cambaya que andava fóra : e de

co-

INDICE DOS CAPITULOS

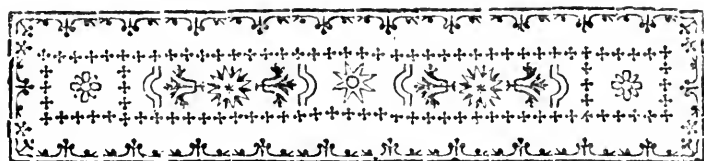
como a foi buscar , e pelejou com ella , e a desbaratou de todo. 352.

CAP. VI. *Da guerra que Heitor da Silveira fez na costa de Cambaya : e de como destruiu a Cidade de Bacaim , e as Villas de Tandá , Bombaim , e outras : e do que o Governador Lopo Vaz de Sampaio fez em Goa , e do que aconteceu no Malavar.* 362.

CAP. VII. *De como Christovão de Mendoça Capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreyro por terra ao Reyno com as novas das galés , e da jornada que este homem fez pelo deserto de Arabia : e de como chegou ao Reyno , e ElRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz a prender Rax Xarrafo.* 370.

CAP. VIII. *Das cousas que aconteceram em Malaca até chegar Garcia de Sá : dos ardís de que o Achem usou com Pedro de Faria , por ver se podia colher em seu porto algum navio : e de outras cousas que mais passaram.* 378.

CAP. IX. *De como ElRey do Achem tomou por engano hum galeão , de que era Capitão Manoel Pacheco : e de como foram descubertos huns tratos que Sinaya de Raya Chely de Malaca trazia com o do Achem , e de como foi morto.* 385.



DECADA QUARTA.

LIVRO I.

Dos Feitos , que os Portuguezes fizeram
no descobrimento , e conquista dos
mares, e terras do Oriente , em
quanto governáram a India Lo-
po Vaz de Sampaio, e par-
te de Nuno da Cunha.

C A P I T U L O I.

De como por morte do Governador Dom Henrique de Menezes succedeo na governança da India Pero Mascarenhas , que estava por Capitão de Malaca : e do modo por que Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a terceira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.



ALECIDO o Governador Dom Henrique de Menezes na fortaleza de Cananor , no fim de Janeiro deste anno de 1526, em que com o favor Divino entramos , como no fim da terceira Decada
Couto. Tom. I. P. I. A de

2 ASIA DE DIOGO DE COUTO

de João de Barros se conta, estando seu corpo depositado na Capella da Igreja, sendo presentes D. Simão de Menezes Capitão de Cananor, Affonso Mexia Veador da fazenda, Vicente Pegado Secretario do Estado, o Licenciado João de Osouro Ouvidor Geral, D. Vasco Deça, Ruy Vaz Pereira, Dom Affonso de Menezes filho do Conde de Cantanhede, Manoel de Brito, Antonio da Silva de Campo maior, Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita ambos irmãos, Diogo da Silveira, Manoel de Macedo, Antonio de Miranda de Azevedo, Dom Vasco de Lima, Martim Affonso de Mello Jusarte, D. Jorge de Menezes, D. Antonio da Silveira, D. Jorge de Castro, Francisco de Ataíde, e outros Fidalgos, e cavalleiros. E presentes todos, abrio o Veador da fazenda hum cofre, em que estavam guardadas as succesões da governança da India, que eram tres, que trouxe consigo o Conde Almirante D. Vasco da Gama quando veio por Viso-Rey, que foram as primeiras que á India vieram; porque antes d'elle não havia esta ordem, nem nós pudemos saber a que ElRey D. Manoel tinha dado, sendo caso que falecesse o Governador da India; porque nem João de Barros, nem Damião de Goes o declaram. Aberto o cofre, tirou o Veador da fazenda d'elle a segunda succes-

cessão , porque a primeira fora aberta por morte do mesmo Conde Almirante , na qual tinha succedido D. Henrique de Menezes , cujo corpo estava presente ; e dando a successão ao Secretario , elle a amostrou a todos pera que vissem que estava ferrada , e sellada com o fêllo das armas Reaes sem se nella bolir , nem tocar , e a deo ao Capitão , e ao Ouvidor geral pera que a examinassem bem , e elles a tornáram ao Secretario que a abriu , e achou-se nella Pero Mascarenhas , que estava por Capitão de Malacca. Este Alvará de successão mostrava ser feito em Evora aos 10. dias de Fevereiro de 1524. Nomeado Pero Mascarenhas por Governador , ficáram todos embaraçados , porque não podia vir de Malacca senão dalli a quatorze mezes. E porque se não puderam logo determinar no que se devia fazer , enterráram o corpo do Governador D. Henrique de Menezes. Ao outro dia se ajuntáram todos em casa do Capitão , onde o Veador da fazenda lhes fez huma breve falla , em que lhes representava as necessidades em que o Estado estava ; allí pelas novas que havia de galés de Rumes , como pela guerra que estava aberta com Cambaya , e com o Camorim ; pera o que era necessário tomar-se determinação sobre aquelle negocio do Governador , pois Pero Mascarenhas estava

4 ASIA DE DIOGO DE COUTO

tão longe. Sobre isto se movêram grandes alterações, sendo quasi todos de parecer que se esperasse por Pero Mascarenhas, e que entretanto se ordenassem regentes, que governassem em seu lugar. Estando a cousa assim baralhada em porfias, disse o Licenciado João de Osouro, que se se pudera saber qual era o Fidalgo da terceira successão, que esse se poderia eleger pera aquelle negocio. Affonso Mexia deitando a orelha áquelle ponto disse: *Que máo seria, Senhores, abrir-se a terceira successão, e entregar-se este governo ao que nella estiver, jurando primeiro todos os que aqui estão, que qualquer que se achar nella governará a India até vir Pero Mascarenhas, a quem a tornará a entregar; e que tanto que elle chegasse, nenhum conheceria mais outro Governador senão a elle?* Não pareceo mal aquillo a alguns Fidalgos, que cuidavam poderiam succeder naquelle lugar, dizendo, que o melhor meio, que naquelle negocio se pudera tomar, era aquelle; mas só D. Vasco Deça, reprovando aquelle parecer, fallou muito alto, dizendo, que nas successões da India se não podia bulir senão pela ordem que ElRey mandava, que era por falecimento da pessoa que governasse o Estado; e que Pero Mascarenhas, que succederá per morte do Governador D. Henrique, estava vivo, e que

e que abrindo-se outra successão, se daria materia a grandes divisões ; porque pela ventura que o homem, que succedesse na outra via, não quereria depois entregar a India a Pero Mascarenhas, no que forçado havia de haver desconcertos, e bandos, porque Pero Mascarenhas era hum Fidalgo muito cavalleiro, de grandes merecimentos, e muito aparentado, e que das desavenças que disso succedessem, todos os que presentes estavam haviam de dar conta a ElRey. Pareceo isto tão bem a alguns que estavam do outro parecer, que se retrataram, e disseram, que aquillo, que D. Vasco Deça tinha dito, era o que cumpria ao serviço de Deos, e d'ElRey, e que elles eram do mesmo parecer. Mas o Veador da fazenda como ficava então sendo a primeira pessoa da India pelos poderes de seu cargo, disse, que elle tomava sobre si aquelle negocio, e que se abriria a successão, e o que nella se achasse affinaria hum auto, em que se obrigasse a entregar a India a Pero Mascarenhas ; e que elle Veador da fazenda com todos os Fidalgos, e Officiaes, que alli estavam, fariam hum juramento solemne, que lhe fariam entregar a India tanto que chegasse de Malacca. E logo o Ouvidor geral deo juramento a todos, que obedeceriam a Pero Mascarenhas tanto que viesse, e não ao que governa-

nas-

6 ASIA DE DIOGO DE COUTO

nasse pela terceira successão, porque não havia de ser Governador mais que até sua vinda. Disto tudo fez o Secretario Vicente Pegado hum auto, em que se affinaram todos, e juntos na Igreja tiráram a terceira successão, e abrindo-a, achou-se nella Lopo Vaz de Sampaio, que estava por Capitão de Cochim. Este Alvará mostrava ser tambem feito em Evora aos 26. de Fevereiro do anno de 1524. dezeseis dias depois do de Pero Mascarenhas, e logo alli o Veador da fazenda, e todos os que tinham affinado no auto, tornáram a ratificar o passado, jurando de novo de não obedecerem a Lopo Vaz mais que até á hora que chegasse Pero Mascarenhas, a que logo fariam entregar a India. Disto tornou o Secretario fazer outro auto, em que todos se tornáram a affinar, que foi feito aos 3. de Fevereiro de 1526. e logo se embarcáram todos pera Cochim pera irem entregar o governo a Lopo Vaz de Sampaio.

CAPITULO II.

*De como Affonso Mexia entregou a India
a Lopo Vaz de Sampaio: e de como o
Governador se partio pera Goa: e da
grande vitoria que houve de hu-
ma Armada do Camory no rio
de Bacanor.*

Poucos dias puzeram o Veador da fazenda, e todos aquelles Fidalgos até Cochim, e desembarcando em terra, se ajuntaram logo na Sé, onde mandaram chamar Lopo Vaz de Sampaio, e o Veador da fazenda lhe deo conta do que estava assentado, e lhe leo os autos, e juramentos que estavam feitos entre todos aquelles Fidalgos, e Capitães primeiro que se abrisse a terceira successão em que elle estava, notificando-lhe o modo de como havia de ter o governo, que era até vir Pero Mascarenhas, a quem todos haviam de obedecer como a verdadeiro Governador. E acceitando Lopo Vaz a successão por aquelle modo, logo alli se lhe deo juramento em hum Missal, que tanto que Pero Mascarenhas viesse lhe entregaria a governança, e elle ficaria depois como pessoa privada, e debaixo de sua jurdição: e de tudo isto fez o Secretario outro auto em que Lopo Vaz se assinou,

nou, e com elle o Veador da fazenda, Fidalgos, Capitães, e todos os Officiaes da justiça, e fazenda, os quaes tornáram a jurar de novo de obedecer a Pero Mascarenhas tanto que chegasse de Malaca. Acabado este auto, foi logo Lopo Vaz entregue da governança da Índia, dando a omenagem della pela forma costumada nos Reynos de Portugal, declarando nella que governaria até chegar Pero Mascarenhas, que era o legitimo Governador, a quem logo a entregaria. Daqui por diante começou Lopo Vaz de Sampaio a correr com suas obrigações, e a primeira cousa em que proveo foi na capitania de Cochim, que deo a Dom Vasco Deça, e em despachar pera Bengála Ruy Vaz Pereira, a quem deo aquella viagem, que era de muito proveito. E dando ordem a muitas cousas, embarcou-se com muita pressa por ser avisado que no rio de Bacanor estava hum grande Armada de Calicut, de que era Capitão Cotiale Marcá Mouro grande coisairo. Levava o Governador alguns galeões, de que eram Capitães Diogo da Silveira da Tereva, D. Affonso de Menezes, D. Pedro Manoel, Manoel de Brito, Manoel de Macedo, Antonio da Silva, Diogo de Mesquita, Lopo de Mesquita, a fóra alguns catúres, e navios de remo, cuja cópia, e Capitães não achámos.

O

O Governador hia embarcado na galé bastarda, de que era Capitão D. Vasco de Lima, e com toda esta Armada se fez á véla a dezeseis de Fevereiro; e tomando Cananor, achou cartas de D. Jorge Tello, e de Pero de Faria, que estavam com dous galeões no Malavar, em que lhe faziam a saber que ficavam sobre a barra do rio Bacanor, e que tinham dentro encerrada hum Armada do Camori de mais de setenta vélas, em que havia mais de tres mil Mouros, e que estavam favorecidos de hum Capitão d'ElRey de Narlinga, cuja a terra era, que tinha derredor de vinte mil homens. Tanto que o Governador vio as cartas, e que soube o poder dos inimigos, vendo que em toda a sua Armada não haveria mais de setecentos homens, despedio hum catúr muito ligeiro pera Goa com cartas a Christovão de Sousa, e a Antonio da Silveira, que lá estavam com seus galeões, pera que logo se fossem pera elle; e despedio Manoel de Brito no seu galeão, pera que se fosse ajuntar com D. Jorge, e Pero de Faria no rio de Bacanor, pera que a Armada dos inimigos não pudesse sair pera fóra. Partidos estes navios, tomou o Governador alguns mantimentos, e agua, e logo se fez á véla. Cotiale Capitão mór da Armada Malavar logo foi avisado de como o Governador era partido de Cochim

em

em busca delle; e não se atrevendo a pelejar com os galeões, que estavam sobre a barra, determinou de o esperar em terra, pera o que mandou com muita brevidade fazer defronte da Cidade, onde tinha a Armada, algumas tranqueiras, em que affestou muita artilheria, e no rio de huma, e de outra parte mandou atravessar muitas estacadas de páos grossos pera impedir a passagem aos nossos navios, deixando-lhe pelo meio hum canal tão estreito, que não pudessem por elle entrar senão hum, e hum a fio, pera das tranqueiras os metterem no fundo; e de humas estacadas a outras mandou atravessar viradores grossos por de baixo da agua, pera que os navios encalhassem nelles. O Governador foi seguindo sua viagem até chegar a Bacanor, onde furgio, e foubes daquelles Capitães o modo de como os inimigos estavam fortificados, fazendo-lhes a entrada duvidosa; mas o Governador como era muito cavalleiro, e fóra de todo o medo, sem embargo de todas as difficuldades que lhe representavam, determinou de entrar o rio, e pelejar com os inimigos em terra, sem esperar pelos Capitães que tinha mandado chamar a Goa, e mandou logo ordenar em quatro batéis grandes, e fortes, mantas, e arrombadas, e em cada hum mandou metter hum camelo de marca grande

pe-

pera baterem as estancias; e pondo este negocio em conselho, disse nelle a todos os Capitães, que a elle lhe parecia bem commetter os inimigos sem esperar pela Armada de Goa, porque não era credito do estado deixar-se estar sobre aquella barra sem a entrar, e ir commetter os inimigos em suas tranqueiras, porque haveriam elles que os receava, que o estado da India não se havia de sustentar, e dilatar senão com a reputação, e opinião com que se ganhou, a qual tanto que os Portuguezes a perdessem com os inimigos, logo se perderia tudo, e que sobre isto lhe podiam livremente dizer o que lhes parecia. E votando aquelles Capitães, foram todos de parecer, que se não arriscaisse o estado da India em hum feito tão duvidoso, e em que nada se ganhava, antes se perderia muito, acontecendo hum desastre, que o tempo não fugia, que os inimigos dentro os tinham seguros, que se esperasse pelos Capitães que tinha mandado chamar a Goa, e que então se commettessem os inimigos, e que Deos lhe daria a vitoria; mas que era necessario ter-se primeiro alguns cumprimentos com o Capitão d'ElRey de Bisnagá que alli estava, pois era amigo do Estado. Alguns cuidáram, que alguns destes Capitães de inveja de Lopo Vaz governar a India lhe queriam tirar aquella vitoria, e honra
das

das mãos. E Fernão Lopes de Castanheda diz, que andavam os mais delles peçados no governo de Lopo Vaz, porque cuidava cada hum que lhe cabia aquelle lugar melhor que a elle: o que parece foi imaginação, porque primeiro que Lopo Vaz fosse entregue da India, podiam elles estorvallo, por serem muitos, e muito principaes Fidalgos, que se quizeram, não consentiram a Affonso Mexia o que fez, nem acceitaram em Cochim a Lopo Vaz por Governador; mas a verdade he, que o feito era temerario, que na vitoria todos haviam de ter tamanho quinhão como Lopo Vaz. Vendo elle todos aquelles Capitães daquelle voto, disse, que ficasse a cousa sem se resumir até ver o rio, o que elle em pessoa queria fazer de madrugada, e até mandar recado ao Capitão d'ElRey de Bisnagá. E logo despedio hum Mouro, que se lançou em terra com recado áquelle Capitão, em que lhe fazia a saber, que elle era alli chegado pera pelejar com aquella Armada do Camorim, que era inimigo do Estado da India, e que foubra estar elle Capitão alli; e como ElRey de Portugal era grande amigo do de Bisnagá, e elle como quem estava em seu lugar não queria deservillo em nada, lhe pedia que lhe mandasse entregar aquelles navios que estavam dentro, pois eram de Mouros seus ini-

inimigos, senão que foubesse de certo que os havia de ir buscar, e que não quizesse elle romper a paz, que estava feita entre seus Reys, porque o de Bisnagá não se haveria por servido d'elle. Este recado se deo ao Capitão, que respondeo, que aquella Armada se recolhêra naquelle rio, e que não era lícito entregalla elle, pois se recolhêram alli de baixo do amparo, e favor d'ElRey de Bisnagá: e que ainda que elle os quizesse entregar, os Mouros estavam tão fortes que se não atrevia com elles: que se elle os quizesse ir tomar, que muito bem o podia fazer, porque elle se não sahiria da sua Cidade, nem lhe daria favor, e ajuda. Esta resposta veio já de noite, com a qual o Governador se determinou de ir pelejar com os Mouros. E sendo meio quarto d'alva rendido, escolheo tres catúres os mais ligeiros de todos, e embarcando-se em hum, levou comsigo os outros, dos quaes eram Capitães Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araújo, e com a enchente foi entrando pelo rio, e notando o modo das estacadas: isto não pode ser em tanto silencio, que não fossem sentidos dos Mouros, que descarregáram nelles huma tempestade de bombardas, que lhes não fizeram damno, por irem os catúres cofidos com a terra. O Governador foi passando por todos os pelouros até chegar
a ver

14 ASIA DE DIOGO DE COUTO

a ver as tranqueiras , que esteve reconhecendo á sua vontade , sem as bombardadas que choviam sobre elle o divertirem. Depois de bem notado tudo , tornou a voltar pelo rio a baixo , e mandou por homens de confiança cortar os cabos , que atravessavam as estacadas , deixando o caminho desimpedido. Chegada a Armada , mandou chamar os Capitães , e lhes deo conta do que vio , facilitando-lhes a desembarcação , e vitoria ; mas nem com isso deixáram de lhe dizer , que se esperasse pela gente de Goa , com o que o Governador sobreesteve , porque não quiz commetter este feito contra vontade dos homens , porque o gosto , e o desgosto delles algumas , e muitas vezes dá , e tira a vitoria ; mas todavia não tardáram os de Goa dous dias que não chegassem , trazendo Christovão de Sousa , e Antonio da Silveira nos seus galeões de ventagem de trezentos homens. O Governador fez novo ajuntamento , e tornou a tratar o negocio , dando de novo informação do que víra , para aquelles Capitães que eram chegados de novo saberem o que passava. E tornando a votar sobre aquillo , foram os mais dos primeiros de parecer , que se havia de dissimular com aquelle negocio , assi pelo feito ser temerario , como por não romper com o Rey de Bisnagá , cuja a terra era ; mas Christ-

to-

tovão de Soufa, e Antonio da Silveira differam, que em nenhum modo deixassem de commetter os inimigos de toda a maneira que estivessem, ainda que se arriscasse tudo; porque se deixassem de o fazer, cobrariam os Mouros tanto brio, que os iriam commetter dentro a Goa; que pera o Governador da India dissimular, não havia de tomar aquella barra; mas já que estava sobre ella, e tinha mandado recado ao Capitão d'ElRey de Bisnagá de cumprimentos, que não convinha ao credito, e reputação dos Portuguezes, e do Estado deixar de commetter os inimigos. Assentado nisto, em que quasi todos tornáram a conformar, deo-lhes o Governador recado que se fizessem prestes pera o outro dia, que eram vinte e cinco de Fevereiro, ordenando alli com os Capitães o modo que se havia de ter na desembarcação, que havia de ser por esta maneira. As quatro barcaças na dianteira, pera investirem as estacadas, e baterem as tranqueiras, e nellas poz Capitães de muita confiança, de que não acho os nomes mais que a Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo. Após os batéis havia de entrar o Capitão mór do Malavar D. Jorge Téllo com todos os navios de remo, os Capitães dos galeões em seus batéis, e em outros navios, e detrás de todos o Governador com alguns

Ca-

16 ASIA DE DIOGO DE COUTO

Capitães velhos. E fazendo-se todos prestes no quarto d'alva, foram entrando o rio com grande estrondo de pifaros, tambores, trombetas, e outros instrumentos de guerra, passando as barcaças pelas estacadas, fazendo caminho aos catúres até pojarem de frente das tranqueiras, indo rompendo por meio de nuvens de bombardadas, e espingardadas, e fréchadas; e pondo-se a tiro de espingarda, começaram a bater as estancias dos Mouros, em que fizeram grande damno até chegar toda a Armada. D. Jorge Téllo, que levava a dianteira, endireitou com a terra por meio daquella infernalidade, indo já de mistura com elles Manoel de Brito, e Paio Rodrigues de Araujo, que se passaram a navios pequenos, deixando as barcaças á bateria, e pojando em terra saltaram dos dianteiros Manoel de Brito, e Paio Rodrigues com humia companhia de soldados, e apôs elles o Capitão mór com perto de quinhentos homens, e postos em terra, acharam os Mouros fóra das tranqueiras, que os esperavam com grande determinação; e travando com elles humia formosa batalha, em que houve damno de parte a parte, foram os nossos lançando os inimigos do campo, e mettendo-os pelas tranqueiras, onde se defendêram com muito valor muito grande espaço. Mas como os nossos

fos

fos hiam com aquelle furor , e determinação , passando por todos aquelles impedimentos , e riscos , cavalgáram as tranqueiras , onde fizeram nos inimigos grande estrago , e vendo-se tão apertados , largáram tudo , e acolhêram-se á Cidade , que estava hum pouco pelo sertão , na qual estava o Capitão d'ElRey de Narlinga com toda a gente posta em armas pera a defender , se os nossos a quizessem commetter. O Governador , que vio nossas bandeiras arvoradas nas tranqueiras , chegou a ellas , e mandou tocar a recolher , e disse aos Fidalgos velhos que se puzessem nas portas que hiam pera o sertão , pera que não deixassem fahir ninguem pera fóra , porque receou que houvesse algum desarranjo , e que quizessem os soldados seguir os Mouros até á Cidade , onde estava o Capitão d'ElRey de Narlinga , já que lhe elle teve tanto respeito que não sahio della. Depois de ter isto seguro , mandou dar fogo ás tranqueiras , e a todas as embarcações dos Mouros , e a hum grande armazem de todas as drogas que estavam pera carregar , mandando embarcar oitenta peças de artilheiria que havia nas tranqueiras , e navios. Feito este negocio , que foi hum dos grandes da Índia , e de menos perda , porque não morrêram mais de quatro Portuguezes , embarcou-se o Governador , e deo á vèla pe-

ra Goa. Andava neste tempo de Armada nas Ilhas de Maldiva Jorge Cabral, que o Governador D. Henrique tinha despedido de Cochim a esperar as náos de Méca, como se vê na terceira Decada de João de Barros. Andando este Fidalgo entre aquellas Ilhas, chegaram-lhe novas de Cochim da successão de Pero Mascarenhas, e como era muito feu amigo, determinou de o avisar, e entregando a Armada, que era de sete navios de remo, a hum dos Capitães, elle na sua galeota deo á véla pera Malaca, e de sua jornada adiante daremos razão.

CAPITULO III.

Do que o Governador passou em Goa com Francisco de Sá, Capitão daquella Cidade, sobre o não querer receber nella: e de alguns Capitães que despachou pera fóra: e de como o Governador partio pera Ormuz.

E Stava por Capitão da Cidade de Goa hum Fidalgo velho de muitos serviços chamado Francisco de Sá Veador da fazenda da Cidade do Porto, filho do segundo João Rodrigues de Sá Alcaide mór daquella Cidade, e senhor de Matosinhos, e das terras de Sever, Baltar, e Paiva. O qual Francisco de Sá tinha ElRey D. João man-
da-

dado em companhia do Conde Almirante, quando veio por Vifo-Rey, pera ir fazer huma fortaleza no porto da Sunda, por ser avisado que em Sevilha se tratava de mandar fazer alli outra por caso do trato da pimenta, por ser alli huma grande escala della. E porque o Conde Almirante não teve tempo de o aviar, quando succedeo o Governador D. Henrique, lhe deo a capitania de Goa. Este Fidalgo como era grande pessoa na India, sabendo o que se fizera em Cananor nas successões, e como o Veador da fazenda, sem consultar os Fidalgos, e Capitães da India abríra a terceira successão, estando declarado na primeira Pero Mascarenhas, teve-o muito a mal, e houve que Affonso Mexia tomára mais do que era seu, e que fora contra o serviço d'ElRey; e consultando estas cousas com os Vereadores da Cidade, e com as pessoas principaes della, assentáram que o Veador da fazenda, no abrir da terceira successão, tinha defacertado, e que não estavam obrigados a obedecer por Governador da India, senão a Pero Mascarenhas. Concluidos nisto, sabendo que Lopo Vaz hia pera aquella Cidade, assentáram de o não recolherem, e de lhe fazerem seus protestos, porque o não conheciam por Governador, porque não estavam obrigados nem por juramento, nem por al-

guma outra coufa a isso, e assi fecháram as portas da Cidade, e puzeram nellas grandes guardas, e vigias, e mandáram pôr hum fusta na barra com hum Tabellião pera notificar a Lopo Vaz o que estava assentado. Não tardou muitos dias que elle chegasse, e entrando pelo rio, lhe sahio o navio, e o official lhe notificou hum protesto que levava, requerendo-lhe que não entrasse dentro, que o não haviam de recolher na Cidade, porque não conheciam por Governador senão a Pero Mascarenhas, que era feito por ElRey, e não a elle, que era feito pelo Veador da fazenda, sem ordem, nem instrucção d'ElRey. Lopo Vaz ficou enfadado, e sem responder coufa alguma, foi entrando pelo rio acima até surgir de frente da Cidade. Alli lhe tornáram a fazer o mesmo requerimento, e elle mandou outro á Cidade, no que se gastou grande espaço, resumindo-se os da Cidade em lhe não abrirem as portas. Os Fidalgos, e Capitães da companhia de Lopo Vaz vendo a coufa daquella feição, receando hum desastre, commettêram aquelle negocio a Christovão de Sousa por ser hum Fidalgo muito respeitado de todos, e desembarcando em terra, foi-se ver com a Cidade, e com o Capitão, que estavam postos em armas, e de tal maneira os persuadio, que os abrandou,

dou , e consentiram na entrada de Lopo Vaz , que logo desembarcou , e se aposentou em terra , e começou a correr com as cousas do governo. E porque se receou que vindo Pero Mascarenhas fosse Francisco de Sá da sua parcialidade , determinou de o fastar de si , e tratou logo com elle de o mandar a Sunda a fazer a fortaleza que ElRey mandava ; e porque achou tambem cartas daquelle Rey , em que pedia ao Governador da India , que mandasse fazer huma fortaleza naquelle seu porto , que lhe daria pera ella sitio , e todo o necessario , porque desejava muito de ter commercio , e amizade com os Portuguezes ; Francisco de Sá folgou muito com a jornada , pois viera do Reyno affinado pera ella , e assi fez seus apontamentos , concedendo-lhe o Governador tudo o que lhe pedio , que foi hum galeão , huma náó , duas caravelas , duas galeotas , cinco fustas , e quatrocentos homens. Com esta Armada começou a correr Francisco de Sá , e Lopo Vaz deo a capitania de Goa a Antonio da Silveira , que depois teve aquelle espantoso cerco de Dio , o qual antes de Lopo Vaz succeder no governo , o tinha despojado com huma filha sua por palavras de futuro. E porque D. Jorge de Menezes filho de D. Rodrigo de Menezes estava provido pelo Governador D. Henrique

que da capitania de Maluco, o despachou pera ir entrar nella, dando-lhe dous navios com cem homens, e muitos provimentos, e com elle pera Capitão mór daquelle Archipélago Simão de Souza Galvão filho de Duarte Galvão. E por ter já recado que Jorge Cabral era partido pera Malaca, e que ficavam aquelles canaes das Ilhas de Maldiva sem guarda, despachou com muita pressa Martim Affonso de Mello Jusarte, a quem deo huma Armada de cinco fustas, e huma caravela em que elle hia. Todos estes Capitães despedio em Março, indo D. Jorge de baixo da capitania de Francisco de Sá até Malaca. Partidas estas Armadas, vendo-se o Governador vago, determinou de ir a Ormuz a temperar as cousas de Diogo de Mello com o guazil Rax Xaraso, por lhe virem cartas que o tinha prezo, avexado, e tyrannizado sobre o que já o Governador D. Henrique lhe tinha escrito, sem lhe dar nada de suas cartas, nem se moderar em sua condição, por ser hum Fidalgo forte de natureza. Tinha prezo o guazil em huma asperissima prizão debaixo de huma escada, em tempo das calmas de Ormuz, (cuja quentura se ha cousa na terra que se possa comparar a huma semelhança do inferno, aquella só o he) não lhe dando de comer senão muito mal, e de beber peor. O que lhe
não

não perdoáram os praguentos da India, em
huns porquês que fizeram, fallando hum com
Diogo de Mello, sobre o que Xarafo, e
ElRey de Ormuz elçrevêram muitas cartas
ao Governador D. Henrique, que foram
aquella moução ter ás mãos de Lopo Vaz.
E parecendo-lhe que lhe convinha acudir
aquellas cousas primeiro que viesse Pero Mas-
carenhas, porque o conhecia por homem
muito inteiro na justiça, e que não havia
de soffrer aquellas cousas a Diogo de Mel-
lo, que era seu tio irmão de sua mãe, de-
terminou de o ir fazer amigo com o gua-
zil, e atalhar aquellas defordens. Esta ida
poz em conselho dos Capitães, que lho es-
tranháram, lembrando-lhe que o Malavar
estava de guerra, e que se fallava em galés
de Rumes, e que era necessario, se fossem
as novas certas, tomarem-no em Goa, pe-
ra se preparar contra ellas, e não fóra da
India, e em parte que não podia vir senão
com monções, no que se arriscava a mui-
to; mas sem embargo destas razões se em-
barcou, deixando nomeado por Capitão mór
do mar a Antonio de Miranda de Azevedo,
a quem deixou todos os navios de remo,
e elle por fim de Março se fez á véla, le-
vando a galé bastarda, de que era Capitão
D. Vasco de Lima, em que elle hia embar-
cado, e quatro galeões, de que eram Ca-
pi-

pitães D. Affonso de Menezes , Diogo da Silveira , Manoel de Macedo , e Manoel de Brito , despachando primeiro Christovão de Sousa pera ir entrar na capitania de Chaul , de que era provido.

C A P I T U L O IV.

Do que aconteceu a Eitor da Silveira no estreito de Méca : e de como foi ter a Maçua , e mandou buscar D. Rodrigo de Lima ao Preste João : e do que lhe succedeo na viagem de Ormuz.

NA terceira Decada de João de Barros se conta , como o Governador Dom Henrique de Menezes primeiro que falecesse , despedio pera o estreito de Méca Eitor da Silveira por Capitão mór de huma Armada grossa , levando por regimento , que fosse esperar as náos de Méca a monte de Felix , e que alli esperasse por elle até meado Março , (porque tinha elle determinado ir áquelle estreito por haver novas de galés.) E que tardando elle até então , se fosse a Maçua esperar D. Rodrigo de Lima , que estava por Embaixador na Corte do Emperador da Abassia , ao qual tinha escrito que este Abril o mandaria buscar , e depois de o recolher se fosse invernar a Ormuz. Partio Eitor da Silveira , e sem achar contra-

te

te chegou ao cabo de Gardafui , onde se deixou andar até meado Março , sem lhe acontecer cousa digna de escriptura ; e vendo que o Governador tardava , por cumprir com seu regimento se fez á véla , e entrando as portas do estreito , foi demandar a Ilha de Daleça , onde chegou o primeiro de Abril : dalli despedio hum correio com cartas a D. Rodrigo de Lima , em que lhe fazia a saber de sua chegada , e de como o esperava alli. Esta carta mandou ao Capitão de Arquico , pera que lha dêsse , ou mandasse. Estava D. Rodrigo de Lima em Barvá , onde havia pouco era chegado com hum Embaixador do Emperador de Ethiopia chamado Zagazabo , o que tinha despachado pera ir a Portugal com cartas , e presentes pera ElRey D. João , e pera dalli passar a Roma em companhia do P. Francisco Alvares , a quem vinha entregue pera o apresentar a Sua Santidade pera em seu nome lhe dar obediencia , como filho Catholico. Estavam D. Rodrigo , e os mais muito tristes receando houvesse algum estorvo ainda este anno pera não ir a Armada por elles , como o Governador lhe tinha promettido , e dalli despediram dous Portuguezes pera estarem no porto de Arquico esperando a Armada , que havia de vir da India , pera tanto que a vissem lhe mandarem

rem recado. Estando estes vigiando o mar, chegaram áquelle porto humas náos dos Mouros com grandes festas, e tangeres, dando por novas que os Portuguezes eram todos mortos, e que tinham perdida a India. Com estas novas que pela terra se espalharam houve grandes alegrias, e alvoroços entre os Mouros. Os Portuguezes que alli estavam tanto que víram as festas, e ouviram as novas, com grande dor, e tristeza de seus corações, se partíram logo pera Barvá, e as deram a D. Rodrigo de Lima. Era este dia do sabbado Santo vespera de Pascoa, em que todos estavam mui alvoroçados pera festejarem a Resurreição do Senhor, e em ouvindo as novas alli ficaram cortados, que como homens pasmados não sabiam o que fizessem; mas como já não havia outro remedio, fizeram seus discursos, assentando de se tornarem pera a Corte do Preste João, e alli acabarem suas vidas, e buscarem recolhimento, e quietação conforme ao que lhes o tempo offerecesse; mas como Deos Nosso Senhor Pai de misericordia, e consolação via que seus servos andavam em seu serviço naquella Christandade tão escondida ao Mundo, não quiz que sua tristeza durasse muito, e ordenou que o dia de Pascoa á noite, dia todo de mercês suas, lhes viessem diferentes novas, que

que foram ser chegada a nossa Armada a Maçuá, e logo após ellas chegaram as cartas de Eitor da Silveira, com o que todos como doudos de alegria não sabiam o que fizessem. D. Rodrigo quizera logo partir, mas o P. Francisco Alvares lho impedio, dizendo, que pois Deos naquelle dia lhes fizera huma tão assinalada mercê, que esperassem até passarem aquelles dias de festa, em que era razão dessem muitas graças ao Altissimo Deos, pois em tempo de tanta mágoa, e dor (como tão pouco havia tiveram) lhes mandára novas tão alegres. Passada a Pascoa, em que todos se confessaram, e communhão com grandes alegrias das almas, e dos corpos, logo se puzeram ao caminho hum dia que foi aos nove de Abril, indo o Viso-Rey de Barvá em sua companhia com mil homens de mullas, e alguns poucos de cavallo. Aquelle dia foram dormir a Darigil hum pouco duas leguas de Barvá, alli se costumavam ás feundas, e terças feiras ajuntar as casilas, que haviam de ir pera Arquico, por amor dos alarves, que ha muitos por aquelle caminho; aqui se ajuntaram dous mil homens, e todos juntos foram caminhando pera Arquico, que era quatorze leguas de jornada. Neste caminho gastaram até o sabbado seguinte, e chegando a Arquico, aponsetaram-

ram-se fóra por ser noite , porque quiz o Viso-Rey entrar com elles de dia , e entregallos ao Capitão mór. Ao outro dia chegaram á praia , onde Eitor da Silveira os recebeo com grandes festas , salvas de artilleria , e com todos os instrumentos de paz , e de guerra. O Viso-Rey lhe entregou Dom Rodrigo de Lima , e o Embaixador Zagazabo , e todos os Portuguezes , e os presentes que levavam allí pera o Governador , e Rey de Portugal , como pera o Summo , e Santo Pontifice. Eitor da Silveira despedio-se logo do Viso-Rey , que mandou dar á Armada cincoenta vaccas , muitos carneiros , gallinhas , e outros mantimentos , e a oito de Abril deram á véla , e foram seguindo sua viagem , e ao primeiro de Maio chegaram á Ilha de Camarão pera fazerem aguada. Allí desenterrou o P. Francisco Alvares muito secretamente a ossada de Duarte Galvão , que elle mesmo tinha enterrada , como na terceira Decada se disse , e a embarcou no galeão em que hia , com tenção de a levar ao Reyno ; dalli se fizeram á véla para irem invernar a Ormuz , como levavam por regimento ; e deixallos-hemos em sua viagem , por continuarmos com a do Governador. Partido logo Lopo Vaz de Sampaio de Goa , como atrás dissemos , foi atravessando o golfo de Ormuz , em que achou gran-

grandes calmarias, que foram causa de gastar muitos dias, e lhe morrer muita gente, e entrando-lhe o tempo, foi ferrar o porto de Calayate, cujo Xequê estava alevantado contra os Portuguezes, por mandado d'El-Rey de Ormuz, e de Rax Xarrafo, porque pelas avexações que padeceo, e recebiam de Diogo de Mello, escrevêram a toda aquella costa que se levantassem contra os Portuguezes, que foi quasi outra como a que o mesmo Xarrafo fez em tempo do Governador D. Duarte de Menezes, (como na terceira Decada de João de Barros se conta.) Lopo Vaz tanto que soube do negocio, pezo-lhe em estremo das desordens de Diogo de Mello, e tratou de quietar o Xequê, o que fez com lhe affirmar que a nenhuma outra cousa hia a Ormuz, mais que a soltar Xarrafo, e a lhe fazer justiça, e pera castigar Diogo de Mello, se o merecesse. Com isto se compoz o Xequê, e se quietou, mandando refrescos ao Governador. Fazendo-se dalli á vêla, chegando á aguada de Teive, achou o galeão de Francisco de Mendoça, hum dos Capitães da conserva de Eitor da Silveira, que com tempo se apartou da Armada: delle soube as novas de Dom Rodrigo de Lima, e do Embaixador, que o Emperador da Ethiopia mandava a Portugal, do que levou estranho contentamento,

to , e tomando o galeão comfigo , foi ter a Mascate , que tambem estava alevantado , e trabalhou por quietar o Xequé como fez , e deixando tudo pacífico chegou a Ormuz , onde foi mui bem recebido do Capitão , e se agazalhou na fortaleza. A primeira cousa que fez foi mandar soltar Rax Xarrafo , e levalllo diante de si , e fazendo-lhe muitas honras , lhe disse , que elle era alli vindo a lhe fazer justiça , que a requereffe contra Diogo de Mello , que sem embargo de ser seu tio , lha havia de fazer muito inteiramente. O Governador foi dahi a tres dias visitar ElRey de Ormuz , affirmando-lhe que não hia áquella fortaleza a mais que a fazer justiça ao Guazil , e a castigar Diogo de Mello. O Guazil tanto que soube que o Governador era sobrinho do Capitão , e que o punha á cabeceira da sua meza , houve que lhe não faria justiça em nada , e fazendo da necessidade virtude , disse ao Governador a segunda vez que o visitou , que elle não queria cousa alguma de Diogo de Mello , que lhe pedia o fizesse amigo com elle: o Governador chamou Diogo de Mello , e o reconciliou com o Guazil , e elle lhe pediu muitos perdões , e teve com elle muitos comprimentos.

CAPITULO V.

*Do que aconteceu a Eitor da Silveira na
viagem até Ormuz: e de como o Go-
vernador recebeu o Embaixador
do Preste João.*

PArtido Eitor da Silveira da Ilha de Camarão , foi navegando dez dias com vento em popa até sahirem do estreito pera fóra , e na paragem de Adem deo hum tempo tão rijo , e forte , que não puderam soffrer as vélas , e com sós os papafigos foram correndo á vontade dos ventos ; e a segunda noite , que foi de grandissima sarração , se apartou toda a Armada , e foi cada hum correndo pera sua parte a Deos misericórdia , e quasi alagados. Durou-lhe este trabalho quatro dias , nos quaes o galeão São Leão perdeu o batel com hum grumete Francez , não dormindo em todos elles pessoa alguma , porque não largáram os aldroles das bombas das mãos por irem alagados , e desapparelhados de feição , que quasi hiam desconfiados ; mas Deos , que sempre acode nas mores necessidades , os encaminhou até embocarem o estreito da Persia , do cabo de Iasques pera dentro , e o primeiro que foi tomar a aguada de Teive foi Francisco de Mendoça , que alli tinha chegado poucos

cos dias antes do Governador , que alli o achou , como atrás dissemos. Os máis navios tirando o Capitão mór foram tomar Mascate a vinte e oito de Maio. O Capitão mór com quem hia embarcado D. Rodrigo de Lima , e o Embaixador Abexi , foi correndo tempo com o mesmo trabalho que os outros , governado-se tão mal , que não podendo tomar o estreito da Persia , foi correndo com os ponentes pera a costa da India com tenção de tomar terra aonde pudesse ; e quando cuidou que ferraſſe a costa de Chaul , achou-se na enseada de Cambaya já com o inverno cerrado , pelo que lhe foi forçado tornar a voltar pera Ormuz , o que fez com muito trabalho de todos , bordeando de huma parte pera a outra , com os mantimentos já gastados , e a agua quasi de todo , porque com o trapear do galeão se lhe abríram as vasilhas ; e sendo já entrada de Junho sem esperança de poderem tomar porto , houveram-se todos por perdidos. Eitor da Silveira sem mostrar hum ponto de desconfiança , animava , e consolava a todos , sendo o que dormia menos , e comia peor , e o primeiro que ferrava do trabalho ; e todavia vendo-se tão apertado , tomou parecer com os officiaes sobre o que fariam , e assentáram que já se não podia ir demandar senão Ormuz , porque como o

in-

inverno era entrado , e os Suduestes cursavam , ainda que fosse com trabalho , que melhor era marear pera lá. Com isto mandou recolher todo o mantimento que havia na náó , e agua , (que tudo era bem pouco ,) dentro na sua camara , e começou a repartir isto com grande tento , acudindo aos mais necessitados ; mas como tudo era pouco , e a gente muita , logo se lhe acabou , ficando sem nenhum remedio , nem esperanças d'elle , senão as de Deos , em que sempre foram muito seguros , e alli sem comer , nem beber navegáram tres dias , sendo Eitor da Silveira , e D. Rodrigo de Lima os que nestes trabalhos se mostráram sempre muito alegres a todos ; porque como todos traziam os olhos nelles , era-lhes alli necessario , porque com isso se animavam , e continuavam no trabalho , porque se fora doutra maneira , largáram tudo , e sem dúvida se perdêram. Mas Eitor da Silveira com hum animo muito grande , e com hum primor nunca usado , procedeo nesta viagem de feição , que confundia a todos , porque desque recolheo na sua camara a agua , e o mantimento , nunca mais entrou nella , e se agazalhou na tolda por dar exemplo a todos , visitando duas vezes no dia os doentes , que eram muitos , dando-lhes em quanto houve que , alguma cousa pouca , não tomando

nunca mais pera si; e certo que era este Fidalgo de tanta bondade, que mais sentia ver aquelles enfermos, sem ter com que lhes soccorrer, que o risco, e perigo em que hia. Indo assi nesta desconfortação, aos sete dias do mez de Junho á tarde houveram vista de Mascate, porque Deos os encaminhou pelo estreito dentro sem o elles saberem, e já a este tempo hiam tão fracos, e debilitados, que não podiam comsigo. E porque o vento era escaffo, e não puderam ferrar o porto, começaram a bordear já com tanto alento, que os doentes que estavam para morrer, parecia que resuscitavam, e acudiam a ver a terra. Foi o galeão logo visto de duas fustas, que andavam alli de Armada, que acudiram a elle, e entrando dentro os que andavam nellas, foram festejados de todos, como homens que lhes traziam o remedio; e vendo o destroço, e miséria daquelle galeão, ficaram palmeados, e mandaram levar toda a agua que traziam, e algumas conservas, e biscouto, que repartiram por todos, e com muita pressa se tornaram a Mascate, e carregando de agua, e mantimentos, voltaram o mesmo dia pera o galeão, e tudo se repartio por todos. Aquella noite foi pera elles a melhor, e mais alegre da vida, porque os ais, as dores, os gemidos, e suspiros passados se convertêram
em

em folias, festas, e alegrias, em que passaram toda a noite. Ao outro dia acudiram de terra muitos batéis esquipados, e tomando o galeão á toa o mettêram em Mascate, onde acharam alguns navios de sua companhia, porque os mais eram passados a Ormuz. Aquí se deixou Eitor da Silveira ficar alguns dias, em quanto os doentes refrescaram, e convaleceram de todo; e como se puderam embarcar, deo á véla pera Ormuz, e foi surgir no pouso defronte da fortaleza. O Governador foi logo avisado de sua chegada, e mandou-os visitar, e pedir que se não desembarcassem senão ao outro dia, mandando-lhes despejar em terra cascas pera todos, e armar, e negociar as do Embaixador do Abexi, e prover de todas as cousas necessarias. Ao outro dia pela manhã desembarcaram todos, levando Eitor da Silveira, e D. Rodrigo de Lima o Embaixador Zagazabo no meio, cada hum por sua mão, desfazendo-se a fortaleza, e a Armada toda em bombardadas, e em estrondos de alegria. E entrados na fortaleza, foram á Igreja a dar graças a Deos Nosso Senhor: alli foi o Governador buscallos, e os abraçou a todos com grandes mostras de prazer, e alegria, alli estiveram hum pouco até que os mandou recolher pera suas cascas, e logo mandou a Eitor da

Silveira , e a D. Rodrigo de Lima , e ao Embaixador Abexi duzentos cruzados a cada hum , e ao P. Francisco Alvares cento. Ao outro dia foram todos á fortaleza , e o Governador os esperou na porta da Igreja , e estiveram a huma Missa , que se disse com muita solemnidade. Acabada ella , foram-se pera os aposentos do Governador , levando D. Rodrigo sempre pela mão ao Embaixador , que hia acompanhado de alguns Frades Abexis , e os presentes em mãos de seus criados , que o Embaixador apresentou ao Governador , e lhe deo as cartas. O presente pera o Governador era huma roupa de seda , com cinco chapas de ouro diante , e outras cinco detrás , e em cada hombro hum , e todas seriam do tamanho da palma da mão , muito formosas , e lavradas , a carta era em resposta da que lhe escreveo o Governador Diogo Lopes de Siqueira , que nós temos em nosso poder , e por ser muito comprida deixamos de a relatar. Lopo Vaz estimou muito o presente , e teve com o Embaixador grandes cumprimentos , e mandou aos Officiaes d'ElRey que corressem dalli por diante com a despesa de sua casa , pera a qual affinou hum tanto cada dia ; e assi mesino mandou pagar geralmente a toda a gente da Armada , e dar-lhes mezas. Aqui os deixaremos , porque he ne-
cel-

cessario continuarmos com as cousas que succedêram na India , depois do Governador partir pera Ormuz.

C A P I T U L O VI.

De como Affonso Mexia mandou a Malaca chamar o Governador Pero Mascarenhas : e do que elle fez depois que soube as novas : e do que aconteceu na jornada a Martin Affonso Jusarte , e a Francisco de Sá.

PArtido Lopo Vaz de Sampaio de Cochim , tratou Affonso Mexia de mandar avisar a Pero Mascarenhas de sua successão , e mandou negociar o galeão de que Antonio da Silva de Menezes era Capitão ; o qual Lopo Vaz deixou em companhia de D. Jorge Tello de Armada na costa do Malavar , e entregou a Antonio da Silva o traslado dos autos , papeis , e successões pera as dar ao Governador Pero Mascarenhas , a quem escreveo que se fosse logo pera a India. Este galeão deo á véla meado Março , e foi seguindo sua viagem , a quem logo tornaremos , porque he necessario continuar com os Capitães que Lopo Vaz despedio pera fóra , e seja primeiro com Martin Affonso de Mello Jusarte. Partido este Capitão de Goa , foi seguindo sua viagem até che-

38 ASIA DE DIOGO DE COUTO

chegar as Ilhas de Maldiva, e elle se poz em hum daquelles canaes mais ordinario das náos, e mandou os navios de remo tomar outro; e em Março foi dar com elle huma náo de Rumes, que hia de Tanacari pera Méca, que levava trezentos homens brancos de peleja, e muito bem artilhada, e petrechada de tudo, como aquella que hia mui rica, e prospera. Martim Affonso tanto que houve vista della, levou ancora, e deo o traquete, pondo-se em armas, e preparando sua artilheria mui bem. Tanto que chegou a tiro, descarregou nella sua munição, arrombando-a por algumas partes, e logo a foi investir, e lhe lançou seus arpéos. Levava Martim Affonso cincoenta bons soldados a fóra os Officiaes. Ferrada a náo, começou-se sobre a entrada della huma muito cruel batalha, em que pelejaram muito bem de ambas as partes; e ainda que dos Mouros cahiam muitos feridos dos golpes dos nossos, eram elles tantos, que onde derubavam dous, se punham logo quatro. Martim Affonso como era muito cavalleiro, com ver a desigualdade que havia, determinou ou de morrer, ou de render a náo, fazendo por seu braço mui grandes cavallerias. Os seus animados com o que lhe viam fazer, trabalhavam pelo imitar, lançando entre os Mouros muitas panellas de polvora, com
que

que os abrazavam , mas não largavam os lugares. E como a náó era grande , poderofa , e com tanta gente , por muito que os nossos trabalháram , a náó puderam entrar , ficando allí abordados todo aquelle dia , e noite , pelejando de ambas as partes sem tomarem descanso. Ao outro dia , posto que os nossos estavam cansados , e a mór parte feridos , tanto trabalháram , tão altas proezas fizeram , que com grande damno dos inimigos entráram a náó , e mettêram todos os della á espada , sem lhe ficar algum. Rendida a náó , (não sem custo dos nossos , de que tambem morrêram alguns ,) lançáram ao mar os mortos , e surgíram com a náó que estava cheia de fazendas. Allí se deixáram estar até meado de Abril que deram á véla pera Goa , levando a náó comfigo , e chegados áquella Cidade foi descarregada , e vendida a fazenda , e deram as partes aos soldados , ficando huma grande somma a ElRey. Agora continuaremos com Jorge Cabral , que (como dissemos) partio das Ilhas de Maldiva pera Malaca a dar as novas a Pero Mascarenhas de sua successão ; e indo seguindo sua jornada com bom tempo , chegou áquella fortaleza , e foi muito bem recebido de Pero Mascarenhas , a quem deo as novas , que elle estimou muito , por ver a conta que ElRey tinha com seus merceden-

mentos, e prometteo a Jorge Cabral aquella capitania de alviçaras. E porque não tinha papeis, nem cartas do Veador da fazenda, não tomou titulo de Governador, e foi correndo com o cargo de sua capitania, esperando que lhe viesse tudo na monção, o que não tardou; porque hum mez depois da chegada de Jorge Cabral surgio naquelle porto o galeão de Antonio da Silva, e desembarcando deo a Pero Mascarenhas as cartas, e papeis que levava, mandando-lhe notificar que fosse logo tomar entrega da governança da India. Com estes papeis se ajuntáram todos os Fidalgos, Capitães, Cidadões, e Officiaes de justiça, e fazenda, e logo por todos foi havido por Governador da India, fazendo-se disso hum termo, em que todos se affináram. O Governador Pero Mascarenhas começou a correr como Governador, e determinou de se ir a esperar os levantes aos ilheos de Pulopuar pera ver se em Outubro podia passar á India. E posto que teve contrariedades da parte dos Pilotos, todavia entrada de Agosto se embarcou no galeão em que foi Antonio da Silva, e metteo de posse daquella capitania a Jorge Cabral, ao que veio com embargos Aires da Cunha; porque, conforme ao Regimento que alli deixou Affonso d'Alboquerque, a elle pertencia aquella capitania

nía por Capitão mór daquelle mar, o que ElRey depois confirmou por hum Alvará, pelo qual Nuno Vaz Pereira por morte de Jorge de Brito houve sentença contra Antonio Pacheco que era Alcaide mór. A tudo respondeo Pero Mascarenhas Governador, que elle não quebrava Regimentos, que aquella fortaleza não vagava por sua morte, senão por succeder na governança da India, e que o seu tempo que lhe faltava por servir o podia dar a quem quizesse: sobre isto protestou Aires da Cunha por seus ordenados contra elle. Partido o Governador de Malaca, foi tomar os ilheos de Pulopuar, onde surgio pera esperar pelos levantes; e estando aqui, lhe deo hum tempo tão grosso que esteve perdido; e lhe foi forçado fazer-se á véla pera Malaca, aonde chegou com o masto quebrado por tres partes. Aqui achou Francisco de Sá, e Dom Jorge de Menezes, que por acharem tempos contrarios, tardáram até então, os quaes o recebêram como a Governador da India, dando-lhe a obediencia. E sabendo elle que D. Jorge levava a capitania de Maluco, por lha ter dada o Governador, D. Henrique lha confirmou; e o despachou, dando-lhe mais hum navio, e o despedio com Regimento que se fosse por via de Borneo, por ser a jornada mais curta, que pela Jaoa,
por

por onde era forçado invernar em Amboino. Simão de Sousa Galvão, que hia pera Capitão mór do mar de Maluco, deixou-se ficar em Malaca, allí por saber allí que o que levava era cousa pouca, como porque Pero Mascarenhas tratava de ir sobre Bintão, em quanto Francisco de Sá allí estava com sua Armada, por ser muito necessario pera a quietação daquella fortaleza tirar dalli aquelle inimigo: pelo que tinha mandado preparar muitas cousas pera aquella jornada, de que adiante daremos razão.

C A P I T U L O VII.

De como Eitor da Silveira partio de Ormuz a esperar as náos de Méca: e de como Melique Az Capitão de Dio tratou de dar aquella fortaleza aos Portuguezes. Do fundamento daquella Ilha, e do tempo em que os Mouros conquistáram aquelle Reyno, e do que passou Eitor da Silveira com Melique Az.

DEixámos o Governador Lopo Vaz de Sampaio invernando em Ormuz, onde proveo em muitas cousas daquelle Reyno; e tanto que se acabou o mez de Agosto, despedio Eitor da Silveira por Capitão mór de quatro galeões, e duas caravelas pera ir esperar as náos que haviam de ir de Mé-

Méca pera Cambaya , que sempre hiam demandar á ponta de Dio , onde lhe deo por Regimento que esperasse por ellas. Os Capitães de sua companhia eram Francisco de Mendoça , Manoel de Brito , e Manoel de Macedo , que hiam em galeões: os das caravelas não achámos os nomes. Partido Eitor da Silveira de Ormuz , logo o Governador deo á véla apôs elle pera Goa. Eitor da Silveira chegando á ponta de Dio , deixou-se alli andar esperando pelas náos , e huns , e outros deixaremos por hum pouco , porque he necessario darmos razão das cousas que neste tempo succedêram no Reyno de Cambaya ; que fazem ao fio da nossa historia ; e primeiro que tudo , diremos de sua origem , e fundamento , posto que João de Barros o tenha muito bem feito na sua terceira Decada. Mas porque algumas cousas lhe ficáram , as quaes nós alcançámos de mais perto , que não serão de pouco gosto pera os curiosos , as tornaremos a recitar , porque com o favor Divino havemos de ir continuando com todos os Reys , que foram succedendo nelle até vir a poder de Magores. Pelo que he de saber , que este Reyno , que chamamos de Cambaya , he o do Guzaratte , que os mais dos Geografos lançam erradamente do Indo pera fóra , como em outra parte mostraremos. Este Reyno foi sempre

pre povoado de dous generos de Gentios , Guzarates , e Baneanes , todos muito superficiallos , como em seu lugar se verá , quando fallarmos de toda esta gentilidade da India. Os Guzarates todos são dados á mecnica , em que se estremáram de todos os do Oriente , cujas louçainhas já em tempo dos Romanos eram muito estimadas , as quaes hiam ter a elles por via do mar Roxo , como se vê em Arriano Author Grego no tratado que fez sobre aquella navegação , no qual nomea muitas , e diversas sortes de roupas , como são , ganise , monoche , fagmatogene , milochini , que diz serem muito finas , e de algodão : pelo que quanto a nós parece , que eram os canequis , bofetás , beirames , sabagagis , e outras , que se acham escritas nos livros das leis dos Romanos , dos quaes costumavam a pagar grandes direitos , e ainda hoje entre nós , com aquelle Reyno estar destruido , pelas mudanças que nelle houve , a fineza de suas roupas de muitas sortes , a delicadeza de suas obras são tidas em mais perfeição que todas as da India. Os Baneanes são todos dados á mercancia , em que tambem precedêram a todos por sua grande habilidade , e agudeza , pela qual , e per outras partes que nelles se notam , presumem os Theologos Christãos da India , que descendem de algum dos tribus

bus de Israel, que são desaparecidos; e ainda mais o parecem no grande estudo, e cuidado que todos põem em enganar os Christãos, como coufa que tem por preceito. Ambas estas nações de gentes são tão fraquissimas, e affeminadas, que não fazem differença a mulheres, mais que nas barbas. Vivêram estes homens muitas centenas de annos sem sentirem jugo alheio até quasi os de nossa Redempção de cento, que descêram desses desertos debaixo do Norte hum grande enxame de Gentios repartidos em tribus, huns Magores, outros Tartaros, outros Chacatais, e outros Resbutos, que vieram conquistando tudo o que jaz do Caucaço pera baixo até este Reyno de Cambaya, repartindo-se estes tribus por estas Provincias, ficando-as senhoreando, e aquellas do Agara, Mandou, e outras por derredor ficaram em poder de Magores, cujos Reys as senhoreáram muitos annos, e ainda hoje na Cidade do Mandou se vem tres, ou quatro sepulturas de Reys que alli reináram, cujos letreiros dizem serem Magores. E ainda se presume mais, que estes Magores foram senhores de toda a India até o maritimo della, onde ainda hoje se vem duas formosas Cidades fundadas por elles, huma na costa de Dio, e outra na do Canará, chamadas Mangalor, cujo verdadeiro nome he

Mon-

Mongulor , porque alli se chamam estas gentes , e não Magores ; e na da costa do Canará se vem tambem sepulturas antiquissimas , por cujos letreiros se vê que jazem alli Reys Magores , segundo nos affirmáram alguns Canarás doutos , e antigos. Depois foi este Reyno Guzarate senhoreado de Resbutos , homens muito dados ás armas , mas grandes ladrões , e tyrannos. Estes parece que tiráram este Reyno das mãos dos Magores , e repartíram todas aquellas Provincias entre si , tomando as cabeças o titulo de Raiáz , que he o mesmo que Governadores. Estes ficaram senhores de todo o Induistão até mui perto dos annos mil e trezentos , que tornou a fortuna a desfandar esta roda , (como tem feito em todas as Monarquias , e não poderão deixar de o fazer em quanto durar o Mundo , por ser naturalmente variavel , e inconstante.) Vieram todos estes Raiáz a serem conquistados de hum Rey do Dely chamado Soltão Nofaradi , que se alevantou no Mundo quasi cem annos primeiro que o grão Tamurlang , e foi maior que elle , alli em forças , como em estados , porque veio a senhorear desde rio Indio até o Gange , e tem mais de quarenta grãos de latitud pera o Norte. Neste Reyno do Guzarate deixou hum Governador , e em todos os do Decan outro , de quem em seu lu-

lugar fallaremos, e recolhido pera o Dely, faleceo em poucos tempos. Tanto que fua morte foi sabida, logo se lhe rebeláram todos os Estados, e levantáram-se com elles os Capitães tomando titulos de Reys: este do Guzarate se intitoulou Soltão Maamed, que foi homem valeroso, e foubese sustentar naquelle imperio, deixando-o a seu filho Daudarcan muito engrandecido. Este Daudarcan não foi de menos animo que seu pai, e engrandeceo em seu Reyno tudo o que pode, e foi o que edificou a Cidade de Dio naquella Ilha, que antigamente era habitada de pescadores: tendo assi nisto, como em tudo o mais a que depois chegou a mesma fortuna que a Cidade de Veneza, tão pequena em seu principio, tamanha depois em grandeza, riqueza, e poder. Reinou este Rey muitos annos, e succedeo-lhe seu filho Soltão Mahamede, que havia já mais de quarenta annos que reinava, quando aquelle valeroso Capitão Vasco da Gama descobrio a India. Este foi o que deo aquella Ilha a Melique Az, (como se vê na terceira Decada de João de Barros.) Por sua morte herdou o Reyno seu filho Amodofar, que teve muitos filhos, e o primogenito se chamou Soltan Bador, e não Badur, como as historias da India lhe chamam. Este sendo ainda moço, ou por di-

zerem a seu pai os Astrologos, que em poder do filho mais velho se perderia aquelle Reyno, ou (o que parece mais certo) que por desejar de o dar ao outro filho mais moço, a que estava afeiçoado, parece que mostrava má vontade ao Bador, que ou porque fosse avisado disto, ou porque entendesse no pai que lhe desejava a morte, furtou-lhe o corpo, e foi-se por esse Industão acima em trajos de peregrino, a que elles chamam Calandar, e assi andou muitos annos aprendendo differentes linguas, vendo, e notando novos ritos, e costumes, e cousas muito novas, e peregrinas. Em quanto elle assi andou faleceo o pai, e succedeo no Reyno o irmão a que o pai desejava de o dar, que durou pouco, e deixou o Reyno ao outro irmão mais moço, a que não soubemos os nomes. Correndo as novas por esse Industão da morte de Modofar, chegaram ao Bador, que logo voltou pera vir requerer o seu Reyno, e assi em trajos de Calandar, dizem, que entrou na Corte do Amadabá, onde estava ainda sua mãe viva, e o Rey seu filho, que era ainda mancebo; e sem se dar a conhecer a pessoa alguma, entrou com a mãe, e se lhe descobrio, pedindo-lhe que quizesse ordenar com que houvesse o seu Reyno. A Raynha (póde muito bem ser que não fosse sua mãe, senão sua madrastra, e que

e que os Guzarates que isto contão se em-
 barassem) lhe disse, que se fosse, porque se
 seu irmão soubesse delle, que o mandaria
 matar, do que nós inferimos que ella sería
 mãe do Rey, e não do Bador. Elle vendo
 seu desengano, foi-se pera o Rey do Man-
 dou, e se lhe descobrio, pedindo-lhe aju-
 da, e favor pera cobrar seu Reyno. E co-
 mo os grandes do Mundo nenhuma cousa
 mais os move, que misérias de hum Prin-
 cipe desterrado, prometteo-lhe todo o favor
 até ir em pessoa ajudallo; e pera isso soli-
 citou alguns Reys vizinhos, que se ajuntá-
 ram com elle com grande poder. Alguns
 Escritores nossos dizem, que o Bador que
 se fora ver com a Raynha de Chitor, que
 se chamava Credienti, que havia pouco viu-
 vára, e lhe ficára hum filho menino, em
 cujo lugar ella governava aquelle Reyno,
 e que ella fôra a authora da liga com o
 Rey do Mandou, e outros pera restituirem
 Bador no seu Reyno, no que se enganaram,
 antes o mór inimigo que esta senhora teve
 foi o Bador, porque depois de estar quie-
 to no Reyno de Cambaya, lhe foi tomar
 o seu, como na quinta Decada diremos.
 Em fim juntos aquelles Reys com o Bador,
 que tambem solicitou por cartas alguns Se-
 nhores de Cambaya pera serem de sua par-
 te, foi contra o irmão, e entrou conqui-

tando aquelle Reyno , e sahindo-lhe o irmão ao encontro em huma batalha campal , foi morto , e desbaratado , e o Bador se apoderou daquelle Reyno. Succedeo isto no anno de vinte e cinco atrás passado. O Bador, como era máo , cruel , e fraco , (coufas que andam sempre juntas fraqueza a crueza,) começou a matar todos os Capitães que favoreceram o irmão , e o quiz fazer a outro só que lhe ficava , que era o menor de todos , que por ser avisado , se acolheo em trajos mudados , e se foi por essa terra dentro , e dahi a alguns annos por via do Cinde foi ter a Ormuz , sendo Capitão daquella fortaleza Antonio da Silveira , que teve rebate delle , e o tomou , e embarcou pera Goa , e o mandou ao Governador Nuno da Cunha , como na quinta Decada diremos. Estava naquelle tempo por Capitão de Dio Melique Saca filho de Melique Az , a quem o Soltão Mamude tinha dado aquella Ilha. Este receando-se das muitas cruzas que o Bador usava com todos , não se havendo por seguro delle , determinou preitar-se com os Portuguezes , e dar-lhes aquella fortaleza pera segurar sua vida , e a de sua mulher , e filhos . e seus thesouros. Pelo que logo despedito recado a Christovão de Sousa Capitão de Chaul , pedindo-lhe lhe mandasse hum homem honrado pera

tra-

tratar com elle coufas que cumpriam ao serviço d'ElRey de Portugal. Chegou este homem a Chaul , e deo o recado a Christovão de Sousa , que o deteve , porque cada dia esperava pelo Governador. Poucos dias depois chegou áquella Cidade Eitor da Silveira com tres náos de Méca , que tomou na ponta de Dio , cujos quintos fô pera ElRey montáram sessenta mil pardáos ; e logo a quinze de Setembro hum dia , ou dous depois , chegou o Governador , que foi bem recebido da Cidade , e aposentando-se na fortaleza , lhe apresentou Christovão de Sousa o Embaixador do Melique Saca , e elle lhe deo o seu recado. O Governador vendo que o negocio era de importancia , determinou de ir em pessoa a Dio , mas foi contrariado dos Capitães , dizendo-lhe , que não convinha abalar-se pera coufa que não sabiam se seria invenção , mas que mandasse huma pessoa de confiança , e que se detivesse naquella Cidade té ver o em que aquillo parava. Com isto despedio o Governador Eitor da Silveira com alguns navios ligeiros , e hum galé , em que elle hia , e surgio na bahia de Dio , mandando pelo Embaixador pedir a Melique Saca que se vissem sós , o que Melique Saca fez , e de noite foi Eitor da Silveira á porta da fortaleza , e á borda da agua veio

Melique Saca fallar-lhe : e nas praticas que teve com elle lhe disse , que elle desejava muito de entregar aquella fortaleza ao Governador da India , mas que havia de ser com condigão , que o havia de mandar pôr em Jaquete com toda a artilheria della , que havia de levar , e que lhe haviam de dar ametade do rendimento da Alfandega daquelle Ilha. Eitor da Silveira lhe louvou sua determinação , e se lhe offereceo ao pôr livremente na parte que quizesse , e que pera as condições , que lhe punha , elle trazia poderes do Governador , em cujo nome tudo lhe concedia. Concluidos nisto , tornou-se Eitor da Silveira pera a Armada , porque Melique Saca lhe pedio que se detivesse alguns dias em quanto negociava suas cou-
tas.

C A P I T U L O VIII.

De como Hag Mamude tirou a Melique Saca de entregar a fortaleza a Eitor da Silveira , e elle se foi pera Chaul sem concluir em nada : e de como o Hag Mamude lhe tomou a fortaleza por traição , e a entregou a ElRey de Cambaya.

E Stava com Melique Saca hum Mouro seu parente chamado Hag Mamude , homem máo , perverso , e muito ambicioso :
es-

este sabendo dos tratos que o parente trazia com Eitor da Silveira, porque se fiou del-
le, e entendendo nelle o grande medo que
tinha d'ElRey, concebeo em seu animo de-
sejo de se fazer senhor daquella Ilha, e nas
praticas que tiveram sobre o negocio, sem-
pre lhe gabou a determinação que tinha to-
mado na entrega da fortaleza; mas que hu-
ma só cousa receava, e era, que como Ei-
tor da Silveira o tivesse em seu poder, com
a cubiga do muito thesouro que tinha, lhe
quebrasse a fé, e elle ficasse sem fortaleza,
sem fazenda, e sem liberdade. Não fôo
isto mal ao Melique Saca; porque, como
todos os Mouros são falsos, e fementidos,
sempre imaginam nos outros o que elles fa-
riam, e pedio ao Hag Mamude, que o
aconselhasse naquelle negocio. O Hag Ma-
mude como tinha já traçado na fantasia a
malicia, e traição, que com elle depois usou,
disse-lhe, que era de parecer, que respon-
desse a Eitor da Silveira, que pera maior
dissimulação daquelle negocio, se fosse elle
pera Chaul, e que entre tanto ficaria nego-
ciando suas cousas, e embarcando sua fa-
zenda em algumas cotias que pera isso ti-
nhia, fazendo-lhe crer que já na Cidade ha-
via sobre isso algum reboiço; e que depois
de embarcar a artilheria, pera que havia
mister vagar, entregaria a fortaleza a elle
Hag

Hag Mamude, e que depois d'elle ido pera Jaquete elle o mandaria chamar, e lhe entregaria a fortaleza. O Melique Saca não entendendo o amargoz que hia debaixo deste dourado, pareceo-lhe aquelle conselho bem, e pediu-lhe que fosse elle o portador daquelle recado. Hag Mamude foi-se hum noite á galé de Eitor da Silveira, e lhe pintou aquillo como lhe pareceo convinha á sua tenção. Eitor da Silveira parecendo-lhe que o Melique Saca estava já arrependido, lhe disse, que do alvoroço da Cidade lhe não désse couza alguma, porque como a fortaleza estava sobre o mar, facilmente se podia embarcar com tudo o que quizesse, e elle ficar logo de posse da fortaleza, sem lho ninguem poder estorvar. Hag Mamude lhe disse, que aquillo não podia ser, porque pera embarcar toda a artilheria, e fazenda, havia mister muitos dias, e muito vagar, e que se aquella Armada estivesse alli todo aquelle tempo, não faria mais que encher aos da Cidade de suspeitas, porque já traziam algumas; que o bom seria desapparecer dalli, e que como Melique Saca tivesse tudo embarcado, logo o mandaria chamar a Chaul; e que tudo eram mais dez, ou doze dias. Eitor da Silveira vendo aquellas cautelas acabou de assentar, que o Melique Saca estava de to-

do

do arrependido, e que o mesmo Hag Mamude o aconselharia, e o divertiria de sua determinação. Hag Mamude se despedio de Eitor da Silveira, que logo despachou hum navio muito ligeiro com cartas ao Governador, em que lhe dava conta de tudo o que passava, pedindo que lhe mandasse dizer o que faria naquella materia. Esta carta a mostrou o Governador em conselho aos Capitães, pera lhe aconselharem o que responderia, e debatido entre elles aquelle negocio, ficou o conselho partido em diferentes pareceres; porque huns diziam, que ninguém melhor que o mesmo Eitor da Silveira, que lá estava com o negocio entre as mãos, se poderia determinar naquelle, que era de tanta importancia, e de que tanta honra poderia resultar ao Estado da India, que se lhe remetteste toda a resolução delle. Outros, em que a inveja parece tinha entrado, por ser aquelle o mór negocio, e mais honroso da India, disseram, que pois Eitor da Silveira estando lá onde via tudo, mandava pedir conselho, sem se saber determinar, que o bom seria mandar lá outro Capitão, que fosse homem, que não ficasse dependurado de parecer alheio, senão, que se pudesse resumir com o seu proprio, cuidando cada hum dos que nisto votaram, que poderia ser eleito pera aquillo, e fazer

na-

naquelle negocio mais que Eitor da Silveira, que era hum dos Capitães de esforço, conselho, e experiencia, que em seu tempo houve. Isto foi sempre muito antigo na India entre os Fidalgos, vituperarem huns aos outros que estam em melhor lugar, e que são mais pera elle, só por verem se os podem abater pera se elles alevantarem: tendo muitas vezes no votar mais respeito aos seus particulares, que ao serviço de Deos; e d'ElRey, pelo que alguns foram causa de se perderem grandes occasiões, e de succederem muitos desastres, e grandes desaventuras. E tornando a nosso fio, vendo o Governador aquella confusão, foi com os que votáram que se remetteste o negocio a Eitor da Silveira, e logo lhe respondeo pelo mesmo navio, que fizesse elle o que lhe melhor parecesse, pois estava com o jogo na mão. Disto tambem houve entre elles algumas murmurações, dizendo, que tambem o Governador tivera naquillo respeito ao seu particular, e que queria grangear Eitor da Silveira pera o ter da sua parte; porque parece que já entendiam nelle aguas de não entregar o governo a Pero Malca-renhas. Dada esta carta a Eitor da Silveira, como o tomou já desconfiado, e enfiado das dilacões do Mouro, parecendo-lhe que nunca entregaria a fortaleza; largou

gou tudo , e deo á véla pera Chaul , sem outras occasiões mais que as de suas suspei-
tas , em que se enganou , como depois se
verá. Chegado Eitor da Silveira a Chaul ,
pelas informações que deo ao Governador
desistio do negocio , e determinou de o man-
dar ao estreito de Méca , por haver algu-
mas novas de galés , de que tambem quiz
avisar ElRey , e mandou com muita brevi-
dade negociar hum daquelles galeões , de que
deo a capitania a Francisco de Mendoga ,
e o despedio pera o Reyno em fim de Ou-
tubro , escrevendo a ElRey tudo o que até
então tinha succedido , e certificando-lhe fa-
zerem-se em Suéz prestes muitas galés pera
passarem á India , pedindo gente , munições ,
e outras cousas , porque já de Ormuz tinha
escrito de sua successão , encommendando
muito a Francisco de Mendoga , que tra-
balhasse por tomar as náos antes que par-
tisssem do Reyno. Despedio dalli tambem
o Governador o navio do trato de Çofala ,
de que era Capitão Nuno Vaz de Castello-
branco , dando-lhe por regimento désse as
novas das galés por toda a costa de Melin-
de , e Moçambique , porque estivessem so-
bre aviso , e o mesmo escreveo a Ormuz ,
e ás mais Cidades da India , pedindo-lhes
que o quizessem ajudar com alguns navios ,
porque determinava de ir buscar os Rumes ,
e pe-

e peleijar com elles , o que todas fizeram mui bem , porque a Cidade de Goa armou logo hum galeão , huma caravela , e huma galé no estaleiro , e as fizeram á custa dos moradores com muita brevidade. A Cidade de Chaul fez outra galé. O Governador despedio dalli gente , e munições pera Ormuz , e escreveo a Diogo de Mello , que mandasse ter na boca do estreito Persico navios ligeiros pera o avisarem se houvesse galés. Provídas estas cousas , e outras , querendo o Governador embarcar-se pera Goa , tornou a tomar parecer sobre as cousas de Dio , e assentou-se que deixasse alli Eitor da Silveira com Armada , e que mandasse saber de Melique Saca sua determinação ; mas Eitor da Silveira , que se achou no mesmo conselho , affirmou que tudo o de Melique Saca eram invenções , e enganos , e que elle sabia muito certo que nunca entregaria a fortaleza ; e assi certificou isto , que desistio o Governador da empreza , e deo á véla pera Goa. E em quanto faz esta jornada , continuaremos com Melique Saca , que como fallava verdade , e sua tenção foi sempre entregar aquella fortaleza aos Portuguezes , por segurar sua vida , em Eitor da Silveira dando á véla pera Chaul , começou a embarcar a artilheria , e sua fazenda , e passalla a Jaquete pouco , e pouco.

Hag

Hag Mamude como trazia máos penfamentos, e era inimigo dos Portuguezes, como todos os Mouros o são por natureza, vendo a preffa que Melique Saca dava no despejar da fortaleza, começou em fegredo a ajuntar gente, e fendo o Melique Saca a folgar a huma quinta fua que tinha da outra banda duas leguas pela terra dentro, (que inda hoje guarda feu nome, e fe chama a quinta do Melique,) metteo-fe Hag Mamude na Cidade com muita gente armada, e começou appellidalla por d'ElRey de Cambaya: e logo lhe defpedio recados mui aprellados do que tinha feito, e da determinação de Melique Saca. Dando-fe este recado a ElRey, logo fe partio pera Dio aforrado com dez, ou doze mil cavallos. Melique Saca que eftava na quinta foubelogo a traição que lhe o parente ordenou, e então entendeo a malicia, e tenção com que o aconselhára naquellas coufas, e partindo-fe aprellado pera Dio, passou-fe á Ilha, e foi desembarcar á porta da fortaleza, em que ainda eftava fua mulher, filhos, e familia, e mettendo-fe dentro fem ninguem lho poder eftorvar, defpedio logo recado mui aprellado a Chaul a chamar Eitor da Silveira pera lhe entregar a fortaleza. Este recado foi dado a Chriftovão de Soufa, que por não ter navios não foi em peffoa, mas def-

despedio huma almadia ligeira com recado ao Governador, e entre tanto foi entretenendo o Melique Saca cinco, ou seis dias, mandando-lhe affirmar que logo seria com elle. ElRey de Cambaya como hia pela posta, chegou á outra banda de Dio tres dias depois que o Melique Saca despedio o recado a Chaul, o qual sabendo da chegada d'ElRey, logo se embarcou com sua familia, e se passou a Jaquete, deixando a fortaleza despejada. ElRey de Cambaya passou-se á Ilha, e deo a capitania daquella fortaleza a Hag Mamude, reservando pera si as rendas da Alfandega. Este Mouro foi depois o mór inimigo que o estado teve, como pelo decurso da historia se verá, donde se vê claro quanto pôde hum descuido, e quanta força tem hum respeito particular, que muitas vezes foram causa de grandes damnos, e fizeram perder grandes occasiões, como vimos neste negocio, de que resultou perderem os Portuguezes desta vez esta fortaleza, e vir a poder do mór inimigo que a India teve, e custar depois tantas mortes de Fidalgos, e Cavalleiros, tantas despezas em Armadas primeiro que tornasse a vir a nosso poder, tendo-a desta vez na mão sem custo, e sem trabalho.

CAPITULO IX.

Da Armada que este anno de vinte e seis partio do Reyno: e das novas successões que ElRey mandou: e de como Affonso Mexia Veador da fazenda abriu a primeira successão, em que succedeo Lopo Vaz de Sampaio.

PElas cartas que o Governador D. Henrique de Menezes mandou per terra ao Reyno, em que dava conta a ElRey da morte do Conde Almirante, e de sua successão, e do estado em que a India ficava, que foram dadas a ElRey este Outubro passado de vinte e cinco, foybe elle as novas do que na India passava. E sem embargo de andar occupado em suas vodas, por casar com a Raynha D. Catharina Irmã do Emperador Carlos V. não se descuidou de prover nas cousas da India, mandando negociar cinco náos com muita pressa, que despedio este Março de vinte e seis, provendo em muitas cousas necessarias ao bom governo da India, principalmente nas successões da governança, em que fez mudança, como logo se verá. Esta Armada não levou Capitão mór: os Capitães eram Francisco de Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, Antonio de Abreu, (que levava a capitania

nía mór do mar de Malaca,) e Vicente Gil filho de Duarte Tristão armador das náos; o outro foi Antonio Galvão filho de Duarte Galvão, que por se negociar mais tarde, quando quiz sair pera fóra, faltou-lhe o tempo, e depois se fez á véla a dezeseis de Maio tão tarde, que já se desconfiava de poder passar á India. Esta não indo seguindo sua viagem, entrando na costa de Guiné, lhe deram tamanhas calmarias, que o detiveram por ella quarenta dias, e quando lhe deo o tempo, que já foi em fim de Junho, houve grandes requerimentos dos Officiaes que se tornasse pera o Reyno, porque além de ser muito tarde, a não era ruim, e soffria mal a véla; mas como Antonio Galvão era homem virtuoso, e de grande animo, e esforço, quietou a todos com lhes dizer, que esperava em Deos que lhe havia de dar muito boa viagem dalli por diante, e que os havia de levar á India juntamente com as outras náos; e pondo cobro na agua, e mantimentos, foi seguindo sua viagem, ora com contrastes, ora com bonanças até dobrar o Cabo de Boa Esperança já no mez de Setembro. Dalli foi tomando sua derrota com determinação de ir por fóra; mas o Piloto lhe requereu que fosse tomar Moçambique, e que dalli iriam invernar á India em Abril, e que as-

fi seguravam as vidas , e a náó , porque indo por fóra podiam-lhe entrar os levantes que era já tempo , que os podiam tomar em paragem , que quando quizessem voltar para Moçambique não pudessem. Antonio Galvão lhes disse , que esperava na Virgem Nossa Senhora , que os havia de levar a Cochim. E assi era tão devoto da Senhora , que quebrando-lhe hum dia seu a verga grande , não quiz que trabalhassem , e aquelle dia não fez viagem , assi ella teve particular cuidado de suas cousas. Antonio Galvão , porque o Piloto lhe encampou a náó , a tomou á sua conta , mandando a via , tomando o Sol , e carteando , porque era nisto muito esperto , e deo-lhe Nosso Senhor tão bom tempo , que em fim de Outubro foram haver vista das Ilhas de Maldiva , onde lhe sahio huma embarcação da terra com hum Piloto que os encaminhou até os lançar fóra dellas ; e em quinze de Novembro foram tomar Cochim , onde já estavam as náos de Tristão Vaz da Veiga , e Francisco de Anhaya , que tambem foram por fóra com tempos bem roins. As náos de Vicente Gil , e de Antonio de Abreu foram por dentro , e ficáram invernando em Moçambique. Chegadas as náos , deram ao Veador da fazenda os sacco das vias , e dentro achou duas successões da governança da India , com
duas

duas cartas dirigidas ao Veador da fazenda , que continham o seguinte: *Affonso Mexia. Eu ElRey vos envio muito saudar. Por duas Vias , que vam nesta Armada , vos mando dous saccos de cartas , e despachos das coufas dessas partes , que ouve por meu serviço que agora fossem. Hum delles leva Tristão Vaz da Veiga , e outro Francisco de Anbaya : tomai as cartas que vam pera vós , e as do Capitão mór lhe dai , e assi a todas as outras pessoas pera quem vam , e não fique nenhuma por dar : aos que estiverem fóra donde vós estiverdes , mandai-lhas a muito bom recado , e nesta Armada me enviai hum rol do modo que tivestes em as dar , e em as enviar , e tomai disto bom cuidado , porque ei por muito meu serviço serem dadas todas as ditas cartas. As Provisões que aqui vam das successões da governança da India tende naquella boa guarda , e segredo , que cumpre a meu serviço , como de vós confio. Escrita em Almeirim a trinta de Março. Pero de Alcaçova Carneiro a fez anno de 1526. Tinha outra particula mais abaixo , que dizia assi: E das outras Provisões que já lá tendes , não se ha de usar , e as tereis em boa guarda , e mas træreis quando embora vierdes. A outra Carta era escrita a quatro de Abril , cinco dias depois , e não tinha esta postilla , que falla no*

abrir

abrir das successões. Vistas estas Cartas pelo Veador da fazenda , e considerando esta addição derradeira da primeira Via , que dizia que se não usasse das successões que na India estavam , determinou logo de abrir aquellas que hiam de novo. E ajuntando-se na Sé de Cochim com o Capitão D. Vasco Deça , e Antonio Riquo , que naquellas náos tinha vindo com o cargo de Secretario , João de Osouro Ouvidor geral , João Rabello Feitor , e Alcaide mór , Duarte Teixeira Thesoureiro das mercadorias , os Capitães das náos do Reyno , os Vereadores , e Officiaes da Camera ; e lendo-lhes a Carta d'El-Rey , lhes disse , que por ella se mostrava muito claro , que a tenção d'El-Rey era não se usar das successões que na India estavam , senão daquellas que naquellas náos mandava , pelo que elle as queria abrir. A isto atalhou D. Vasco Deça , dizendo , que seria muito grande deserviço d'El-Rey se tal fizesse , porque sua tenção não era , nem podia ser , que tendo-se já usado das successões que estavam na India , se abrissem as outras , porque assi ficava El-Rey affrontando o Fidalgo que tivesse succedido , ficando em obrigação de lhe satisfazer sua honra , porque os Reys a que mais estimavam era a de seus vassallos , porque se fosse de outra maneira , não haveria quem arriscasse

as vidas por seu serviço, (como os Fidalgos cada dia faziam) com esperanças de elle os honrar, e lhes fazer mercês: Que se ElRey mandára por aquella particula, fora por cuidar não se ter ainda usado das succsões; e que se sua intenção fora abrirem-se estas, e não se usar das que já lá estavam, forçado houvera de declarar, que posto que se tivesse usado das succsões que na India estavam, havia por bem abrissem aquella, que de novo mandava; e que o homem que tivesse succedido nas outras, se embarcasse pera o Reyno, mandando não, e ordem pera isso: E que a tenção d'ElRey mandar ter em segredo as succsões, que na India dantes estavam, era por não saberem os Capitães que nellas estavam, se fazia elle nellas alguma mudança, pelos não escandalizar: Que lhe requeria da parte d'ElRey não bolisse nas succsões, porque Pero Mascarenhas era legitimo Governador, e não desse occasião a divisões, e alterações em meio de tantos inimigos, e mais em tempo que eram tão certas as novas das galés de Rumes, que pera as esperar era necessario estarem todos unidos, e conformes, e não em bandos, como estavam certos bolindo-se nas succsões. Deste parecer foram a mór parte dos que alli estavam, e os outros do do Veador da fazenda, que se resumio em
abrir

abrir a primeira successão , dizendo , que elle tomava sobre si aquelle negocio , e que elle daria conta a ElRey do que fizera. E abrindo a primeira successão , a deo a Fernão Nunes Escrivão da fazenda , que a leo alto , e achou-se nella dizer ElRey , que havia por bem que por morte do Governador D. Henrique succedesse em seu lugar Lopo Vaz de Sampaio com dez mil cruzados de ordenado , cinco mil em dinheiro , de que se pagaria na India , e outros cinco mil em pimenta comprado do seu dinheiro ao partido do meio. E que seria Capitão mór do mar Antonio de Miranda de Azevedo com dous mil cruzados de ordenado cada anno , mil em dinheiro , e mil em pimenta ao partido do Governador ; e que falecendo elle Lopo Vaz , depois de entrar na governança , em tal caso havia por bem que succedesse Pero Mascarenhas com o mesmo ordenado. Esta successão foi feita em Almeirim por Jorge Rodrigues a quatro de Abril de 1526. O Veador da fazenda mandou alli fazer hum auto da publicação , em que se affinou com os que foram do seu parecer ; mas todos os mais clamáram , e protestáram , dizendo ao Veador da fazenda , que elle roubava a honra a Pero Mascarenhas , que era hum Fidalgo muito honrado , e de grandes merecimentos , e que já se não es-

cufavam divisões, e bandos, de que elle havia de dar conta a ElRey. Affonso Mexia despedio logo hum catúr, em que foi Dom Henrique Deça com recado a Lopo Vaz do que tinha feito, mandando-lhe a nova successão, e o auto da posse da governança da India, que lhe dava, e escreveo á Cidade de Goa, requerendo-lhe, que conhecessem Lopo Vaz por verdadeiro Governador, porque ElRey assi o mandára naquellas náos, e que houvessem por bem o que estava feito. Deixemos D. Henrique Deça, e tornemos a continuar com o Governador Lopo Vaz, que deixámos partido pera Goa. Aos dous dias que partio de Chaul foi surgir sobre a barra de Dabul, onde já trazia determinado de dar hum bom castigo, porque sabiam de seu porto algumas fustas a roubar os mercadores que navegavam, e carregavam dentro algumas náos pera Méca, que levavam muita pimenta. Alli ordenou toda a sua gente, e deo ordem á desembarcação, dando a dianteira a Eitor da Silveira, e passou toda a gente aos navios ligeiros, e batéis dos galeões, e o Governador na galé bastarda foi entrando pelo rio dentro com grandes estrondos de instrumentos; e sendo a meio rio, chegou á galé do Governador huma embarcação, em que vinha o Tanadar da Cidade, e entrando na galé
apre-

apresentou-se diante do Governador com muita humildade , e lhe pedio perdão de suas culpas , e que elle estava muito prestes pera as satisfazer , e de novo guardar as pazes com as condições que elle quizesse. O Governador o recebeo humanamente , e lhe disse , que lhe perdoava , porque os Governadores d'ElRey de Portugal tinham por obrigação recolherem , favorecerem , e perdoarem a todos os que se lhe humilhassem : que elle lhe perdoava com condição que logo mandasse entregar todos os navios de remo com sua artilheria que houvesse naquelle porto , e assi mesmo huma não que estava á carga pera Méca por ter em si muita pimenta. O Tanadar lhe disse que em tudo o satisfaria , que não passasse mais avante. O Governador mandou surgir no meio do rio : o Tanadar sem fahir da galé , mandou trazer tudo o que o Governador lhe pedio , e lhe entregou alguns navios , e a não com a carga que tinha. O Governador lhe concedeo novas pazes , e favores , com que elle ficou satisfeito. Aqui chegou hum Thomé Pires Capitão de hum catúr seu , muito apressado , e pedio alviças ao Governador de como succedêra na governança pelas vias que ElRey mandára nas náos , e que D. Henrique Deça ficava em Goa , e os papeis. O Governador lhe deo alviças ,
sen-

sentindo-se nelle grande alvoroço , porque havia que já ficava seguro na governança. Estas novas se espalháram logo pela Armada , estranhando todos o que Affonso Mexia fizera ; e differam publicamente , que Pedro Mascarenhas era o verdadeiro Governador , e que a elle conheciam por esse. Lopo Vaz deo logo á véla pera Goa , onde foi recebido como Governador , e D. Henrique Deça lhe mostrou o traslado da successão , e outra da posse , pelo que entregou logo a capitania mór do mar a Antonio de Miranda de Azevedo , e mandou preparar huma Armada de galeões pera irem ao estreito , e deo aquella jornada a Eitor da Silveira. E em quanto se ficou preparando , elle se embarcou pera Cochim pera ir fazer a carga ás náos do Reyno. Poucos dias depois do Governador partido se embarcou Eitor da Silveira , e dando á véla , logo á sahida de Goa achou o recado de Christovão de Souza , em que o mandava chamar pera ir tomar posse da fortaleza de Dio. E apressando-se com estas novas , chegou a Chaul , onde já era chegado recado , que Melique Saca era fugido , e que ElRey de Cambaya ficava em Dio ; e assi por hum navio que chegou de Adem , veio nova certa , como de Suez era partida huma grossa Armada de Rumes , que o Turco mandava á

In-

India contra os Portuguezes. Com estas novas requereo Christovão de Sousa a Eitor da Silveira que se tornasse pera o Governador, porque não era bem fosse ao estreito com aquella Armada, a risco de dar com as galés, e perder-se, no que se arriscava toda a India, porque não ficava ao Governador Armada com que poder pelejar com os Turcos. Este requerimento pareceo bem a Eitor da Silveira, e tornou a voltar pera Goa.

C A P I T U L O X.

*Do que fez o Governador em Cochim: e das
nãos que partiram pera o Reyno: e de
como ElRey D. João recebeo o Em-
baixador Abexi.*

PArtido Lopo Vaz de Sampaio da Cidade de Goa, em poucos dias chegou a Cochim, onde foi muito bem recebido de Affonso Mexia. E como naquella Cidade estava a mór parte da nobreza da India, em que entravam muitos parentes, e amigos de Pero Mascarenhas, havia grandes murmurações sobre a successão de Lopo Vaz, e muitos ajuntamentos, e magotes públicos, com estrondos, e uniões, dizendo soltamente, que roubavam a honra a Pero Mascarenhas, e que elle era o verdadeiro
Go-

Governador da India; e como Lopo Vaz tambem tinha muitos do seu bando, hiam-se travando brigas, e inda alguns desafios particulares; e o que mais avivou isto, foi chegar hum Junco de Malaca pelas oitavas do Natal, em que dava novas de como Pero Mascarenhas ficava embarcado pera a India, e obedecido por Governador pela posse, e autos que lhe mandou o Veador da fazenda por Antonio da Silva de Menezes. Disto ficou Lopo Vaz de Sampaio muito enfadado, e determinou de atalhar algumas desordens, com mandar avisar Pero Mascarenhas do que era succedido, porque não cuidasse que vinha pera governar a India: e logo mandou o traslado da successão que veio do Reyno, e o auto da posse a Henrique Ferreira Alcaide mór de Coulão, pera que vindo alli Pero Mascarenhas, lho notificasse, mandando-lhe por huma Provisão, que se quizesse obedecer áquelles autos, que o agazalhasse muito bem, e quando não, que deixasse cumprimentos, e o não recolhesse na fortaleza. E porque as uniões cresciam cada vez mais, quiz o Governador justificar-se com os homens, principalmente com os Capitães das náos, porque em Portugal lhe não estranhassem o que fizera. E mandou chamar Bastião de Sousa, a quem tinha dado a capitania da náos de An-

Antonio de Abreu, e Antonio Galvão, Francisco de Anhaya, Tristão Vaz da Veiga, e Philippe de Craſto, que alli invernou do anno paſſado; e preſente o Secretario Antonio Rico, lhes diſſe, que da união que em Cochim havia ſobre ſua ſucceſſão, não queria tomar o caſtigo que o caſo merecia nos perturbadores do povo, porque deſejava de os moderar, e quietar por bem: que lhes pedia muito, como Fidalgos honrados, e Capitães d'ElRey, e que o não haviam miſter, pois ſe hiam pera o Reyno, que lhe diſſeſſem livremente o que lhes parecia daquelle negocio, e ſe entendiam que por virtude da ſucceſſão, que ſe abrio, podia elle ſer Governador da India, e ſobre iſto lhes deo juramento dos Santos Evangelhos. E como elle lhes perguntou iſto ſimplesmente, com a meſma ſimplicidade lhe reſpondêram que não tinham dúvida a elle ſer Governador, porque da ſucceſſão ſe entendia claramente ſer eſſa a tenção d'ElRey: iênão quanto Tristão Vaz paſſou adiante, e diſſe, que por ſe evitarem couſas em deſerviço de Deos, e d'ElRey, elle devia de ſer Governador da India, pois já eſtava de poſſe; e que quanto ao direito de Pero Mascarenhas era neceſſario ver todas as Proviſões paſſadas, porque ſem iſſo elle não podia reſolver-ſe em couſa alguma. De tudo aquillo mandou Lopo

po Vaz fazer hum auto, em que todos se affináram. A mesma pergunta fez a hum Fr. João de Hayo, da Ordem dos Prégadores, homem bom Letrado, que lhe affirmou que era verdadeiro Governador; e que para ser mais notorio a todos, elle o affirmaria o dia seguinte, (que era da Circumcisão do Senhor,) em que havia de prégar, e alli o fez; porque no cabo do Sermão tratou das murmurações que na terra havia contra Lopo Vaz de Sampaio por parte de Pero Mascarenhas, estranhando-o muito, e affirmando, que Lopo Vaz de Sampaio estava legitimamente de posse da governança por alli ser a tenção d'ElRey, dando sobre isto muitas razões; e concluiu com dizer, que o mesmo que alli dizia sustentaria em Salamanca, e París, e em Portugal, para onde aquelle anno hia, pelo que se devia de crer que fallava verdade sem suspeita, pois era Frade, que não tinha necessidade do Governador, affirmando, que era mór amigo de Pero Mascarenhas, que seu. E requereo a Lopo Vaz da parte de Deos, e d'ElRey, que lhe lembrasse que tinha entre mãos hum negocio de muita importancia, e de que se podia seguir hum grande trabalho á India, e que era obrigado a castigar os perturbadores da quietação, e que se degradassem de Cochim os homens, que fal-

fallassem contra o seu direito. Lopo Vaz com estas cousas cobrou mais alento, e logo procedeo contra alguns, que tinham mais culpa, que foram Vicente Pegado, que acabára de ser Secretario, e Simão Toscano da obrigação de Pero Mascarenhas, que degradou hum pera Chaul, e outro pera Cou-lão. E dando expediente á carga das náos, as fez á vêla até dez de Janeiro, embarcando o Governador na de Tristão Vaz da Veiga a D. Rodrigo de Lima com o Embaixador Zagazabo, a quem deo todas as cousas necessarias muito abastadamente. Na náó de Antonio Galvão se embarcou a ossada de seu pai, e o P. Francisco Alvares, que a trouxe de Camarão. Estas náos tiveram tão boa viagem, que chegaram a Lisboa vespéra de Sant-Iago, estando ElRey em Coimbra fugido de hum rebate de peste; e por ter já novas do Embaixador por huma caravêla que das Ilhas terceiras lhe mandáram diante, tinha dado recado em Lisboa que logo o levassem a Santarem, e foram aposentados, elle, e D. Rodrigo de Lima em Alfange, onde lhe ElRey mandou dar todas as cousas necessarias pera ornamento de sua casa, pessoa, e criados. Aqui estiveram alguns dias até ElRey os mandar levar a Coimbra, com grande companhia de criados, mulas, e azemalas, e antes de che-

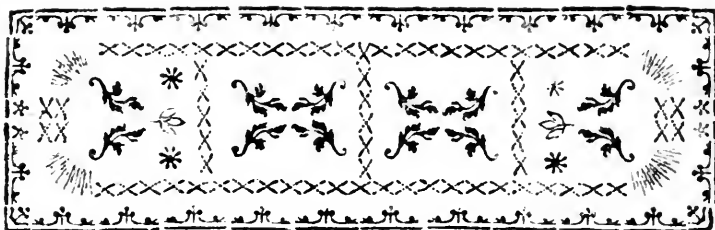
chegarem á Cidade os foi esperar ao caminho Diogo Lopes de Siqueira Almotacém, que foi Governador da Índia, que era o mesmo que aquella embaixada mandára D. Rodrigo de Lima, que estava acompanhado de muitos parentes, amigos, e criados, o recebeo com muitos gazalhados. A' entrada da Cidade o mandou ElRey receber pelo Marquez de Villa Real, e por todos os Prelados, e Senhores que havia na Corte, que o leváram até o Paço. O Marquez entrou na casa onde ElRey estava, com o Embaixador Zagazabo por hum a mão, e D. Rodrigo de Lima da outra parte por outra. Estava ElRey na sala ricamente armada, e tinha com'igo o Cardeal, e Infante: e ao entrar da porta desceio-se ElRey do estrado, e o recebeo á borda d'elle com grandes gazalhados, perguntando-lhe pela saúde do Emperador seu Senhor, de sua mulher, e filhos. O Embaixador lhe respondeo, que todos ficavam bem, e desejosos de saberem novas da de S. A. Depois destes primeiros cumprimentos lhe disse ElRey, que recebia muito grande consolação com aquella embaixada; e que esperava que della se seguiria algum grande, e assinalado serviço de Deos Nosso Senhor, e do Emperador da Ethiopia seu irmão, e a elle muita honra. Zagazabo deo a ElRey duas cartas, huma

pe-

pera ElRey D. Manoel, (porque inda era vivo quando o despachou,) e a outra pera elle; e assi lhe deo huma coroa de ouro, e prata, e lhe disse, que o Emperador seu Senhor mandava aquella coroa a ElRey Dom Manoel, porque de filho pera pai nunca vinha a coroa, senão de pai pera filho, e porque como o tinha por esse, tomára atrevimento pera lhe mandar aquella, pela qual era conhecido em seus Reynos, e assi queria que S. A. o fosse em todos os da Abassia; e que depois de o ter despachado pera ElRey D. Manoel, soubera de seu falecimento, e lhe mandára, que tudo o que trazia pera elle dêsse a S. A. pois era seu filho, e lhe ficava a elle em lugar de irmão. Juntamente com isto lhe entregou o P. Francisco Alvares duas cartas que levava a seu cargo pera o Summo Pontifice, pelas quaes lhe mandava dar aquelle Rey a obediencia como filho da Igreja Romana; e assi lhe entregou huma boceta pequena, em que hia huma cruz de ouro com o Santo Lenho, que se abrio, e ElRey de joelhos tomou a cruz, e a beijou, dando-a ao Secretario Antonio Carneiro com as cartas, pera se tornar tudo ao P. Francisco Alvares, quando o despedisse pera Roma; e disse ao Embaixador, que dava muitas graças a Deos, pois por seu meio chegava a ver sujeitar-se

se o Imperio da Abassia á Igreja Romana. E despedindo o Embaixador, mandou-lhe dar casa muito honradamente, com tres mulas, pera elle, e pera dous Frades que levava comfigo, e assinou-lhe pera a sua meza dous cruzados cada dia, com hum tostão pera cada cavalgadura, e assi lhe mandou huma rica cama, e huma baixella de prata de todo serviço pera sua meza, e lhe deo pera ter cuidado de sua casa hum Francisco Peres cavalleiro honrado. O anno seguinte despedio ElRey o Embaixador, entregue ao P. Francisco Alvares, pera ir dar a obediencia ao Santo Padre; e porque esta jornada he da essencia da Chronica d'El-Rey D. João, a deixaremos, e sómente diremos a substancia da embaixada. Mandava aquelle Rey pedir ao Santo Padre que lhe concedesse dalli por diante Patriarcas pera os instruirem nos Estatutos Romanos, porque os que até então tinham, eram da Igreja Grega; e o que ao presente vivia, que se chamava Marcos, era homem que passava de cem annos. Usavam os Abexins por morte de seus Patriarcas mandar pedir outros a Jerusalem, que se elegiam por todos os Frades que havia na Casa Santa, de sua nação, mas sempre era eleito daquelles que seguem a Regra de Santo Antonio primeiro Ermitão, e havia de ser natural de Alexandria.

dria. Estes Patriarcas não tinham poderes pera mais que pera dar Ordens, e crismar, que os Bispos, e Benefícios só o Preste João os podia prover. O Summo Pontifice recebeo esta embaixada com grande alegria, dizendo por sua veneravel, e santa boca muitas palavras em louvor do Emperador da Abassia, e lhe concedeo tudo o que lhe mandou pedir; consagrando em Patriarca de Ethiopia hum Religioso douto nas letras Divinas, e na lingua Chaldea, e Grega, homem estrangeiro, e nunca achámos quem nos dissesse de que nação era, mas quanto a nós, havemos que era Armenio, de que adiante trataremos com o favor Divino.



DECADA QUARTA.

LIVRO II.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Da origem, e principio do Reyno, e Reys de Malaca; e do tempo em que receberam a lei de Mafamede; e do fundamento, e descripção da Ilha de Bintão.

A GORA continuaremos com Pero Mascarenhas, que deixámos fazendo-se prestes pera ir sobre Bintão. E primeiro que tratemos desta jornada, nos pareceo bem darmos razão do fundamento deste Reyno Malayo, e principio de seus Reys, por guardarmos a ordem que levamos nesta nossa Historia, que he mostrar o tempo em que todos os Reys Mouros, com quem contendemos, recebêram a Lei de Mafamede. Pelo que se ha de saber, que estes Malayos sempre se tiveram por mais honrados, que

que todos os vizinhos , pela divindade que tem attribuido a sua genitura , e princípio de que fabulam patranhas , que não tem fundamento algum. Dizem que hum Rey , que era senhor de todo o Mundo , desejando de saber os segredos do mar , mandára fazer hum caixão de ferro com algumas vidraças , em que se fizera lançar no pégo de-se mar Oceano , e que o Rey das aguas o recebêra muito bem , e lhe dera huma filha em casamento , de que houvera dous filhos ; e indo a visitar seus Reynos , nunca mais tornára : a mãe faudosa do marido , mandára os filhos em busca d'elle , e os cavalgára em golfinhos , em que aportáram ambos na Ilha de Çamatra na praia de Pleamba , a que corruptamente chamamos Palibão. Sendo estes moços (que eram muito perto de dez annos) vistos da gente da terra , vendo-os tão formosos , e tão ricamente ataviados , os leváram ao seu Rey , que os recolheu , e creou como filhos , e hum delles casou depois com huma filha d'ElRey de Japara , na costa da Jaoa , e outro com huma filha de huma senhora de Sincapúra viuva , chamada Milãotania. E deixando as fabulas que contam nesta creação , e casamentos , a verdade he que o Rey de Pleamba teve dous filhos , que casou com estas duas mulheres. Este que succedeo no Reyno de Sincapúra

viveo muitos annos, e por sua morte lhe succedeo hum chamado Rajal Sabu, que foi o primeiro que povoou Malaca, como logo diremos. E assi João de Barros nas suas Decadas, como Affonso d'Albuquerque em seus Commentarios, e Damião de Gois na Chronica d'ElRey D. Manoel, lhe chamam Xaque Darxa, porém este nome não he conhecido entre os naturaes, nem este titulo de Xá, que propriamente quer dizer Rey, nem se usou entre estes Gentios senão depois que recebêram a lei de Mafamede; mas porque homens tão graves não haviam de escrever sem fundamento, querendo-os salvar a elles, a nós nos parece que teria ambos estes nomes: e que ElRey de Sincapura se chamaria Rajal Sabu: e que depois de o ser de Malaca, se intitulasse do outro de Xá. E tambem se póde cuidar nascer esta confusão dos escritores Malayos; porque depois que aprendêram as letras Arabigas, em que renováram suas escrituras, tratando de todos os Reys, assi Gentios, como Mouros, os nomeariam com este titulo de Xá, sem fazerem differença dos Gentios, que antes de Mouros se chamavam Rajas; mas todavia algumas escrituras antigas ainda nomeam este por Rajal Sambu. Este, sendo Rey de Bintão, tomou huma filha a hum seu Veador da fazenda, e a teve por manceba

alguns annos: e parece que depois tomando della alguns riuões, a envergonhou publicamente, e a deitou fóra. O pai affrontado daquillo, como era pessoa principal, e de muita posse, carteu-se com alguns senhores da Costa da Jaoa, que vieram em seu favor com poderosas Armadas, e desembarcando em Sincapúra, não ousando o Rey aos esperar, fugio, e passou-se á Costa de Malaca pera hum lugar chamado Sencuder, junto de Ujantana, ficando o Reyno de Sincapúra, e Bintão em poder do vassalloy, em cujos herdeiros andou muitos annos. Alli em Sencuder esteve o Rey degradado alguns tempos, dando-se bem com os da terra, e ordenando Armadas com que saltava aquelles estreitos. E tendo a informação daquella parte onde depois se fundou Malaca, que então era huma pobre povoação de pescadores, passando-se a ella, assentou alli sua vivenda, e começou a fundar huma nova Cidade. E porque soube que a terra era d'ElRey de Sião, lhe mandou pedir que lha quizesse dar com o titulo de Rey, que elle se lhe obrigaria á vassallagem: o que elle fez assinando-lhe os limites, que na segunda Decada de João de Barros se verão. A esta Cidade, que logo se começou a engrandecer, poz este Rey por nome Malaca, que em lingua propria quer dizer *de-*

greco , porque foi ter a ella degradado , e deitado fóra de feu antigo Reyno , e assi foi crescendo em poucos annos , que se fez maior que todos os vizinhos , assi em poder , como em riqueza , por acarretar áquelle porto todas as embarcações de todas as partes do Oriente , com o que veio a engrossar , e a ter huma certa superioridade sobre os mais Reys vizinhos , como Emperador de todos. Teve este Rey dous filhos , o herdeiro chamado Manoar , o outro Cacemo : e depois do pai viver muitos annos , succedolhe o filho mais velho , que receando-se do Irmão , o degradou pera huma daquellas Ilhas do mar , onde viveo pobrementes. Reynou Manoar alguns annos , e faleceo sem filhos , pelo que os do Reyno foram buscar o Irmão , e o juráram por Rey. Em tempo deste foram ter a Malaca algumas náos dos portos de Arabia , e veio hum anno nelas hum Cassiz pera ir prégar a Ley de Mahamede por aquellas partes. Este ficando alli com ElRey , assi se lhe affeioou , e elle lhe representou a largueza de sua feita , que o converteo a ella , e lhe mandou o nome , e lhe poz o de Mahamede por honra do seu Profeta , e lhe deo o titulo de Xá , chamando-lhe Xá Mahamede. Este foi o primeiro Rey Mouro , que Malaca teve , o que succedeo mui perto aos annos do Senhor de

1384. em que começaremos a origem dos
 Reys Mouros. Viveo este muitos annos, e
 succedeo-lhe seu filho Mansor Xá, e a elle
 seu filho Malafar Xá, a este seu filho Ale-
 vidim, e a elle tambem seu filho Mahame-
 de Xá, (que foi a quem Affonso d'Albo-
 querque tomou a Cidade de Malaca,) que
 se passou pera Muár, até que Antonio Cor-
 rea o lançou do Pago, como na segunda
 Decada de João de Barros se conta, e dal-
 li se passou á Ilha de Bintão sessenta leguas
 ao nascente de Malaca, fóra do estreito de
 Sincapúra pegada a terra firme, da que a
 devida hum estreito rio que se vai metter no
 mar, e a cerca toda á roda: ao longo des-
 te rio hum pedaço de sua foz está situada
 a Cidade, que tambem se chama Bintão, e
 córta pelo meio a Equinoccial. Na parte on-
 de está a Cidade se faz huma bahia, por-
 que entra hum braço do rio, com hum ca-
 nal que vai em muitas voltas, por onde en-
 tram os seus juncos, e embarcações. Neste
 canal mandou ElRey fazer huma estacada
 de mastos mui grossos, que tambem hia em
 caracol, como o canal, deixando hum tão
 estreito, que não podia nelle virar huma ga-
 lé, e a Cidade mandou-a cercar de huma
 tranqueira de duas faces mui larga, e gros-
 sa, entulhada, com seus baluartes grandes,
 e formosos; e pera a banda que vai pera
 a ter-

a terra firme fobre o rio armou huma ponte até a outra banda pera serventia da Ilha, em que mandou fabricar dous fortissimos baluartes, hum na entrada da ponte da banda da Ilha, e outro na da terra firme. Nestes baluartes, e na fortificação da Cidade havia trezentas peças de artilheria de bronzo, de camellos até meios berços. Derredor da Cidade no lugar da cava havia tres ordens de estrepes postos em revés, huns pera defenderem a entrada, e outros a saída, todos muito crueis, e perigosos, por serem hervados nas pontas. Esta parte, em que está a povoação, he toda muito apaúlada, e alagadiça: e esta he a razão por que todas suas casas são edificadas fobre grandes esteios de páo, levantadas no ar, e a serventia he por pontes, só as casas d'El-Rey são fundadas fobre hum tezo; de forte, que com este modo de fortificação, e impedimento de canal, ficava a Cidade muito pera se rechar, e El-Rey nella muito seguro. Daqui lançava suas Armadas fóra, com que fazia muito grande guerra a Malaca, defendendo a navegação daquelles estreitos aos navios que hiam da Jaoa, e de outras partes carregados de fazendas, e mantimentos pera Malaca, com o que poz aquella Cidade muitas vezes em grandes trabalhos, e necessidades, principalmente em tempo

po do mesmo Pero Mascarenhas , de que elle estava muito escandalizado. E vendo agora que forçado havia de esperar a moução , que era em Dezembro , e que tinha alli a Armada de Francisco de Sá , que hia pera a Sunda , determinou de ver se podia tirar aquelle inimigo daquella Ilha , e castigallo como merecia. Pelo que todo o tempo , depois que arribou de Pulopuar até então , gastou em apercebimentos pera a jornada. Disto foi logo ElRey de Bintão avisado , e mandou pedir soccorro a ElRey de Pão , que era seu genro , e elle se preparou pera esperar Pero Mascarenhas , que sabia que lhe havia de dar muito trabalho pela experiencia que tinha de seu saber , e esforço.

C A P I T U L O II.

De como Pero Mascarenhas partio pera Bintão , e de como desbaratou huma Armada d'ElRey de Pão : e do grande trabalho que os nossos tiveram na entrada do rio.

E Stando Pero Mascarenhas prestes pera a jornada , mandou fazer alardo da gente Portugueza , e Malaya , que havia de levar , e achou Portuguezes quinhentos e sincoenta , em que entravam os quatrocentos da Armada de Francisco de Sá , (posto que

Caf-

Castanheda diz, que não levou mais de trezentos; mas no protesto que Pero Mascarenhas mandou á Cidade de Goa contra Lopo Vaz de Sampaio, como adiante se verá, diz que quando fora a Bintão, levára quinhentos e sincoenta Portuguezes, e naturaes seiscentos.) Embarcando-se, entregou a fortaleza a Jorge Cabral, e se fez á vêla com dezenove embarcações, dous galeões, huma galé, quatro fustas, dous batéis grandes com mantas para baterem a Cidade, quatro lancharas, sinco calaluzes, e dous bargantins. O Governador hia na galé, Francisco de Sá em hum galeão, Aires da Cunha em huma fusta, Fernão Serrão em huma caravela, Antonio da Cunha, Duarte Coelho, Simão de Sousa Galvão, João Pacheco, e outros pelas mais embarcações. Dos Malayos hiam por Capitães dous Bandarras principaes chamados Sina Raja, e Tuão Mafamede. Com esta frota foi surgir de frente da barra de Bintão, e vendo o canal, e as estacadas, bem entendeu que lhe haviam de dar trabalho, e logo mandou sondar o canal da bahia por Duarte Coelho, que andou por todo elle com o prumo na mão, e notando o modo das estacadas, pareceo-lhe difficiloso entrar por alli a Armada, ao menos sem se arrancarem todas as estacadas; e voltando a Pero Mascarenhas, lho dis-

disse assi, e lhe deo informação de tudo o
 que vira, e da fortificação da Cidade, que
 reconheceo com muito risco, affirmando-lhe
 que querendo desembarcar na face da Ci-
 dade, (porque não havia outra desembarca-
 ção,) custaria a vida á mór parte de sua gen-
 te, alli pela muita artilheria que tinha, co-
 mo por causa da fortaleza da Cidade, e da
 altura de seus muros. O Governador Pero
 Mascarenhas ouviu tudo, presentes os Ca-
 pitães, com cujo parecer assentou que se
 commettesse a Ilha pela ponte, por onde se
 servia pera a terra firme, que não havia de
 estar tão fortalecida, e que se arrancasse a
 estacada pera a Armada poder entrar den-
 tro. Com esta resolução commetteo aquel-
 le negocio a Fernão Serrão, por ser pera
 todo o feito arriscado, e prefez-lhe sincoen-
 ta homens pera o ajudarem naquelle traba-
 lho. Fernão Serrão fortaleceo o seu navio
 com grandes, e fortes arrombadas pera
 defensão da artilheria dos inimigos; e es-
 tando prestes, tomáram alguns navios de re-
 mo a caravela á toa, e a embocáram por
 meio do canal, e chegando á estacada lhe
 lançáram aos páos grossos viradores, e guar-
 necendo-os aos cabrestantes, pondo todos
 nelles suas forças, foram arrancando huma,
 e huma com tanto trabalho, que lhes re-
 bentou o sangue pelas bocas das forças que
 nos

nos peitos punham. Nisto gastou oito dias por serem as estacadas muitas, e se deterem em cada huma grande espaço, e chegou a caravela a surgir defronte da Cidade, donde o começaram a varejar com a artilheria soberbissimamente, e elle tambem lhe deo sua bateria, mas senão foram as arrombadas, sempre fora mettido no fundo. O dia que isto succedeo chegou á vista da Armada huma de trinta e tres lancharas, que era o foccorro d'ElRey de Pão, que mandava a seu sogro, em que hiam embarcados perto de dous mil homens. O Governador Pero Mascarenhas receando-se, que se elle entrasse os canaes, sahisse a Armada de Bintão de dentro, e estoura pela banda de fóra, e que o tomassem no meio, por caso daquellas estreituras, e que lhe dessem muito trabalho; pelo que determinou de mandar comnetter esta Armada em mar largo, e elegeo pera isso Duarte Coelho, a quem deo quatro lancharas, e cinco calaluzes, e elle na sua fusta. Duarte Coelho que era muito cavalleiro, tomando o remo em punho, foi demandar os inimigos, e chegando a tiro de berço, lhe deo sua salva de bombardadas, de que lhe desapparelhou algumas. Vendo os inimigos a determinação dos nossos, (posto que elles estavam muito de ventagem em número de embarcações,

e gen-

e gente,) não ousando a esperar, voltáram
 voga arrancada. Duarte Coelho vendo-os
 ir em disbarato os foi seguindo ás bombar-
 dadas, de que lhe matou muita gente, e
 tanto apertáram com elles, que fizeram va-
 rar vinte e tres das lancharas em huma da-
 quellas Ilhas, lançando-se logo a gente a
 terra, deixando as embarcações anhotas,
 que os nossos tomáram com todo o seu re-
 cheio, sem lhe custar golpe de espada; as
 outras dez lancharas, por ficarem mais a bal-
 ramento foram seu caminho, que Duarte
 Coelho foi seguindo com a sua galeota, e
 porque era pejada do remo, mudou-se a
 hum balanco com cinco, ou seis companhei-
 ros, e apertando o remo as foi seguindo.
 Chegando a tiro de espingarda, vendo os ini-
 migos aquella embarcação só, e tão alon-
 gada das outras, voltáram a ella. Duarte
 Coelho bem entendeu que tinha feito gran-
 de erro em seguir os inimigos só, poden-
 do-se contentar com a vitoria que tinha ha-
 vido, mas não deixou de ir por diante com
 tenção de pelejar com todos, porque antes
 queria morrer que voltar. Os Mouros ven-
 do que todavia aquella embarcação hia por
 diante sem voltar, paráram. Duarte Coelho
 vendo que não remavam, tambem levou o
 remo, os inimigos tornáram apertar o seu,
 e elle fez o mesmo sempre com a proa nel-
 les,

les, elles todavia receando tornáram a parar, e Duarte Coelho fez o mesmo, fizeram esta querena por tres vezes, e como isto era já perto da noite, foi-se ella ferrando, e cubrindo o ar, com o que os inimigos se fizeram em outra volta, e Duarte Coelho se tornou pera a Armada, e ajuntando as embarcações dos Mouros se foi com ellas por poppa, e entrou em Bintão, onde foi muito festejado Pero Mascarenhas, e houve aquella vitoria por bom prognostico. E assi disse a todos, que pois lhe Nosso Senhor começára a fazer mercês, que tivessem confiança, que tambem lhe daria Bintão.

C A P I T U L O III.

De como os inimigos commettêram o navio de Fernão Serrão, e do risco em que se vio: e de como o Governador o soccorreo, e commetteo a Cidade de Bintão, e a tomou.

Surto Fernão Serrão no porto de Bintão, depois que (como dissemos) arrancou as estacas com hum trabalho, que só Portuguezes puderam aturar, vio-se em muito grande perigo, por ficar todo descoberto a bateria dos inimigos que de todas as partes o perseguiam, desparando no costado do

do seu navio aquella infernal multidão de pilouros de ferro coado, e de pedra, com que o esburacáram por muitas partes, começando por ellas a fazer tanta agua, que se lia ao fundo, e sem dúvida se perdêra senão fora o grande esforço, e diligencia com que Fernão Serrão acudio a tudo, repartindo os homens pelo trabalho, com que venciam todos aquelles riscos. E como tinha recado de Pero Mascarenhas que se fosse abarbar com a ponte, foi passando por todos estes perigos, em que gastou os mais medonhos, e espantosos quinze dias que se podem imaginar, porque em todos elles foi ás toas, e não andavam em cada hum mais, que a compridão de hum virador; e todo o tempo que se gastára em escrever os muitos, e grandes trabalhos, e perigos, que este Capitão passou, fora mui bem empregado; mas não temos palavras com que o encarecer, basta que elle fez tudo quanto hum valeroso, e esforçado Capitão pudera fazer até que abarbou a ponte com huma grande grita, e alvoroço dos seus, dando no baluarte que alli estava huma formosa salva de bombardadas, e espingardadas. El-Rey de Bintão ficou muito agastado daquelle negocio, affrontando, e deshonrando seus Capitães, que de corridos, e envergonhados não ousavam apparecer diante d'elle.

E

E ajuntando-se todos, tratáram de fazer dar o navio á costa: e pera isto buscáram muitos ardiz até lhe irem cortar as amarras de noite, e de margulho; mas foram sentidos pela grande vigia que os nossos tinham, e logo surgíram com outra amarra, mandando-a guarnecer, e forrar com cadeias de ferro. Ao outro dia que isto passou, mandou ElRey Alacximena seu Capitão mór do mar, que negociasse todos os navios que pudessem, e fosse commetter a caravela: o que elle fez com perto de vinte lancharas, em que levava quinhentos homens, que elle pera isto escolheo; e remetteo com a caravela mui determinadamente, e a investio pela proa, e pela poppa, lançando-se logo dentro nella mais de duzentos Mouros. Fernão Serrão, que já estava preparado, os recebeu com grande animo, travando-se entre todos huma muito aspera batalha, e deixando a proa encomendada a homens de confiança, acudio á poppa por onde hiam entrando os inimigos, e com seu muito valor os deteve. As lancharas de fóra se puzeram ás bombardadas com a caravela, descarregando sobre ella espessas nuves de fréchas, de que o navio por todas as partes ficou empenado, e muitos dos nossos encravados. Os Mouros que entráram pela proa apertáram tanto com os nossos, que os leváram até o convés, onde se

fe travou huma muito cruel batalha. Fernão Serrão que andava de poppa, tanto que vio alli o negocio tão arriscado, deixando naquelle lugar os companheiros, voltou só pera o convés, e como hum leão bravo se metteo entre os Mouros, fazendo nelles hum grande estrago, e com sua chegada se detiveram, porque hiam encurralando os nossos. O Governador Pero Mascarenhas, que vio o trabalho em que a caravela estava, não querendo arriscar as embarcações grandes pela muita artilheria que da fortaleza jugava em roda viva, pera defender que lhe não fosse soccorro, chamou Duarte Coelho, e disse-lhe que ambos haviam de ir soccorrer aquella caravela; e mettendo-se cada hum em seu balanco, com dez, ou doze homens cada hum, tomáram o remo em punho, e foram passando por aquella furia infernal das bombardadas até chegarem ao navio; e pondo as proas nas lancharas que estavam a bordo, as axoráram com muitas panellas de polvora, fazendo lançar ao mar os que nelas estavam, e subindo á caravela acháram Fernão Serrão cahido daquella hora no chão com mais de vinte feridas, e derredor d'elle hum monte de mortos, e os Mouros mui accezos, e determinados, e remettendo a elles com aquelle impeto, e furor que a honra, e paixão lhes fazia levar, mettendo-se no
meio

meio, fizeram nelles tal estrago, que em pouco espaço mettêram a inór parte delles á espada, e os outros, cortados tambem dellas, e do medo, se lançáram ao mar; e o mesmo fizeram os da poppa, ficando a caravela despejada, e todos os nossos muito mal feridos. Pero Mascarenhas fez alevantar Fernão Serrão, e recolhello pera a camara, e o mandou curar perante si, e o mesmo fez a todos os soldados, e querendo prover a caravela, e deixar nella Duarte Coelho, e levar Fernão Serrão pera a Armada, o não consentio elle, dizendo a Pero Mascarenhas, que em quanto elle fosse vivo defenderia a sua caravela a todo o poder d'ElRey de Bintão, ainda que fosse assi lançado naquella cama, que as feridas logo sarariam, e que sobre ellas estava muito prestes pera receber outras de novo pelo serviço d'ElRey. O Governador Pero Mascarenhas lhe agradeceo muito aquillo, mandando embarcar nos balancos os soldados mais perigosos, porque os mais não quizeram largar o seu navio, nem o seu Capitão; e deixando na caravela alguns dos companheiros que leváram, tornáram-se pera a Armada. Passada esta vitoria, determinou o Governador Pero Mascarenhas de commetter a Cidade pela banda da terra firme, por onde estava assentado em conselho; e pera fazer isto mais a seu

seu salvo, fez mostras de querer commetter a Cidade pela face della, pera embarçar os inimigos, pera o que mandou preparar alguns cestões, e pipas, que já levava feitos de Malaca, e encommendou a Sina Raja, que com os seus Malayos, e quarenta Portuguezes, que lhe daria, desembarcasse os cestões, e pipas na praia, e que logo as encheffe de terra, e assentassem alguns falcões, e começasse a bater a Cidade, porque pela manhã a queria commetter por alli com todo o poder; deitando esta fama, porque se pela ventura os Malayos tivessem algumas intelligencias com os de dentro, e avisassem a ElRey da parte por onde elle determinava de commetter, se descuidasse das outras. Sina Raja fez o que o Governador lhe mandou, e pojou em terra de noite pelo escuro, e logo armou as pipas, e cestões, e encheo tudo de terra, e assentou os falcões, tudo com muita pressa, e brevidade. Lac Ximena, que estava por Capitão naquella tranqueira, sentio a obra, e mandou avisar ElRey, e pedir-lhe mais gente, porque o queriam commetter por alli. Com este recado mandou ElRey tirar todos os Mouros que estavam repartidos pelas outras estancias, e os mandou passar pera aquella, pela confiança que nelles tinha. Foi na Cidade grande o alvoroço quando lhe disse-

Couto. Tom. I. P. I. G ram

ram que os Portuguezes queriam commetter por aquella parte, porque houveram que os tinham nas mãos, e que nenhum lhes escaparia. Pero Mascarenhas deo recado a Sina Raja, que tanto que no quarto d'alva visse fogo em alguma parte, fizesse que commettia a tranqueira com grandes estrondos, e alaridos, e deixando os navios em seu lugar (porque os da Cidade os não sentissem) embarcou-se com toda a gente em balancos, e batéis, e em muito silencio foi desembarcar na terra firme em parte que ficava huma legua da ponte, e dalli começou a marchar entrada do quarto d'alva, mettendo-se por huns caminhos apaulados, e todos de vasa, em que os nossos atolavam até as cintas, e além disso todos cheios de arvores bravas, em que hiam marrar por fer muito escuro, e foi de feição, que estiveram perdidos, e se Deos os não favorecêra, não era possível corpos humanos poderem soffrer aquelles trabalhos, porque hiam todos taes, e tão envasados, e quebrantados, que não podiam comfigo, e passando por todos estes perigos chegaram á ponte huma hora ante manhã com tamanho alvoroço como se fossem descançar, e não tivessem por passar outros maiores riscos, e trabalhos. E como a ponte da banda da terra firme não tinha guarnição, por senão te-

merem daquella parte , foram logo entrando por ella , dando o Governador a dianteira a Francisco de Sá , para quem se passáram alguns Fidalgos , e Cavalheiros desejosos de honra , e chegaram aonde estava Fernão Serrão , que já os esperava por estar avisado do negocio. E como estava abarbadado com a ponte , saltou em terra com todos os seus soldados , ainda que não são das feridas , e de envolta com os da dianteira foram commetter o baluarte da entrada da ponte , que era de madeira como dissemos. Os que alli estavam de guarnição , como senão receavam daquella parte , dormiam descançadamente , e nunca sentíram cousa alguma. Os nossos commettêram o baluarte com muitas panellas de polvora , com que os inimigos despertáram em meio das labaredas , e ardendo nellas largáram o baluarte , e acudíram a baixo ao postigo por onde a ponte se servia , onde já estavam Aires da Cunha , João Pacheco , e outros , que com fogo , e vaivens arrombáram as portas por onde entráram. E posto que acháram nos inimigos grande resistencia , todavia escandalizados do fogo , e do ferro , largáram tudo , e foram fugindo pera a Cidade , ficando o baluarte despejado , a que logo puzéram fogo , que ardeu com muita braveza. Sina Raja o nosso Capitão Malayo ,

que estava na praia, em vendo o fogo, começou a bater a Cidade, e com grandes gritas, e estrondos fez que commettia a entrada. Lac Ximena que estava sobre aviso, poz-se a esperar os nossos com grande alvoroço, porque havia que se satisfaria nelles da quebra passada, de quando commetteo Fernão Serrão, de que sahio escalavrado, e corrido; e estando neste fervor, foram dar com elle os que fogiam da ponte, e lhe deram novas do que por lá hia, com o que elle ficou sobrefalteado, e o mesmo fez El-Rey tanto que o soube. Os nossos foram entrando a Cidade, indo-lhe pondo fogo em todas as casas, que eram de madeira, de que se elle apossou com sua braveza acostumada. Vendo El-Rey, que cuidava que tudo era mentira, fer tamanha verdade o que lhe disseram, não teve mais tempo que pera se pôr em hum elefante, e fugir, sem levar mais que sua pessoa. Já neste tempo hia amanhecendo, e os nossos viam tudo muito bem, e hiam mais á sua vontade fazendo pela Cidade grandes estragos. Pero Mascarenhas que hia por huma parte, encontrou-se com hum Capitão chamado Laxa Raja, com perto de mil e quinhentos homens, e pondo o Governador o guião de Christo no meio, elle se poz diante dos seus com grande valor, e esforço pelejando, e animando-os,

e tal

e tal estrago fez nos inimigos, que foi espanto. Aqui se affinaláram muito Alvaro de Brito, e Antonio de Brito, Simão de Sousa Galvão, Aires da Cunha, Francisco de Mello Pereira, João Pacheco, Francisco de Sá, e outros Fidalgos, e Cavalleiros, que todos este dia deram grandes provas de suas pessoas matando cada hum delles muitos Mouros. O Laxa Raja, que era grande Cavalleiro, teve sempre o rosto aos nossos, fazendo tambem grandes cavallerias, e quiz Deos que lhe dessem duas espingardadas com que se foi logo recolhendo, e os seus se puzeram em disbarato. Pero Mascarenhas lhe foi seguindo o alcance, em que os nossos soldados fizeram grandes cruezas: Francisco de Sá, Fernão Serrão, Duarte Coelho, e os mais que os seguiam, foram demandando os passos d'ElRey, e deram com Lac Ximena, que já sabia da fogida d'ElRey, e tambem hia recolhendo-se com humma grande companhia de Mouros, e remetendo os nossos a elles, traváram humma muito cruel batalha, em que houve grandes danos; mas como Lac Ximena pelejava com desconfiança, vendo o estrago que os nossos faziam, largou tudo, e foi-se recolhendo, ficando desta feita a Cidade em mãos dos nossos. Seria, já quando se acabou de arrematar a vitoria, meio dia, e foi humma
das

das maiores que na India se alcançou , porque na Cidade havia sete mil homens escolhidos , e muitos Mouros , de que morreram quatrocentos a fóra muitos feridos , e dos nossos não morreram mais que dous , ou tres , e nenhum de nome. Havida a victoria , mandou o Governador saquear a Cidade , em que se acháram muitos , e ricos despojos , porque estava com todo seu receio. Pelo muro , e baluarte se acháram trezentas peças de artilheria , que o Governador mandou recolher. Esta noite se agasalhou o Governador nas casas d'ElRey , mandando pôr Capitães nas portas que hiam para o Sertão , e ao outro dia , e sinco , ou seis mais , que durou o sacco sempre se achou que recolher : e nelles chegou ElRey de Linga , grande amigo dos Portuguezes , que vinha em seu soccorro , com dezoito lancharas , o que foi recebido muito bem do Governador , e mandou que com toda a sua gente , e alguns Portuguezes fosse correr a Ilha , e trabalhassem por haver aquelle Rey ás mãos , o que elle não aguardou , porque já se tinha passado a Viantava , onde fundou nova Cidade , e em que viveo pouco , porque logo faleceo , e lhe succedeo seu filho Alaudim , que he o que Castanheda , e Pedro Mapheo dizem ser este , que Pero Mascarenhas lançou fóra de Bintão , sendo
na

na verdade seu pai, como nós o averiguámos com os Embaixadores de Jor, que á India vieram: Pela Ilha foram mortos muitos Malayos, e cativas duas mil almas; e não tendo alli mais que fazer, mandou o Governador pôr fogo a toda a Cidade, que ardeo tres dias. Aqui veio ter com Pero Mascarenhas o Senhor, que foi de Bintão, a quem aquelle Rey tomou aquella Ilha, e lhe pedio o restituísse nella, que elle queria ser vassallo de Portugal: O Governador lha concedeo, e lhe passou carta de vassallagem, e de como lhe concedia aquella Ilha, com condição, que nunca mais elle, nem seus herdeiros fizessem alli fortaleza alguma, nem trariam Armadas no mar. Nestas cousas gastou o Governador perto de hum mez, e despedio dalli Francisco de Sá pera a Sunda, e elle se tornou pera Malaca a esperar a moução pera se ir pera a India.

C A P I T U L O IV.

Do alvoroço que havia na gente da India sobre o governo de Lopo Vaz de Sampaio: e de como se elle fez prestes pera ir buscar as galés dos Rumes.

TOrnando a continuar com o Governador Lopo Vaz de Sampaio; que deixamos em Cochim, dando expediente a muitas cousas,

fas, deram-lhe cartas de Goa, e de Chaul, em que lhe certificavam estarem em Camaráo as galés de Rumes com determinação de passarem a invernar a Dio, e dalli fazerem guerra a toda a India, e irem sobre Goa, e não se recolherem até deitarem fóra todos os Portuguezes. Com estas novas se malenconizou o Governador, e ajuntando os Capitães, e Fidalgos a conselho, foram os mais delles de parecer, que fosse esperar as galés á ponta de Dio, e que alli pelejasse com ellas, e que lhe seria facil a vitoria, porque as tomaria com a artilheria abatida, e destrocadas, e desbaratadas da viagem; e que se lhes dessem tempo pera se reformarem, e ajuntarem com a Armada de Cambaya, sem dúvida nenhuma se fariam senhores da India. Com esta resolução se começou a fazer prestes, e despedio hum catúr muito ligeiro a Choromandel, dirigido a Ambrosio do Regó, que alli estava por Feitor, a quem escreveo, e mandou grandes provisões, pera mandar pregoar por toda aquella costa, em que mandava a todos os Portuguezes que por ella andavam, que tanto que aquella vissem se fossem logo pera Cochim onde os esperava, pera o acompanharem naquella jornada, sob pena de serem havidos por traidores, e alevantados, e se proceder contra elles, e contra suas fa-

zen-

zendas, onde quer que fossem achadas, como elles; e que a todos os que pera elle viessem perdoava quaesquer culpas que tivessem, e aos sentenciados já, todos os degredos, e penas crimes, em que estavam condemnados. Desta Provisão zombáram todos, porque por aquella costa não estava havido por verdadeiro Governador. Os apparatos da Armada hiam crescendo a mór pressa, e o Governador Lopo Vaz andava todos os dias na ribeira dando ordem, e aviamento a tudo, e como não cessavam as murmurações de seu governo, e da successão que se abrio, havia muitos que publicamente diziam, que fingiam aquellas novas das galés, pera ter aquella occasião de as ir buscar por se affastar de Pero Mascarenhas, e não se encontrarem, por senão pôr com elle a direito, e que pera lhe ficar a elle melhor partido, queria levar toda a Armada que havia na India, em que consistia todo o poder della, porque não ficava algum outro a Pero Mascarenhas, e com isto diziam tambem publicamente que o não haviam de acompanhar, porque cada dia se esperava por Pero Mascarenhas. Tudo isto foi ás orelhas de Lopo Vaz, do que ficou muito enfadado, e de feito não queria a mór parte da gente receber soldo, nem embarcar-se, estando elle já de todo pera o fazer; e que-
ren-

rendo atalhar estas desordens, estando hum Domingo á Missa, em se levantando o Santissimo Sacramento, disse em alta voz: *Juro naquella Hostia consagrada, em que está o verdadeiro Corpo de nosso Senhor Jesus Christo, que nesta jornada não tive, nem tenho outra tenção, senão de ir buscar a Armada do Turco, e pelejar com ella, porque se assi o não fizer, far-se-hão elles senhores de toda a India; e por esta ser minha tenção, mando a todo o homem Portuguez, tirando os da obrigação desta fortaleza, que logo se embarquem comigo, e não o fazendo, saibam certo todos os que ficarem que os hei de castigar gravissimamente.* Feita esta diligencia, começou-se a embarcar, e o mesmo fizeram todos, por haverem que era verdadeira a ida em busca dos Rumes, com quem todos desejavam de se verem ás mãos. Posto no mar deixou por regimento ao Veador da fazenda Affonso Mexia, que quando Pero Mascarenhas chegasse de Malaca áquelle porto, lhe mandasse notificar sua successão, pera que foubesse a mudança que El-Rey tinha feito, pera que não cuidasse que havia de desembarcar como Governador: e que se o quizesse fazer como Fidalgo particular, o deixasse, e quando não, que lhe defendesse a desembarcação ás lançadas. Com este regimento deixou huma carta pera Pero

Mas-

Mascarenhas pera lha mandar á barra quando alli chegasse , em que o consolava da mudança que ElRey tinha feito nas successões da governança , fazendo a elle segundo nas proximas , sendo primeiro nas passadas , fazendo-lhe cumprimentos largamente pera ver se com elles lhe podia tapar a boca. E dada á véla antes que Janeiro se acabasse , chegou a Cananor , aonde se vio com Dom Simão de Menezes , que alli estava por Capitão , e lhe deo o mesmo regimento sobre as cousas de Pero Mascarenhas , e deixou naquella costa por Capitão mór Jorge de Sousa com dez , ou doze navios de remo , dalli se fez á véla pera Goa , e em Baticallá achou Eitor da Silveira , que (como atrás dissemos) deixára de passar o estreito por conselho de Christovão de Sousa , pela certeza que havia das galés , e d'elle soube todas as novas , com que despedio hum catúr ligeiro a Chaul com cartas a Christovão de Sousa , em que o avisava de como hia esperar os Rumes , e lhe pedia , que lhe tivesse prestes todos os navios , e gente , que pudesse pera o acompanhar , porque senão detivesse alli. E indo na derrota de Goa , achou no caminho Fernão de Moraes em hum navio que vinha de Ormuz com cartas de Diogo de Mello , e d'ElRey , em que lhe faziam queixas muito grandes de Rax

Xar-

Xarrafo , e lhe requeriam que o mandasse levar daquella fortaleza , porque em quanto nella estivesse , não deixaria de tentar alguma novidade , como já fizera em tempo do Governador Diogo Lopes de Sequeira. Com isto ficou o Governador muito enfadado , porque eram cousas , que podiam dar muito trabalho ao Estado. Chegando a Goa aposentou-se em S. Francisco , onde chamou a conselho todos os Capitães , Cidadões , Mestres , e Pilotos , e lhes propoz como os Rumes estavam na Ilha de Camarão , e que por alguns avisos que tivera sabia de certeza que haviam de invernar nella pera em Agosto passarem á India : e que sem embargo de estar assentado que os fosse esperar na ponta de Dio , a elle lhe parecia melhor illos buscar a Camarão , porque os tomaria em terra , e com as galés desfemasteadas , e desguarnecidas , e que por nenhum caso lhes poderiam escapar : que vissem todos o que lhes parecia daquelle negocio. Debatido entre todos , tornáram a concordar em os ir esperar á ponta de Dio , aonde forçado haviam de ir demandar , e que inda pera o fazer , era necessario esperar pelas náos do Reyno , que haviam de vir na entrada de Setembro , porque não havia na India Armada , nem gente bastante pera os ir alli esperar , quanto mais illos buscar a Camarão ,
aon-

aonde forçado havia de chegar com a Armada dividida, e destrozada, e mais tendo exemplos de casa, dos desastres, e perdições que passaram Affonso d'Albuquerque, e Diogo Lopes de Sequeira quando entraram aquelle estreito, que quando elles estavam tão certos na paragem de Dio, pera que era cansar em os ir buscar tão longe? De tudo isto mandou o Governador fazer hum auto assinado por todos, e desistio da ida, mandando recolher a Armada pera dentro. Tanto que se isto vio, começaram a refulscitar as murmurações passadas, affirmando que sempre fora entendido serem aquellas cousas do Governador cumprimentos, e ficções pera se sahir de Cochim, por se não encontrar alli com Pero Mascarenhas, e tornáram a haver novos bandos, e ajuntamentos. O Governador despedio Manoel de Macedo em huma caravela pera ir a Ormuz com Provisões, e papeis pera prender Rax Xarrafo, e levalllo pera Goa, dando-lhe por regimento que tornasse a invernar. E despedio Antonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar com sua Armada pera Cochim, dando-lhe por regimento que levasse grandes vigias em Pero Mascarenhas, e que encontrando-o lhe requeresse da parte d'ElRey, e da sua, que se fosse invernar a Cananor, ou em Cochim, e que

e que quando não quizesse senão passar a Goa, voltasse com elle até a barra, donde o não deixaria passar até lho fazer a saber, e deo-lhe huma carta pera lha dar, em que o consolava, e lhe dizia, que quizesse tornar por Capitão de Malaca, que lhe accrescentaria os ordenados, e faria muitas mercês. Isto tratava o Governador, porque lhe não vinha bem entrar Pero Mascarenhas em Goa, porque sabia mui bem a justiça que contra elle tinha, e como toda a gente era amiga de novidades, causaria hum grande alvoroço, e o fariam pôr com elle a direito, cousa que lhe não vinha bem.

C A P I T U L O V.

Do que aconteeo a Pero Mascarenhas até chegar a Cochim: e de como Affonso Mexia lhe defendeo a desembarcação: e do que passou em Cananor, e de como se partio em hum catúr pera Goa.

C Hegado Pero Mascarenhas a Malaca, proveo em muitas cousas daquella fortaleza, e como entrou o mez de Dezembro, negociou os navios que havia de levar pera Goa, e mandou embarcar a fazenda que havia d'ElRey, e de vinte do mez por diante se fez á véla pera Goa com tres galeões carregados de drogas; e fazendo sua viagem,

gem , prosperamente chegou a Coulão , onde foi recebido do Feitor , e Alcaide mór como seu Governador : posto que tinha regimento de Lopo Vaz de Sampaio em contrario , e delle soube todas as cousas que eram passadas sobre as successões , do que ficou affás apaixonado ; e tomando alli conselho sobre o que faria , lhe disse hum Simão Caeiro , que elle fizera Ouvidor geral , que se fosse logo a Cochim , e castigasse rijamente o Veador da fazenda , porque abriu a successão ; e que posto que já estava aberta , lhe não prejudicava a seu direito , porque elle pela primeira era o verdadeiro Governador da India. Com isto partio Pero Mascarenhas , e surgio na barra de Cochim o derradeiro de Fevereiro , hum sabbado á tarde. O Veador da fazenda , que trazia suas vigias , sabendo de sua chegada , mandou logo dous Juizes , e em sua companhia Duarte Teixeira Thesoureiro das mercadorias d' ElRey , e Manoel Lobato seu Escrivão , pera que fossem á não de Pero Mascarenhas a lhe notificar a nova successão de Lopo Vaz de Sampaio , e o traslado do regimento que lhe deixára , e que lhe requeressem da parte d' ElRey , que obedecesse ao dito Lopo Vaz de Sampaio , pois era Governador da India. Entrados estes homens no galeão , fizeram suas notificações a Pero Mascaren-

renhas, do que se elle apaixonou, e disse, que a successão que se abríra era falsa, e que não estava affinada por ElRey D. João, e que elle estava de posse da governança, como se via por hum auto que elle mesmo Affonso Mexia lhe mandára a Malaca; e porque o seu Ouvidor geral lhe disse que não dissimulasse com aquellas cousas, que eram caso de traição, mandou logo Pero Mascarenhas fazer hum auto, em que ouve os Juizes por suspenso, e presos os mandou pera suas casas, e a Duarte Teixeira, e Mancel Lobato mandou logo lançar grilhões, e os deixou ficar presos no galeão. Sabido isto pelo Veador da fazenda, mandou-lhe requerer, que lhe soltasse o Thesoureiro, e Escrivão das mercadorias, porque se poderia perder a fazenda d'ElRey, que estava em seu poder; mandando-lhe requerer de novo, que obedecesse a Lopo Vaz de Sampaio como a Governador, e que se fosse pera Goa onde o acharia, e requereria sua justiça. A isto respondeo Pero Mascarenhas, que ao outro dia lhe daria a resposta em terra. O Veador da fazenda temendo-se que elle desembarcasse de noite, e que se mettesse na Cidade, repicando o sino ajuntou todos os casados, e armando-se foram vigiar a praia, como se nella houvessem de desembarcar os Rumes, que estavam em Ca-

ma-

marão, mandando o Veador da fazenda por vezes requerimentos a Pero Mascarenhas, que não desembarcasse, affirmando-lhe no derradeiro, que lhe havia de defender por armas a desembarcação, porque assi lho mandava o Governador da India. O Governador Pero Mascarenhas esteve pera passar a Goa, mas os seus lhe aconselháram que em nenhum modo deixasse de desembarcar, com côr de dizer que hia ouvir Missa a terra por fer Domingo; porque tanto que puzesse os pés em terra, como era legitimo Governador, forçado lhe haviam de acudir todos os do povo, e que então poderia prender Affonso Mexia, e castigallo conforme a suas culpas. Com isto desembarcou ao outro dia pela manhã nos batéis das suas náos, não consentindo que algum dos seus levasse armas, levando Ouvidor geral, e Meirinho com suas varas. Chegando á praia, onde o Veador da fazenda andava em hum formoso cavallo acubertado, armado em coura de laminas, de lança, e adarga, e acompanhado de todos os casados, e vendo chegar os batéis, mandou que ferissem a todos os que nelles vinham, e que os mataassem, se quizessem desembarcar, e assi arremetêram todos as embarcações, sem darem pelos brados que lhes Pero Mascarenhas dava, requerendo-lhes da parte de Deos, e d'ElRey

Conto. Tom. I. P. I. H que

que estivessem quedos, porque elles vinham pacificamente como Christãos a ouvir Missa. Affonso Mexia dando-lhe pouco de tudo, mandava que os lanceassem, como começaram a fazer, sem os da parte de Pero Mascarenhas terem com que se defender. Todos os naturaes da terra acudiram á praia, e vendo fazer aquillo a hum homem, que hia com nome de Governador, estavam pasmados de cousa tão feia. Pero Mascarenhas primeiro que se pudesse recolher foi mui bem espancado, e ferido em hum braço, aquelle a que tanto número de inimigos em Bintão não pudera fazer nojo, virem os amigos em sua propria Cidade desembarcando pacificamente ao affrontarem, e maltratarem, cousa foi nunca imaginada de Portuguezes, e menos castigada de todas as que vimos, sendo ella dina de hum exemplar castigo; porque quando nesta nossa historia se lesse hum caso tão abominavel, se achasse logo junto delle a justiça, pera que visse o Mundo quão inteiramente os Reis de Portugal a guardam com todos, e que assi como sabem remunerar serviços, assi tem por obrigação castigar culpas, e delictos. Em fim os da companhia de Pero Mascarenhas se afastaram pera fóra, e se tornaram pera as náos bem moidos, e escalavrados, sabindo ferido de hum chuffada roim Jorge Masc-

carenhas sobrinho de Pero Mascarenhas. E sendo nas náos, mandou o Governador Pero Mascarenhas fazer hum auto pelo Ouvidor geral daquella resistencia, mandando apregoar pela Armada ao Veador da fazenda, e moradores de Cochim por traidores, e alevantados contra a Coroa Real. Affonso Mexia despedio logo hum catúr ligeiro pera Goa com cartas pera o Governador Lopo Vaz de tudo o succedido, em que foi Aires da Cunha, que tambem levou cartas de Pero Mascarenhas pera elle, e pera todos os Fidalgos, em que lhes dava conta do que lhe Affonso Mexia fizera, pedindo aos Fidalgos todos, que determinassem qual era o verdadeiro Governador, porque elle não queria senão justiça. Affonso Mexia mandou requerer ao Governador Pero Mascarenhas, que lhe mandasse entregar os galeões d'ElRey com toda sua fazenda pera se vender, e se quizesse ir pera Goa, lhe daria huma caravela: disto foi contente Pero Mascarenhas, porque depois que se lhe passou aquelle grande accidente de paixão, determinou de levar o negocio por termos de paciencia, por imitar Affonso d'Albuquerque nas cousas que lhe succedêram com o Viso-Rey D. Francisco de Almeida. O Veador da fazenda mandou a caravela a Pero Mascarenhas, á que se passou, e recolheo

comfigo os que quizeram, os mais se foram pera terra, e entre elles foi Jorge Mascarenhas, porque estava mal, a quem o Veador da fazenda mandou logo levar prezo a Cou-lão, e assi prendeo em ferros todos os mais que se desembarcáram. Pero Mascarenhas se fez á véla, com determinação de ir a Cananor esperar resposta de suas cartas; e porque D. Simão de Menezes era seu amigo, onde podia ser achasse melhor gazalhado que em Cochim, e surgindo naquella barra, mandou recado a D. Simão de sua chegada, que lhe mandou dizer, que lhe pezava muito de sua vinda ser em tempo, em que lhe não podia fazer serviço algum, como seu servidor que era, porque tinha ordem do Governador Lopo Vaz de Sampaio, em que lhe mandava, que se fosse ter áquella fortaleza, e nella quizesse desembarcar como Fidalgo particular, tão honrado, e de tanto merecimento, que o recebesse conforme a sua pessoa; mas que se o quizesse fazer com nome de Governador, que lho não consentisse, e elle pela que devia a sua lealdade, não podia fazer outra cousa, porque Lopo Vaz estava havido por Governador da India, e estava em lugar d'ElRey. Pero Mascarenhas lhe mandou dizer que fazia naquillo muito bem, que não queria delle mais que hum catúr pera ir nelle para

Goa,

Goa , por ir ainda mais razo , e com menos suspeitas de querer alguma cousa por força , senão por justiça , o que lhe D. Simão louvou muito , e lhe mandou hum catúr muito bem negociado , em que não levou mais que Simão Caeiro , e Lançarote de Seixas , e dous pagens que o servissem , e assi se partio pera Goa , parecendo-lhe , que os Fidalgos , e Capitães da India , quando Lopo Vaz se não quizesse pôr em justiça com elle , lho fariam fazer , porque havia que tanto que Lopo Vaz se puzesse com elle a direito , pelo muito que tinha , não podia deixar de haver sentença contra elle.

C A P I T U L O VI.

Do que fez Lopo Vaz de Sampaio tanto que teve novas de Pero Mascarenhas : e de como o mandou esperar na barra , e o prendêram em ferros , e o leváram a Cananor.

AIres da Cunha , que atrás dissemos , que partio de Cochim com as cartas pera Lopo Vaz de Sampaio , deo-se tanta pressa , que chegou a Goa a quatro dias de Março , e desembarcando , deo ao Governador as cartas , e papeis que Affonso Mexia lhe mandava , em que lhe dava conta de tudo o que era passado com Pero Mascarenhas.

carenhas, com o que se houve por seguro na governança. E dando conta do caso a Eitor da Silveira, a Pero de Faria, e a outros Fidalgos seus amigos, lhe aconselharam que em nenhum caso consentisse vir Pero Mascarenhas a Goa; porque segundo a gente andava alterada das cousas passadas, e haviam que Pero Mascarenhas era o verdadeiro Governador, lhe acudiriam todos, e se levantariam contra elle. Pareceo-lhe ao Governador Lopo Vaz de Sampaio muito bem isto, e logo escreveu a Antonio de Miranda, Capitão mór do mar, que pelos grandes inconvenientes que havia ao serviço d'ElRey vir Pero Mascarenhas a Goa, que o esperasse no caminho, e o fizesse tornar pera Cananor, donde não sahiria sem seu mandado; e não lhe querendo obedecer, o prenderia, e levaria em ferros, e o entregaria a D. Simão, de quem cobraria conhecimento de sua entrega; e que se elle se quizesse defender, o mettesse no fundo, fazendo-lhe primeiro todos os protestos, e requerimentos necessarios, com o que tornou a mandar o mesmo Aires da Cunha, por quem respondeo a Pero Mascarenhas por humia carta, cujo theor he o seguinte: *Senhor, pela carta do Veador da fazenda, e pela vossa soube o que vos aconteceo em Cochim, de que vós, Senhor, tendes toda a cul-*

a culpa , pois não quizestes obedecer aos meus regimentos , que vos Affonso Mexia mandou notificar , pelo que não tenho razão de o castigar , do que me muito peza ; e quanto , Senhor , a vos virdes ver comigo , todos os Fidalgos que estão nesta Cidade são de parecer o não consinta , por me haverem por verdadeiro Governador , e não terdes justiça pera sobre esta materia serdes ouvido ; pelo que não servia vossa vinda de mais , que de dar torvação a se fazer o que he necessario pera o recebimento dos Rumes que esperamos , de que ha novas muito certas : pelo que vos requeiro da parte d'El-Rey Nosso Senhor , e da minha vos peço muito vos queirais quietar , e recolher pera a fortaleza de Cananor , como o Capitão mór do mar vos dirá , e dahi podeis mandar requerer o que quizerdes. De Goa hoje vinte e sete. E a Aires da Cunha , que levou estas cartas , deo a Feitoria , e Alcaidaria mór de Coulão , mandando prender Henrique Figueira , que nella estava por El-Rey , porque contra fórma de seu regimento agazalhou Pero Mascarenhas. Aires da Cunha deo estas cartas ao Capitão mór , que se desencontrou com Pero Mascarenhas. Tanto que em Goa foou a sua vinda , começou-se a alvoroçar toda a Cidade , e diziam que elle era o verdadeiro Governador , e que como

mo a esse lhe haviam todos de obedecer, sobre o que houve uniões, e desconcertos; e por se recear Lopo Vaz que com sua chegada a Goa houvesse grandes desaventuras, e que fosse elle deposto da governança, o que quiz atalhar com mandar Simão de Mello seu sobrinho, e Antonio da Silveira, que havia de ser seu genro, com grande Armada de fustas pera tomarem ambas as barras de Goa, e chegando Pero Mascarenhas, o prendessem, e o levasse Simão de Mello a Cananor, e isto fez por lho aconselharem os Fidalgos de sua parcialidade, de que o principal era Eitor da Silveira, a quem elle quiz encommendar esta execução, de que se elle escusou, porque lhe feria mui tachado. Esta diligencia escandalizou mais a todos, que tudo o passado, e diziam publicamente, que Lopo Vaz trabalhava por Pero Mascarenhas não vir a Goa pela muita justiça que tinha, e que o mandava esperar com tamanha Armada, como se foram buscar os Rumes. Isto, e outras cousas lhe hiam de noite em magotes dizer de baixo da sua janella, onde o elle ouvisse. Hum Domingo estando o Governador em S. Francisco á Missa com os mais dos Capitães, Fidalgos, Cavalleiros, e Povo, prégou o Guardião, que era homem letrado, e no cabo da prégação leo em alta voz a successão, por

on-

onde Lopo Vaz de Sampaio era Governador, e logo provou com muitas razões, que estava legitimamente no cargo, e que toda a pessoa que dizia que elle tomava por força a governança a Pero Mascarenhas, não ló lhe alevantava falso testemunho, mas commettia traição contra ElRey, cousa muito estranhada entre os Portuguezes, que na fidelidade eram estremados sobre todas as outras nações do Mundo: o que elle se não envergonhava de dizer, sendo Castelhana, porque era fallar verdade; e que haviam de cuidar os que duvidavam da justiça de Lopo Vaz de Sampaio, que havia elle de fallar naquella materia desinteressado, pois nem com hum, nem com outro tinha razão alguma. E que se naquelle negocio não fallava toda a verdade que entendia, que alli aonde elle estava o confundisse Nosso Senhor. Que requeria da parte do Santo Padre ao Vigairo Geral, que alli estava presente, que logo passasse carta de excommunhão contra todos os que dissessem que o Governador Lopo Vaz de Sampaio não era legitimamente Governador; e que cada pessoa que fosse comprehendida, pagasse dez marcos de prata pera a Sé, e que não pudessem ser absolutos senão pelo Bispo do Funchal, de baixo de cuja jurdição estava toda a India. E que tambem requeria ao Ouvidor

dor geral, e a todos os Fidalgos, que o-lhassem por huma cousa tão importante ao serviço de Deos, e d'ElRey, e que sou-bessem todos, que as guardas que estavam nas barras não era por se o Governador temer de Pero Mascarenhas, senão por evitar alvoroços, e com isto acabou sua arenga. Logo Pero de Faria Capitão da Cidade, pedio a successão ao Padre Prégador, e a beijou, e poz na cabeça, dizendo que elle a obedecia; e perguntando a todos os Fidalgos que presentes estavam, se faziam outro tanto, disseram que sim, do que logo mandou o Governador fazer hum auto, em que se todos assináram pera se aproveitar d'elle quando fosse necessario. Só D. Vasco de Lima, e Jorge de Lima não quizeram assinar nelle, pelo que os mandou o Governador prender em suas casas. E este auto mandou o Governador assinar pelos Capitães que estavam nas barras, que eram Antonio da Silveira, Simão de Mello, Dom Jorge de Noronha, Jorge de Mello, Dom João Lobo, D. Henrique Deça, João Pereira, Francisco Correa, Antonio Caldeira, Gomes do Souto-maior, Lopo Correa, Francisco de Brito, Paio Rodrigues de Araujo, Garcia de Mello, Antonio Mendes de Vasconcellos, Nuno Pereira, Francisco Ferreira, Gaspar da Silva, Fernão de Moraes,

Fer-

Fernão Rodrigues Barbas, e o mesmo affinou Antonio de Miranda Capitão mór do mar, que a este tempo chegou á barra. Pedro Mascarenhas vindo seu caminho topou com Gonçalo Gomes de Azevedo, homem Fidalgo, de que soube a Armada que o esperava pera o prenderem; e como elle hia posto a soffrer tudo o que lhe fizessem, e não tratar mais que de requerer sua justiça, não lhe deo couza alguma, antes passou adiante seu caminho. Chegando á barra de Goa aos dezeseis de Março, lhe sahiram os navios postos em armas, como se foram esperar Rax Soleimão Capitão mór das galés dos Turcos, e chegado Antonio da Silveira a elle, o fez amainar, e lhe notificou o mandado do Governador, pedindo-lhe lhe dêsse a menagem, e que de baixo della se fosse metter prezo em Cananor, donde não sahiria sem mandado do Governador Lopo Vaz de Sampaio; ao que elle respondeo, que elle era Governador por Provisão d'El-Rey, e que Lopo Vaz lhe fazia força, e estava alevantado com o estado da India, que elle vinha pacificamente naquelle catúr com fós dous pagens a requerer sua justiça, se ativesse, e quando não, que não tinha que fallar; e que vir pedir justiça não era culpa pera prizão, nem se podia reccar de hum homem que tão só hia. Antonio da Sil-

vei-

veira vendo que não queria dar a menagem, o prendeo, e lhe mandou logo lançar huns grilhões como malfeitor. (Cousa vergonhosa certo tratarem tão mal hum tão bom vassallo d'ElRey de Portugal, e de tantos serviços, e merecimentos, vindo a pedir justiça em cousa que tão claramente a tinha; e se Lopo Vaz de Sampaio logo se puzera a direito com elle, como depois fez, não chegariam as cousas a tantas affrontas, nem a tantos riscos, como adiante se verão; porque Pero Mascarenhas não queria mais senão que se julgasse seu caso, e não tendo justiça ir-se pera Portugal a pedir satisfação de seus serviços; mas não o queriam ouvir nesta materia, porque não quiz Lopo Vaz de Sampaio fazer duvidoso o que tinha nas mãos.) Prezo Pero Mascarenhas, foi logo entregue a Simão de Mello pera o levar a Cananor. Simão Cacião, e Lançarote de Seixas, que com elle vinham, foram levados ao tronco de Goa, e carregados de ferros. Simão de Mello chegou a Cananor, e entregou Pero Mascarenhas a D. Simão de Menezes, de cuja entrega se fez hum auto, em que se assináram todos, e tornou a voltar pera Goa, onde deo conta ao Governador do que passava. Com isto se houve por quieto, e por seguro, e os homens se assestaram com o medo do castigo.

CAPITULO VII.

Do que Christovão de Sousa Capitão de Chaul escreveu a Lopo Vaz de Sampaio sobre as cousas de Pero Mascarenhas: e de como chegou a Goa prezo Rax Xarrafo Guazil de Ormuz: e dos requerimentos que Pero Mascarenhas mandou fazer a Lopo Vaz de Sampaio.

CHRISTOVÃO de Sousa Capitão de Chaul soube o modo de como Lopo Vaz de Sampaio queria proceder com Pero Mascarenhas, e de como o mandava esperar na barra pera o prenderem, e das uniões que em Goa havia entre os Fidalgos sobre esta materia, o que tudo estranhou muito, e o praticou com os Vereadores de Chaul, que lhe disseram, que elle, como era pessoa tão principal na India, estava obrigado acudir áquellas cousas pelo perigo que corriam em tempo que havia novas de Rumes, pelo que escreveu logo huma carta ao Governador Lopo Vaz de Sampaio, e a mandou a Francisco de Sousa Tavares seu sobrinho pera que lha dêsse, que chegou poucos dias depois da prizão de Pero Mascarenhas, e Francisco de Sousa Tavares a deo ao Governador, que a abriu, e vio que dizia assi: *Senhor. Muito espantado estou esperando-se cada*

da dia por Rumes , que ficam em Camarão com hum grossa Armada , e tamanho poder , e o nosso tão pouco , querello V. S. ainda diminuir com o dividir em duas partes , e dar occasião a bandos , que em todas as partes do Mundo he a mais abominavel couza que pôde ser , quanto mais na India , e neste tempo. E se lhe parece que a governança he sua , porque se não porá em justiça com Pero Mascarenhas , e não tratar de por armas se sustentar no lugar , e posses em que está : pelo que deve V. S. de querer que se dê o seu a seu dono , e que quem tiver direito fique por Governador. De mim lhe affirmo , que tanto me dá que o seja hum , como outro , só pretendo ver na India quietação , e paz entre os Fidalgos : pelo que lhe requero da parte d'ElRey que se ponha em direito com Pero Mascarenhas , porque lhe certifico que não hei de obedecer senão a quem se puzer em direito. De Chaul a dez de Março de mil quinhentos e vinte sete. O Governador com esta carta achou-se muito salteado pela qualidade , e partes de Christovão de Sousa , por ser a principal pessoa da India , a quem haviam de acudir os mais dos Fidalgos , e gente della , se se lançasse á parte de Pero Mascarenhas , o que estava certo fazer , como se declarava na carta , quando visse que elle usava de força ,
e não.

e não de justiça. Esta carta encubrio, e não mostrou senão a alguns Fidalgos muito amigos, que ficáram com ella abalados; e havendo sobre isso conselho, assentou-se, que escrevesse o Governador a Christovão de Sousa, e lhe notificasse a prisão de Pero Mascarenhas, e como se fizera por consentimento de todos os Fidalgos, sem estrondo, nem divisão alguma. E assi lho escreveo por humma carta, dando-lhe conta do que passava, pedindo, que pois o negocio estava quieto, e elle de todos era havido por Governador, que o quizesse elle conhecer por esse, e que escrevesse humma carta a Pero Mascarenhas, em que lhe fizesse a saber como havia sua prisão por boa, e lhe aconselhasse, que desistisse de pretender a governança, pois nella não tinha justiça. Esta carta se deo a Christovão de Sousa, que como não pretendia neste caso mais que a quietação, e socego entre os Fidalgos, folgou da cousa se fazer tão pacificamente, não deixando de lhe parecer em si mal a prisão de Pero Mascarenhas; mas callou-se pelo que convinha ao estado da India: que posto que a Pero Mascarenhas lhe tomassem o que era seu, convinha fazerem-lhe entender outra cousa, pe-ra que se quietasse, e ElRey lhe satisfaria depois sua honra. E logo despedio o mesmo messageiro ao Governador, que era hum

Par-

Parseo, com huma carta pera elle, e outra pera Pero Mascarenhas aberta. O Parseo tomou o caminho apressado, e em poucos dias chegou a Goa, e deo as cartas ao Governador, que abrindo a sua vio que dizia: *Senhor. Por este Parseo tive huma carta de V. S. em que largamente me dá conta do negocio dantre elle, e Pero Mascarenhas: muito folgára de o saber primeiro, porque dera antes meu parecer sem affeição, como V. S. deve crer, e esperar. E quanto ao que diz, que todos obedeciam á sua Provisão, eu tambem lhe obedeço; e sei certo que he Governador da India por Provisão d'El-Rey Nosso Senhor por morte do Governador D. Henrique de Menezes, que Deos perdoe. E quanto ao que he passado sobre este caso, me pareceo escusado meu parecer, por ter esse negocio já fim (seja Deos louvado!) tanto sem alvoroço, e divisão, o que sempre pedi a Nosso Senhor, e estava assás confiado se faria bem pelo V. S. ter entre mãos; e pois está feito tanto em concordia, e paz, não fallo nisso. A carta pera Pero Mascarenhas vai aberta pera, se lhe parecer bem, mandar-lha, e senão faça o que quizer. Beijo as mãos de V. S. De Chaul hoje vinte e sinco de Março. Li da a carta, o fez tambem á de Pero Mascarenhas, cujo theor he o seguinte: Senhor:*

Fui

Fui informado do senhor Lopo Vaz de Sampaio de todo o caso dantre vós, e elle, e assi vi suas Provisões, e os pareceres desses senhores, que se acháram em Cochim, e certo que tudo foi feito por seu estilo: e como estas cousas estem em pontos de Direito, que muito bem sabem alguns dos que estavam presentes, não vos deve de parecer, senão que se fez justiça, e que os Frades, nem esses senhores vo-la haviam de querer tomar, por quanto huns por seu habito, e outros por sua fidalguia tinham obrigação haver tudo sem suspeita como víram. E certo a meu ver, a vontade de S. A. era sello elle por falecimento de D. Henrique. Eu não fui informado senão a tempo que tudo estava feito, por isso foi escusado meu parecer: e pois tudo está pacífico, havei vossa prizaõ em paciencia, porque foi necessaria: assi pelo que vos cumpre, como por evitar algumas suspeitas de homens que desejam divisões, o que pera o tempo em que estamos fora danoso, que muito melhor fora serdes ambos mortos. Quiz-vos, Senhor, escrever esta, posto que de vós não tenha recebido nenhuma depois de vossa vinda, pera nella vos pedir por mercê, (como acima digo,) hajais paciencia com vossas cousas, e queirais fazer este serviço a S. A. de vos não lembrardes agora de

Couto. Tom. I. P. I. I vof-

vossa honra por não vingardes vossa prizão, cousa tão contraria a seu serviço, e certo que recebais delle por isso assinalada mercê: e não demovam vossò conselho algumas cartas de Fidalgos da India, porque quem o contrario aconselhar, não he vossò amigo, e não deseja de vossas coulas serem feitas conforme a vossa honra como eu. Veja, Senhor, o que de mim manda nesta terra, fallo-hei, não tocando nestes negocios, (por já terem fim) como seu servidor, e amigo que sou de muitos dias. Beijo, Senhor, vossas mãos. De Chaul, &c. E assi escreveo a D. Simão de Menezes, e a outros Fidalgos, cousa que o Governador estimou muito, e ficou desaliviado, parecendo-lhe que tinha Christovão de Sousa da sua parte. Esta carta despedio logo o Governador a Pero Mascarenhas, que tanto que a vio ficou satisfeito, porque entendeo della, que não havia Christovão de Sousa sua prizão por boa, senão por pacificação da India, e não porque não tivesse justiça, e ficáram-lhe grandes esperanças de elle ainda obrigar a Lopo Vaz a se pôr com elle a direito, e de D. Simão que o soltaria, porque tinha entendido delle, que como entrasse o inverno lhe tiraria os ferros. Tudo isto lhe deo oufadia pera mandar a Goa hum Diniz Camelo Tabellião público de Cananor com hum re-

requerimento a Lopo Vaz, que se embarcou no mesmo navio que levou a carta. E chegando a Goa, estando o Governador ouvindo partes, lhe deo o Diniz Camelo o protesto, e abrindo-o, o foi lendo, e vio que dizia alli: *Protesto, que vós Diniz Camelo haveis de fazer ao senhor Lopo Vaz de Sampaio, em que lhe requerereis da parte d'ElRey Nosso Senhor, que neste negocio se ponha comigo em justiça, e não queira levar ao cabo a força que faz em me tomar a governança da India, que me El-Rey deo por meus merecimentos; e não o querendo fazer, protesto por todas as perdas, e damnos, que disão receber. E lhe requerereis que solte Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas pera requererem minha justiça, porque estão presos sem culpa, e me passareis deste protesto hum certidão com sua resposta, ou sem ella, pera poder requerer por ella minha justiça no Reino.* O Governador em lendo o protesto, o rompeo logo, e Diniz Camelo ou por palavras que lhe alli disse o Governador, ou porque o avisáram, desappareceo de Goa, e se tornou pera Cananor, sem esperar resposta. O que sabido por Simão Caeiro, e Lançarote de Seixas, passando poucos dias logo o Governador por defronte da porta do tronco, de cima a grandes brados lhe requerêram

da parte d'ElRey que fizesse justiça a Pero Mascarenhas, e que os mandasse soltar perra a requererem por elle. Disto ficou o Governador tão agastado, que os mandou de novo carregar de ferros, e defendeo com graves penas, que nenhuma pessoa mais sobre este caso de Pero Mascarenhas lhe fizesse nenhum requerimento, senão o Secretario, porque elle lhe responderia. E mandou lançar pregão, que sob pena de morte nenhuma pessoa nomeasse Pero Mascarenhas por Governador. O Diniz Camelo foi ter a Cananor mui amedrontado, e d'elle soube Pero Mascarenhas o que passára, e como o Governador rompeo o seu protesto, e que lhe não déra resposta, do que lhe Pero Mascarenhas pediu hum instrumento em pública fórma. D. Simão de Menezes soou-lhe aquelle negocio mal, e bem entendeu que Lopo Vaz de Sampaio queria nelle usar de força, e não de justiça, cousa que muito o abalou, e determinou, se quizesse levar sua teima adiante, de lhe não obedecer, mas dissimulou por então com isto. Neste tempo chegou Manoel de Macedo, que o Governador mandou a Ormuz prender Rax Xarrafo, como atrás contámos, que chegando áquella fortaleza, por evitar alterações, dissimulando com o negocio, estando hum dia com o Capitão, mandáram chamar

mar o Guazil pera certas cousas , e como o tiveram na fortaleza , o recolhêram na torre da menagem , e o guazilado mandou o Governador dar a Rax Hamed , hum Mouro muito principal. Rax Xarrafo se fez pres-tes de tudo , e o embarcáram na náó de Manoel de Macedo , que voltou logo pera Goa , onde chegou neste proprio tempo em que andamos. O Governador o mandou prender na torre da menagem , e depois lhe deo a Cidade por prizão , e mandou que se livrasse.

C A P I T U L O VIII.

Das revoltas , que em Goa houve sobre as cousas dos dous Governadores : e de como Eitor da Silveira , e Diogo da Silveira se lançáram da parte de Pero Mascarenhas.

E Stando as cousas neste estado , sendo entrada de Abril , pedio Eitor da Silveira ao Governador que mandasse Pero de Faria , (que era Capitão de Goa ,) a servir a capitania de Malaca , de que estava provido por ElRey , e que lhe dêsse a elle a de Goa , do que o Governador se eicusou , porque Pero de Faria tinha tambem aquella capitania de Goa por ElRey , e estava em sua escolha servilla , ou largalla , e que
fo-

fobre tudo elle faberia delle se havia de ir a Malaca, e que querendo-o elle fazer, então lhe daria o que lhe pedia, e dizem que fallára a Pero de Faria, e que elle lhe differa, que não havia de ir a Malaca. E assi o disse o Governador a Eitor da Silveira, o que elle não creio, porque lhe pareceo que aquillo do Governador eram cumprimentos, e que queria ter comfigo Pero de Faria, porque era do seu bando, e fora de parecer que elle era o Governador, sobre elle ter com elle muitos cumprimentos, sobre os quaes lhe respondeo Eitor da Silveira, que bem sabia delle a verdade, mas que não lhe pediria mais cousa alguma, nem lhe entraria em casa, e se foi: o que tudo o Governador soffreo pelo tempo em que estava. Eitor da Silveira deo conta daquelle negocio a alguns muito amigos, principalmente a Diogo da Silveira, como muito seu parente, a quem aconselhou pedisse ao Governador a capitania de Malaca, pois Pero de Faria não queria ir entrar nella. Diogo da Silveira o fez assi, e o Governador lhe respondeo, que muito folgára de lha dar, mas que era cousa que não podia ser por estar nella Jorge Cabral da mão de Pero Mascarenhas, a quem jurou por Governador, que não a havia de entregar a pessoa alguma, senão por Provisão do mesmo Pero

Mas-

Mascarenhas , como tinha por obrigação , conforme a menagem que della lhe dera. Disto ficou tambem Diogo da Silveira tomado , e não querendo acceitar nenhuns cumprimentos do Governador , se foi escandalizado. E como todos haviam que elle Lopo Vaz não era o legitimo Governador , e que os havia mistar a todos , todos se lhe queriam vender bem caros. E logo estes dous Silveiras começaram a publicar Pero Mascarenhas por verdadeiro Governador , e que Lopo Vaz pelo saber mui bem , se não queria pôr com elle em justiça , induzindo muitos Fidalgos a serem de sua opinião , e a tomarem a voz de Pero Mascarenhas , de que os principaes foram D. Antonio da Silveira , D. Tristão de Noronha , D. Jorge de Castro , Vasco da Cunha , Dom Henrique Deça , D. Francisco de Castro , João Fernandes Freire , Jorge da Silveira , Francisco de Taíde , Jorge de Mello , Diogo de Miranda , Aires Cabral , Simão Sodré , Martim Vaz Pacheco , e Simão Delgado Quadrilheiro mór , e despedíram por terra cartas a Pero Mascarenhas , em que o certificavam de suas tenções , por isso que trabalhasse por acabar com D. Simão que o soltasse , e que na entrada do verão se fosse pera Goa , porque elles fariam com Lopo Vaz que se puzesse com elle a direito.

Foi

Foi dada esta carta, em que todos estes asfináram, a Pero Mascarenhas, que a amoftrou a D. Simão, pedindo-lhe que pois aquelles Fidalgos estavam de sua parte, e apofitados a lhe fazerem fazer justiça, que tambem o devia de favorecer, e soltallo pera a requerer; e que julgando-se-lhe a governança da India, elle lhe daria a capitania mór do mar, porque então o não poderia fer Antonio de Miranda; porque a successão que se abrio, em que Lopo Vaz se achou, e que elle estava declarado por Capitão mór, não podia haver effeito. D. Simão lhe prometteo de o soltar, se aquelles Fidalgos se não mudassem de suas tenções; e que escrevesse elle aos amigos que tinha em Cochim pera saber se tinham ainda sua voz; e que requereffe a Antonio de Miranda, e ao Veador da fazenda, que pois eram na India pessoas tão principaes, fizessem com Lopo Vaz, que se puzesse com elle em justiça: e elle o fez assi, e lhes mandou sobre isso grandes requerimentos com cartas a seus amigos que lhos apresentassem. E como o Veador da fazenda era muito recatado, temia de Pero Mascarenhas ter algumas intelligencias em Cochim, e por isso tinha suas espias pera lhe tomarem todas as cartas, e papeis, que lá mandasse. E acertáram de tomar humma carta, que tinha o sobrefcrito tão riscado,

do , que se não podia ler , e por isso não se soube pera quem era , que dizia : *Senhor , agora novamente tórno a fazer certos requerimentos sobre a governança da India por me ser requerido que os faça , e lá , Senhor , vos ha de ser mostrado hum delles : sei de certo que vos ha de parecer bem fazellos , pois a todos estes senhores (digo pelos mais delles) parece mal o que se comigo usa , e desejam todos vir-lhe á mão , poderem alevantar o serviço d'ElRey Nosso Senhor , e não consentirem em cousas que passam contra seu Real estado , de que tem que se lhes pôde dar muita culpa polas consentirem passar. E porém como em Goa não fui até qui visto , nem ouvido , e não passou o tempo de fazer o que agora faço , beijar-vos-hei as mãos , porque todos vejais , e ponhais ante vós , que Antonio de Miranda , nem Affonso Mexia lhes ha nunca de parecer bem governar eu a India , porque governando-a , não pertence a hum a capitania mór do mar , nem ao outro a capitania de Cochim , o que lhes pertence governando Lopo Vaz , e por isso o querem sustentar : e com tudo vejo que quer Deos tornar sobre isto como cumpre a seu serviço , e ao estado Real d'ElRey Nosso Senhor. De Cananor a vinte e tres de Abril de mil quinhentos e vinte e sete. A esta carta*
lhe

lhe respondeo Affonso Mexia , que aquelle requerimento fizesse ao Governador , e não a elle , porque não lhe podia requerer que se puzesse em justiça sobre a governança da India , que era sua por Provisão d'ElRey ; e o mesmo respondeo Antonio de Miranda. Esta carta de Pero Mascarenhas mandáram logo ao Governador , pera que foubesse que Pero Mascarenhas não estava ainda fóra de sua opinião , porque cuidava que o tinha seguro na prizão , e que com ella não ousaria mais a fallar naquellas cousas. Pero Mascarenhas como tinha cobrado mais algum alento com as esperanças que aquelles Fidalgos lhe deram , começou a miudar os requerimentos com o Governador sobre se pôr com elle em justiça , e algumas pessoas que lhos deram mandou prender. Eitor da Silveira , e mais Fidalgos estavam tão determinados de obrigarem ao Governador a se pôr em direito com Pero Mascarenhas , que deixáram de o acompanhar , e favoreciam as cousas , e requerimentos de Pero Mascarenhas , a quem o Governador defenganou por huma carta que lhos não fizesse mais , porque era cançar-se , porque elle não havia de fazer duvidoso o que tinha por certo por Provisão d'ElRey , do que Pero Mascarenhas avisou a Eitor da Silveira , e aos da sua parcialidade , escrevendo-lhes ,
que

que o obrigassem a lhe fazer justiça, senão que lhe desobedecessem, como a homem que estava alevantado com a India; porque se antes de entrar o verão não concluíam aquelle negocio, estava certo mandallo Lopo Vaz embarcar pera o Reyno assi prezo. Sobre isto consultáram todos, e assentáram que se não fizesse mais cousa alguma senão depois de Pero Mascarenhas estar presente, porque então com elle o obrigariam a tudo, e assi lhe escrevêram que como entrasse o verão se fosse pera Goa.

C A P I T U L O IX.

Do protesto, que Pero Mascarenhas mandou aos Vereadores, e Fidalgos de Goa: e de como os apresentáram a Lopo Vaz de Sampaio.

VENDO Pero Mascarenhas, que o Governador lhe rompêra os seus requerimentos, fez outros de novo, com que despedio logo por terra hum Mem Vaz por quem mandou dous protestos, e requerimentos: hum delles pera a Cidade, e Camera de Goa, e outro pera todos os Fidalgos, e Capitães, com os traslados das succesões que se abríram; assi a em que elle succedeo, como a de Lopo Vaz de Sampaio, com os autos que Affonso Mexia fez ao tempo que se

se abríram, em que todos, ou os mais dos Capitães (a que mandava o tal protesto) tinham feito juramento de fazer com Lopo Vaz que lhe entregasse a India, tanto que chegasse de Malaca, e que não consentiriam mais a Lopo Vaz de Sampaio que fosse Governador. Este Mem Vaz deo-se tanta pressa, que chegou a Goa aos sete dias do mez de Agosto; e estando os Vereadores, e Officiaes em Camara, lhes apresentou os papeis que trazia pera elles, e o requerimento que vinha dirigido ao Escrivão da Camara, pera que lho notificasse, como logo o fez; e dalli se foi correr as casas dos Fidalgos, e Capitães com hum Tabellião, que pera isso tomou, e lhes notificou a todos os requerimentos, e protestos de Pero Mascarenhas, e lhes deo cópia, e vista de todos os papeis, e apontamentos que levava pera se mostrarem a Lopo Vaz de Sampaio. Nos protestos, e requerimentos, que a huns, e a outros mandava fazer, dizia:

» Como por morte do Governador D. Henrique de Menezes, que em Cananor fale-

» cêra, se abríra a segunda successão, e que

» elle Pero Mascarenhas succedêra: e que

» por estar em Malaca, o Veador da fazenda com parecer de muitos abríra a terceira successão, em que se achou Lopo Vaz

» de Sampaio, a quem o mesmo Veador

» da

» da fazenda não quizera entregar a India
 » até não jurar, que a governaria em quan-
 » to elle dito Pero Mascarenhas não viesse
 » de Malaca, o que Lopo Vaz jurou, com
 » o que ficára governando em sua ausencia,
 » como já duas vezes o fizera D. Aleixo de
 » Menezes, em quanto os Governadores
 » Lopo Soares, e Diogo Lopes de Siquei-
 » ra foram ao estreito: que agora o dito
 » Lopo Vaz de Sampaio estava alevantado
 » com a dita governança, e lha não queria
 » entregar, como tinha jurado, mas antes
 » mandára que o não consentissem entrar em
 » Cochim, onde o Veador da fazenda lhe
 » defendêra a desembarcação, espancando-o
 » a elle, e a seus parentes, e criados. E
 » querendo-se elle dito Pero Mascarenhas
 » vir a esta Cidade de Goa requerer sua jus-
 » tiça, o mandára Lopo Vaz esperar com
 » huma Armada grossa, como amigo, e An-
 » tonio da Silveira o prendêra, e lhe lan-
 » çára ferros nos pés, como a malfeitor,
 » e o mandára pera Cananor onde estava:
 » e que mandando requerer Lopo Vaz que
 » o ouvisse, e se puzesse com elle em direi-
 » to, nunca o quizera fazer, antes lhe pren-
 » dêra Lançarote de Seixas, e Simão Caci-
 » ro por requererem sua justiça. Pelo que
 » requeria a todos da parte d'ElRey Nosso
 » Senhor requeressem ao dito Lopo Vaz de
 » Sam-

» Sampaio, que se puzesse com elle em jus-
 » tiça; e não o querendo fazer, que lhe des-
 » obedecessem, e o conhecessem a elle Pe-
 » ro Mascarenhas por Governador, segun-
 » do a fórma de sua successão; e não o fa-
 » zendo, que elle protestava contra elles to-
 » dos, por todas as perdas, e damnos que
 » nisto recebesse, e de darem conta a El-
 » Rey daquelle negocio, e elle os castigar
 » como fosse seu serviço: e porque em ne-
 » nhum tempo allegassem ignorancia, e que
 » lhe não obedeciam por nunca lho reque-
 » rer, lho fazia agora, e lhes pedia notaf-
 » sem bem as razões que alli lhes manda-
 » va, que eram as seguintes. Por esse auto,
 » que vos mando da successão que se abriu
 » em Cananor, vereis como sou legitimo Go-
 » vernador da India, o que me querem usur-
 » par por cartas missivas, que não tem for-
 » ça contra o meu Alvará: quanto mais que
 » ainda essas cartas são em meu favor, por-
 » que em huma dellas (que he feita a trin-
 » ta de Março) diz ElRey a Affonso Me-
 » xia, que lhe mandava aquellas successões,
 » que se abriam falecendo D. Henrique, e
 » que das outras se não usaria, e as guar-
 » daria: do que se via muito claro que pois
 » já eram abertas, que se não podiam guar-
 » dar, nem abrir as outras, que ElRey man-
 » dava. E ainda mais claramente se via ser
 » ef-

» esta a vontade d'ElRey na outra carta mis-
 » siva de quatro de Abril , finco dias de-
 » pois da primeira , em que não diz mais
 » se não , que lhe mandava duas succsões ,
 » e que falecendo D. Henrique se abrisse ,
 » e quando não , que a tivesse em segredo :
 » e não tornou a dizer que se usasse destas ,
 » e das outras não : no que se via bem , que
 » lembrando-se ElRey nesta carta derradei-
 » ra , que as succsões que cá estavam po-
 » deriam ser abertas , não disse mais que
 » aquillo que com justiça podia dizer. O
 » que entendeo muito mal Affonso Mexia ,
 » porque das cartas missivas se cumprem as
 » derradeiras palavras , e das succsões as
 » primeiras: que pois havia quasi hum anno
 » que elle tinha succedido na governança ,
 » já se não podia abrir succsão que dis-
 » sesse , por morte de D. Henrique , senão
 » de Pero Mascarenhas , e que tudo fizera
 » Affonso Mexia por lhe querer mal , o que
 » estava bem provado , porque o auto que
 » fez ao pé das cartas d'ElRey diz , visto
 » como he sua vontade que se use destas , e
 » das outras não , ElRey tal não disse , prin-
 » cipalmente na de Abril , que he a derra-
 » deira , por onde está claro ter-me ElRey
 » feito Governador da India por morte de
 » D. Henrique , e tomei posse da governan-
 » ça , e fui jurado por Governador , assi del-
 » le

» le Lopo Vaz , como de todos os Fidal-
 » gos , e Capitães , e não vejo cousa por
 » onde haja de entregar a India a Lopo Vaz.
 » Porque se ElRey soubera que eu estava
 » de posse da governança , não mandára tal ;
 » e ainda no mesmo Alvará de Lopo Vaz
 » me nomca ElRey por Governador da In-
 » dia , por me haver por pessoa pera isso :
 » e o que alguns dizem , por se quererem
 » escusar , que posto que me tivesse nomeado
 » primeiro ElRey , me tornava agora a re-
 » vogar , tal não foi , porque ElRey ainda
 » que tudo possa , e he seu , nunca faz se-
 » não o que he justiça , como se vê de hu-
 » ma Ordenação do primeiro livro , capitu-
 » lo setenta e seis , onde diz , que sendo ca-
 » so , que faça mercê de qualquer cargo da
 » administração da justiça , fazenda , ou go-
 » vernança de seus Reynos , e Senhorios ,
 » que os possa tirar sem nenhuma satisfação ,
 » fazendo nelles o que não devem a seu ser-
 » viço. Do que se vê claro não me poder
 » ElRey tirar o que me tinha dado , pois
 » tem de mim tão boa informação , que ain-
 » da nestas successões de Lopo Vaz me no-
 » mea por Governador , o que não houve-
 » ra de fazer se se houvera por deservido
 » de mim. E no segundo livro aos quaren-
 » ta e nove capitulos está outra Ordenação ,
 » porque manda , que nenhum Alvará , nem
 » Car-

» Cartas , e patentes se guarde huma em
 » contrario da outra , sendo da mesma sub-
 » stancia , posto que diga sem embargo da
 » outra , salvo se ella declaradamente disser ,
 » que sem embargo de ter passado outro a
 » foão de tal theor. Pelo que vos requero
 » da parte d'ElRey Nosso Senhor , que pois
 » elle me tem feito seu Governador , e estou
 » jurado por esse , por hum termo feito em
 » Cochim , em que todos estais affinados ,
 » me queirais obedecer , e desobedecer a el-
 » le. E pera que vejais quanto serviço d'El-
 » Rey , e quietação deste estado pretendo ,
 » eu me quero pôr em justiça , e em direi-
 » to com Lopo Vaz , e determine-se por
 » vós mesmos qual de nós he o verdadei-
 » ro Governador. Mas tambem vos lem-
 » bro , que quando se abriu a terceira suc-
 » cessão em minha ausencia , (em que sahio
 » Lopo Vaz , que jurou de me entregar a
 » India como eu viesse ;) logo elle , e
 » Affonso Mexia determináram de me não
 » obedecerem , e de se alevantarem com a
 » governança ; e alli logo fez mercê da ca-
 » pitania de Cochim a D. Vasco Deça seu
 » cunhado , com estar homiziado por mor-
 » te de hum homem , tendo-a promettido
 » a Diogo Pereira , hum Fidalgo de muitos
 » serviços , e negando-a a Antonio de Mi-
 » randa de Azevedo , e a Philippe de Crasto ,
Conto. Tom. I. P. I. K » e

» e a Jeronymo de Sousa. E sem temor d'El-
 » Rey se foi a Ormuz , deixando a India
 » toda de guerra , e lá fez muitos deservi-
 » ços a ElRey , e muitas mercês a muitos
 » homens pera os ter de seu bando , o que
 » não podia fazer por governar em meu lu-
 » gar ; e mercês não as pôde fazer senão
 » hum só Governador , especialmente de di-
 » nheiro. Portanto protesto de nada ser fei-
 » to senão aquillo que for com justiça ; e
 » sobre tudo isto me mandou fazer as af-
 » frontas que vistes , e me tem nesta prizão
 » em que estou. Pelo que vos torno de no-
 » vo a requerer , que façais com Lopo Vaz
 » que se ponha comigo em direito ; e quan-
 » do o não quizer fazer , o hajais por ale-
 » vantado , e me conheçais por Governa-
 » dor da India. » Visto este protesto , e re-
 » querimento pelos Fidalgos todos , o man-
 » daram tambem notificar á Camara de Goa ,
 » e visto pelos Vereadores , mandáram reca-
 » do a Lopo Vaz , que elles tinham hum pro-
 » testto pera lhe notificar , por ser cousa do ser-
 » viço d'ElRey , que houvesse por bem que
 » lho levassem ; ao que Lopo Vaz disse , que
 » lho fizessem , que elle lhes responderia.

CAPITULO X.

*Do que Lopo Vaz respondeo aos protestos
de Pero Mascarenhas.*

COM a resposta de Lopo Vaz lhe mandaram os Vereadores notificar pelo Escrivão da Camara o protesto de Pero Mascarenhas, e os apontamentos que affirma difemos, mandando-lhe requerer da parte d'El-Rey, que pois Pero Mascarenhas se compunha tanto, que queria pôr suas cousas em justiça, o quizesse elle tambem consentir; e não dêsse materia a se dizer, que usava de força, e poder, o que El-Rey lhe havia de estranhar muito, porque até contra si proprio havia por bem requererem seus vassallos sua justiça. Lopo Vaz tomou os apontamentos de Pero Mascarenhas, e os foi lendo todos; e porque da resposta de Lopo Vaz se entenderá a substancia delles, os deixaremos por abbreviar. E vistos por Lopo Vaz, foi respondendo a todos por sua ordem na maneira seguinte.

» Quanto ao que diz Pero Mascarenhas,
» que quando os Governadores passados hiam
» fóra da India, deixavam em seu lugar
» quem a regesse, he verdade; mas não ti-
» nham nome de Governadores, e o meu ca-
» so he bem desviado: porque depois de

» aberta a successão em que elle se achou ,
 » pareceo ao Veador da fazenda , e ao Ca-
 » pitão de Cananor com todos os Officiaes
 » que presentes estavam , que pois elle esta-
 » va em Malaca , donde não podia vir tão
 » cedo , que se elegesse Governador pera as
 » necessidades da guerra , e da India : e pe-
 » ra isto ser mais á vontade d'ElRey , acor-
 » daram de abrir a derradeira successão , o
 » que logo se fez , em que eu succedi , e
 » me entregáram a governança com tal en-
 » tendimento , que vindo Pero Mascarenhas
 » lhe entregaria a India , como Governador
 » por successão , e não como commissario
 » de outro , como se verá pelos autos.

» E quanto a dizer , que achou em Co-
 » chim o Veador da fazenda alevantado con-
 » tra elle , digo que o fez porque elle que-
 » ria que lhe obedecesse como a Governador ,
 » não o querendo elle fazer ás mi-
 » nhas novas Provisões d'ElRey , mandan-
 » do prender os Officiaes que lhas foram
 » notificar.

» E quanto ao que diz , que vinha a es-
 » ta Cidade requerer sua justiça , a isso di-
 » go , que vinha mais pera fazer uniões ,
 » que pera isso , segundo constou por car-
 » tas que escreveo a alguns Fidalgos , e por
 » respostas suas que eu tenho , que mostra-
 » rei quando for tempo , e sobre sua vin-
 » da ,

» da , e prizão se fizeram autos , porque se
 » mostra claramente ser serviço d'ElRey não
 » entrar em Goa.

» E quanto á prizão de Langarote de Sei-
 » xas , e Simão Caeiro , foi por culpas que
 » me delles mandáram de Cochim , e não
 » por requererem sua justiça , mas antes lhe
 » mandei requerer por Fernão de Aguiar , e
 » Diniz Camelo Tabelliães , que requeressem
 » tudo o que cumprisse a elle Pero Mascarenhas : e lhes mandei dessem todos os
 » instrumentos que pedissem com minhas re-
 » spostas , como se verá pelos autos que dis-
 » to se fizeram.

» E quanto a dizer Pero Mascarenhas ,
 » que as cartas d'ElRey eram missivas , di-
 » go , que eu não governo senão por verda-
 » deira successão , que aqui dou tambem em
 » resposta ; e as successões não são outra
 » cousa , que cartas missivas , pois todas fal-
 » lam por nós ElRey , e são assinadas por
 » final raso ; pois logo as declarações del-
 » las como hão de ser senão assinadas pelo
 » mesmo final raso ? Estas cartas vieram a
 » Affonso Mexia com declaração , que se
 » abrissem as successões que com ellas vi-
 » nham , e que se não usasse mais das que
 » estavam , e isto por quanto no regimento
 » do Veador da fazenda está declarada esta
 » derradeira vontade d'ElRey , em que hou-

» ve

» ve por bem governar eu a India , e que
 » precedesse a Pero Mascarenhas , e que por
 » meu falecimento succedesse elle Pero Mas-
 » carenhas , e as mesmas cartas dou por re-
 » posta.

» E quanto ao que diz , que por ser aber-
 » ta a sua successão se não havia de abrir
 » a minha , nem usar della , e que ElRey
 » diz que se guardassem , e levassem , o que
 » se não podia fazer sendo já abertas ; re-
 » spondo , que queria ElRey que se não abris-
 » sem aquellas successões por evitar escan-
 » dalos , e escusar alterações. E se ElRey
 » houvera por bem , que sendo abertas as
 » successões de Pero Mascarenhas , que das
 » minhas se não usasse , forçado o havia de
 » declarar nas mesmas cartas , por onde se
 » mostra claro querer ElRey que se abris-
 » sem as minhas successões , posto que as
 » de Pero Mascarenhas fossem já abertas. E
 » quanto o que diz na carta derradeira não
 » dizer ElRey que se abrisse a minha suc-
 » cessão , basta dizello na primeira , pois
 » todas vieram em hum anno , e em huma
 » Armada.

» E quanto ao que diz , que ElRey ha-
 » via de declarar que elle Pero Mascarenhas
 » lhe entregasse a India , a isso digo , que
 » como ma havia de entregar , se eu era
 » Governador por successão , e estava em
 » pos-

» posse , e as Provisões d'ElRey vieram a
 » mim , a quem havia eu de entregar a In-
 » dia senão a mim , pois della estava de pos-
 » se , e desta maneira cumpri o juramento
 » que fiz , quando me entregou o Veador
 » da fazenda a India , em que me obriguei
 » a entregalla a Pero Mascarenhas , ou a
 » qualquer outro Governador que ElRey
 » mandasse. E quanto a dizer , que está de
 » posse , a sua foi mental , e civil , e a mi-
 » nha real , actual , pessoal , e corporal ; e
 » em quanto de mim a não teve , a sua pos-
 » se era nenhuma , porque de mim a hou-
 » vera de haver.

» E quanto a dizer , que se ElRey fou-
 » bera a sua Provisão era aberta , mandára
 » que a minha senão abrisse , a isso digo que
 » he entendimento de adivinhar tão repro-
 » vado em Direito , especialmente nos man-
 » dados d'ElRey , cuja vontade he lei ; se
 » elle quer adivinhar isso , tambem eu adi-
 » vinho , que ainda que ElRey foubra que
 » suas Provisões eram abertas , me mandá-
 » ra as minhas dobradas , pelo que fallou
 » por palavra nova , dizendo que das ou-
 » tras se não usasse ; mostrando claramente ,
 » que ainda que dellas se tivesse usado , des-
 » tas minhas queria que se usasse , ainda que
 » elle governasse a India , que esta he a mór
 » derogatoria , que dizer , sem embargo ,
 » por-

» porque he de sua certa vontade. E quan-
 » to á Ordenação que allega tenho-lho em
 » mercê, porque faz por ElRey, por quan-
 » to pôde tomar os cargos, e officios a
 » quem os tiver, sem satisfação, nem en-
 » cargo de consciencia, e assi o tirou a Pe-
 » ro Mascarenhas por ser assi sua vontade.
 » E quanto á outra Ordenação do segundo
 » livro, digo, que por isso fallou ElRey
 » por palavra nova, dizendo, que das de
 » Pero Mascarenhas se não usaria, senão
 » das minhas; e mais nas successões não ha
 » tempo atempado, e tudo he d'ElRey, e
 » pode-o dar, e tirar a quem quizer, por-
 » que todas as successões vem até sua mercê.

» E quanto a dizer que estou alevantado
 » com a India, a isso respondo que lho ne-
 » go, e que falla muito descortezmente, que
 » eu tenho a India de bom titulo por Pro-
 » visões d'ElRey mui claras, e mui boas,
 » e approvadas por todas as pessoas de que
 » ElRey conhea sua fazenda, justiça, e for-
 » talezas, e por todos estou obedecido por
 » Governador natural, e verdadeiro. E en-
 » tão o era tambem, e por ElRey gover-
 » nava em sua ausência, (até elle vir, ou
 » outro de Portugal.) E não era muito pa-
 » recer a Affonso Mexia, que não viesse
 » Pero Mascarenhas de Malaca, porque fa-
 » bia as necessidades que de sua pessoa ha-
 » » via

» via nessas partes de Malaca , Sunda , Ma-
 » luco , pera prover áquellas fortalezas , on-
 » de elle melhor parecêra , e mais tendo no-
 » vas certas dos Castelhanos que na sua com-
 » panhia vieram , e não vir-se á India com
 » muitos navios , e gente (que lá era ne-
 » cessaria) a fazer uniões , e desobedecer ás
 » Provisões d'ElRey , e inquietar a terra que
 » estava muito quieta , e muito em justiça ,
 » e prestes pera o serviço d'ElRey ; e se ho-
 » je ha alguns defassocegos , ou escandalos ,
 » elle os causou com seus requerimentos.
 » Pelo que bem se vê , que o faz mais por
 » teima , que por cuidar que tem justiça ,
 » pois estamos em dez de Agosto , e cada
 » dia esperamos por Governador do Reyno.

» E quanto a taixar minha ida a Ormuz ,
 » eu o fiz por cartas que tive daquella for-
 » taleza , em que me requerêram que fosse
 » lá em pessoa , por quanto o Guazil esta-
 » va alevantado contra ElRey , e com tudo
 » não quiz ir lá , sem despachar primeiro a
 » Armada do estreito , e da Sunda , de Fran-
 » cisco de Sá , que ElRey mandava fazer ;
 » e depois com parecer dos Fidalgos , e Ca-
 » pitães me embarquei , por haverem que era
 » necessario pera segurança daquella forta-
 » leza , fazendo naquella jornada muito ser-
 » viço a ElRey , deixando a terra mui se-
 » gura , e quieta , não fazendo minha au-
 » sen-

» fencia falta na India , porque fui por fim
 » de Março , e tornei em fim de Setembro ,
 » deixando Antonio de Miranda Capitão
 » mór do mar com muito boa Armada , e
 » gente , e as fortalezas mui bem providas ,
 » em Goa mil e duzentos homens , em Chaul
 » trezentos e sincoenta , em Cananor passan-
 » te de duzentos , em Cochim mais de seis-
 » centos , e não levei comigo algum navio ,
 » senão os que por força haviam de ir in-
 » vernar fóra. Os serviços que tenho na In-
 » dia feito , depois que sou Governador , to-
 » dos os sabem. Este inverno concertei to-
 » da a Armada que tenho prestes , e muito
 » bem provida pera ir buscar os Rumes ,
 » que tenho por novas estarem em Cama-
 » rão , e tenho pera isso muitas munições ,
 » porque só nesta Cidade estão cento e tan-
 » tas pipas de polvora , e cada mez se fa-
 » zem dez , doze mil pelouros de falcão , e
 » quatro mil desperas de ferro coado , com
 » muitos outros artificios : e tenho toda a
 » gente que ganha soldo na India , sem ne-
 » nhuma ir a chatinar , e tenho pagos du-
 » zentos mil pardãos de soldos , sem cousa
 » alguma fahir do cofre , nem do dinheiro
 » da carga. Pelo que vos mando , e requei-
 » ro da parte d'ElRey , que mais não falleis
 » nas cousas de Pero Mascarenhas , nem con-
 » sintais fallar , nem recebais mais requeri-
 » men-

» mentos , nem me façais mais alguns , por-
 » que não serve isso de mais que de fazer
 » união no povo , perturbar o serviço d'El-
 » Rey , e dar causa aos vizinhos tentarem
 » contra nós alguma maldade ; e desta mi-
 » nha resposta mandareis o traslado a Pero
 » Mascarenhas , e me dareis a mim outro
 » pera o ter pera minha guarda. » E os
 mandou á Cidade , onde ainda hoje estam
 os proprios affinados por elle , e Pero Mas-
 carenhas , que nós vimos , e donde tirámos
 as forças substanciaes , por estarem em effilo
 judicial , que he mui prolixo , e comprido.

C A P I T U L O XI.

*De como os do bando de Pero Mascarenhas
 tratáram de prender Lopo Vaz : e das
 uniões que sobre isso houve : e de como
 Lopo Vaz os foi prender a todos.*

E Sta resposta de Lopo Vaz foi dada á
 Cidade , que a amostrou aos Fidalgos
 da India , por lho assi requererem , que lida
 por todos , vendo que Lopo Vaz de Sampaio
 em nenhuma maneira queria consentir faze-
 rem-lhe nenhum requerimento por parte de
 Pero Mascarenhas , (no que claramente mos-
 trava que usava de força , e que elle era o
 que não tinha justiça ,) ajuntando-se todos os
 da conjuração sobre este negocio em casa de
 Ei-

Eitor da Silveira, assentáram que era caso pera lhes ElRey pedir conta disso, e que lho estranharia muito, porque pera não consentirem tamanhas sem-razões tinha elle na India tantos, e tão honrados Fidalgos. Pelo que lhes pareceo que deviam de prender Lopo Vaz como alevantado. Assentado em fer assi necessario, o consultáram com os Vereadores, que lho louváram, e ordenáram o dia pera isso, em que todos haviam de acudir com suas armas pera este negocio, e começou-se logo hum grande rumor, e união por toda a Cidade. De todas estas cousas não faltou quem avisasse ao Governador, pelo que determinou de prender Eitor da Silveira, e os mais, e o communicou com Pero de Faria, assentando o modo como havia de fer, e deste negocio deo conta a Antonio da Silveira, que tinha casado de futuro com huma filha sua, e a Simão de Mello, e a outros de sua valia, a que avisou, que ao outro dia se achassem armados na rua direita em favor de Pero de Faria, que havia de fazer a prizão. E assim ajuntando estes Fidalgos muita gente de sua valia mui bem armada, tomáram as ruas direita, e a de S. Jorge, onde poufava Eitor da Silveira: era isto aos nove de Agosto. O Governador cavalgou, e se foi pôr na rua direita, estando todos prestes, e

ar-

armados , e dalli foi o Capitão da Cidade com o Ouvidor geral , e Meirinho a casa de Eitor da Silveira , que pousava na rua de S. Jorge , que he nas costas da rua direita ; e entrando pela rua achou muita gente que acudio a Eitor da Silveira , porque suspeitavam que o Governador o mandava prender : e por a couza ser tão supita , foram sós com as espadas que traziam nas cintas. Sabendo Eitor da Silveira que Pero de Faria estava á sua porta , assomou-se a hum balcão que fazia a escada pera a banda de fóra , e perguntou-lhe que queria : elle lhe disse , o Governador o mandava prender , e que lhe requeria da parte d'ElRey que lhe dêsse a menagem : ao que lhe elle respondeu , que subisse affima a lha tomar , que elle lhe faria o que elle merecia , pois era tão roim Fidalgo que acceitava illo prender. Pero de Faria mandou logo chamar o Governador , que acudio mui apressado com muitos que o seguiam ; e chegando á rua de S. Jorge , vio mui grande revolta de gente , que acudia a Eitor da Silveira com muitas lanças , e alabardas , e já com Eitor da Silveira estavam todos os Fidalgos da liga. Vendo o Governador o risco em que aquelle negocio estava , como era homem de grande animo , foi rompendo por toda a gente até chegar defronte das casas. Diogo da Sil-

ve-

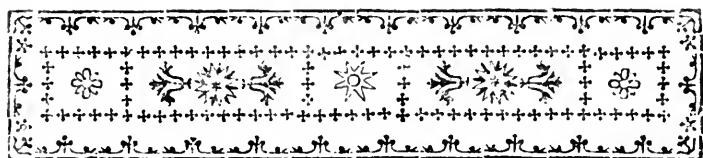
veira chegou ao balcão, e disse aos da sua parcialidade que estavam na rua : *Não vedes, Senhores, isto, que quer Lopo Vaz que abi está, tomar por força a governança da India a cuja he, não he bem que lho consentam*, (isto disse pera que os da rua comesçassem a travar a briga, por não ferem elles os primeiros, pera lhes não ficar em culpa o mal que disso se seguisse.) Lopo Vaz ouvindo dizer a Diogo da Silveira, que elle governava a India por força, disse alto com ira : *Por força a governo, e por força a hei de governar*. E descendo-se do cavallo, abraçou huma adarga, e tomando huma lança nas mãos, foi commettendo a escada, bradando-lhes que se dessem á prizão, sem os da rua oufarem a bolar comfigo. (O que parece que permittio Deos, porque huma só espada que se arrancára, tudo se acabava, porque os mais dos que estavam na rua houveram de morrer na briga, de que Lopo Vaz não podia escapar, porque da outra parte eram todos os Fidalgos principaes que havia na India.) Lopo Vaz foi commettendo a escada, onde se lhe atravessou Antonio Rico Secretario do Estado, como homem mui acordado, e mui cavalleiro, e liando-se com o Governador, lhe disse : *Tende-vos, Senhor, e não subais, que não he serviço d'ElRey, de cuja parte vos requei-*
ra,

ro , que não queirais pôr hoje a India a risco de se perder , porque effes Fidalgos que em fima estão são muitos , e muito aparentados , e muito honrados , e eu por taes os tenho , que só pelo que cumpre ao serviço d'ElRey cortarão por si , e se darão por prezos. Bradando alto aos de fima : Senhores , vede o que fazeis , não queirais de servir a ElRey , de cuja parte vos requeiro vos deis á prisão , porque se não perca hoje a India. Eitor da Silveira ouvindo aquillo , cahindo na razão , pelo Deos mover , chegando ao peitoril da escada , disse ao Governador que se quietasse , e se recolhesse , que elle , e os outros Fidalgos se davam por prezos , por cumprir assi ao serviço d'ElRey , que elle lhe daria conta da força que fazia. O Capitão Pero de Faria , que estava pegado com o Governador , ouvindo aquillo , lhe pediu que se recolhesse , que elle levaria a todos prezos á fortaleza : fello o Governador assi , e Pero de Faria subio affirma , e disse áquelles Fidalgos o muito grande serviço que naquelle negocio tinham feito a ElRey , que lhe fizessem mercê de se irem com elle pera a fortaleza , onde elle pousava , até se quietarem aquellas cousas : o que elles fizeram , e se foram com elle todos os que na casa estavam , que eram os seguintes : Eitor da Silveira , D. Antonio da
 Sil-

Silveira, Diogo da Silveira, D. Tristão de Noronha, D. Jorge de Castro, Vasco da Cunha, Martin Vaz Pacheco, Jorge da Silveira, D. Henrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Taide, Simão Delgado Quadrilheiro mór, Nuno Fernandes Freire, D. Francisco de Castro, Simão Sodré, Jorge de Mello, Aires Cabral. E mettidos na fortaleza, lhes tomou o Capitão as menagens, de que se fizeram autos assinados por elles, com o que Lopo Vaz lhe pareceo ficava seguro, indo-se reconciliar com elle os Officiaes da Camara, a quem mandou que respondessem ao protesto de Pero Mascarenhas, e lhe mandassem a resposta sua, e delles, e que despedissem Mem Vaz, o que logo fizeram, respondendo a Pero Mascarenhas por boca do Governador, que elles o não podiam obrigar, nem requerer que se puzesse em direito com elle sobre a governança, por saberem que estava de posse, e obedecido por Governador por Provisão d'ElRey, e que requerendo-lhe o que elle queria, parecia pôr em dúvida a Provisão d'ElRey, que elle só era o que podia julgar estas cousas, e que lhe pediam não quizesse vir a Goa, porque não serviria de mais, que de fazer alvoroço na gente que era necessario estivesse quieta, e conforme pera peleijarem com os Rumes que esperavam.

vam. Com esta resposta, e com a de Lopo Vaz, que lhe deram autentica, se partio Mem Vaz outra vez por terra, levando tambem cartas dos Fidalgos prezos pera Pero Mascarenhas, em que se remetthiam a Mem Vaz nas cousas passadas, pedindo-lhe de novo, que em todo caso viesse a Goa, porque tudo se faria bem. Lopo Vaz por não querer ter todos os Fidalgos contra si, mandou soltar dos que estavam prezos os que tinham menos culpa, que eram, Vasco da Cunha, D. Tristão de Noronha, Martim Vaz Pacheco, Jorge da Silveira, D. Henrique Deça, Diogo de Miranda, Francisco de Taíde, Simão Delgado, Nuno Fernandes Freire, D. Francisco de Castro, Simão Sodré; deixando ficar prezos, Eitor da Silveira, Diogo Silveira, D. Antonio da Silveira, e D. Jorge de Castro, por serem cabeças da conjuração; e a Aires Cabral, e Jorge de Mello mandou levar prezos pera a fortaleza de Banestarin, por alvoroçadores do povo, mandando-lhes lançar ferros. E no fim do mez de Agosto, por se recear ainda dos Silveiras, tratou de os mandar prezos a Cochim em hum catur muito pequeno, de que elles foram avisados, entendendo mui bem que aquillo tratava o Governador mais pera ver se se podiam perder no mar, porque o tempo era muito verde, que por lhes

estreitar a prizão, e lhe mandáram sobre isto fazer protestos, e requerimentos, dizendo nelles, que eram os principaes Fidalgos, que ElRey tinha na India, e que não era razão que os arriscasse em tempo tão perigoso: e que acontecendo-lhes algum desastre, daria conta a ElRey de suas vidas: com o que Lopo Vaz desistio de os mandar, tendo sobre elles grandes vigias: e elles mui grande resguardo em si, porque se temiam de peçonha, e segundo a couza estava damnada de parte a parte, tudo se podia recuar.



DECADA QUARTA.

LIVRO III.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Do que aconteeço na jornada de Francisco de Sá, e da descripção da Ilha de Jaoa, e de qual he a maior, e menor de Marco Polo: e de como Francisco de Mello rendeo huma não de Turcos na barra de Achem.

DEIXAREMOS por hum pouco as cousas d'antre Lopo Vaz, e Pero Mascarenhas, por darmos conta das que neste tempo atrás todo do verão acontecêram em Maluco: e primeiro trataremos da jornada de Francisco de Sá de Menezes, que como dissemos partio de Bintão a fazer humma fortaleza na Sunda, de que temos dado conta. E fazendo sua jornada, deo-lhe hum tamanho temporal, que foi correndo com hum bolso de véla á vontade dos ventos, e foi de sorte, que se apartou a Armada,

L ii

que

que esteve perdido correndo cada hum por onde pode, porque o tempo foi rijo, e lhe durou muitos dias, em que Duarte Coelho, que hia em huma não grande, e huma galé, de cujo Capitão não achámos o nome, e huma fusta, foram depois de muito trabalho tomar o porto da Sunda, e com tal temporal que a fusta deo á costa, e trinta Portuguezes, que nella hiam, salíram a terra a nado, onde logo foram mortos pelos Mouros da terra, que eram inimigos; porque o Rey que queria dar fortaleza era morto, e o inimigo com quem tivera a guerra lhe tinha tomado o Reyno, e estava a este tempo na Cidade de Banta, principal do Reyno, com muita gente pera acabar de o sujeitar. O que tanto que vio a nossa Armada, como sabia que o Rey passado mandára offerecer aos Portuguezes fortaleza naquelle porto, quiz-se vingar nos nossos. A não, e a galé estiveram tambem dadas á costa, se Deos milagrosamente os não salvára. Duarte Coelho soube logo o que fizera á gente da fusta, e como a terra estava em divisões, e houve que era tempo perdido esperar alli mais, porque não sabia que feria feito do Capitão mór: e assi abonançando o tempo se fez á véla pera Malaca. Francisco de Sá foi correndo o temporal com que ferrou a costa da Jaoa, por onde foi

en-

encontrando os seus navios, que todos ajuntou no porto de Paneruca. E porque será razão darmos a conhecer esta terra, faremos della huma breve descripção, e mostraremos quaes são as Jaoas maior, e menor de Marco Polo, por tirarmos a confusão que disso houve antre os Geografos modernos. Pelo que se ha de saber, que esta Ilha da Jaoa quasi que quer imitar a figura de hum porco deitado sobre as mãos, por cujo focinho passa aquelle canal que chamam de Balabuão, e por de baixo dos pés o outro a que chamam o boqueirão da Sunda, que he mui continuado das nossas náos. Esta Ilha está lançada directamente ao Rumo, a que os mareantes chamão Leste Oeste: terá de comprido cento e sessenta leguas, e de largura no mais largo setenta. Aquella parte das costas, que lhe ficam da banda do Sul, não he tratada de nós, nem se lhe sabem portos, nem bahias; mas da outra parte da barriga, que he a da banda do Norte, he mui tratada, e communicada de nossos navios, e tem muitos, e bons portos; e ainda que toda a costa he mui suja, e cheia de baixias, todavia, pela continuação são seus canaes, e forgidouros mui sabidos, e raramente acontece desastre a navio algum. Tem muitos Reynos por esta banda do maritimo, huns sujeitos aos outros; e começando da cabeça,

ça , ou da banda do Levante , iremos nomeando os de que temos conhecimento. O Valle , Paneruça , Agafai , Sodayo , Panião , (cujo Rey reside pelo sertão trinta leguas , e he como Emperador destes , e de outros adiante ,) Tubão , Berodão , Cajoão , Japarã , (cuja Cidade principal se chama Cerinhamá , tres leguas pela terra dentro , e a Cidade de Japarã está á borda da agua ,) Damo , Margão , Banta , Sunda , Andreguir , onde ha muita pimenta. Este Reyno tem hum rio por onde ella sahe chamado Jande , pelo sertão tem muitos Reys que se chamam Gunos , que vivem em serras asperissimas , são brutos , e salvagens , e muitos delles comem carne humana. Estas serras como dissemos são altissimas , e algumas dellas lançam fogo pelos cumes , como a Ilha de Ternate : cada Rey destes que nomeamos tem lingua sobre si , mas quasi todos se entendem por ellas , como nós com os Gallegos , e Castelhanos. Este Reyno da Sunda , de que fallamos , he muito prospero , e abastado , e fica lançado entre as terras de Jaon , e Camatra , porque por antre ambas se faz aquelle boqueirão que chamam da Sunda. Tem este Reyno muitas Ilhas adjacentes , que correm do longo delle para dentro do boqueirão , mui perto de quarenta leguas , e fica a Cidade de Banta no meio deste estreito ,

to , que no mais largo terá vinte e cinco leguas , e em partes doze , e no mais estreito seis : todas as suas Ilhas tem muito pouca agua , mas muita , e boa madeira , algumas são povoadas ; e humna pequena , que está na entrada do boqueirão da banda do Levante , que se chama Macar , affirmam que tem muito ouro. Os portos principaes do Reyno da Sunda são Banta , Aché , Xacatara , por outro nome Caravão , aos quaes vam todos os annos mui perto de vinte lómmas , que são embarcações do Chincheo , humna das Provincias maritimas da China , a carregar de pimenta , porque dá este Reyno todos os annos oito mil bares della , que são trinta mil quintaes. A Cidade de Banta está em altura de seis grãos do Sul , situada em humna enxada tão larga , e formosa , que de ponta a ponta terá tres leguas , fica a Cidade em meio , que seria de comprimento oitocentas e sincoenta braças , e de longo por humna das bandas , que he a do mar , quatrocentas , mas pelo sertão he mais comprida. Passa por meio da Cidade hum formoso rio , por que podem entrar juncos , e galés , que deita hum braço por humna ilharga da Cidade menos capaz , porque não entram por elle senão embarcações pequenas até catures. Tem a Cidade a humna parte humna fortaleza , cujo muro (que he de adobes)

bes) será de largura de sete palmos, e os baluartes de madeira de dous sobrados, com boa artilheria: esta enxada he limpa, em partes tem lama, e em outras arêa: haverá por toda ella de seis até duas braças de fundo. E por entender ElRey D. João, que tendo alli huma fortaleza seria senhor de todo aquelle boqueirão, e de toda a pimenta daquelles Reynos, encommendou muito ao Conde Almirante a mandasse alli fazer por Francisco de Sá, e ainda hoje se entende que será mais importante, assi pera defender a entrada aos Inglezes, e Turcos, como pera segurança do trato, e commercio daquellas partes, que he o substancial da India. E assi se pratica antre os homens velhos, e antigos, que tendo ElRey de Portugal tres fortalezas, huma nesta parte, outra na ponta do Achem, e outra na costa de Pegú, ficariam fechadas com tres chaves as partes do Levante, e seria senhor de todas suas riquezas: e pera isso dam muitas razões, que nós deixamos por não ser cumprido. Tornando á Ilha da Jaoa, he toda ella muito abastada de todas as cousas necessarias á vida humana, e tanto, que della se provê Malaca, Achem, e todos os mais vizinhos. São os naturaes daqui, a que chamam Jaos, homens tão soberbos, que cuidam que nenhuns outros lhes precedem, antes

tes que elles o fazem a todos ; em tanto , que passando hum Jao por huma rua , se acertar alguma pessoa de outra nação estar sobre algum poial , ou algum lugar mais alto , que aquelle por onde elle passar , se se logo não descer abaixo , até que elle passe , o matará , porque não consente cuidar alguém que póde ficar mais alto que elle : e assi não porá hum Jao sobre sua cabeça hum pezo , ou carga , ainda que por isso o matem. São homens cavalleiros , e tão determinados , que por qualquer offensa que se lhes faz , se fazem amoucos , pera se satisfazerem della ; e posto que lhe ponhão humma lança nas barrigas , vam-se mettendo por ella sem receio algum até chegarem ao contrario. E porque destes amoucos em outra parte damos melhor razão , o deixamos agora. São todos homens mui exercitados na arte da navegação , em tanto , que se tem por mais antigos nella que todos , ainda que muitos dam esta honra aos Chins , e affirmam procederem delles os Jaos ; mas he certo navegarem estes já até o Cabo de Boa Esperança , e terem communicação na Ilha de S. Lourenço da banda de fóra , aonde ha muitos naturaes Bassos , e Ajavados , que dizem procederem delles. E querendo nós inquirir de alguns Jaos praticos daquella arvore de que falla Nicoláo de Conti Vene-

zea-

zeano achar-se na Ilha da Jaoa , em cujo amago diz nascer humo verga de ferro mui subtil , e de tanta virtude , que quem a trazia apar da carne não podia ser ferido com alguma arma , e que muitos Jaos faziam feridas em partes de seus corpos , e que mettiam pedacinhos deste ferro , e tornando-as a cozer , ficando dentro perpetuamente , nunca já eram feridos , do que estes Jaos a quem o perguntámos zombáram bem. E considerando em Marco Polo , o que falla de Jaoa maior , e menor , nos parece que esta de que tratamos he a menor , e que a Ilha de Çamatra he a que elle tem pela Jaoa maior ; porque diz que a maior tem duas mil milhas em roda , e que não se vê nella a estrella do Norte , e que tem oito Reynos , Faleh , Bafina , Camara , Dragojão , Lambri , Faõfur , do que se vê muito claro fallar da Ilha de Çamatra ; porque quasi tem a mesma grandeza , que lhe elle dá , e nella senão vê o Polo Arctico , por ficar de baixo da Equinocial , o que não tem em nenhuma outra Ilha daquellas da banda do Norte , porque de todas ellas se vê aquella estrella. E ainda isto se vê mais claro nos Reynos que nomea , porque o de Camara , não ha dúvida senão que quiz dizer Çamatra , Dragojão , que he Andreguir , Lambri , ainda hoje conserva o nome naquella Ilha ,

e to-

e todos os mais que nomea , que a corrupção , que nelles fez o tempo , os faz já desconhecer. E deixando isto pera outro lugar , (se nos cahir mais a proposito ,) tornando a continuar com Francisco de Sá , depois de ajuntar os seus navios , foi seguindo sua derrota até tomar o porto de Bata , onde furgio , mandando á terra recado de amizades , e offerecimentos áquelle Rey , pedindo-lhe houvesse por bem deixar-lhe fazer huma fortaleza naquelle seu porto , como ElRey seu antecessor o mandára pedir , pera ficar o commercio entre elle , e os Portuguezes mais seguro , com o que seus Reynos enriqueceriam , como fizeram todos os do Oriente , que acceitáram a amizade d'ElRey de Portugal. O Rey , que era máo homem , parecendo-lhe que antes se o consentisse perderia o Reyno , (que isso tem os tyrannos , andarem sempre timidos , e recco-fos de lhes tomarem o que elles usurpáram ,) mandou-se escusar , com o que Francisco de Sá se resumio em desembarcar em terra , e fazer por força , o que não queria consentir por vontade. E commettendo a desembarcação achou tal resistencia , que com morte de quatro homens , e outros bem escalavrados , se tornou a recolher , e não querendo-a guardar alli mais , deo á véla pera Malaca , onde chegou pouco depois de Pero
Mas-

Mascarenhas embarcado, e deixando-se ficar alli, despedio logo Francisco de Mello por Capitão de huma caravéla chamada a Pereirinha, pera levar cartas ao Governador, a quem mandava pedir mais gente, e Armada pera tornar a commetter aquelle negocio. Francisco de Mello foi seguindo sua jornada, correndo a costa do Achem, e sobre sua barra vio estar surta huma não á carga pera Méca, e tomando conselho com os companheiros sobre o que faria, assentáram que se commettesse, porque não ficasse aquella jornada sem haver hum papo quente. E postos em armas foram commetter a não affi á véla, que estava já preparada pera se defender, porque logo conhecêram a nossa caravéla: Estavam os de dentro tão soberbos, que em nada estimáram os nossos, porque eram trezentos homens d'armas Achens, e quarenta Rumes, e Turcos. Francisco de Mello chegando perto della a começou a esbombardear, matando-lhe daquella primeira salva muita gente; e porque a víram tão crespa, e cheia de gente, determináram de a baterem até a render, porque senão atrevêram a abordalla, e assi se puzeram á trinca batendo-a rijamente, e quiz a fortuna; que lhe acertáram com hum camelo ao lume d'agua que a varou dentro, por onde se encheo della, e os Mouros se lançáram ao

mar

mar pera se salvarem : os nossos fizeram nelles tal matança que escapáram bem poucos , ficando todos desconfolados de se não cevarem naquella náó , que estava cheia de fazendas , e seguindo seu caminho foram tomar Cochim tão tarde que não pudéram passar a Goa.

C A P I T U L O II.

De como D. Garcia Henriques fez pazes com ElRey de Tidore , e a razão porque logo as quebrou , e de como faleceo aquelle Rey : e das suspeitas que houve ser ajudado a isso com peçonha que se lhe deo.

ENtregue D. Garcia Henriques da capitania de Maluco , na vagante de Antonio de Brito , (que logo se partio pera Banda esperar a monção da India ,) achando a fortaleza falta de todas as cousas , despedio logo Martim Correa em hum junco pera Banda , pera ver se achava naquellas Ilhas algumas embarcações de Portuguezes , em que se provesse do necessario , e fazendo sua jornada , teve hum tão grande temporal que esteve perdido , e chegou a Banda destroçado de todo , onde ainda achou Antonio de Brito , que o ajudou a reformar , e concertar. Poucos dias depois delle surgiram naquelle porto huma soma de juncos que hiam de

Ma-

Malaca, de que era Capitão mór hum Fidalgo chamado Manoel Falcão, que Pero Mascarenhas depois do negocio de Bintão despedio pera Maluco com provimentos que levava Fernão Baldaia, que hia por Escrivão da feitoria de Ternate. Estes provimentos recolheo Martim Correa no seu navio com o Baldaia pera se logo ir pera Ternate, pela necessidade em que ficava. E antes que partisse foi avisado da gente da terra de verem andar per antre aquellas Ilhas duas náos grandes da feição das nossas, e não cuidando quaes podiam ser, porque Manoel Falcão vinha de Malaca, (onde não havia cousa alguma pera poder partir pera aquellas Ilhas,) assentáram ser de Castelhanos, e que não deviam de ser sós, antes podia ser da companhia de alguma grande Armada, o que os sobrefaltou muito, porque se tal era, não hiam pera outra parte senão pera Ternate, com o que correria risco aquella fortaleza pela pouca gente que tinha. Pelo que Martim Correa requereo a Antonio de Brito, e a Manoel Falcão da parte d'ElRey fossem soccorrer aquella fortaleza, que estava arriscada, se aquellas náos fossem de Castelhanos, mandand'o fazer hum auto do tal requerimentó. Antonio de Brito não quiz tornar-se, mas deo da gente, e munições, que levava a Martim Correa,

que

que se fez á véla com Manoel Falcão , e ambos surgiram em Talangame , e vendo-se com D. Garcia lhe deram conta do que passava , que com o provimento , e gente que lhe veio , disse , que lhe dava muito pouco que viessem dez náos de Castelhanos. Andava D. Garcia neste tempo em contrato de pazes com ElRey Almanfor de Tidore , o que encontrava muito Cachil Daroez tutor , e tio de Bohat filho mais velho do Boleife , que havia de herdar o Reyno como tivesse idade , porque depois da morte do Pai ficou governando o Daroez , que desejava de estorvar as pazes com Tidore , porque receava passar-se lá o commercio do cravo , e ficar Ternate com isso muito abatido , e elle homiziado com aquelle Rey pelo favor que sempre deo aos Portuguezes contra elle. E por muito que nisso trabalhou , as pazes se assentáram com condição , que tornaria o Rey de Tidore a fusta que nas guerras passadas tinha tomada com sua artilheria , e que entregaria todos os Portuguezes que lá andavam fogidos , e com outros pontos que não são substanciaes. E porque o Rey de Tidore soube o desgosto que tivera destas pazes Cachil Daroez , desejando de o conservar em amizade , (pera ficar mais seguro com a dos Portuguezes , pelo proveito que disso tinha ,) tratou de o casar com
hu-

hum filha sua, por se liar com elle, porque tambem como estivessem liados, e conformes, teriam os nossos enfreados, e não receberiam dos Capitães tantas offensas. Dom Garcia foi logo avisado destes tratos, de que lhe não vinha bem, porque depois de juntos com qualquer achaque se alterariam, e dariam trabalho á fortaleza, e trabalhou de estorvar aquellas lianças, o que não pode já fer por estarem ambos satisfeitos: pelo que determinou de com alguma invenção quebrar as pazes (como logo fez) mandando pedir ao Rey de Tidore a artilheria da fusta, que não era ainda entregue, nem o tempo era passado. A isto se escusou ElRey com dizer que a tinha emprestada a ElRey de Bachão, que como a arrecadasse a entregaria. Estava neste tempo este Rey de Tidore muito enfermo, e mandou pedir a Dom Garcia hum Medico pera o curar, elle lhe mandou hum boticario, mas aproveitou pouco; porque o Rey morreo daquelle doença, e suspeitou-se que o ajudáram a isso. O que sabido por D. Garcia, e que estava toda a Cidade occupada em seu enterramento, embarcou-se com muita pressa em algumas corocoras, e foi sobre aquella Ilha, mandando diante recado aos Regedores que lhe mandassem a artilheria, senão que havia por quebrada a paz, e que assi lho noti-

tificasse. Este recado lhes deram , estando ainda o corpo d'ElRey por enterrar , ao que lhe respondêram que logo lha entregariam. E fazendo-lhes a notificação Fernão Baldaia , que a isso foi , tornou-se a D. Garcia que hia por caminho , e chegou a Tidore de madrugada. Como todos estavam descuidados de tal , desembarcou D. Garcia com todos os que levava , e foi entrando á Cidade , e pondo-lhe fogo por algumas partes , que ateou bravissimamente. Ao estrondo , e terremoto acordáram todos , não tendo o tento em mais que em salvar suas pessoas , acolhendo-se pera os matos , ficando os nossos senhores da Cidade , que saqueáram á sua vontade , achando sete peças de artilheria , que D. Garcia mandou recolher ; e deixando a Cidade posta a ferro , e a fogo , tornou-se a embarcar. Ficáram os nossos deste negocio com o credito perdido entre todos aquelles Reis daquelle Arquipelago , dizendo-se publicamente que não guardavamos a fé. Pelo que defendêram logo pela mór parte daquellas Ilhas nosso commercio , não consentindo os nossos nellas. Os Tidores , tanto que se embarcou D. Garcia , tornáram-se pera a sua Cidade , que acháram feita em cinza , e alevantáram logo por Rey Cachil Raxamira , filho d'ElRey Almanfor o morto , que por ser muito moço se lhe deo por

tutor a Rade Cachil , ficando a guerra declarada com a nossa fortaleza , que lhe deo bem de trabalho , como pelo decurso da historia se verá.

C A P I T U L O III.

Do que aconteceu a D. Jorge de Menezes na jornada de Maluco , e de como descobrio as Ilhas dos Papuas : e da Armada que partio de Castella pera aquellas Ilhas de Maluco , e da derrota que levou até chegar a ellas.

PArtido Dom Jorge de Menezes de Malaca pera as Ilhas de Maluco , como atrás temos dito , (que foi a primeira cousa , em que proveo Pero Mascarenhas , depois de ter recado que era Governador ,) foi seguindo sua viagem pela via de Borneo , como levava por regimento. Chegando ás Ilhas do Moro setenta leguas de Ternate , indo demandar á terra pera surgir , não achou fundo por ser tudo á roda daquellas Ilhas mui alcantilado , e não se poder surgir senão com os proizes em terra ; e como D. Jorge não queria vizinhar-se tanto a ella , foi-se na volta do mar. Da Ilha foram logo vistos , e sahíram duas almadias ás náos ; e porque não se determináram serem Portuguezes , ou Castelhanos , não se ousáram a chegar. Dom
Jor-

Jorge lhes mandou capear, com o que hum das almadias se arriscou, e chegou a bordo. D. Jorge lhes mandou perguntar pelo Capitão de Maluco, e pelo estado em que a nossa fortaleza estava, de que lhe não foubem dar razão, e por anoitecer se affastáram com alguns pannos, que lhes mandou dar D. Jorge por irem contentes. De noite acalmou o vento, ficando os nossos navios anhotos; porque como não havia fundo pera surgir, nem vento pera governar, e as aguas por antre aquellas Ilhas corriam pera o Levante, como a pedra da mão, foram levados até os lançarem fóra de todas as Ilhas em hum golfo de mar mui grande, onde lhes deo hum temporal mui grosso, com que foram correndo quasi perdidos alguns dias, até haverem vista de hum terra que lhes pareceo Ilha, que estava em altura de ... grãos do Norte, e indo-a demandar foram surgir perto, e em muito bom fundo. Logo vieram algumas embarcações a elles, em que vinham alguns homens muito pretos, e de cabellos revoltos, como os Cafres de Jalofo, ou como os do Cabo de Boa Esperança pera Moçambique, e entrados nas náos lhes fizeram os nossos grandes gazalhados, mas não houve quem os entendesse; mandando com elles algumas pesscas a terra a fallar com o seu Rey, e haver o que

ella tinha , e acháram ElRey que tambem era preto , como os outros , que os recebeo bem , failando-lhe por acenos , e víram a terra abastada de mantimentos , gados , e galinhas , que os nossos mandáram resgatar por pannos , e por calaim. Vendo D. Jorge que não havia monção pera tornar pera Maluco , senão dalli a alguns mezes , deixou-se alli ficar commutando com os da terra tudo o de que tinham necessidade , achando aquelles moradores dalli domesticos , posto que diziam que pela terra dentro havia nações que comiam gentes. Aqui víram os nossos alguns dos naturaes , assi homens , como mulheres , tão alvos , e louros como Alemães , e perguntando como se chamavam aquellas gentes , disseram que Papuas : e pelo pouco conhecimento que então tinhamos daquella terra , cuidáram os nossos serem Ilhas ; mas quanto a nós pelo que depois se veio a alcançar , esta terra he aquella a que Marco Polo Veneto chama Lochac , que diz ser riquissima de ouro , que diz que estava setecentas milhas (que são mui perto de duzentas leguas nossas) da Jaoa , e a põe da outra banda do Tropico , e diz que ao derredor estavam as Ilhas de Sodur , Pentán , Malayur , e outras , e do que dellas depois se soube , e descubrio , em outro lugar o diremos. E deixando a D. Jorge em quan-

to

to lhe tarda a monção , tornemos ás náos dos Castelhanos , de que em Ternate andava fama , e diremos que Armada era , e o que lhe aconteceu na jornada. Depois de chegar a Hespanha aquella formosa não Vitoria , da companhia de Fernão de Magalhães , dando razão ao Emperador Carlos V. Maximo (que já governava) do descobrimento que fizera das Ilhas de Maluco , fazendo-lhe crer ficarem na sua demarcação , encarecendo-lhe as riquezas dellas , mandou logo ordenar no porto da Corunha outra Armada de sete vélas , de que deo a capitania a Frei Garcia de Loaíza Fidalgo Biscainho , Commendador de S. João. Esta Armada deo á véla vespera de Sant-Iago de mil e quinhentos e vinte e cinco annos : hia nella por sota-Capitão o mesmo João Sebastião del Cano. A Armada era de quatro náos , dous galeões , e hum pataxo. Os Capitães eram Frei Garcia , João Sebastião del Cano , D. Rodrigo da Cunha , e Diogo de Vera : estes hiam nas náos , os das caravelas não foubemos. Partidos da Corunha , foram tomar a Gomeira , e correndo a costa de Guiné , faltando-lhes o tempo pera dobrar o Cabo de Santo Agostinho , por conselho de todos determinou o General de fazer sua derrota pelo Cabo de Boa Esperança : e indo-o demandar , encontráram hum
na-

navio de Portuguezes , que entre algumas coufas que delles fouberam , foi , que acháram huma Ilha chamada S. Mattheus , em que fizeram aguada , e acháram sinaes de já ser povoada em algum tempo , porque havia alli muitas laranjeiras , e arvores de espinho , gallinhas , rasto de porcos , e em alguns troncos de arvores grandes acháram letras Portuguezas , em que se mostrava que havia oitenta e sete annos , que já alli estiveram gentes nossas , do que em nenhuma outra elcritura achámos feito memoria. Em fim largando o navio , foram seguindo sua derrota até passarem o Cabo de Santo Agostinho : tornáram a demandar o estreito de Magalhães , porque lhes entrou bom vento ; e indo correndo a costa , lhe deo hum tempo que apartou o General dos outros navios , que foram tomar hum rio formoso , e grande , a que mandáram o pataxo que arvorasse sobre a sua barra hum cruz , e alli lhe deram o nome do *rio de Santa Cruz* : ao pé della deixáram hum panella com cartas , em que contavam a jornada que fizeram até li , pera o seu General se alli fosse ter , dizendo-lhe que o hiam esperar ao estreito de Magalhães. Partidos dalli acháram outro rio , a que puzeram nome de *Santo Elefante* , que era tamanho que cuidáram ser o estreito ; e mandando João Sebastião del Cano ,

no , ou indo elle mesmo a vello , deo na boca delle em secco , indo em hum batel , e hum parente seu em outro , e fez final ás náos que hiam commettendo a entrada que tornáram a voltar , e Sebastião del Cano , e o outro passáram grandes trabalhos até tornarem ás náos. E correndo outra vez a costa adiante deram com o estreito , onde surgiram ao pôr do Sol , pera ao outro dia commetterem a entrada , e buscarem nelle porto pera esperarem o seu General. A mesma noite lhes deo hum tempo mui rijo com que o pataxo se metteo em hum esteiro , e João Sebastião del Cano indo cassando muito , cortou a amarra , e deo o traquete ; mas foi varar tão perto de terra , que da cevadeira saltáram cinco homens nella , e morreram dezenove affogados. A outra náó de Diogo de Vera teve-se sobre a amarra até passar o tempo , e como pode , deo á véla , e nunca mais appareceo. D. Rodrigo da Cunha , Capitão da outra náó , passado o tempo , deo á véla , e foi-se na volta de Castella , mas logo encontrou o General , e com pouca ventade voltou com elle , e embocando o estreito , víram a náó de Sebastião del Cano perdida , e a gente em terra que lhe fez final , e mandou o batel a buscar o Capitão ; e a todos os companheiros mandou dizer que esperassem , que logo os mandaria bus-

buscar, porque hia demandar algum porto
 em que pudesse surgir: e entrando o estreito,
 surgiu da banda de dentro no primeiro
 pouso que achou bom; e dalli tornou a
 mandar hum caravéla (que o acompanhou
 sempre) a buscar a gente da não perdida.
 Esta caravéla tornou a sahir fóra do estreito,
 e recolheo a gente toda, e voltando
 com ella, antes de entrar o estreito, lhe deo
 hum tempo, com que desgarrou á outra
 costa. A capitania cassou com todas as an-
 coras passante de hum legua, tocando mui-
 tas vezes em baixo com o arfar, pelo que
 abrio, e fez tanta agua, que lhe foi força-
 do alijarem muitas cousas ao mar. Frei Gar-
 cia de Loaíza, vendo que o tempo crescia,
 receando que a não se perdesse, foi-se no
 batel pera terra, porque era perto, e o mes-
 mo fez toda a mais companhia, ficando só
 os marinheiros. Passada a tormenta tornou-
 se a embarcar, e sahio-se fóra do estreito,
 e foi tomar o rio de Santa Cruz, que esta-
 va delle cincoenta leguas, pera concertar
 as náos que estavam destrocadas, nas marés
 que alli cresciam, e vasavam sete braças. Dal-
 li mandou D. Rodrigo da Cunha a buscar
 o pataxo, que achou junto da não perdida,
 e tomando-lhe a gente que quiz, não que-
 rendo mais proseguir naquella jornada, tor-
 nou-se pera Castella, e o pataxo se foi pera
 o Ge-

o General, e lhe deo aquellas novas, porque sabiam sua determinação. Concertadas as náos, tornou o General com os galeões, e pataxo a entrar o estreito com determinação de invernar no meio d'elle, e acudindo-lhe bom tempo, sahio fóra d'elle, e sendo quatrocentas leguas da costa lhe deo hum temporal com que se perdêram os galeões, e o pataxo foi tomar a nova Hespanha. O General foi só seguindo sua derrota, e por conselho de João Sebastião del Cano passou a Equinocial, por lhe elle dizer, que em doze grãos estavam humas Ilhas mui ricas de ouro, e prata: e indo-as demandar adoecêram muitos, e falecêram em poucos dias o General, e o João Sebastião del Cano, e o Piloto, e Thesoureiro, e todos morreram de humas nodoas pretas que lhes sahíram pelas pernas. Os que ficaram vivos elegêram por Capitão Toribio Alonso Salazar, que se tornou a metter de baixo da linha, e faleceo chegando ás Ilhas das Vêlas, que agora chamam dos Ladrões. Por sua morte houve grande alvoroço sobre a capitania entre Martim Inhegues de Carquicios Alguazil maior da Armada, e Fernão de Bufamente Thesoureiro da náos Santo Espirito, a perdida, de que foi Capitão João Sebastião, que tinha já ido a Maluco na náos Victoria, e por evitarem contendas, concertáram-

ram-se que ficassem ambos Capitães, e mandassem igualmente, até chegarem a alguma das Ilhas de Maluco, onde se determinaria quem ficaria só: e seguindo sua derrota, foram haver vista de Mandanáó, onde foi Martim Inhegues julgado de todos por Capitão, que também era Fidalgo Biscainho. Martim Inhegues foi logo demandar Maluco, e chegando a Cope lugar do Morotay no Moro, tomou refresco, e agua, dalli se passou a outro lugar chamado Camafo, que he na Morotoja, cujo Sangage era vassallo de Tidore. Foi isto no proprio tempo que Dom Jorge de Menezes se affastou dellas, e se foi desgarrado com as correntes, e todavia foi visto dos Castelhanos, e conhecêram ser a náó Portugueza: pelo que se foram os Castelhanos mettendo bem dentro no golfo de Camafo, que he da outra banda do Levante da Ilha do Moro, onde surgiram. A gente da terra foi á náó a visitar o Capitão, e o leváram com todos os seus pera terra, e os agazalháram bem, pela amizade que sabiam tinham com o seu Rey. Alli souberam como os Portuguezes tinham fortaleza em Ternate, e todas as mais cousas que eram succedidas até então, e da guerra que Dom Garcia fizera ao seu Rey. Os Castelhanos usando de sua natureza, se lhes offerecêram pera ajudar o seu Rey contra os Portuguezes,

zes , lançando seus despechos , promettendo-lhes de os comerem todos assados. Com isto lhes deram os da terra tudo o que haviam mister , e não lhes queriam tomar dinheiro , porque esse seria o intento de suas promessas , que bem sabiam elles que os Portuguezes eram máos de assar , e peiores de tragar. Estas novas desta não são as que deram a D. Garcia Henriques , (como atrás temos dito ,) e certificando-se serem Castelhanos , despedio logo Martim Correa , e com elle Diogo da Guerra em huma corocora mui ligeira , pera irem ver o que aquillo era , e pera tomarem lingua da terra. Estes homens foram ter a hum lugar de Camafo , onde foram certificados da verdade , e de como ficava naquella Cidade aquella não , e que partíram de Hespanha sete juntas , porque se esperava , e assi o affirmavam os Castelhanos , e souberam que os da terra estavam com elles mui soberbos , e ufanos : com isto se tornáram , e deram as novas a D. Garcia , que com muita pressa armou dous navios de remo , em que mandou embarcar setenta Portuguezes , e pedio a Cachil Daroez , que se embarcasse em suas corocoras , como logo fez em dez , ou doze , e desta Armada fez Capitão mór Manoel Falcão , dando-lhe por regimento , que chegassem á vista da não , e mandassem a ella o Ouvidor

dor que com elles mandou embarcar, pera ir fazer ao Capitão hum requerimento que lhe deo por escrito, e com isso hum breve carta pera o Capitão, e que não querendo defirir a cousa alguma, pelejassem com ella, e lhe levasssem todos os Castelhanos prezos. Manoel Falcão foi seguindo sua jornada, e ao sahir do golfo de Camafo encontrou a náó, e mandou a ella o Ouvidor em hum corocora pera ir fazer a diligencia. Chegado o Ouvidor a bordo da náó entrou dentro, e foi recebido mui honradamente de Martim Inhegues, a quem deo a carta que levava, em que D. Garcia lhe requeria da parte do Emperador Carlos Quinto, que se fosse pera aquella fortaleza de Ternate, onde o agazalhariam como a vassallo de hum Senhor tão parente, e amigo d'ElRey de Portugal, e que dalli se tornaria pera Hespanha, e que não quizesse andar por aquellas Ilhas, que eram da Coroa de Portugal, inquietando a paz que havia entre aquelles Reys, e com isso lhe fez o Ouvidor o protesto, mandando fazer delle hum auto pelo seu Escrivão. Martim Inhegues lhe respondeo, que aquellas Ilhas eram do Emperador seu Senhor, por caberem em sua demarcação, e que tinha sobre isso havido sentença contra ElRey de Portugal, pelo que requeria a elle D. Garcia, que não

fos-

fosse elle o quebrantador da paz. Feitos os protestos de parte a parte, teve Martim Inhegues muitos cumprimentos com o Ouvidor, que notou muito devagar a náó, e a gente que levava, e despedindo-se d'elle se tornou pera Manoel Falcão, a quem deo conta do que passára com Martim Inhegues, e lhe affirmou que a náó estava muito forte, e que tinha em si trezentos homens, e muita artilheria; e vendo que era em vão commettella, tornáram-se pera Ternate, e informáram a D. Garcia do que era passado. A náó foi seu caminho, e fúrgio no porto de Tidore dia de Janeiro deste anno em que andamos de vinte e sete, havendo dous mezes que tinha chegado a Camafo, onde esteve até ElRey de Tidore o mandar chamar. Logo aquella noite poz a gente, e artilheria em terra, a que o ajudou ElRey, que o festejou muito. D. Garcia teve logo vista da náó, e mandou a mesma Armada, pera que lhe fosse dar huma salva, como fez, porque chegando-se de noite perto della a começaram a bater fortemente, matando-lhe dentro dous homens: e ao outro dia também continuáram a bateria, e quatro arreio mais, sem a poderem metter no fundo, por ser forte, pelo que se tornáram. Martim Inhegues mandou metter a náó dentro do arrecife, como se elles foram, e defembar-

barcou tudo em terra, e ordenou com muita pressa dous baluartes de pedra ençossa na fronteria da Cidade, e a náó posta em meio com sua artilheria, como outro baluarte, pera defensão do porto, com o que ficou bem seguro. D. Garcia não deixou de continuar com seus protestos, e requerimentos, sobre que corrêram recados de parte a parte sobre o direito daquellas Ilhas, que cada hum allegava pelo seu Rey. Martin Inhegues dizia, que Fernão de Magalhães vafallo d'ElRey D. Fernando de Castella descobríra aquellas Ilhas, D. Garcia allegava, que muito antes daquillo foram descobertas por Antonio de Brito, e que o Magalhães fora alevantado, e que os Reys daquellas Ilhas recebêram primeiro nellas os Portuguezes, e mandáram requerer a ElRey de Portugal, que mandasse fazer fortaleza em suas Ilhas, e assentar commercio em suas terras: mandando ElRey de Ternate, e indo em pessoa o de Tidore a Amboino buscar Francisco Serrão, que alli estava perdido da companhia de Lourenço de Brito, e sobre quem o agazalharia, e daria em terra lugar pera fortaleza aos Portuguezes, tiveram muitos desgostos hum com o outro, requerendo-lhe sempre D. Garcia, que se fosse pera aquella fortaleza, e que lhe daria hum lugar apartado, em que estivessem todos

dos á sua vontade até ser tempo de se tornarem ; e que não comprasse nenhum cravo , nem danassem o preço que nelle estava posto pelos Officiaes d'ElRey de Portugal ; e que não o querendo fazer , protestava por todas as perdas , e damnos que d'isso resultassem. Martim Inhegues tambem fez seus protestos , ficando assi o negocio travado em guerra , e deitáram suas corocoras ao mar com que andavam fazendo seus saltos. Poucos dias depois destes derradeiros protestos tomáram duas corocoras de Geilolo , e huma champa de Ternate , que hia carregada de cravo , e matáram hum Portuguez que nella hia , e alguns Ternatezes. Vendo-se os Tidores favorecidos dos Castelhanos , (que lhes faziam castellos de vento , e que lhes fahíra aquella preza bem ,) armáram suas corocoras , e foram dar em hum lugar d'ElRey de Ternate chamado Gacca , e o roubáram , e queimáram : d'isto teve logo D. Garcia rebate , e armou algumas corocoras , em que mandou Martim Correa , e indo buscar os Tidores , deo com elles , vindo-se recolhendo com a preza , e investindo-os os axorou , e abalroou , e lhes tomou a mór parte das corocoras , e da preza que levavam. Aqui fizeram os Ternates , que foram com Martim Correa , grandes cavallerias , e cruezas.

CAPITULO IV.

De como D. Jorge de Menezes chegou a Maluco , e de como fez tregoas com os Castelhanos , que se quebráram logo : e de como faleceo ElRey Bayano , e succedeo seu Irmão Ayalo. E de como ElRey de Lobu matou os Portuguezes que estavam em seu porto , e tomou huma galé por engano.

OS Castelhanos dando-lhes pouco dos requerimentos de D. Garcia , que lhes mandou fazer por muitas vezes , começaram a resgatar cravo por essas Ilhas , danando o antigo preço , e fazendo-o subir em quatro vezes o dobro , com o que lhe acudio todo o daquellas Ilhas. Disto foi logo Dom Garcia avisado , o que sentio muito : e porque se lhe não acudisse seria destruição da fazenda d'ElRey , e do seu commercio daquellas Ilhas , mandou negociar algumas embarcações , e pedio a Cachil Daroez que o acompanhasse nas suas corocoras , do que se elle não escusou , e D. Garcia se embarcou com cem Portuguezes , e a gente de Daroez , e foi de noite demandar o porto de Tidore , e furgio a tiro de bateria da náó , que logo começou a bater com tres cameletes , que levava em humas embarcações , que orde-

denou á maneira de barcaças com suas mantas, e arrombadas. Alli estiveram tres dias sem fazerem mais que dar na náó, desfazendo-a por cima toda, e fazendo-lhe por baixo alguns rombos. E porque se lhe acabáram as munições, recolhêram-se pera huma enceada da mesma Ilha, em quanto fossem buscar outras, porque D. Garcia logo mandou com muita pressa. Estando nesta enceada, mandou D. Garcia a Martim Correa, e a Cachil Daroez, que fossem queimar hum lugar de Mouros, que estava sobre hum tezo, aonde Martim Inbegues mandou por alguns Castelhanos a rogo d'ElRey, porque se receou daquillo. Partidos elles pera o lugar, deram nelle huma madrugada, e o queimáram, e assoláram. Os Castelhanos em sentindo os nossos sahiram-se fóra do lugar, e embrenhâram-se em hum mato perto, donde ao sahir dos nossos do lugar lhes atiráram muitos tiros, de que hum quadrello deo a Martim Correa abaixo da orelha, de que cahio como morto, e foi recolhido: D. Garcia desgostoso recolheo-se. Os Castelhanos ficáram tão ufanos, e soberbos, que diziam aos da terra, que os Portuguezes fugíram delles, e que não estariam naquella fortaleza mais que em quanto elles quizessem: e todavia a Villa em que elles estavam ficou assolada, e a náó da bateria

tão aberta, e destroçada que se foi ao fundo : o que elles sentíram muito , por lhe não ficar outro navio , e perdéram o orgulho com que estavam , e ficáram esperando por recado de Hespanha. D. Garcia Henriques negociou hum junco , em que mandou Martim Correa , e Manoel Lobo a Malaca a pedirem soccorro contra os Castelhanos , que partíram em Janeiro do anno de vinte e sete , e logo o Maio seguinte chegou áquella fortaleza D. Jorge de Menezes dos Papúas onde o deixámos , que trazia muito pouca gente , por lhe morrer a mór parte por aquellas Ilhas por onde invernou. D. Garcia lhe entregou a fortaleza. Tanto que Martim Inhegues soube de sua chegada o mandou visitar , e a voltas disso lhe mandou fazer queixume de D. Garcia , que nunca quizera com elle senão guerra , e que lhe mettêra a sua náó no fundo : pedindo-lhe quizesse correr com elle em amizade , pois eram Christãos , e quasi naturaes , e vassallos de dous Reis tão amigos , e parentes. D. Jorge lhe mandou dizer que folgava muito de ter chegado a tal tempo , porque esperava de o servir , que lhe pedia , que pois estava sem náó : que se fosse pera aquella fortaleza , onde o agasalharia , e serviria , e lhe daria embarcação pera se irem pera a nova Hespanha , ou pera

Caf-

Castella. A isto não desirio elle nada: o que visto por D. Jorge, mandou-lhe fazer protestos, e requerimentos pelo Alcaide mór, na fórma dos que lhe D. Garcia tinha feitos: e depois de passar em muitos recados de parte a parte, vieram a concluir em tre-goas, que se assentáram até lhe vir recado de Portugal, e de Hespanha: e sempre os Castelhanos se passáram pera a fortaleza, se ElRey de Tidore lho não estorvára. Duráram estas tre-goas pouco, porque logo se quebráram. Neste tempo falleceo ElRey Bayano, que estava reteudo na nossa fortaleza, e estando já pera morrer, lhe deo o Capitão licença pera se ir pera sua casa, onde logo falleceo, e o povo alevantou por Rey Cachil Dayalo seu Irmão, que D. Jorge tambem recolheo na fortaleza; e como nestas exequias funebres fazem estes grandes excessos, e duram muitos dias, ajuntando-se a ellas muita gente, faltáram pera isto mantimentos, e Cachil Daroez Regedor do Reyno mandou ao Moro algumas embarcações a buscallos. Vindo estes navios de lá, lhes sahio Cachil Rade Regedor de Tidore, e as tomou, e cativou todas as pessoas que nellas vinham. Tanto que isto se soube, determinou Cachil Daroez de se desaffrontar, e pedio ao Capitão D. Jorge alguma gente que lhe deo: e partindo huma

noite com huma boa Armada, chegáram a Tidore de madrugada, e desembarcáram em huma parte fóra dos fortes dos Castelhanos, e deram na Cidade, a que puzeram fogo, em que ardeo a mór parte, sem os Castelhanos lhe poderem valer, e os nossos se recolhêram muito a seu salvo: com isto ficaram quebradas as tregoas, e não por culpa dos nossos, (como dizem alguns Escriitores Hespanhoes,) e deixallos-hemos aqui, e daremos conta das cousas que neste tempo succedêram em Malaca. ElRey de Lobu na costa de Çamatra era hum Mouro, que corria em grande amizade com os Capitães de Malaca, e de sua terra hiam áquella fortaleza comprar, e vender; e o mesmo faziam os mercadores Portuguezes a Lobu, sem nunca nelle, nem nos seus acharem engano, nem falsidade. Succedeo neste mesmo tempo, depois de Pero Mascarenhas embarcado pera Goa, ir áquelle porto hum navio de Portuguezes a fazer seu resgaste, os da terra, ou fosse por cubiça, ou pelo que quer que fosse, matáram todos os que hiam nelle. Disto foi Jorge Cabral Capitão de Malaca logo avisado, e querendo tomar satisfação daquelle negocio, mandou Alvaro de Brito por Capitão de huma galé, com setenta homens, pera se ir pôr sobre aquelle porto, e tomar todas as cousas que sahifsem,

fem, e entrassem nelle. Esta galé foi a Lobu, onde os da terra matáram todos os Portuguezes della, e a tomáram, sem se saber o como. Estas novas foram a Malaca, que Jorge Cabral sentio muito, assi pela perda, como pela affronta; mas dissimulou por não ter navios, nem gente pera se ir satisfazer. Estando com esta mágoa, chegou poucos dias depois ao porto de Malaca Antonio de Brito, que vinha de Banda, como atrás dissemos, (posto que Castanheda diz que era Martim Correa, o que foi erro, porque isto succedeo no tempo em que elle estava ferido em Maluco do quadrelo, e Antonio de Brito deixamo-lo partido de Banda.) Este Fidalgo foi bem recebido de Jorge Cabral, que estava com a mágoa fresca, e lhe pediu quizesse satisfazer aquella affronta, o que elle acceitou de boa vontade, e armando algumas lancharas, mandou embarcar déssa pouca gente que havia, e com a que Antonio de Brito trazia prefez cento e vinte soldados, e fazendo-se á véla atravessou a outra costa de noite, e foi demandar o porto de Lobu, sem d'elle terem vista da terra. E sendo passado o quarto da Modorra, embarcou-se nos navios ligeiros, porque hia na sua náó, e entrou pelo rio, e sem ser sentido desembarcou na Cidade, mandando-lhe primeiro que tudo pôr o fogo

go por algumas partes; e como era de madeira, e palha, ateou-se em toda com tão grande estrondo, e terremoto, que foi cousa espantosa. Como isto tomou todos repoufando, e descuidados, não fizeram mais que saltar fóra das camas, e fugir pera as ruas; onde acháram os nossos, que não faziam mais que matar, e andar, não perdoando a cousa alguma, fazendo tamanha destruição, e tomando tão cruel vingança da affronta passada, que ficou perpetuamente por memoria naquella Cidade. Depois de deixarem tudo posto a ferro, e a fogo, embarcáram-se muito á sua vontade, e tomáram a galé, que estava no rio com toda sua artilheria, e outras muitas embarcações, e pondo o fogo a outra cópia dellas, que estavam em estaleiro, se foram pera Malaca, onde foram recebidos com triunfo. Jorge Cabral sabendo de Antonio de Brito do estado em que Maluco estava, despedio logo duas navetas, e hum junco cheios de mantimentos, e munições, e dous mil cruzados em roupas, e cem homens Portuguezes pera irem de soccorro. A capitania destas vélas deo a hum Fidalgo chamado Gonçalo Gomes de Azevedo. Este soccorro partio na entrada de Janeiro de vinte e sete, quasi no mesmo tempo que de Maluco partio Martim Correa a pedir soc-

foccorro, e da jornada de ambos adiante daremos razão.

C A P I T U L O V.

De como D. Simão de Menezes so'tou Pero Mascarenhas: e dos requerimentos que mandou fazer a Lopo Vaz: e da Armada que este anno de vinte e sete partio de Portugal: e de como duas náos della se perdêram na Ilha de S. Lourenço.

TOrnando a continuar com as cousas dos dous Governadores, que deixámos com a resposta que Lopo Vaz deo aos requerimentos de Pero Mascarenhas, com que chegou Mem Vaz a Cananor, e tanto que foi vista por Pero Mascarenhas, e que leo as cartas dos Fidalgos que ficavam prezos, bem vio que Lopo Vaz queria levar aquelle negocio por força, e ajuntando-se com Dom Simão, mandou chamar o Feitor, Escrivães, e mais Officiaes, e os casados, e perante todos fez Pero Mascarenhas hum protesto a D. Simão, mandando-lhe ler os que mandára fazer a Lopo Vaz, e a resposta que deo a elles, e mandou a Mem Vaz que recitasse alli tudo o que passára, e o modo de como fora a prizão daquelles Fidalgos. Depois de tudo isto notificado, lhe requereu da parte d'ElRey, que pois Lopo Vaz
fe

iê não queria pôr com elle a direito, antes mostrava usar de força, que o reconhecessem a elle Pero Mascarenhas por Governador da India, conforme áquella successão d'ElRey, e auto da posse, que fora dada naquella fortaleza, mandando-lhe ler tudo novamente; e que pois Lopo Vaz não queria justiça, que pera isso tinha ElRey os Fidalgos como elle na India, pera não consentirem cousas tanto contra seu serviço. D. Simão ficou de todo escandalizado do modo de Lopo Vaz, e logo mandou tirar os ferros a Pero Mascarenhas, e o levou á Igreja, e presente o povo todo mandou ler sua successão, em que elle succedeo por morte de D. Henrique de Menezes, e o auto da entrega da governança, que foi feita a Lopo Vaz até sua vinda de Malaca, e todos os mais que foram feitos, e das resistencias que lhe Affonso Mexia fez em Cochim, e todas as mais cousas passadas até aquelle dia. Depois de tudo lido, disse Pero Mascarenhas alto, que todos ouviram; » Tudo aquillo, Senhores, vos foi » notificado, pera que saibais quão injusta- » mente fui injuriado, prezo, e maltrata- » do, como se eu fora algum malfeitor, e » que quizerá entregar a India aos Mouros, » sobre a mercê que me fez ElRey da go- » vernança da India, pelos muitos, e mui-
 » gran-

» grandes serviços que nella , e em outras
 » partes lhe tenho feitos ; e agora por re-
 » mate de todos , com lhes segurar Mala-
 » ca com toda a tomada de Bintão , cui-
 » dando que vinha receber o galardão del-
 » les , fui espancado de Affonso Mexia ,
 » prezo em ferros de Lopo Vaz , cousa tão
 » fea , que até os Mouros , e Gentios de
 » todo o Oriente se escandalizam disso. Af-
 » fonso Mexia , que por razão de seu offi-
 » cio era obrigado a favorecer o serviço
 » d'ElRey , e não consentir a Lopo Vaz
 » fazer-me tamanha força , o fez tanto ao
 » contrario , que como meu inimigo capi-
 » tal ordio todas estas diffensões , com que-
 » rer dar entendimento á carta d'ElRey ,
 » differente do que era sua tenção , e tem
 » com isso posta a India em bandos , e di-
 » visões , e em perigo de se perder ; e Lo-
 » po Vaz o ajuda por sua parte em se não
 » querer pôr comigo a direito , e por não
 » ir a requerer minha justiça (por saber que
 » a tenho) me impedio a entrada de Goa ,
 » mandando-me prezo em ferros , como
 » vistes , pera esta fortaleza , como se eu
 » pretendêra entregar o estado da India ao
 » Turco , e publicamente diz que por ar-
 » mas se ha de sustentar naquelle lugar , e
 » assi parece que quer nellas pôr sua justi-
 » ça , pois prende , e maltrata a todos , que
 » por

» por minha parte lha requerem : e agora
 » com a prizão daquelles Fidalgos , que
 » são os principaes que ElRey tem na In-
 » dia , ficou tão ufano , que segundo tenho
 » por cartas , está apostado a vir cercar es-
 » ta fortaleza , e prender o senhor D. Si-
 » mão , que a mim já o tem feito em tem-
 » po que ha tão certas novas de galés de
 » Rumes. Todas estas cousas são mui cla-
 » ros sinaes de homem alevantado , e que
 » lhe dá pouco , assi da Provisão d'ElRey ,
 » como de tão honrados vassallos , como
 » tem neste Estado ; e a todos os que não
 » são seus parentes , e criados , parece mal
 » o modo de como procede neste negocio.
 » Pelo que , Senhores , vos requeiro a to-
 » dos os que presentes estais , e de novo o
 » torno a fazer ao Senhor Capitão , e Of-
 » ficiaes da justiça , e fazenda d'ElRey , que
 » vista a contumacia de Lopo Vaz , e co-
 » mo quer usar de força , e não de justiça ,
 » (pois trabalha tanto por eu não chegar
 » com elle a direito sobre a governança
 » da India , que ElRey me tem dado pri-
 » meiro que a elle ,) que todos me hajais
 » por vosso Governador , e me entregueis
 » a India por vossa parte , pois todos já
 » me obedestes , pera que com este fa-
 » vor , e com outros que espero possa conf-
 » tranger a Lopo Vaz a se pôr comigo a
 » di-

» direito , pera que fique a governança a
 » cuja for , porque não pretendo outra cou-
 » sa mais , que paz , e quietação da India ,
 » porque se não perca vindo a ella a Ar-
 » mada dos Turcos. E torno de novo a
 » requerer , e a vos notificar , que consin-
 » tais no que vos peço ; e quando não ,
 » protesto d'ElRey vo-lo estranhar , e de
 » lhe dardes conta dos males que succede-
 » rem , e de haver por vossas fazendas to-
 » das as perdas , e damnos que d'isso rece-
 » ber. De tudo isto que tenho dito vós Ta-
 » bellião me dareis hum estromento com
 » suas respostas , ou sem ellas , e calou-se. »
 Todos os que presentes estavam a huma
 voz disseram , que não tinha necessidade de
 cousa alguma , que elles o conheciam por
 seu Governador , e que como a tal estavam
 prestes pera lhe obedecerem ; e logo se fez
 hum auto d'isso , em que todos se assináram ,
 e D. Simão de Menezes o assentou na ca-
 deira , e lhe deo a menagem da fortaleza
 em suas mãos , como a Governador da In-
 dia , em nome de ElRey de Portugal , de
 que tudo se fizeram papeis , e o Govern-
 dor se agazalhou na fortaleza com D. Si-
 mão , correndo com as cousas como Go-
 vernador. E posto que o Castanheda não
 declara se ElRey de Cananor o houve por
 Governador , e o tratou , e visitou como
 es-

esse , quanto a nós D. Simão lho fez primeiro a saber , como o fazia a todas as cousas que succediam , pela pontualidade com que corriam com elle em amizade. As novas disto chegaram logo a Cochim , que causaram em todos grande alvoroço , e Affonso Mexia ficou sobrefaltado , porque já lhe não vinha bem governar Pero Mascarenhas pelas affrontas que lhe tinha feito , de que receava que se vingasse. O verão entrou logo , e de Cochim , e Coullão se vieram pera Pero Mascarenhas alguns Capitães de navios , e outras muitas pessoas , e lhe deram a obediencia , com o que elle ficou com mais confiança de Lopo Vaz se pôr com elle a direito ; e quando por aqui não pudesse levar este negocio ao cabo , haveria que não era Deos servido disso , e tratou de não lhe ficar cousa alguma por fazer. E porque da carta de Christovão de Souza (que atrás dissemos) entendeu que havia sua prizão por injusta , quiz dar-lhe conta do estado em que ficava , pera ver se o podia grangear pera o ter de sua parte ; porque como era hum dos principaes Fidalgos da India , muito aparentado , e rico , e estava certo penderem todos á sua parte d'elle , com o que ficaria sendo sua justiça mais certa , logo despedio hum navio ligeiro pera Chaul , em que foi Francis-

cisco Mendes de Vasconcellos com cartas pera elle , e procurações bastantes pera o que fosse necessario , e os traslados dos autos de como ficava obedecido por Governador , pedindo-lhe que requereſſe a Lopo Vaz , que ſe puzeffe com elle a direito , e quando o recuſaſſe , que lhe obedeceffe a elle como tinha feito D. Simão , pois elle era o que queria juſtiça pera paz , e ſocego de toda a India : e mandou outro requerimento a Lopo Vaz , aſſi por ſua parte , como pela de D. Simão , em que lhe requeriam ſoltasſe os Fidalgos que tinha prezos , eſcrevendo a todos cartas de offerecimentos , e eſperanças de cedo ſerem ſoltos. Francisco Mendes chegou a Goa , e deo os requerimentos que levava na mão do Secretario , e as cartas aos Fidalgos. O Secretario levou os papeis a Lopo Vaz , e por elles ſoube como Pero Mascarenhas ficava ſolto , e obedecido por Governador , e bravejando ſobre iſſo , cahindo no erro que fizera em o confiar de ninguem , receando que lhe entraſſe hum dia de ſupito em Goa , o que ſeria ſua perdição , porque ſabia de certo , que em pondo alli os pés , lhe haviam de acudir todos os Fidalgos. Pelo que deſpedio Simão de Mello em hum galeota , e hum bargantim pera ſe ir pôr em Goa a velha , porque não entraſſe
por

por aquella barra. Era isto ainda entrada de Agosto, e poucos dias logo depois chegaram á barra as duas náos da invernada do anno passado, de que eram Capitães Vicente Gil, e Antonio de Abreu, que furgíram aos dezeseis daquelle mez, e desembarcando foram ao Governador, que lhes deo conta das cousas dantre elle, e Pero Mascarenhas, e lhes mostrou as successeões, assi humas como outras, e todos os mais papeis, sobre o que lhes pedio seus pareceres, rogando-lhes, que livremente lhes dissessem se era por virtude daquellas Provisões verdadeiro Governador da India; e não se contentando com aquillo, lhes deo juramento dos Santos Evangelhos. Os outros como não tinham mais informação, que a que lhe elle mesmo deo, e os tomou depressa, pera que logo lhes respondessem, differam, que pelo que lhes tinha dito, e por aquelles papeis, estava de muito boa posse. Disto mandou fazer hum termo, em que ambos se assináram. Passado isto, aos seis de Setembro chegaram á barra duas náos do Reyno, de cinco que tinham partido, de que era Capitão mór Manoel de Lacerda, que por culpa do seu Piloto varou na Ilha de S. Lourenço, e o mesmo fez outra náó que o seguia, de que era Capitão Aleixo de Abreu, que ambas

jun-

juntas varáram na Bahia de Sant-Iago , que jaz da banda do Ponente em vinte grãos e meio , e foi em parte que se salváram todos em terra ; e por se segurarem da gente della , ordenáram humas tranqueiras , em que se recolhiêram com algumas armas que salváram , e com as cousas que tiráram das náos , e que depois o mar trouxe a terra , com o que se ficaram sustentando miseravelmente , commutando com os da terra (que era muito falta de mantimentos naquella parte) algumas cousas poucas , deixando-se ficar alli esperando que passasse alguma náoa que fizessem final pera os tomar. Deixallos-hemos aqui até tornarmos a elles. Das outras duas náos , que chegaram á barra , eram Capitães Balthazar da Silva , e Gaspar de Paiva , em que vinham embarcados D. João Deça , cunhado de Lopo Vaz de Sampaio , que vinha com a capitania de Cananor apôs D. Simão , e Francisco Pereira de Berredo com a de Chaul. Estes Fidalgos foram mui bem recebidos de Lopo Vaz , e lhes mostrou os autos , e papeis , e deo conta de suas cousas , como fez aos Capitães da invernada ; e perguntando-lhes o que lhes parecia , disseram que estava de boa posse , dando-lhe pera isso suas razões , de que elle mandou fazer hum termo assinado por elles. Depois disto já no

fim

fin do mez chegou a Goa outra não que faltava, de que era Capitão Christovão de Mendoça irmão de Dona Joanna Duqueza de Bragança, filho de Diogo de Mendoça, que vinha provido da fortaleza de Ormuz na vagante de Diogo de Mello. Este anno de vinte e sete foi mui trabalhoso de grandes terremotos, e tremores de terra em Lisboa, de que cahio a mór parte daquella Cidade, e houve grandes damnos, mortes, ruinas, destruições, e andava a gente toda tão affombrada, que viviam pelos campos, e desertos, e foi tambem o sacco de Roma pelo Duque de Borbon.

C A P I T U L O VI.

Da Armada, que o Turco Soleimão mandava contra os Portuguezes: e das differenças que houve entre os Capitães: e de como matáram o General, e a Armada se desfez.

O Turco Soleimão, filho de Cely, que succedeo no Imperio Othomano os annos do Senhor de 1510, o mesmo dia que o invencivel Imperador Carlos Quinto foi coroado em Aquisgrana, o que parece ordenou Deos Nosso Senhor pera enfrear a soberba daquelle barbaro, que tanto que tomou posse do governo, e começou a sentir

tir o pezo do Imperio, entre as cargas que lhe carregáram muito, foi a de nossas Armadas, que todos os annos lhe entravam pelo estreito do mar Roxo, fazendo por elle grandes damnos, destruindo-lhe seus vassallos, e impedindo-lhe a navegação, e romagem da sua casa da abominação de Mafamede, com o que o commercio, e rendas daquelle estreito estavam totalmente perdidas, sendo sempre as mais importantes que os Imperios Romano, e Egepcio tiveram pela grossidão de suas entradas, e continuação de muitas náos, que de todas as partes do Oriente hiam áquelles portos, carregadas de muitas, e ricas fazendas; querendo acudir a estas cousas, tinha os annos atrás passados mandado pera isso ordenar huma grossa Armada no porto de Sués pera mandar á India contra os Portuguezes, pera o que se levou huma grande somma de madeira dos Montes negros, e dessas partes de Satalia, muito ferro, cordoalha, carpinteiros, ferreiros, mestres de galés, e todos os mais officiaes dellas, o que tudo foi levado em muitas náos por vezes ao porto de Alexandria; ahi se embarcáram, e em barcas foram levados pelo Nilo assima até o Cairo, onde se carregáram em Camelos, e por espaço de vinte e quatro leguas de terra deserta, e sem

Conto, Tom. I. P. I. O agua,

agua , foi tudo passado a Snés com despesas mui excessivas , onde se começaram armar as vazilhas , e galés , em que gastaram sinco , ou seis annos pela incommodidade do porto , porque até a agua que haviam de beber os Officiaes , se levava em Camelos de muito longe , e pela mesma maneira todas as mais cousas que eram necessarias , que tudo alli chegava á custa de grande somma de ouro ; porque como o Turco entrava neste negocio com o zelo de sua religião , pera desimpedir aquella romagem da casa de Méca , tinha mandado se gastassem todos seus thesouros , e assi a poder delles se armáram setenta e seis vélas de todas as sortes , que se acabáram este anno , nomeando pera General desta empreza a Soleimão Baxá Governador do Cairo , homem de grande conselho , e esforço , dando-lhe gente , dinheiro , monições , e artilheria , tirando tamanho cabedal de si , sem embargo de andar occupado contra El-Rey Luiz de Ungria , que com demaziado esforço , mas pouco conselho , lhe apresentou aquella batalha entre Buda , e Belgrado , em que foi morto , e desbaratado. Deo o Turco por regimento ao Baxá que fizesse primeiro que tudo huma fortaleza na Ilha de Camarão , porque não tentasse El-Rey de Portugal , como já fizera , mandar

fa-

fazella alli, e que depois se passasse á India, e lançasse della os Portuguezes. E querendo-o honrar por este negocio em que o occupava, lhe deo o cargo de Baxá de sua camara, que he o mais a que se póde chegar, mandando com elle Escander Can por seu lugar Tenente, e mil Janizaros da sua guarda, homens escolhidos, em que entravam Mostafá Beran, sobrinho do mesmo Baxá, filho de sua irmã, Coge Çofar natural de Otranto, que já na Armada de Mir Ocem, (que o Viso-Rey D. Francisco de Almeida desbaratou, e em Dio fora por Capitão de hum galé,) homem de ardiz, e invenções, porque veio a valer muito, e a este tempo era thesoureiro do Cairo, este trazia sua mulher, e hum filho já homem, chamado Maarran, (que depois se chamou Rume Can, como em seu lugar diremos,) e duas filhas mais, huma casada com Asete Can, homem tão façanhoso de corpo, e forças, que por ellas foi depois chamado Tigre do Mundo, de que algumas vezes havemos de fallar. Vinha mais nesta envolta Mostafá Carmany Elaracen, que depois foi senhor de Baroche, e Acem Lancasta Cherquez, que depois teve no Reyno de Cambaya o titulo de Madre Maluco, com quem pelo decurso da historia

havemos de continuar muitas vezes. E na entrada deste Verão, em que andamos, partio o Baxá de Sués com esta potente Armada, cuja fama atroou o Mundo, com que os Mouros da India andavam alvoroçados, cuidando que nossas coufas eram acabadas de todo. O Baxá foi tomar a Ilha de Camarão, onde com muita pressa poz as mãos á obra da fortaleza, que acabou por todo mez de Agosto, e provendo-a de gente, e monições, se embarcou pera passar á India; mas quiz Deos Nosso Senhor que na boca do estreito lhe dessem os levantes de rosto tão rijos, que tornáram a voltar pera dentro, e tomando conselho sobre o que fariam, assentou-se que fossem esperar os ponentes de Abril em Cobit Sarif, porto do Reyno de Zabit, na terra de Arabia da outra banda da Ilha de Camarão, aonde desembarcáram em terra, e armáram suas tendas; e porque ficavam ociosos todo aquelle tempo, determinou o Baxá de conquistar aquelle Reyno, marchando contra a Cidade de Zebit, dez leguas pelo sertão. Sendo aquelle Rey, que se chamava Soltão Hamede, avisado da potencia do Baxá, largando a Cidade, fugio bem pera o sertão, ficando a Cidade só, que seus moradores tambem se quizeram segurar. O Baxá entrou nella, e mandou lan-
çar

çar pregões pelas aldeas vizinhas, pera que todos os da Cidade se tornassem livremente pera suas casas, promettendo-lhes honras, e favores, com o que acudiram logo. O Baxá proveo aquella Cidade de guarnição, pondo nella por Governador a Mir Escander, ficando alli esperando a moução pera passarem á India. Mas como Deos Nosso Senhor tinha os olhos nella, e a queria guardar, e defender, pera que por toda ella fosse dilatada sua Santa Fé, ordenou aquellas cousas de feição, que se desfez a Armada; porque se passára á India naquelle tempo de tantas divisões, sem dúvida se perdêra de todo. E foi a coufa desta maneira. Antre o Baxá, e Mir Escander começaram a haver alguns arrufos no principio, ainda que pequenos, que crescêram, e se vieram a accender por esta maneira. Tiveram os Janiçaros queixas do Baxá, ou sobre as prezas de Zebit, ou sobre a paga, de que elle fez pouco caso, e como sabiam o desgosto que Mir Mostafá tinha do Baxá, trataram com elle em segredo de o matarem, o que fizeram, dando hum dia de supito nas suas tendas, que roubaram, e escalaram. Mostafá sobrinho do Baxá vendo o tio morto recolheo-se ás suas galés com os Janiçaros de sua valia, em que entravam os
que

que affima nomeámos, que eram Capitães das galés, e se apoderou do thefouro, e tratou de se fazer cabeça da Armada, solicitando a gente pera o seguirem na jornada da India, a que o tio hia enviado, promettendo-lhes grandes prezas, e riquezas, de que todos zombáram, porque hiam muito desgostosos naquella jornada por fer contra Portuguezes, cuja fama das vitorias que cada dia tinham na India, os trazia affombrados; o que visto por Mostafá com os Capitães de sua valia, que eram cinco, se foram em suas galés pera outro porto, levando nellas quatrocentos Turcos, a mór parte delles eſcravos, que foram do Baxá, e como tiveram tempo, e em Abril, se passaram a Xael, de que adiante fallaremos. Os mais Capitães das galés vendo-se sem cabeça embarcados nellas, se tornáram pera Sués, onde as varáram, levando nova ao Turco do successo, que em estremo sentio, porque lhe custou aquella jornada huma grande somma de ouro, ficando Mir Escander em Zebit com muitos Turcos que com elle quizeram ficar, e logo se appellidou Rey. Fernão Lopes de Castanheda, e Petro Mapheo dizem que Mostafá, e Coge Çofar matáram o Baxá, e que se foram pera Cambaya, no que foram mal informados, porque esta verdade nós a ave-

ri-

riguámos com Caracen , hum destes Jani-
 çaros , estando por Capitão de Baroche ,
 com quem conversámos naquella Cidade por
 ser homem muito amigo dos Portuguezes ;
 e depois que nos foi encommendada esta
 historia , o tornámos a ratificar com hum
 Mouro Arabio chamado Benaoder , que
 neste tempo estava em Adem , e nos con-
 tou nesta Cidade de Goa todas as parti-
 cularidades desta jornada , de que não fa-
 zemos menção , mais que das cousas sub-
 stanciaes , que servem pera a nossa historia.
 As novas deste successo chegaram a Chaul
 entrada de Setembro por algumas náos de
 Méca , que áquelle porto foram , com que
 Christovão de Sousa ficou desalivado , e
 logo as enviou a Lopo Vaz. Pouco de-
 pois chegou áquelle fortaleza Francisco
 Mendes de Vasconcellos com as cartas de
 Pero Mascarenhas , D. Simão , autos , e
 mais papeis que levava , porque soube fi-
 car Pero Mascarenhas obedecido por Go-
 vernador em Cananor , apresentando-lhe ,
 e notificando-lhe com hum Tabellião o
 mesmo Francisco Mendes hum protesto , e
 requerimento por parte de Pero Mascare-
 nhas , em que requeria a elle Christovão
 de Sousa que lhe obedecesse , e conheces-
 se por Governador da India , conforme a
 successão d'ElRey , que se abriu por mor-

te de D. Henrique, já que Lopo Vaz queria usar de poder, e não se queria pôr com elle a direito, protestando de haver por elle Christovão de Sousa (não lhe querendo obedecer) todas as perdas, e danos que disso recebesse, e de dar conta a ElRey daquelle negocio, e elle lho estranhar, e castigar, por consentir a Lopo Vaz usar de força. Christovão de Sousa vendo aquillo, chamou a conselho o Feitor, Alcaide mór, Fidalgos, e Cavalleiros, que alli se acharam invernando com elle, que eram muitos, e lhes deo conta daquelle negocio, e da prizão dos Fidalgos, e do escandalo que antre todos havia della, e de Lopo Vaz querer usar de força, e poder, e não se querer pôr a direito com Pero Mascarenhas, mostrando-lhe todos os requerimentos, e protestos, e todos os mais papeis, pedindo-lhes, que lhes dissessem o que mais lhes parecesse cumprir ao serviço d'ElRey. Visto por todos muito bem, assentaram que obedecesse a Pero Mascarenhas por Governador da India, com declaração, que a todo tempo que Lopo Vaz se quizesse pôr a direito com elle, tornasse a cousa a ficar devoluta até se averiguar por justiça a qual delles pertencia a governança, e que logo se havia de acudir áquillo, antes que Lopo Vaz adquirisse maiores

res forças , com que se quizesse sustentar naquelle lugar por armas, dando pera isso muitas razões, com que Christovão de Sousa determinou obedecer a Pero Mascarenhas, mandando fazer hum auto de tudo o que se alli assentou, com que se assináram todos os que se acháram naquelle parecer ; com declaração, que se notificasse a Lopo Vaz, que se puzesse a direito com Pero Mascarenhas, e que então se julgasse qual era o legitimo Governador: e alli logo começaram a nomear Pero Mascarenhas por esse, escrevendo-lhe Christovão de Sousa pelo mesmo Francisco Mendes de Vasconcellos de como ficava obedecido por Governador, mandando-lhe o traslado do auto que se fez. O mesmo escreveu a Lopo Vaz, de que elle se tornou muito, despedindo logo Antonio da Silveira com hum Armada a Chaul, dando-lhe por regimento, que requeresse a Christovão de Sousa, que lhe entregasse a Armada que tinha em Chaul, mandando embarcar com elle Francisco Pereira de Berredo pera o metter de posse daquella capitania, de que era provido por ElRey. Antonio da Silveira chegou a Chaul, e á barra lhe mandou Christovão de Sousa requerer que não entrasse dentro, porque não havia de obedecer a nenhum mandado de Lopo Vaz, por-

porque só a Pero Mascarenhas conhecia por Governador da India; que se se quizesse ver com elle, que elle iria em hum catúr, e que viesse elle em outro ao meio do rio, onde se ajuntariam, e ahi fallariam, e assi se fez. Antonio da Silveira lhe notificou o regimento de Lopo Vaz, a que Christovão de Sousa respondeo, que lhe não havia de obedecer, porque tinha mandado em contrario do Governador Pero Mascarenhas, e que não havia de entregar aquella fortaleza a ninguem, senão por Provisão sua, sobre o que hum, e outro fizeram seus protestos, e requerimentos, e Francisco Pereira outros contra Christovão de Sousa pelos ordenados da capitania, e de tudo tiráram seus instrumentos, e papeis.

C A P I T U L O VII.

De hum assinado, que Antonio de Miranda de Azevedo deo a Pero Mascarenhas de lhe obedecer: e do que assentáram o mesmo Antonio de Miranda, e Christovão de Sousa sobre as cousas dantre os Governadores.

ANtonio de Miranda de Azevedo Capitão mór do mar, que invernou em Cochim, tanto que foram quinze de Setembro

tembro , que o tempo lhe deo lugar negociando sua Armada , deo á véla pera Goa , tomando Cananor pera prover aquella fortaleza do que tivesse necessidade ; e surgindo na Bahia , lhe mandou o Governador Pero Mascarenhas fazer hum requerimento , a que foi D. Simão em pessoa com hum Tabellião , em que lhe requeria da parte d'ElRey , que pois o mesmo Dom Simão , e Christovão de Sousa , com a maior parte dos Fidalgos da India , o tinham havido , conhecido , e obedecido por Governador , por virtude de sua successão , fazendo elle primeiro tantos protestos , e requerimentos a Lopo Vaz , (que indevidamente se appellidava Governador , não o sendo elle senão em sua ausencia , porque a successão em que elle succedeo não podia ser aberta , tendo-se já usado da sua ,) e que Pero Mascarenhas por paz , e socego da India queria pôr suas cousas em justiça , o que Lopo Vaz não queria consentir , senão usar de força , que pois elle requeria justiça , devia elle Antonio de Miranda , como Capitão mór do mar , obedecer-lhe , e entregar-lhe aquella Armada pera a tornar a receber de sua mão , porque assi podia ser que se movesse Lopo Vaz a se pôr com elle a direito quando se visse sem Armada , que elle não
que-

queria mais , senão que se julgasse qual delles havia de ser Governador da India ; porque se o era Lopo Vaz , elle Pero Mascarenhas se queria ir pera o Reyno a dar razão de si a ElRey , porque de outra maneira daria má conta de si : e quando elle Antonio de Miranda lhe não quizesse obedecer , que elle protestava de haver por elle seus ordenados , e de ElRey o castigar como lhe parecesse justiça , e o caso requeria. Antonio de Miranda vendo as justificações de Pero Mascarenhas , e que tudo o que requeria era justiça , de que Lopo Vaz fugia tanto , respondeo ao requerimento , que por ora elle não podia fazer mudança de si até se não ver com Lopo Vaz , e saber d'elle se se queria pôr a direito com elle ; e que não o querendo fazer , então lhe obedeceria a elle Pero Mascarenhas , e o haveria por Governador. Com esta resposta tornou D. Simão a Pero Mascarenhas , que não ficou satisfeito della , e todavia tornou a mandar pedir por D. Simão , que lhe desse hum assinado daquillo que promettia , sobre o que debateo com D. Simão , e por fim houve de o conceder , que continha o seguinte : » Digo eu Antonio de » Miranda de Azevedo Capitão mór do mar » da India , que eu me obrigo ao Senhor » Pero Mascarenhas de fazer com o Senhor
» Lo-

» Lopo Vaz de Sampaio, que ora he Go-
 » vernador da India, que se ponha a di-
 » reito com elle, (que tambem pretende fel-
 » lo,) sobre qual delles deve de ficar com
 » o governo; e não querendo elle pôr-se a
 » juizo, por este dou minha fé, e faço
 » preitomenagem ao dito senhor Pero Mas-
 » carenhas de me ir pera elle, e lhe obe-
 » decer como a verdadeiro Governador.
 » Feito, e assinado por mim aos dezefete
 » de Setembro de 1527.» Dado este assina-
 do, soltou a véla pera Goa, onde chegou
 em breves dias, e vendo-se com o Gover-
 nador lhe deo conta de tudo o que passou
 com Pero Mascarenhas, e do assinado que
 lhe deo, dizendo-lhe que pois Pero Mas-
 carenhas não queria mais senão que se pu-
 zesse com elle a direito sobre qual delles
 havia de ser Governador, que parecia que-
 rer usar de força não o querer elle con-
 sentir; que se lhe parecia que tinha justiça,
 devia de o satisfazer, por se quietar, e se
 acabarem tantas divisões antre todos os Fi-
 dalgos. Lopo Vaz lhe estranhou muito o
 que tinha feito, affirmando-lhe que se não
 havia de pôr em direito com Pero Mas-
 carenhas sobre a mercê que lhe ElRey fi-
 zera, e que bem se podia tornar pera elle
 como se lhe obrigára, porque não faltaria
 a quem dar a capitania mór do mar da
 In-

India. Antonio de Miranda se desculpou, certificando-lhe que não dera aquelle assignado com tenção de o cumprir, senão por se livrar de Pero Mascarenhas pelo ver tão damnado, que receou algum desmancho. Lopo Vaz esbravejou, e disse a Antonio de Miranda, que logo se partisse pera Chaul, dando-lhe por regimento, que tomasse a Armada que lá estava, e fizesse metter de posse daquella fortaleza a Francisco Pereira de Berredo. Não faltáram homens amigos de novidades, que aconselhassem a Lopo Vaz, que prendesse Antonio de Miranda, e que lhe tirasse a Armada, o que pela ventura seria mais por cada hum delles a pertender, que por verem que havia pera isso razão. Lopo Vaz dissimulou aquelles conselhos por não fazer com isso mór união nos homens, porque não lhe vinha bem escandalizar tantos. Antonio de Miranda chegou a Chaul, aonde ainda achou Antonio da Silveira, que lhe deo conta do que tinha passado com Christovão de Sousa, elle lhe pediu se detivesse até se ver com elle, porque já se levava pera dar á véla. E logo mandou recado a Christovão de Sousa, que importava ao serviço d'ElRey verem-se; ao que lhe respondeo, que se era pera lhe entregar a Armada, e capitania da fortaleza, que já tinha respon-

di-

dido sobre isso a Antonio da Silveira , e com isso lhe mandou fazer hum requerimento pelos Officiaes em companhia de todos os Fidalgos , que alli havia, em que dizia , que vissem bem a força que Lopo Vaz , e Affonso Mexia faziam a Pero Mascarenhas em lhe tomarem a governança da India , sem se querer Lopo Vaz pôr com elle em direito sobre a qual delles pertencia : que lhe requeria da parte d'ElRey , como a pessoa tão principal na India , e Capitão mór do mar , fizesse com Lopo Vaz , que não usasse naquelle negocio de poder absoluto , e que consentisse ficar em direito , e justiça , pera se fazer a quem a tivesse , e que em sua mão estava determinar-se este caso , e acabarem-se todas as dissensões que havia na India. De tudo que lhe notificáram se fez hum termo assinado por todos aquelles Fidalgos. Antonio de Miranda respondeo , que elle se iria ver com elle á fortaleza , como logo fez , indo só , e ambos em segredo praticáram sobre aquellas cousas , e por fim vieram a concluir fizessem com Lopo Vaz , que se puzesse a direito com Pero Mascarenhas , fazendo ambos huns apontamentos sobre o modo que se nisso teria , que era o seguinte : » Que se julgassem aquellas diferenças » de antre ambos os Governadores por se-
» te

» te Juizes , que elles elegêram logo , e fi-
 » zeram delles hum rol affinado por ambos
 » pera ficar em suas mãos em segredo , sem
 » pessoa alguma saber quaes eram , e que
 » se não descobriam senão á hora que os
 » chamaſsem pera a sentença , os quaes lo-
 » go nomeáram , que eram Antonio de Mi-
 » randa , D. João Deça , Francisco Pereira de
 » Berredo , Balthazar da Silva , Gaspar de
 » Paiva , Fr. João Dalvi da Ordem dos Me-
 » nores , Fr. Luiz da Vitoria da Ordem
 » dos Prégadores ambos Letrados. Nesta elei-
 » ção se começou logo a tomar a justiça a
 » Pero Mascarenhas , porque todos aquelles
 » Juizes , tirando aquelles Frades , tinham da-
 » do affinados a Lopo Vaz de como elle era
 » verdadeiro Governador , e hem o entendê-
 » ram elles , mas tratáram de quietar por alli
 » a Lopo Vaz , porque ainda que se dêsse
 » por elle a sentença , já estava de posse da
 » governança ; e Pero Mascarenhas ainda que
 » por então lhe tomaſsem o direito , depois
 » lhe ficaria resguardado pera ElRey o satis-
 » fazer , porque só tratáram estes Fidalgos de
 » apaziguar a India. Christovão de Sousa não
 » quiz que elle , nem Fidalgo algum seu pa-
 » rente entrasse na conta dos Juizes , porque
 » não ficasse Lopo Vaz tendo pejo nelles ,
 » porque tudo aqui se tratava a seu gosto.
 » Os apontamentos que se haviam de publi-
 car

car eram estes. » Que Antonio de Miranda
 » daria hum affinado a Christovão de Sousa
 » tal como o que dera a Pero Mascarenhas,
 » e outro em que se obrigasse a elle Chris-
 » tovão de Sousa pera poder ir a Goa em
 » sua companhia, e fallar seguramente com
 » Lopo Vaz, sem perjuizo de sua fazenda,
 » parentes, e amigos, pera que livremente
 » lhe pudesse requerer o que lhe parecesse
 » serviço d'ElRey, sem entrevirem palavras
 » fóra da materia; e que chegando todos a
 » Goa, ficaria a Armada fóra da barra, e
 » Antonio da Silveira genro de Lopo Vaz
 » dentro nella em refens, em poder de pes-
 » soas de confiança, e a Armada entregue a
 » hum Fidalgo, que daria a menagem a el-
 » le Capitão mór; e que declarasse, que sen-
 » do caso que Lopo Vaz prendesse a elle
 » Christovão de Sousa, que em tal caso o
 » que ficasse na Armada se fosse com toda
 » ella pera Pero Mascarenhas, e que lhe obe-
 » decesse como a Governador; e que Chri-
 » stovão de Sousa daria hum affinado assi
 » por elle, como por todos os Fidalgos,
 » que estavam com elle, em que se obrigas-
 » sem a obedecer a elle Antonio de Miran-
 » da com toda a Armada, que em seu po-
 » der tinha, até chegarem a Goa; e que não
 » querendo Pero Mascarenhas consentir no
 » que elles tinham ordenado, se fossem to-
 Couto. Tom. I. P. I. P » dos

» dos pera Lopo Vaz , e lhe obedecessem ,
 » sem mais fer ouvido Pero Mascarenhas ;
 » e que o Alcaide mór que ficasse em Chaul ,
 » prometteria tambem de entregar aquella
 » fortaleza a Lopo Vaz pela mesma manei-
 » ra ; e que consentindo ambos os preten-
 » sores , que se puzesse sua causa em direito :
 » que antes dos Juizes pronunciarem nella
 » cousa alguma , prometteriam ambos com
 » juramento , que o que delles ficasse no go-
 » verno não entenderia na pessoa , fazen-
 » da , parentes , amigos , e criados do ou-
 » tro , nem desfaria o que outro tivesse já
 » feito até então , e a qualquer delles , que
 » nisto não consentisse , lhe desobedecessem.
 » E que tanto que ambos chegassem a Goa ,
 » seriam logo soltos Eitor da Silveira , e os
 » mais Fidalgos que estavam presos , que
 » tambem prometteriam de guardar o que
 » alli determinavam ; e que este negocio se
 » determinaria em Cochim , onde se ajunta-
 » riam ambos os pretendentes , e que em par-
 » tindo Lopo Vaz de Goa desistiria da go-
 » vernança , e iria como pessoa privada em
 » poder de Antonio de Miranda , e que che-
 » gando a Cananor se entregaria tambem de
 » Pero Mascarenhas , e que Lopo Vaz fica-
 » ria entregue a Christovão de Sousa , ou a
 » D. Simão de Menezes , pera que o levaf-
 » se nos navios em que fossem : que além
 » do

» do seguro que Antonio de Miranda havia
 » de haver pera Christovão de Sousa do Go-
 » vernador, lhe haveria outro do Capitão,
 » e Vereadores da Cidade de Goa, que ju-
 » rariam que não guardando Lopo Vaz o
 » seguro, obedeceriam a Pero Mascarenhas.»
 Esta pauta se leu a todos os que estavam na
 fortaleza, e Christovão de Sousa lhes disse
 a causa porque a fizera, requerendo que lha
 ajudassem a pôr em effeito, e de tudo se
 fez termo, em que todos se affinaram, fei-
 to por Gaspar Affonso Tabellião em quatro
 de Outubro de mil quinhentos e vinte e se-
 te annos.

C A P I T U L O VIII.

*De como se mostrou a pauta a Lopo Vaz,
 e de como jurou de a cumprir, e se par-
 tio pera Cochim, aonde se havia de
 julgar a contenda: e do que passou
 em Cananor com Pero Mas-
 carenhas.*

C Oncluido isto, que foi o melhor mo-
 do que pode ser pera a quietação da In-
 dia, partíram todos aquelles Fidalgos pera
 Goa, ficando a fortaleza de Chaul entregue
 a Alvaro Pinto Alcaide mór della. Chega-
 dos a Goa, foi-se Antonio de Miranda ver
 com o Governador, e perante o Licencia-

do João de Souro Ouvidor geral, e o Secretario Antonio Rico, lhe mostrou a pauta, dizendo-lhe que fizera aquillo por cumprir assi ao serviço de Deos, e d'ElRey, e se evitarem grandes males, que estavam ordenados; e que pelos muitos protestos que em Chaul lhe fizeram consentira naquillo muito contra sua vontade, porque bem sabia que elle era o verdadeiro Governador, e que pera sua justiça trabalharia que os Juizes fossem sem suspeita, e sete sómente, pera terem menos que apurar. O Governador ficou sobrefaltado com aquillo, dizendo-lhe que elle tinha a culpa, pois se fiára mais del-le depois que dera o assinado a Pero Mascarenhas, e que se cuidára que fizera aquillo por evitar males, que agora ficavam elles mais prenhes; e querendo-lhe Antonio de Miranda dar mais razões, lhas não quiz ouvir, dizendo-lhe, que já que assi era, entendesse que os Juizes não haviam de ser mais de sete, como lhe tinha dito, o que lhe elle certificou que não seriam mais. E porque vio Lopo Vaz tão accezo, e cheio de paixão, sem embargo do juramento que tinha feito, lhe descobrio os Juizes que estavam declarados, com o que Lopo Vaz se desapaixonou, ficando mui desaliviado, e lhe pedio lhe desse hum assinado seu de serem Juizes aquelles que lhe tinha dito, que lhe

el-

elle deo , em que se assináram o Ouvidor geral , e o Secretario. Lopo Vaz mostrou a pauta a Pero de Faria , e a seus amigos , que lhe aconselháram consentisse nella , porque não o fazendo se alevantariam todos contra elle , e perderia o direito que tinha na governança , e o mesmo lhe disseram os Vereadores , a quem deo conta daquelle negocio ; e por fim de tudo disse a Antonio de Miranda que consentia na pauta , mas que havia de ir como Governador até Cananor , e que a honra de Affonso Mexia fosse guardada , e que julgando-se o negocio por Pero Mascarenhas , não o tiraria dos officios que tinha , do que Antonio de Miranda foi contente , e lhe passou disso seu assinado. Pelo que logo se soltáram os presos , e passou seguro a Christovão de Sousa pera poder entrar em Goa , porque até então estava na barra , (onde foi avisado que Lopo Vaz tratava de o prender , e o mesmo a Antonio de Miranda ,) e deixou-se ficar fóra sem querer entrar dentro. Pelo que assentou com Antonio de Miranda , que dissessem na aguada huma Missa , e que nella tornassem a ratificar o juramento que tinham feito , e de novo se obrigavam a Lopo Vaz ir até Cananor por Governador , e assi a segurança de Affonso Mexia , o que juráram de novo alevantando-se a Hostia ,
 ef-

estando presentes por parte de Lopo Vaz D. João Deça, e o Secretario, que de tudo fez hum assento, em que se declarou, que tanto que Lopo Vaz chegasse a Cananor se desembarcaria do galeão S. Diniz, (por ser tão poderoso que só com elle poderia pelejar com toda a Armada da India,) e que como reteudo se entregaria a Antonio de Miranda na sua galé, do que Lopo Vaz foi contente, e o jurou estando em S. Francisco ao levantar do Santo Sacramento, fazendo algumas declarações, e protestos que lhe convinham. Aos vinte e dous dias de Outubro se embarcaram todos, e chegaram a Cananor aos seis de Novembro; e desembarcando Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda, foram dar conta a Pero Mascarenhas de tudo o que era passado, dizendo-lhe elle, que tudo consentiria por pacificação da India, posto que tinha entendido que todos tratavam de lhe tomarem seu direito, porque já Antonio de Miranda tinha descuberto o segredo dos Juizes a Lopo Vaz, como vira por hum carta sua que houvera ás mãos por suas intelligencias, escrita ao Veador da Fazenda, em que lhos nomeava, e antre elles a Fr. João Dalvi, que lhe tinha promettido de votar por elle, mostrando-lhe logo a mesma carta, do que Antonio de Miranda ficou atalhado. Pero

Mas-

Mascarenhas lhe requereo , que se lançasse fóra Fr. João Dalvi , pois era suspeito , e declarára sua tenção , e que em seu lugar entrasse Christovão de Sousa , e que bem podia ser hum dos Juizes , pois o era elle Antonio de Miranda tambem ; mas Christovão de Sousa se escusou com dizer , que Lopo Vaz o tinha por mais suspeito que a todos , pelo que em lugar de Fr. João Dalvi nomeáram aquelles Fidalgos em segredo entre si cinco Juizes mais , que foram Lopo de Azevedo , Antonio de Brito , que fora Capitão de Maluco , Nuno Vaz de Castel-branco , Tristão Dega , e Bastião Pires Vigairo geral da India , o que se fez sem embargo de Antonio de Miranda ter dado o assinado que dissemos a Lopo Vaz de não serem mais de sete. Assentado isto , ao outro dia estando todos á Missa , virando-se Bastião Pires Vigairo geral com o Santo Sacramento nas mãos pera o povo , jurou Pero Mascarenhas de cumprir a pauta , em que havia por bem , que ficando Lopo Vaz por Governador o pudesse mandar prezo pera o Reyno , e o mesmo juráram todos os do seu bando , de que se fez termo assinado por elles. Acabado isto , mandou Pero Mascarenhas chamar o Secretario , e fez hum termo , em que declarava que os Juizes deputados não haviam de pronunciar mais na
cau-

causa, senão qual delles ambos havia de ficar por Governador, porque cuja era a governança por direito só ElRey com os seus Desembargadores o haviam de determinar, no que claramente deo a entender pela suspeição dos Juizes, que havia de ter sentença contra si; mas não podia al fazer, senão consentir no que estava ordenado, e queria que lhe ficasse acção pera requerer a ElRey sua justiça. Acabado isto, embarcou-se Pero Mascarenhas no galeão de Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda se passou ao galeão S. Diniz pera tomar entrega de Lopo Vaz, sendo obrigado o mesmo Lopo Vaz passar-se pera a sua galé, como estava assentado na pauta, e jurado por todos, do que se Pero Mascarenhas aggravou, dizendo a Christovão de Sousa, que já se quebravam os contratos que estavam feitos, pois Lopo Vaz se não queria fahir do galeão S. Diniz, nem desfistir do mando, e governo, e levava ainda bandeira na gavea, como Governador. Sobre isto mandou Christovão de Sousa outro recado a Antonio de Miranda, que requereo a Lopo Vaz se mudasse á sua galé, como estava assentado, o que elle não quiz fazer, do que se todos escandalizaram, e começou a haver união de novo; o que visto por Lopo Vaz, mandou dizer a Pero Mascarenhas por D. João Deça,

ça, que pois a causa se havia de averiguar em Cochim sem elles estarem presentes, que o bom seria ficarem naquella costa com a Armada repartida, fazendo guerra ao Camorim, e defendendo que não mandasse suas náos a Méca, por não levarem a pimenta que fazia abater na d'ElRey, e que só os Juizes fossem a Cochim, e que depois de dada a sentença lha mandariam notificar. Isto commetteo Lopo Vaz, porque houve, que se o negocio ficava em Affonso Mexia, que era cabeça em Cochim, que elle ordenaria com que se dêsse a sentença por elle, o que Pero Mascarenhas entendeu mui bem, e respondeo que não vinha bem a nenhum delles, porque o que tivesse sentença contra si se havia logo de embarcar pera o Reyno, pera o que era necessario estar em Cochim pera se negociar, mandando-lhe requerer que se sahisse do galeão S. Diniz, sobre o que se passaram alguns dias sem Lopo Vaz querer desirir a seus protestos: a que acudio Christovão de Sousa, e pedio por mercê a Pero Mascarenhas, que deixasse ir Lopo Vaz aonde quizesse, porque nisso hia pouco, pois os Juizes haviam de julgar a causa, e não os galeões, com o que houve de o consentir; e dando ambos os pretendores á vela, dispararam cada hum seu tiro, a cujo final os homens, que pera isso tinham

nas

nas gaveas, tiráram as bandeiras juntamente, pera que se entendesse, que por aquelle final desistiam ambos do mando, e governo, e que até se julgar a causa ficariam como pessoas privadas, e ao tirar das bandeiras protestáram ambos, que não desistiam da posse que tinham. Feito isto, Antonio de Miranda entregou Pero Mascarenhas a Christovão de Sousa pera no galeão S. Raphael, em que hia, o levar a Cochim, e lá lho entregar, e elle tomou entrega de Lopo Vaz, ficando então como Capitão mór que era da India, a primeira pessoa della, e ambos os Governadores de baixo de seu poder. E sendo eu moço, servindo a ElRey D. João na guarda-roupa, ouvi dizer áquelles Fidalgos velhos daquelle tempo, fallando nestas cousas, que dissera ElRey, que Antonio de Miranda não soubera ser Governador da India. E em huma falla que o mesmo Antonio de Miranda lhe fez sobre seus serviços, dizem, que lhe respondêra ElRey, que de huma só cousa se não houvera por bem servido d'elle, que fora não lhe mandar prezos Lopo Vaz, e Pero Mascarenhas depois de o ter em seu poder, o que elle bem pudera fazer, ficando governando a India com titulo de Capitão mór até ElRey a prover, como logo fez.

CAPITULO IX.

De algumas desavenças , que houve em Cochim entre os Governadores : e de como se accrescentáram mais dous Juizes por parte de Lopo Vaz , e do que mais passou.

SUrtos todos no porto de Cochim , foi Antonio de Miranda a terra , e deo conta a Affonso Mexia do que era passado , mostrando-lhe a pauta , e todos os mais papéis , que estavam feitos antre os Governadores , de que Affonso Mexia tomado disse , que tal não havia de consentir , pois se tratára tudo aquillo sem sua authoridade , sendo a segunda pessoa do Estado em cargo , que a elle havia ElRey de estranhar mais aquellas cousas que a todos elles. E com quantas razões Antonio de Miranda lhe deo , não o pode mover a cousa alguma , porque era homem mui afferrado a seu parecer. O que sabido por Pero Mascarenhas , e pelos de sua valia , requerêram a Antonio de Miranda , e a Christovão de Sousa , que pois Affonso Mexia não queria jurar a pauta , nem consentir naquellas cousas , que eram pera paz , e socego do Estado , (no que se queria mostrar parte , e claramente suspeito a suas cousas ,)
que

que se não determinasse aquelle negocio em Cochim senão em Coulão , que era dalli hum dia de caminho. E entendendo elles que Lopo Vaz o não havia de querer , por terem sabido que toda sua esperança estava no Afonso Mexia , porque quanto ao direito estava d'elle bem duvidoso , como na verdade estava , se o não tomáram tão claramente a Pero Mascarenhas todos quantos ordiáram aquella tea ; e como elles estavam apostados a fazerem em tudo a vontade a Lopo Vaz , e acabar-se já aquella contenda , fizeram com Pero Mascarenhas que deixasse sentencear aquelle negocio , posto que Afonso Mexia não assinasse a pauta : o que elle consentio , porque não viesse aquelle negocio ás armas pera mais justificação sua pera com ElRey. Com isto se foram a terra Antonio de Miranda , e Christovão de Sousa , e se recolhêram no Mosteiro de Santo Antonio pera nomearem os Juizes , insistindo Christovão de Sousa em se lançar fóra Fr. João Dalvi , e que em seu lugar se mettessem os que já estavam declarados , no que não quiz consentir Antonio de Miranda até o fazer a saber a Lopo Vaz , que tomou muito mal a mudança que se queria fazer nos Juizes , e disse bradando alto , que já não podia soffrer mais , e que bem escusado fora enganarem-no , e trazerem-no assi
de

de Goa, que elle tinha diſſo a culpa, e que a elle Antonio de Miranda, e a todos os mais eſpetaria em hum pão: e que ſe foſſem logo pera Pero Mascarenhas, porque ſe não quizeſſe conſentir no que eſtava aſſentado, nem elle conſentia em algum dos Juizes, nem ſe queria pôr a direito com peſſoa alguma, que elle naquelle galeão ſelejaria contra todos, e que a ventura diria quem era o Governador; e que elle Antonio de Miranda daria conta a Deos, e a El-Rey de todas as deſaventuras que ſuccedeſſem, pois elle ſó fora a cauſa dellas. Antonio de Miranda affrontado daquellas palavras, lhe reſpondeo, que elle não enganava a ninguém, antes tinha feito o que devia ao ſerviço de Deos, e d'El-Rey, e bem, e quietação naquelle Eſtado: que elle ſe queixaria a ſeu Rey das injúrias que lhe alli dizia, e que elle era o que não queria razão, nem juſtiça, deſentoando-ſe em palavras, que ſe não ouvíram bem com a grande revolta dos que ſe mettêram em meio: e aſſi apaixonado, e blazonando ſe ſahio do galeão, e ſe paſſou ao de Pero Mascarenhas. Sabendo elle o que paſſava, lhe requereo que por virtude da pauta, e juramentos feitos, (pois Lopo Vaz quebrava as condições della, e não conſentia nos Juizes,) que o houveſſe por Governador, conforme aos aſſentos que

eſ-

estavam feitos , sem mais ser ouvido Lopo Vaz , e o mesmo requerimento lhe fizeram os Fidalgos que alli estavam. Antonio de Miranda disse que lhe obedecia , mandando fazer hum auto , que pois Lopo Vaz quebrava os contratos , e juramentos feitos , que havia Pero Mascarenhas por legitimo Governador da India ; e logo lhe entregou toda a Armada que tinha a seu cargo , que era a galé bastarda , em que estava Eitor da Silveira , e a náó de Nuno Vaz de Castelbranco , duas caravelas , de que eram Capitães Vicente Pegado , e João de Sá , hum galeão de que era Capitão Simão de Mello , que naquelle tempo não estava nelle , e alguns navios de remo , e o galeão S. Rafael , em que estava o mesmo Pero Mascarenhas. Com Lopo Vaz ficaram os galeões S. Diniz , e S. Luiz , de que era Capitão Martim Affonso de Mello Juzarte , e o Camorim em que estava João de Mendoga , e ás galés de Ruy Pereira , e Antonio da Silveira , a caravela de Fernão de Moraes , e muita fustalha , que estava no porto de Cochim ; e assi se apartou Pero Mascarenhas com a sua Armada a huma parte , pondo-se em ordem de peleja , o mesmo fez Lopo Vaz pera averiguarem aquelle negocio por armas , como já aconteceu antre Augusto , e Marco Antonio sobre o Imperio de Ro-

Roma, levando todos sua artilheria, e assalando suas armas, como se cada hum destes Governadores houvera de pelejar com Rax Soleimão se passára á India. A gente ordinaria de Pero Mascarenhas bradava por batalha, dizendo que já não era razão soffrer tanto a Lopo Vaz, de sorte que tudo era hum confusão, e barbarice que mettia medo, e espanto, porque, segundo o poder de ambos estava igual, não pudera deixar de haver a mór desaventura do Mundo, porque estava certo não se apartarem sem a vitoria de alguma das partes, e assi o que ficasse com o Imperio do Oriente, sobre que contendiam, havia de ser em estado que muito facilmente o poderia logo perder, porque o Camorim com todos os Reys do Malavar estavam á mira com grande Armada, pera mandarem dar no que ficasse, e folicitaram os Reys de Cananor, e Coulão, pera se alevantarem logo contra aquellas fortalezas, e tudo se perdêra, se Deos o não atalhara. Os protestos corriam apressados de parte a parte, descarregando hum sobre outro toda a culpa dos damnos que succedeffem. Antonio de Miranda sentio-se muito culpado em ter descuberto a Lopo Vaz os Juizes, porque dahi nasceo todo o mal, e foi contra o juramento, e obrigação que tinha; porque se os tivera em segredo, nem

Lo-

Lopo Vaz foubiera quem havia de julgar a causa, nem houvera mais que esperar sentença, porque á hora que se nomeassem, sem se bulirem dalli, se havia de determinar o negocio; e por evitar tantos damnos, e desaventuras, dizem, que mandára dizer em segredo a Lopo Vaz, que lhe dava sua palavra de votar por elle, por isso que se quietasse, como fez por conselho de Affonso Mexia; e mandando chamar Antonio de Miranda, pedio-lhe perdão das palavras que lhe dissera, e depois de reconciliados fez hum termo em que consentia nos Juizes, e a requerimento de Pero Mascarenhas se mudou do galeão S. Diniz á não S. Roque; e foi entregue a Antonio da Silveira, e Pero Mascarenhas se mudou á não Flor de lamar entregue a Diogo da Silveira, e ambos juráram de os entregar a Antonio de Miranda quando lhos pedisse. Com isto se foram a terra Antonio de Miranda, e Christovão de Sousa com todos os Fidalgos para nomearem os Juizes.



DECADA QUARTA.

LIVRO IV.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

Dos Juizes que se accrescentáram de novo: e de como se deo a sentença por Lopo Vaz de Sampaio: e de como Pedro Mascarenhas se embarcou pera o Reyno.

RECOLHIDOS Christovão de Sousa , e Antonio de Miranda em Santo Antonio , hum dia pela manhã nomeáram os Juizes , que temos dito , estando na Capella da Igreja , onde logo se disse huma Missa , e alevantando o Santissimo Sacramento , juráram os Juizes de bem , e verdadeiramente julgarem aquella contenda ; e o Secretario , que havia de tomar os votos , tambem jurou de ter em segredo os taes votos , que os Juizes lhe haviam de dar por seus affinados , e que os não mostraria senão a ElRey em Portugal. Estando já a cousa definida.

Conto. Tom. I. P. I. Q ta

ta maneira , apartou Antonio de Miranda a Christovão de Sousa , e lhe disse , que elle queria accrescentar mais dous Juizes , que eram Fr. João Dalvi , e Braz da Silva de Azevedo , o que lhe Christovão de Sousa estranhou , debatendo com elle muito , até que lhe prometteo , se o consentisse , de dar seu voto por Pero Mascarenhas , e que o mesmo entendia que havia de fazer D. João Deça , porque a justiça estava muito clara por elle , e que não fazia aquillo senão por pacificar , e satisfazer a Lopo Vaz , e por quietação da India ; e tantas cousas lhe disse sobre isso , que o consentio , sem dar conta a Pero Mascarenhas , que todos andavam a lhe tomar o que era seu : E certo que pareceo cousa escandalosa a deste Religioso Fr. João Dalvi querer-se quasi por força metter neste negocio , tanto , que a primeira vez que Pero Mascarenhas teve pejo nelle , logo se houvera de lançar de fóra , e segundo a instancia com que Lopo Vaz insistia em o metter por Juiz , parecia que lhe tinha promettido sentença , ou o seu voto , em que se mostrava ser bem suspeito , pois se affirmava que descobrira sua tenção contra a obrigação de sua profissão , de que se os Religiosos haviam muito de afastar , porque seu officio he rogar a Deos pela conservação dos Reynos , e das Républicas , e

dei-

deixar o governo dellas a quem os Reys as encomendam, que são Capitães, e Cavalheiros, que com as armas defendem os Estados, e os dilatam, ganhando fama perpétua, e gloria eterna, pelejando pela Fé de Christo, que os bons Religiosos ganham com orações, e lagrimas. E deixando esta materia, tornando ás coufas dantre os dous Governadores Christovão de Sousa, e Antonio de Miranda, deram juramento a Affonso Mexia, e a D. Vasco Deça, que entregariam aquella fortaleza de Cochim a qualquer dos dous por quem se julgasse a Governança, o que elles fizeram com condição, que jurassem todos os que alli estavam, que dando-se sentença por Pero Mascarenhas, tomavam sobre si a elles, e Aires da Cunha Capitão de Coulão, a Pero Vaz Travassos, e a Diogo Sancho, e aos moradores de Cochim, assi suas pessoas, como fazendas, e lhe fizessem dar a elle Affonso Mexia embarcação pera o Reyno, e que o não obrigassem a ficar na India, o que elles juraram juntos; e apartados os Juizes, deixou-se ficar dentro com elles Christovão de Sousa, sem embargo de não querer ser hum delles, o que lhe Antonio de Miranda estranhou, pedindo-lhe se sahisse pera fóra, tendo elles assentado ambos que estariam ao despacho, o que Christovão de

Sousa não quiz fazer , sobre o que altercaram razões , e se atearam em palavras , a que os Juizes acudiram mettendo-se em meio ; e em fim Christovão de Sousa se sahio pera fóra , entendendo mui bem que se queria roubar a justiça a Pero Mascarenhas , e ficou mui triste , e arrependido dos dous Juizes , que deixou accrescentar de novo ; e vendo que a cousa toda ficava á vontade de Lopo Vaz , foi-se embarcar , e entrando no galeão de Pero Mascarenhas , chegando a elle mui agastado , disse : *Sus, façamos alforges ; e partamos , que tudo he por demais* , e calou-se pelo juramento que tinha. Bem entendeu Pero Mascarenhas , que tudo ficava sobornado por parte de Lopo Vaz ; mas como não queria mais que paz , e quietação , deixou julgar o negocio como quizessem , porque bem sabia que ElRey lhe faria justiça. E querendo os Juizes entrar na materia que levavam já bem estudada por parte de Lopo Vaz , chegaram D. Vasco Deça , e Simão Caeiro procuradores de ambos os pretendores , e offerecêram suas razões , e apôs elles entrou o Procurador da Cidade com hum requerimento dos Vereadores , em que lhes pediam da parte de Deos , e d'ElRey que não julgassem a Governança por Pero Mascarenhas , porque se o faziam , juravam de despoisar a Cidade ,
e pas-

e passarem-se a terra dos Mouros , offerecendo pera isso humas razões mui compridas , que por taes as deixamos , em que apontavam muitas cousas contra Pero Mascarenhas , porque diziam não poder ser Governador. Fechados os Juizes , começaram a debater a materia , em que gastáram parte do dia , e da noite , em que os caçados todos de Cochim andáram pelas ruas em procissões descalços , com suas mulheres , e filhos , pedindo a Nosso Senhor os livrasse de Pero Mascarenhas governar , porque receavam , que sendo Governador se vingasse de todos pela resistencia que lhe fizeram. Vistas pelos Juizes as successões ambas , os autos das posses , e juramentos , e as razões de parte a parte , e depois apartados de dous em dous , discutiram a materia , e puzeram suas tenções em escrito , e affinando-se nelles , os deram ao Secretario , que depois de os ter todos , os apurou , e tomando os votos , achou-se mais hum por Lopo Vaz de Sampaio , que segundo ouvimos dizer a hum Fidalgo honrado , e muito velho na India , foi o do P. Fr. João Dalvi. Sendo vencidos os votos por parte de Lopo Vaz , pronunciáram os Juizes a Sentença nesta fórma: *Vistos estes autos , e o que por elles se mostra , julgamos por nossa definitiva Sentença , que Lopo Vaz de Sampaio seja Governador nestas*

tas partes da India , e que Pero Mascarenhas se embarque pera o Reyno , dando-se-lhe embarcação conforme a sua pessoa ; e quanto aos ordenados fique pera ElRey os julgar como lhe bem parecer , e assi todo o mais que cada hum quizer requerer. E afinados todos os Juizes , publicou-se logo a Sentença , que foi dada aos vinte e hum de Dezembro. Tanto que se publicou , embarcáram-se em hum bargantim Antonio de Miranda , D. João Dega , Braz da Silva , Tristão Dega , e foram á não de Pero Mascarenhas , que estava com Christovão de Sousa , e D. Simão de Menezes , e presentes todos lhe notificou o Secretario a Sentença que Pero Mascarenhas ouviu com hum rosto muito seguro , sem fazer mudança em cousa alguma ; e depois de a ouvir não disse mais senão que ElRey lhe faria justiça. Dalli se foram á não de Lopo Vaz , e lha publicáram tambem , que a ouviu com bem differentes exteriores de Pero Mascarenhas , porque logo nelle , e nos seus se enxergou mui fobreja alegria , dando publicamente os agradecimentos aos Juizes , e pedindo perdão a Antonio de Miranda ; e porque aquillo era já de noite , a passáram toda no seu galeão em bailos , e tangeres ; e pela manhã embarcando-se o Governador em hum bargantim , foi correndo todos os navios da

Ar-

Armada pera segurar os Fidalgos , que foram do bando de Pero Mascarenhas , porque receou que se quizessem ir pera o Reyno , e com todos se reconciliou , apazigou , e quietou. Dalli se foi a terra , onde foi recebido da Cidade com pallio , e grandes festas , dando logo ordem á carga das náos. Pero Mascarenhas não se desembarcou , antes ficou sempre no mar , mandando fazer prestes as cousas necessarias pera sua embarcação ; e sendo quinze de Janeiro se embarcou , entregue por mandado do Governador a Antonio de Brito , que hia rico de Maluco , e era hum Fidalgo muito honrado , que depois de ser em Portugal casou com humma irmã de Martim Affonso de Sousa , que depois foi Governador da India , de quem teve humma filha , que casou com D. João da Silva Conde de Portalegre , de quem elle não houve filhos. Primeiro que Pero Mascarenhas se embarcasse , mandou citar Lopo Vaz pera em Portugal requerer contra elle a Governança da India , assi pelos ordenados , como por todos os prois , e percalços. Castanheda diz , que depois houvera sentença contra elle pelos ordenados , e o mesmo diz Pero Mapheo , que o segue ; e accrescenta mais , que fora condemnado o mesmo Lopo Vaz em vinte mil cruzados , que era o ordenado de dous annos , que governou

nou depois de abertas as successões que vieram do Reyno. João de Barros, se nos não lembra mal, diz, que foi aleive que Castanheda alevantou a Lopo Vaz; e parece-me que diz mais, que buscára os cartorios pera ver esta sentença, e que em nenhum a achára. Pero Mascarenhas foi bem recebido d'ElRey, que teve sempre muita conta com suas cousas, e lhe deo a capitania de Azamor, e depois de estar alli alguns annos vindo pera o Reyno perdeu-se em humas caravelas. Foi este Fidalgo filho segundo de João Mascarenhas, e neto de Nuno Mascarenhas irmão do Capitão dos Ginetes Fernão Martins Mascarenhas: foi casado com D. Maria filha de Fernão Pereira Barreto, de que houve duas filhas, Dona Catharina Pereira Barreta mulher de D. João de Castel-branco filho do Conde D. Martinho, e D. Elena Mascarenhas, que casou com D. Pedro Mascarenhas, que foi por Embaixador a Roma, e depois por Viso-Rey da India. Teve mais dous filhos bastardos, João Mascarenhas, e Jeronymo Mascarenhas, foi natural da Villa de Loulé no Algarve. Depois destas differenças (porque não houvesse outras na India) mandou El-Rey D. João hum regimento, em que diz, que abrindo-se as successões da Governança da India, se o que nellas succedesse não es-

tivesse desde o Cabo de Camorim até a ponta de Dio, não se esperasse pela tal peltoa, e se abrisse a outra successão, (o que já aconteceo quando succedeo D. Diogo de Menezes, como em seu lugar diremos.) Lopo Vaz, depois de despedir as náos pera o Reyno, tendo já sabido que a Armada dos Turcos se tornára a recolher a Suez, tratou de a ir buscar, e queimar naquelle porto, o que poz em conselho, e foi contrariado de todos por causa da Armada que o Camorim tinha feita, affentando-se, que se mandasse o Capitão mór áquelle estreito a saber a certeza dellas, e que não vindo pera o anno Governador do Reyno, então as poderia ir buscar com mais poder, e cabedal. Affentado isto, despedio logo Antonio de Miranda com seis galeões, e hum caravela, hum galé, dez navios de remo, em que hiam os Capitães seguintes. No galeão S. Diniz, elle: Fernão Rodrigues Barbas no galeão S. Rafael, Antonio da Silva no Reys Magos, Ruy Vaz Pereira no galeão S. Luiz, Henrique de Macedo no Camorim grande, Lopo de Mesquita no pequeno, Ruy Gonçalves na caravela bicha, Ruy Pereira na galé bastarda. Nos navios de remo Francisco de Vasconcellos, Pero Celas, Francisco Alvares, e outros. Iam nesta Armada mil homens d'armas, e deo

deo esta Armada á véla quasi juntamente com as náos do Reyno. Logo poucos dias depois mandou o Governador seu sobrinho Simão de Mello ás Ilhas de Maldiva esperar as náos de Méca, e levou hum galeão, hum caravela, e dous, ou tres navios de remo, e de sua jornada adiante diremos. Em quanto o Governador fica em Cochim, entendendo em algumas cousas necessarias, tornaremos ás de Maluco que nos chamam:

C A P I T U L O II.

Do que passou D. Jorge Capitão de Maluco com D. Garcia Henrique sobre certos apontamentos que levava: e de como mandou a Malaca pedir soccorro, e prendeo D. Garcia em ferros.

A Trás temos dado conta das cousas que em Maluco succedêram com a chegada de D. Jorge, e de como ficou correndo em treguas com os Castelhanos. Vindo a moução em que D. Garcia se quiz embarcar pera a India, lhe mandou D. Jorge notificar, que se fosse pela via de Borneo, conforme a hum regimento que levava de Pero Mascarenhas, porque desejava de se fazer sempre aquella derrota por ser mais apressada, que a que se fazia por via de Ban-

Banda : que por ser mais apressada , mandou Antonio de Miranda de Brito , sendo Capitão de Maluco , descobrir o anno de vinte e tres por Antonio de Abreu seu parente , que foi o primeiro que por ella navegou , o que Pero Mascarenhas desejava se continuasse , alli por ser mais breve a jornada , como por grangear o commercio , e amizade daquelles Reys , e senhores das Ilhas de Borneo , porque tinha por noticia que havia nellas muito ouro ; e a principal razão era , porque queria tolher aquella navegação aos Castelhanos. D. Garcia tomou mal a notificação , porque recebia mui grande perda não indo por via de Banda , porque esperava de achar alli hum junco que o anno passado mandára a Malaca , e mandou dizer a D. Jorge , que de muito boa vontade fora pela via de Borneo , mas que era jornada duvidosa , porque já a cometêra em tempo de Antonio de Brito , levando muito bons Pilotos , e que , depois de andar muitos dias perdido por antre aquellas Ilhas , tornára arribar a Maluco. D. Jorge o escusou , ordenando de mandar outrem descobrir aquelle caminho. D. Garcia tratou de o estorvar , porque indo alguém que não fosse elle , ficava culpado com o Governador , e disse a D. Jorge , que lhe parecia escusado mandar navio a Malaca , porque

que se era a pedir soccorro , que elle tinha já mandado a isso Manoel Lobo , que devia de ser já lá , e que a resposta não poderia tardar , porque como se foubesse dos Castelhanos , forçado se haviam de apressar : e que vendo lá outro navio com gente , haveriam que a necessidade não era grande , pois a podia escusar , e ainda o faria mais vagaroso se lhe levasse recado , que ficavam em treguas com os Castelhanos : que elle tinha por novas que Martin Inhegues ordenava hum navio pera mandar com recado á nova Hespanha a pedir náos , e gente : que elle queria ir esperar este navio , que havia de levar o recado , e tomallo , que lhe mandasse armar pera isso o seu navio , e outros alguns. D. Jorge não lhe acceitou os cumprimentos , sobre o que D. Garcia lhe fez grandes protestos , com o que Dom Jorge desistio do navio , que queria mandar a Malaca , e D. Garcia se começou a negociar pera se partir ; e porque receou não lhe deixar D. Jorge embarcar vinte homens de sua obrigação , pela necessidade que havia delles , lhe deo cem bares de cravo , e passou-lhe humma escriptura , que em Malaca os daria a seus procuradores , por estarem já embarcados , com tanto que lhe deixasse embarcar a gente de sua obrigação , o que lhe elle prometteo , (cousa mui ordinaria

na India em alguns Governadores, e Capitães, dar-lhes pouco de a deixarem em trabalhos, e perigos, porque não tratam mais que de si, e de levarem com que comprar rendas no Reyno, e depois em suas quintas aos foalheiros, quando vam as novas da India, perguntam se ainda vive, e se está ainda em pé: no que tem muita razão, porque os mais delles a deixáram, e suas fortalezas pera espirar.) E tornando a Dom Jorge, depois de ter feito aquelle partido tão affrontoso, cahio que fazia erro em não obrigar a D. Garcia a ir pela via de Borneo, como lhe mandára Pero Mascarenhas, pelo que lhe tornou a mandar fazer novo requerimento sobre isso. E porque de todo lhe pareceo ser obrigação avisar o Capitão de Malaca das cousas dos Castelhanos, mandou huma corocora mui ligeira, e nella tres Cavalleiros mui honrados, chamados Vasco Lourenço, Diogo Cão, e Gonçalo Velloso, e hum Piloto Castelhana, a que não achámos o nome, dando por regimento a estes homens que fossem por Borneo, e notassem bem aquella derrota, e se vissem com aquelle Rey, e assentassem com elle pazes, e amizades, mandando-lhe por elles hum presente de brincos, e cousas curiosas, em que entrava hum panno de raz de figuras antigas, e grandes muito rico; ef-

escrevendo ao Capitão de Malaca, e ao Governador muito largamente todas as cousas succedidas em seu tempo naquellas Ilhas: nesta volta foram tambem cartas de Dom Garcia, e de Cachil Daroez pera o Governador, em que lhe diziam muitos males de D. Jorge, e desta jornada adiante daremos razão. D. Garcia ficou negociando hum junco seu pera se ir pera a India, e succedeo no mesmo tempo falecer Martin Inhegues Capitão dos Castelhanos, e ser eleito hum Fernão de la Torre, que D. Jorge mandou visitar, e saber d'elle se queria guardar as treguas que estavam feitas, o que elle não quiz, porque era homem alterado, e de não muito governo, com o que se tornou a atear a guerra, mandando o de la Torre armar huma galeota pera fazer guerra aos nossos. Sabido por D. Jorge, por não ter nenhum navio de remo possante pera contra aquella galeota, mandou logo armar outra, a que fez dar muita pressa, tomando pera isso quantos carpinteiros havia na terra, em que entravam alguns que trabalhavam no junco de D. Garcia, sobre o que tiveram muito ruins palavras, em que chegou D. Garcia a punhar da espada, e mettendo-se muitos no meio, se recolheo D. Garcia pera sua casa. D. Jorge induzido de homens mal inclinados, (que sempre
nes-

nestes negocio affopram bem o fogo,) mandou pelo Ouvidor tomar a menagem a Dom Garcia, e que se viesse metter na fortaleza. D. Garcia zombou do Ouvidor, ao que acudio D. Jorge a repique de sino, negociando-se pera o ir prender, mandando diante o Alcaide mór a lhe requerer que se fosse pera a fortaleza. D. Garcia estava com quarenta homens postos em armas: dando-lhe o Alcaide mór o recado, dizendo-lhe que D. Jorge hia por caminho, que havia de escusar pendenças, respondeo, que se elle lá fosse, que elle o sahiria esperar fóra. Sabido por D. Jorge, mandou affestar algumas peças de artilheria nas casas de D. Garcia pera lhas derribar, mandando-lhe fazer primeiro notificação pelo Alcaide mór, e por Tristão Vieira, que era amigo de Dom Garcia, que lhe disse tantas cousas, que se sahio só de casa, e chegando á fortaleza, disse a D. Jorge: *Eis-me aqui, que me que-reis?* D. Jorge lhe tomou a menagem, e mandou fazer de tudo hum auto pelo Ouvidor, ficando na fortaleza alguns dias prezo, em que o Rey de Geilolo por parte dos Castelhanos começou a fazer guerra aos nossos com Armadas pelo mar, dando nos lugares d'ElRey de Ternate. D. Jorge acudio com algumas corocoras que mandou em busca dos inimigos. Visto por todos

dos os da fortaleza a guerra travada, pediram a D. Jorge soltasse D. Garcia, que era hum Fidalgo tão honrado, e que acabára de ser Capitão daquella fortaleza, e que os Mouros andavam escandalizados de ver entre elles aquellas dissensões; mas como Dom Jorge estava teimoso, disse que alli prezo o havia de mandar á India: com o que Dom Garcia lhe mandou requerer que o soltasse, e quando não, que o prendesse em ferros, senão que se havia de ir pera sua casa; (isto lhe mandou dizer, porque sempre cuidou que D. Jorge não quizesse chegar com elle ao cabo:) Mas D. Jorge, que estava com sua paixão, lhe mandou lançar hum bom grilhão, com o que os amigos, e criados, que seriam perto de sincoenta, se amotinaram, tratando de o ir tirar da fortaleza, mas não pudéram: pelo que se determináram de se irem pera hum lugar forte do Sertão, do que deram conta a Cachil Daroez, pera de lá mandarem requerer a D. Jorge soltasse D. Garcia, senão que se passariam pera os Castelhanos. Estes tratos descobrio hum delles a hum Fernão Baldaya, por saber que o havia de dizer logo a D. Jorge, como fez: pelo que determinou de prender os principaes da conjuração, a que acudio Simão de Vera, e outro, dizendo-lhe que melhor sería soltar D. Garcia,

cia, e dissimular-se tudo, como logo fez, fazendo-se amigos, e rompendo as devassas ficáram correndo em amizade.

C A P I T U L O III.

De como os de D. Garcia o induziram que prendesse D. Jorge, e de como o fez, e se metteo na fortaleza.

OS amigos de D. Garcia, e todos os que pretendiam ir com elle pera a India, não ficáram satisfeitos destas amizades, receando que se durassem até se embarcar, não levasse todos, nem era razão, porque ficaria a fortaleza só. Pelo que começaram a semear novas zizanias, persuadindo a Dom Garcia se não fiasse de D. Jorge, que por derradeiro era amigo reconciliado. Tanto lhe disseram disto, que fizeram com elle andasse com o olho sobre o hombro, começando a andar acompanhado dos induzidores. Por outra parte, alguns que se mostravam familiares de D. Jorge, o avisavam, que não se fiasse de homem a quem tinha escandalizado, porque a todo o tempo que pudesse se havia de satisfazer; e que sabiam que D. Garcia dava muitos avisos aos Castelhanos, e trabalhava tudo o que podia por Cachil Daroez se alevantar contra a fortaleza, e que provocava os Ternatezes ao

Conto. Tom. I. P. I. R. odia-

odiarem. E não parando aqui o negocio, succedeo vir ElRey de Bachão á nossa fortaleza a negocio, e tendo suas estancias fóra, huma noite deram huns poucos nellas, e matando-lhe quatro, ou sinco homens, e ferindo-lhe muitos, tudo a fim de o omiziam com D. Jorge. Ao outro dia indo ElRey á fortaleza a fazer queixas daquillo, lhe sahíram Tristão Vieira, Affonso Gentil, e Luiz Dias, (que diziam foram os da alhada;) e como sabiam ao que hia, o tiráram diſſo, affirmando-lhe que D. Jorge lhes mandára fazer aquillo em vingança da morte de certos Portuguezes, que em Bachão matáram a ſeu irmão D. Tristão de Menezes, e dos juncos, e cravo que lhes tomáram, como na terceira Decada ſe conta, o que tudo foi facil a ElRey de crer, e deixou dalli por diante de ir á fortaleza, e esteve de todo pera ſe conjurar com Cachil Darocz, e darem de sobrefalto na fortaleza, e tomarem-na; mas ordenou Deos que foſſe D. Jorge avisado deſte negocio, e de todas as mais couſas, em que o culpavam, de que logo mandou tirar huma devaſſa, em que ſe acháram culpadas as peſſoas que affirma nomeámos, e outros que foram avisados, e ſe acolhêram pera o mato: pelo que D. Jorge ſe vio com ElRey de Bachão, e lhe contou as couſas como
paſ-

passáram , com o que ficou desalivado , e quieto , e tornou a correr em amizade com elle. Não cessáram por aqui as maldades dos da parte de D. Garcia , pelo que determinou D. Jorge de o mandar pera Talangame , que era outro porto da Ilha onde as náos surgem : e disto deo conta ao Alcaide mór , e ao Baldaya , que ou por serem amigos de D. Garcia , ou por quere-rem ver paz , e quietação , lhe aconselháram , que devia de dissimular com aquillo por não renovar chagas passadas , o que elle fez , porque tambem desejava quietação. Mas os máos homens que não descansavam em quanto não vissem aquelles dous Fidalgos baralhados , lançáram pela povoação huma fama furda d'amigo em amigo , que D. Jorge mandava matar D. Garcia. Depois de se isto divulgar , succedeo que hum negro , que D. Jorge levou da India chamado Miguel Nunes , induzido parece por estes tecedores , em muito segredo foi dizer ao Feitor , que D. Jorge lhe mandava matar D. Garcia , e que por lhe não parecer aquillo bem , se queria ir pera os Castelhanos. O Feitor parecendo-lhe aquillo muito grave , aconselhou ao negro que avisasse Dom Garcia , o que elle disse que não havia de fazer , mas que tambem não havia de commetter hum tão grande crime. O Feitor lhe

disse que dissimulasse, e não se passasse aos Castelhanos, por não saberem lá aquellas desavenças; ficando suspenso naquella materia, sobre que deo mil voltas, cuidando se seria verdade, ou não; e porque tudo podia ser, determinou de o descobrir a Dom Garcia, debaixo de graves juramentos, para andar recatado, porque queria atalhar tamanha desventura, se era verdade que D. Jorge atentava: e assi lho disse, duvidando porém poder conceber D. Jorge em seu peito cousa tão fea; mas como as cousas que tocam á vida de hum homem não he bem ficarem em dúvida, quiz-se segurar D. Garcia. E dando conta daquelle negocio a Manoel Falcão, a Diogo da Rocha, e a Manoel Botelho, (de quem era mui grande amigo,) e como parecia que o demonio andava nas cousas desta Ilha, entre os nossos semeando zizanias, e discordias, aconselháram-lhe estes, que cumpria a sua vida matar D. Jorge, tirando Manoel Falcão, que lhe disse, que muito melhor era prendello: e que tirasse devassa de suas culpas, e o mandasse á India, e que ficasse elle por Capitão até o Governador prover aquella fortaleza. Isto soou melhor a D. Garcia, e dando conta de tudo a Cachil Daroez, e a ElRey de Bachão, pedindo-lhes favor para isso, que lhe elles promettêram (ficando

contentes, e alegres de verem antre aquelles dous Fidalgos tamanhas discordias, porque por derradeiro eram Mouros, e folgavam com o nosso damno.) Succedeo neste tempo, em que estas meadas se ordíram, mandar D. Jorge a Cachil Daroez que fosse de Armada á Ilha de Maquuse, com quem se embarcáram a mór parte dos criados, e amigos de D. Jorge. O que vendo D. Garcia, pareceo-lhe que o tempo lhe dava todas as occasiões pera sua pretensão; pelo que não quiz descuidar-se nellas, traçando com os amigos o modo de como prenderia D. Jorge; e porque tinha mui grande inconveniente no Alcaide mór, ordenou com hum Francisco de Castro, que o convidasse o dia que elle tinha aprazado, como fez, e o levou a huma quinta no lugar que chamam Odoloco, huma legua da fortaleza, e na sua envolta foram a mór parte dos moradores, e criados de D. Jorge, que ficava só na fortaleza. Sabendo D. Garcia que D. Jorge acabára de jantar, mandou Manoel Falcão que se fosse pera elle, e armassem jogo de tavolas, (como muitas vezes faziam.) E estando D. Jorge embebido no jogo, bem descuidado do que se lhe ordenava, entráram pela fortaleza Pero Botelho, Tristão Vieira, e Affonso Gentil (que já eram perdoados do caso d'ElRey de Bachão) levando

do ordem do que haviam de fazer , hum que tomasse a porta da fortaleza , e outro a escada , porque não subisse alguém , e outro que fechasse as portas por fóra a alguns criados que estavam em suas casas dormindo , porque não pudessem acudir ao reboliço. Feito isto , entrou D. Garcia com outros armados ; e logo os que tinham cuidado das portas as fecharam , e subindo affima , chegando-se a D. Jorge , liou-se com elle , dizendo : *Estai prezo* , e Manoel Falcão , e os mais o ajudaram liando-se com elle , e os outros com alguns criados que alli estavam. D. Jorge começou a bradar : *Traição , traição*. Hum pagem escapulindo dalli teve tal acordo que foi repicar o sino. D. Garcia , e os outros , que estavam ferrados em D. Jorge , tiveram muito trabalho em o derribar , porque era homem de grandes forças , e de grande animo , e com a paixão de se ver allí tratado , bracejava , perneava , e mordia de maneira , que quasi o não podiam ter , e sempre bradou , dizendo : *Traidores , matai-me , não me affronteis* ; mas em fim como os outros eram muitos , depois de grande espaço deram com D. Jorge no chão , e lhe deitáram o proprio adobe , que elle mandou lançar a D. Garcia , e tomando-o nos ares deram com elle em huma masmorra debaixo do chão , onde o amarráram

ram a humas camaras de falcão pera estar mais seguro.

C A P I T U L O IV.

Do que fizeram os amigos de D. Jorge sabendo sua prisão: e das cousas que succedêram até o soltarem: e do que aconteceu aos que D. Jorge tinha mandado a Borneo.

A O repique do sino, que o moço fez acudio o Feitor, que pousava fóra, e outros Portuguezes com armas, sem saberm o que aquillo era, e achando as portas fechadas, cuidando ser traição, começaram a lhe dar vaivens, e outros trazerem escadas para subirem por ellas, fazendo hum grande matinada. Aqui acudio D. Garcia ao muro, vendo aquelle alvoroço, e lhes disse: *Senhores, affoçegai, que a fortaleza está por ElRey de Portugal, e todos somos seus vassallos, e por desejar a paz, e socego della, fiz este negocio*, contando-lhes tudo o que passava, com outras cousas que mais accrescentou: *Por isso vos peço que hajais por bem o que tenho feito, e desta fortaleza eu tômo entrega, e della darei conta a ElRey, e ao seu Governador da India.* O Feitor por se achar culpado naquelle negocio em lhe descobrir a velhacaria do

do negro , com muita paixão interrompeo a falla a D. Garcia , queixando-se delle a grandes brados , e destemperando-se bem em palavras. D. Garcia lhe pedio se recolhesse , e que corresse com seu officio , que da prizão de D. Jorge elle daria conta a ElRey , com o que todos se recolhêram , por não haver alli que fazer. Não tardou muito o Alcaide mór , e os mais amigos de D. Jorge , que eram idos ao banquete , e sabendo o que passava , foi a sua paixão tão grande que tratáram de entrar a fortaleza , e soltar D. Jorge , e assi se armáram , e foram demandar a fortaleza com escadas , machados , e outros petrechos para quebrarem as portas , começando de subir ao muro. A isto acudio D. Garcia com os da sua valia , e entre todos se começou hum grande briga. ElRey de Bachão com muita gente acudio logo por parte de Dom Garcia , com dissimulação , mostrando que vinha apaziguar , e trazia hum adarga embraçada , e hum lança nas mãos , requerendo ao Alcaide mór , e aos mais , que se recolhessem , que aquelle negocio não se havia de fazer por armas : e que pois todos eram naturaes , e vassallos d'ElRey de Portugal , entendessem que não era serviço aventurarem-se tantos homens por hum só , podendo-se pacificar tudo sem tanto damno ,

como se ordenava, que o tempo curava tudo; que não se cansassem, que aquillo se acabaria em bem de D. Jorge. Com isto se recolhêram todos muito tristes. Estas novas corrêram logo por aquellas Ilhas até chegarem a Cachil Daroez, que andava de Armada. Os amigos, e criados de D. Jorge, que com elle andavam, que eram quasi todos os que tinha em as sabendo, logo lhe requerêram que se fosse pera Ternate pera acudirem áquellas cousas, o que Cachil Daroez fez. O Alcaide mór em chegando a Armada ajuntou todos os amigos da obrigação de D. Jorge, que com elle andavam, que seriam quarenta, determinou de o ir soltar, e quando o não pudesse fazer, passarem-se todos pera os Castelhanos, que se gloriavam deste successo. Nisto os favorecia hum irmão d'ElRey, chamado Cachil Viaco, (hum dos sete bastardos que Bolufe teve,) que era grande amigo de D. Jorge, e inimigo de Daroez, por lhe entender suas velhacarias. A primeira coufa, que o Alcaide mór fez, foi impedir huma devassa que D. Garcia tirava de D. Jorge, em que testemunhavam todos os da conjuração de Dom Garcia, vindo com embargos a ella, protestando por parte de D. Jorge de lhe não prejudicar. Os da parte de D. Garcia tambem se ajuntáram contra aquelle bando, de
que

que era cabeça o Alcaide mór , tratando de o matarem , porque os outros todos sem elle não fariam cousa alguma. Aos da parte contraria favorecia ElRey de Bachão , e ficava o partido muito de ventagem , pelo que o Alcaide mór tratou com Cachil Viaco de se irem todos os de seu bando pera a Serra , e de lá requererem a justiça de D. Jorge , e quando lha não quizessem fazer , passarem-se aos Castelhanos. O Viaco se foi com elles pera os agazalhar lá , posto que nisso houve algumas differenças com os da terra , por não levarem licença de Cachil Daroez , que era Regedor do Reyno. Da Serra começaram a fazer seus requerimentos , assi a D. Garcia que soltasse Dom Jorge , como a Pero Botelho Capitão do navio , em que D. Jorge foi de Malaca a Maluco , pera que se ajuntasse com elles , pera soltarem D. Jorge , ao que lhe não defiriam ; e vendo que seus protestos não aproveitavam , mandáram hum Embaixador a ElRey de Tidore , e a Fernão de la Torre , que lhes deo conta de tudo o que era passado : pedindo-lhe da parte do Alcaide mór , e dos mais , mandasse requerer a Dom Garcia soltasse logo D. Jorge , e que quando o não quizesse fazer lhes dessem licença pera se passarem pera elles. ElRey , e o Castelhana tomáram muito mal as cousas que D.

D. Garcia tinha feito : e logo lhe mandáram fazer hum grande requerimento sobre aquillo , protestando de dar conta a ElRey de Portugal de todas as perdas , e damnos , que da prizaõ de D. Jorge succedessem. Com este requerimento ficou D. Garcia atalhado , porque bem vio que se elles insistiam em favorecer D. Jorge , que lhe dariam trabalho , e lhe fariam guerra , e receou muito aquella carga ; e respondeo ao requerimento , dando-lhe muitas razões sobre a prizaõ de D. Jorge , e rogou a Cachil Daroez que logo se fosse com o Alcaide mór , e com os outros á Serra , e diffimuladamente soubesse dos que lá estavam sua determinação , e se visse que todavia insistiam a se passarem a Tidore , os segurasse. Cachil Daroez o fez assi ; vendo-se com elles lhes estranhou o que fizeram , porque D. Garcia era seu amigo , e não havia de bulir com elles ; ao que lhes respondêram que não queriam couza alguma delle até não soltar D. Jorge , e que soubesse certo se o não fazia , que se haviam de passar aos Castelhanos , e que D. Garcia daria conta a Deos , e a ElRey dos males que disso succedessem. Estando nestas praticas chegaram as corocoras de Tidore , que Fernão de la Torre mandava em favor do Alcaide mór com alguns Castelhanos , e Tidores , e da praia lhes mandáram

di-

dizer que esperavam por elles. Este recado lhes deram presente Cachil Daróez, com o que se alvorogáram fazendo-se prestes pera se irem embarcar. Vista por Daróez sua determinação, lhes pedio, que se não aballassem até elle ir fallar com D. Garcia; e que faria com elle que soltasse D. Jorge: elles lhe disseram, que esperariam aquelle dia, mas que se logo o não soltava, se haviam de embarcar. Daróez se foi mui apressado a D. Garcia, a quem deo conta do negocio, accrescentando, que se passavam a Tidore lhe fariam todos guerra, a que elle não poderia acudir, assi pela pouca gente que tinha, como pela falta de mantimentos; e que sobre tudo se não poderia ir daquella fortaleza, (porque sua determinação era embarcar-se, e levar consigo D. Jorge,) e desistindo de sua teima tratou de sua soltura, mettendo-se em meio Cachil Daróez, que foi fallar com D. Jorge, com quem depois de gastar com elle alguns dias em razões sobre o compôr com D. Garcia, o veio a render, assentando com elle, que o soltasse, e o tornasse á sua posse, e que elle lhe dêsse o navio de Pero Botelho pera se ir pera a India, e lhe deixaria levar os da sua valia com suas fazendas, e que se rompessem todos os papeis que de parte a parte estivessem feitos, o que tudo se havia de

ju-

jurar por ambos, e que depois de D. Garcia ido pera Talangame com todos os seus, Simão de Vera Alcaide mór foltaria D. Jorge. Assentado isto com D. Garcia, mandou embarcar sua fazenda, e assi todos os mais. Primeiro que se sahisse da fortaleza, mandou encravar a artilheria, porque lhe não atirassem com ella, e partio-se pera Talangame, deixando a fortaleza entregue a alguns cafados. Logo se vieram os da ferra, e foltáram D. Jorge com grande prazer de todos, mas nenhum seu, pelas affrontas que lhe tiñham feito. E logo mandou de novo fazer autos de tudo pelo Ouvidor, e tirou hum instrumento de como no tempo de sua prisão se apoderáram os Castelhanos da Ilha de Maquuse, por não haver quem lha defendesse, no que ElRey de Portugal recebera notavel perda, mandando fazer requerimentos a Pero Botelho, que se fosse pera a fortaleza, porque tinha muita necessidade do seu navio por causa da guerra dos Castelhanos, a que não podemos negar o primor com que corrêram com estas cousas, porque bem pudéram elles aticallas de feição, que lhes ficára aquella fortaleza nas mãos. Sobre estes requerimentos de D. Jorge tornou a haver novas revoltas, e por fim de tudo D. Garcia se embarcou no navio de Pero Botelho, e de tudo tirou Dom
 Jor-

Jorge instrumentos, e fez suas reclamações, dizendo, que consentira em tudo por remir sua vexação, fazendo hum auto contra Dom Garcia, em que o havia por alevantado a elle, e a todos os que com elle hiam: e tudo mandou a Malaca por hum Vicente da Fonseca, pera que chegasse juntamente com D. Garcia, e de suas viagens adiante daremos razão, e concluiremos agora as coufas de Maluco com a jornada de Vasco Lourenço, e dos outros, que D. Jorge despedio pera Borneo, como atrás temos contado: que tomando sua derrota, em que passaram muitos trabalhos, e perigos, e cansados, e enfadados da viagem, foram tomar a Cidade de Borneo, onde acharam hum junco, de que era Capitão hum Afonso Pires, que hia pera Maluco, que era muito conhecido daquelle Rey, e como vio os Portuguezes lhos levou, e elle lhes fez gazalhado, dizendo-lhe elles, que não vinham a mais, que a visitallo da parte do Capitão de Maluco, que lhe mandava pedir quizesse ter com elle paz, e amizade, e que corresse antre ambos trato, e commercio, do que ElRey folgou muito, dando os agradecimentos a D. Jorge daquelle vontade. Vasco Lourenço lhe apresentou as peças que levava, e abrindo-se o panno de raz, em que estava afigurado o casamento

d'

d'ElRey de Inglaterra com a tia do Emperador , (estava ElRey muito pelo natural com suas vestiduras Reaes, Sceptro, e Coroa, e outras figuras á roda:) vendo ElRey cousa tão defacostumada, perguntou o que era aquillo, e dizendo-lho, suspeitou ser engano, e que os nossos eram feiticeiros, e que aquillo eram figuras encantadas, que lhe queriam metter em sua casa, pera de noite o matarem, e lhe tomarem o Reyno, e muito torvado disse, que lhe tirassem logo aquillo dalli, e que se fossem os nossos do seu porto, que não queria em sua terra outro Rey senão elle, e que se alli estivessem mais, que os castigaria. Os nossos se viram assombrados. Affonso Pires, e alguns Mouros quizeram tirar a ElRey aquella imaginação, mas não pudéram, e Affonso Pires se tornou pera Malaca, indo com elle Vasco Lourenço, e os mais se tornáram na corocora pera Maluco, aonde chegaram a salvamento. Este anno indo hum Gomes de Siqueira por mandado de D. Jorge buscar mantimentos pelas Ilhas de Mindanao, desgarrando com o tempo, descobriu muitas Ilhas juntas em nove pera dez grãos do Norte, que delle se chamáram as Ilhas de Gomes de Siqueira.

CAPITULO V.

Das cousas em que o Governador provêo, em quanto esteve em Cochim: e das Armadas, que despachou pera fóra: e da grande vitoria, que D. João Deça houve de huma Armada de Calecut: e de como Christovão de Mendoça foi entrar na fortaleza de Ormuz, e da morte do Guazil Rax Hamede.

DEixámos o Governador em Cochim, depois de despedir as náos pera o Reyno, com quem he necessario continuemos. A primeira cousa que fez foi despedir Dom João Deça pera Capitão mór do Malavar com huma galé, e dezeseis navios, com regimento, que como se acabasse o Verão, fosse tomar posse da capitania de Cananor, por cumprir seu tempo D. Simão de Menezes. E por ser já chegado Francisco de Mello com o recado do successo da Sunda, (que ElRey encommendava tanto, que hum dos principaes pontos do Regimento do Conde Almirante, quando veio por Viso-Rey, era, que logo mandasse fazer aquella fortaleza,) sabendo o modo de como Francisco de Sá ficava em Malaca com a mór parte da gente morta, commetteo a Martim Afonso de Mello Juzarte, irmão de Garcia Ju-

Juzarte de Evora , Fidalgo de muitas partes , pera ir a Malaca ajuntar-se com Francisco de Sá pera irem fazer aquella fortaleza. E o que diz Castanheda , que o Governador mandava a Martim Affonso ir fazer esta jornada , e que elle que se escusára por fer aquella empreza de Francisco de Sá dada por ElRey , e mais estando o outro lá em caminho , havemo-lo por duvidoso , porque nem o Governador havia de tirar a hum Fidalgo tão honrado a empreza , que tinha nas mãos , pois não deixou de a acabar , senão por falta de gente ; nem Martim Affonso havia de acceitar tal jornada , porque nem havia de ir debaixo da bandeira do outro , nem o outro havia de consentir igual com elle. Mas o que disto podemos alcançar he , que andando o Governador ordenando mandar gente a Francisco de Sá , chegou hum Embaixador d'ElRey da Cota , vassallo d'ElRey de Portugal , a pedir ao Governador da parte d'ElRey lhe soccorresse , porque o Madune seu irmão lhe queria tomar o Reyno com o favor , e ajuda do Çamorim , que lhe tinha mandado huma grossa Armada , com que o tinha em muito aperto. O Governador pondo aquellas cousas em conselho , assentou-se que se devia soccorrer áquelle Rey com muita presteza : ao que o Governador despedio o mesmo Martim Affonso

Conto. Tom. I. P. I. S ão

fo de Mello com onze vélas , em que entrava hum galé real , e hum galeota , e os mais navios de remo , de cujos Capitães não achámos os nomes mais que a tres , Thomé Pires , Duarte Mendes de Vasconcellos , e João Coelho : dando-lhe o Governador por regimento , que passasse a Ceilão soccorrer aquelle Rey , e que dalli se fosse invernar á costa de Choramandel , e em Agosto fosse a Malaca , e entregasse a Armada a Francisco de Sá , lançando fama que havia de ir no verão ás prezas á costa de Pegú , porque estava a viagem da Sunda tão defacreditada , que não havia soldado , que quizesse receber soldo pera lá ; e desta maneira , pela fama que se lançou , se embarcaram quatrocentos homens. Partido Martin Affonso , despedio o Governador Pero de Faria pera ir entrar na capitania de Malaca , porque desejava o Governador de tirar Jorge Cabral , que estava provido por Pero Mascarenhas , e foi em hum galeão , e em sua companhia mandou o Governador Simão de Sousa Galvão , filho de Duarte Galvão , pera ir entrar na fortaleza de Maluco , e tirar D. Jorge de Menezes , que era do bando de Pero Mascarenhas , e lhe deo hum galé em que foi com setenta homens , e com elle D. Antonio de Castro , que hia provido da capitania mór daquelle

Ar-

Archipelago , e da Alcaidaria mór da fortaleza. E assi mandou o Governador outro galeão entregue a Pero de Faria com cento e sincoenta homens , pera lá o dar a Francisco de Sá pera a jornada da Sunda , pera que com a gente , e Armada , que Martim Affonso havia de levar , fosse fazer aquella fortaleza. Assi despachou o Governador a Christovão de Mendoça pera ir entrar na fortaleza de Ormuz , a quem deo hum galeão , hum caravela , e dous bargantis , em que mandou muitos provimentos pera aquella fortaleza , muita fazenda d'ElRey pera se lá vender , (porque neste tempo não tratavam os Governadores , nem tinham o dinheiro d'ElRey debaixo de suas camas , antes o meneavam em proveito da fazenda d'ElRey , e não no seu.) Esta caravela , e bargantins hiam deputados pera guardarem aquelle estreito. Com Christovão de Mendoça foi embarcado Rax Xarrafo Guazil de Ormuz , que Manoel de Macedo trouxe prezo , como atrás dissemos , que hia livre de todas as culpas que lhe puzeram ; e porque era mortalissimo inimigo de Rax Hamede , que ficou em seu lugar , chegando a Mascate ordenou , por recado que diante mandou , com que o matassem , no que dizem que foi culpado ElRey , pelo grande medo que tinha do Xarrafo. Partidos todos estes Ca-

pitães , de cujas jornadas adiante daremos razão , o Governador se foi pera Goa , ficando D. João Deça na costa do Malavar continuando na guerra contra os Mouros ; e tendo aviso que em Mangalor estava hum Armada do Camorim , foi áquelle porto , e não a achando deo naquella Cidade , e a queimou , e abrazou ; e voltando pera o Malavar , encontrou sessenta paraos , que era a Armada de Calecut , de que era Capitão hum valente Mouro chamado Chinacotiale , que vinha de proposito buscar a nossa Armada pera pelejar com ella. D. João tanto que os vio chegou os navios á galé , tantos de huma parte como da outra , e encadeando-se , e preparando-se pera pelejar com os inimigos , que a foram commetter com muito grande determinação. D. João tinha a artilheria dos seus navios mui bem carregada , e deixando chegar perto os inimigos deram-lhe aquella primeira furriada , de que lhe mettêram alguns no fundo , e baralhando-se todos , começou-se huma aspera batalha , que foi da nossa parte mui bem pelejada , e muito arriscada por serem os inimigos tão differentes em número de navios , e gente , que havia dez para hum. Hum Capitão de hum navio , a quem não achámos o nome , ferrou com Chinacotiale , e abor- dados ambos pelejaram com muito valor ,

ma-

matando-lhe muitos dos inimigos ; e quiz Deos que dessem no Mouro duas espingardadas , de que cahio , trazendo já duas cutiladas mui grandes. Os do seu navio em o vendo cahir logo se lançaram ao mar. D. João Deça fez nesta jornada o officio de muito bom Capitão , e de valente soldado , pelejando , e governando com muito valor , e prudencia. O Capitão que rendeo Chinacotiale , logo lhe tirou a sua bandeira da quadra , e a abateo. Correndo a nova pela Armada que era morto , logo se poz em disbarato , e fugida , ficando todavia em poder dos nossos quarenta navios. Foram mortos dos Mouros mil e quinhentos , e quasi outros tantos cativos. Chinacotiale , que ainda estava vivo , foi levado a Dom João Deça , que o estimou muito , e se recolheo a Cananor , com perda de vinte homens , e muitos feridos , que mandou curar mui bem ; e em Chinacotiale mandou ter grande resguardo , por ser Mouro muito principal. E porque já era o verão gastado , desarmou os navios , mandando a galé pera Cochim , em que foi D. Simão , que lhe entregou a fortaleza. Com esta perda ficaram os Mouros mui quebrantados , porque além della , lhe custáram outros vinte paraos , que se lhe tomáram por vezes , em que lhe matáram tambem mais de mil homens.

mens. Chinacotiale farou de suas feridas, e tratou de seu resgate, que se veio a concluir em dar doze Portuguezes, dos que estavam cativos em poder do Camorim, e quinhentos cruzados em dinheiro, de que logo fez entrega, e com isso jurou em sua lei, e deo fiadores Mouros ricos de Cananor, de mais não fazer guerra aos Portuguezes, e com isso se cerrou este Inverno.

C A P I T U L O VI.

Do que aconteceu a Antonio de Miranda no estreito do mar Roxo, e das prezas que fez.

POrque ha muito que deixámos Antonio de Miranda de Azevedo partido do mar Roxo, será razão que continuemos com elle. Partido de Goa (como dissemos) foi seguindo sua derrota até o Cabo de Guardafú, tendo hum grande tormenta no caminho, e chegando a monte de Felix, repartio a Armada em tres partes, mandando tomar as paragens, que as náos costumavam ir demandar pera buscarem o estreito. Alli se deixáram andar ao pairo, por não poderem surgir, por ser aquelle mar de muito fundo. E andando em hum das paragens Henrique de Macedo com outros dous navios, hum dia pela manhã houve vista de hum

hum galeão mui formoso , que vinha mui prospero de gente , e artilheria , e o navio em si muito grande , e possante. Os Mouros que hiam confiados na força do navio , e na muita gente , vendo os nossos , os foram demandar. Henrique de Macedo deo hum bolso de véla , e preparou-se , pondo-se em armas pera o esperar , o galeão o foi investir. A este tempo estava sô Henrique de Macedo , porque os outros navios tinham-se apartado. Investidos os galeões deitaram logo dentro seus arpeos começando-se a travar huma muito cruel batalha , porque os Mouros eram mais de trezentos brancos , e a mór parte delles Rumes. Os nossos trabalhavam de entrar no galeão dos inimigos , e elles o mesmo por se baldearem no nosso , sobre o que fizeram grandes cavallerias , lançando-se de parte a parte muitas panellas de polvora , lanças de fogo , e outros arremessos mortaes. O vento acalmou , ficando as vélas aos pés dos mastos ; e como de quando em quando dava humas lufadas , com que se sacudiam as vélas , acertou de dar huma lança de fogo na do nosso galeão , ateando-se nella o fogo , e dando a lufada de vento , quiz Deos que ao levantar da véla fosse com tanta força que sacudisse a lança de fogo no galeão dos inimigos , (que ainda estava ardendo ,) e dando na véla grande tomou fogo , que
ate-

ateou tão bravamente, que foi forçado aos nossos, por se não queimarem, cortar a balroa, e acudirerem ao fogo, que andava nas suas vélas, que apagaram com muito trabalho. Na náó dos Mouros foi o seu crescendo de feição, que se apoderou de toda ella, com tanta braveza, que por não terem outro remedio se lançaram ao mar. Neste tempo chegaram os dous navios da companhia de Henrique de Macedo, que ao tom das bombardadas acudiram, e vendo o negocio daquella maneira, lançando-se aos batéis foram a pescaria dos Mouros, que andavam no mar, matando nelles á sua vontade, e cativando alguns que lhes melhor parecêram. Os mais galeões que andavam pelas outras paragens vieram-lhe cahir nas mãos per vezes vinte vélas, em que entravam oito náos grossas carregadas de fazendas, e posto que houve alguma defensão, foram logo rendidas. E como foi tempo de se recolherem, foi-se o Capitão mór a Caixem esperar por toda a Armada por lhe ter dado regimento que alli se ajuntassem com elle, como fizeram todos. Estando alli o Capitão mór, teve aviso que ainda se esperava por algumas náos do Achem. Pelo que deixando alli parte da Armada, e Ruy Pereira Quadrilheiro mór pera vender as fazendas das náos, elle com alguns

na-

navios se foi a monte de Felix a esperar estas náos , que por tardarem muito se tornou pera a Armada , e foi tomar Adem , onde achou Ruy Pereira , que alli viera a chamado dos Regedores : que sabendo estar a nossa Armada em Caixem , como corriam connosco em amizade , mandáram-lhe pedir soccorro contra os Turcos , que andavam pela terra dentro destruindo-lhe o Reyno , e ElRey não estava então na Cidade. Chegando Antonio de Miranda ao porto , mandou fazer aos Governadores seus offerecimentos , que estava prestes pera favorecer , e ajudar ElRey contra seus inimigos , o que elles estimáram muito , mandando-lhe agradecimentos , e alguns refrescos. E porque os Turcos foubem logo fer alli chegada a nossa Armada , recolhêram-se , e desapparellaram a terra. Estes eram os da companhia de Mostafá , sobrinho do Soltão Solleimão , que (como dissemos) se alevantou com as cinco galés : que depois que foubem fer a Armada recolhida pera Sués , se foi pera Camarão , ou pera huma enceada , que está na boca do estreito da banda de Arabia , donde com o favor d'ElRey de Xael pertendeo Mostafá conquistar aquelle Reyno. Antonio de Miranda foubem das galés , que estavam na boca do estreito , mas não de serem cinco , e cuidou que era toda a

Ar-

Armada; e não tendo alli mais que fazer, deo á vêla, e foi tomar Zeyla com tenção de destruir aquella Cidade, que achou despejada, e lhe mandou pôr o fogo, em que toda se consumio. E por ser tempo de se recolher a invernar, o fez, e foi tomar Mascate, onde deixou os navios grossos, e por Capitão mór Antonio da Silva, e elle com os de remo se foi invernar a Ormuz.

C A P I T U L O VII.

De como Simão de Sousa Galvão, que hia pera Maluco, foi com tempo fortuito tomar a barra do Achem: e da grande, e espantosa batalha que teve com hum Armada sua, em que foi morto, e a galé tomada.

PArtido Pero de Faria de Cochim com toda a mais companhia, de que atrás démos razão, apartou-se no golfo de Nicubar a galé de Simão de Sousa com hum tempo que lhe deo muito grosso, com que foi correndo com vélas pequenas, abatendo toda artilheria, porque o comiam os mares, vendo-se muitas vezes perdidos, e alagados; mas como Deos os tinha guardados pera outra morte mais gloriosa, largou o tempo, estando já sobre a barra do Achem, onde elle os levou já tão cansados todos do

do trabalho passado, que não podiam com-figo. E sabendo onde estavam, trabalháram por se affastarem daquella costa, por saberem que aquelles Mouros eram os mórres inimigos que na India tinhamos; mas o tempo lho não deixou fazer por ser o vento travessia. Os da terra tanto que víram a galé, mandou ElRey visitar o Capitão della com muito refresco, e dizer-lhe que folgava muito de o ver naquelle seu porto, porque desejava de tratar amizades com os Portuguezes: que lhe pedia quizesse entrar pera dentro, onde estaria mais seguro, e sería melhor provido, porque desejava de se ver com elle, e que se quizesse que o mandaria pelas suas lancharas metter pera dentro. Simão de Sousa, que era homem precatado, e sabia a malicia daquella gente, mandou-lhe agradecer aquella mercê, escusando-se de não acceitar seus offerecimentos, porque hia muito apressado, e que logo havia de navegar. ElRey como sua tenção era damnada, quando vio que por cumprimentos o não podia levar, mandou de noite embarcar mil homens em vinte lancharas, e a hum seu Capitão, que lhe trouxesse aquella galé pera dentro, (o que teve por facil, porque já sabia o modo de como estava destrojada, porque o presente, e recado foi mais pera espiar, que por

por cuidar que acceitassem os nossos seus cumprimentos.) Prestes as lancharas, mandou ElRey diante hum calaluz, e ellas apôs elle, que chegou á galé, e disse a Simão de Soufa que todavia lhe tornava ElRey a pedir quizeffe recolher-se dentro, porque o tempo não cassava, e que pera o revocarem lhe mandava aquellas lancharas (o que fez ElRey por se os nossos descuidarem.) Simão de Soufa tornou-se a escusar, e vindo-se as lancharas chegando, vendo nellas tanta gente, tomáram depressa armas. Os Achens, tanto que foram perto, arremettêram á galé com grandes gritas, e alaridos, e a cercáram á roda. Hum Fidalgo que alli hia, chamado Manoel de Soufa, foi tão acordado, que remetteo a hum falcão, que hia em cima já cevado, e o apontou nas lancharas pondo-lhe fogo, e foi tão bem encaminhado o pelouro, e humra roca de pedras que levava, que dando em meio dellas matou muita gente, desapareilhando algumas, as mais começaram de longe a combater os nossos, dando-lhes formosas salvas de espingardaria; algumas dellas, em que vinha o seu Capitão mór, ferráram a galé por popé, por onde se lançou dentro hum mui grande número delles, a pezar de quantos golpes lhes deram os nossos com que lhes derrubáram muitos. Dentro na galé

lé se ateou bravissimamente a briga com os
 daquella parte ; porque como todos os mais
 estavam repartidos por partes , nenhum lar-
 gou a sua , porque por todos estavam bem
 apertados dos inimigos. Simão de Soufa , que
 com poucos ficou de fóra pera soccorrer
 aonde houvesse necessidade , acudio á po-
 pa , e remetteo com os inimigos com ta-
 manha furia , que matando alguns os levou
 de arrancada até o toldo , aonde apertou
 com elles de feição , que os fez lançar ao
 mar com grande damno feu. A batalha por
 todas as partes estava muito arriscada , por-
 que os inimigos eram muitos , e muito de-
 terminadamente commettiam a entrada da
 galé com muitos , e amiudados tiros. Os
 nossos vendo que a salvação estava só em
 Deos , e no esforço de seus braços , fize-
 ram todos tamanhas maravilhas , que pas-
 máram os inimigos , de que já eram mor-
 tos mais de trezentos. Os mais desconfiados
 de entrarem a galé , e admirados da valen-
 tia daquelles homens , que pareciam leões
 famintos , affastáram-se pera fóra , e reco-
 lhêram-se destroçados , e desbaratados , fi-
 cando dos nossos dous mortos , e mais de
 vinte e cinco feridos , sendo por todos os
 que hiam na galé setenta. Simão de Soufa
 mandou curar os feridos mui depressa , por-
 que bem entendeo que havia de ter maior
 tra-

trabalho , porque o tempo pera nenhuma parte o deixava caminhar , e sobre a amarra estava soffrendo sua importunação , receoso tambem de dar á costa. As lancharas entradas dentro , indo o Capitão a ElRey , lhe perguntou pela galé , e elle lhe contou o que vio. ElRey apaixonado cavalgou em hum elefante , e mandou chamar o seu Capitão mór , e lhe jurou por Mafamede que se lhe não trazia aquella galé , que o havia de espedaçar com aquelle elefante , mandando lançar mais lancharas ao mar , com que prefez sincoenta , em que embarcou dous mil homens , e todos foram demandar a galé. O Capitão da Armada despedio diante hum lanchara com hum bandeira de paz pera segurar os nossos , que chegando á borda da galé , fallou hum homem em Portuguez , e perguntou pelo Capitão , dizendo que ElRey estava mui agastado , sendo tão amigo de Portuguezes , e desejando de lhes fazer honras , e gazalhados , não os quererem acceitar delle : que lhe fazia a saber , que aquelle Capitão que com elle pelejou estava prezo , porque o agradeceu , e offendeo em lugar de o servir , como lhe elle tinha mandado ; e pera que visse o castigo que por isso lhe queria dar , lhe pedia entrasse pera dentro , pois não havia tempo pera fazer sua viagem. Alguns
fo-

foram de parecer , que deviam acceitar aquelles cumprimentos , que pola ventura seriam verdadeiros , porque elles já não estavam pera mais , e que não podia haver tamanha maldade em hum homem , que tinha nome d'ElRey , que tratasse mal os homens , que o buscavam de paz , e confiados em sua palavra entravam em seu porto. Simão de Sousa lhes disse que se não fiassem daquillo que diziam , porque aquelle barbaro era o mais cruel , falso , e fementido Mouro , que havia em toda a India , e que entendessem que se os acolhia , os havia de martyrizar : que muito melhor lhes era , pois haviam de morrer , ser antes com as armas nas mãos , vingando bem suas mortes ; e que quando não pudessem salvar as vidas , o fariam as almas , que Deos por sua misericordia lhes receberia , pois acabavam pelejando por sua Santa Fé. Animados todos com estas palavras , differam que o seguiriam em tudo , e logo se puzeram em armas. O Capitão mór da Armada fez aquella diligencia , tanto por recear acontecer-lhe outro desbarate , qual o passado , quanto por lhe encommendar ElRey muito que lhe levasse todos aquelles Portuguezes vivos , do que elle hia desconfiado , porque bem sabia que elles não se entregavam a ninguem senão despedaçados. E vendo que os não podia
le-

levar por cumprimentos, investio a galé por todas as partes com tamanho estrondo, que puderam espantar muitos homens, e muitos navios, dando muitas, e mui apressadas salvas de artilheria, e de arcabuzaria; mas os nossos como estavam determinados a morrerem, postos em seus lugares rebatêram os inimigos, que queriam entrar a galé, dando com huma sômma delles ao mar bem escandalizados; mas como as lancharas eram muitas, e os inimigos tantos, que no lugar donde cahiam dez se punham trinta, a pezar dos golpes dos nossos entráram huns poucos na galé, que logo foram atassalhados, porque não achavam homens, senão leões, que remettiam com elles aos dentes pera os comerem, fazendo aquelles poucos, e cansados homens tamanhas cavallerias, que de cada hum delles se puderam encher muitos capitulos, quanto mais de tantos, que nós abbreviamos neste pequeno, por nos faltarem palavras pera os engrandecer, como merecem. Os que estavam feridos do dia dantes, como homens escandalizados, não davam golpes, que não cortassem pernas, braços, cabeças pelo meio, não lhes dando cousa alguma de se lhes renovarem as feridas com outras de novo, que o furor lhes não deixava sentir. E posto que (como dissemos) todos fizeram tanto,

to , Simão de Sousa , e Manoel de Sousa andavam taes , e tão encarniçados dos inimigos , fazendo tão espantosas façanhas , que deixavam muitos Mouros de pelejar pelos olhar , porque não podiam crer , como virem que em braços humanos havia tantas forças , nem em homens mortaes tão pouco receio da morte ; porque onde elles viam mór perigo , alli se arremegavam , cortando , ferindo , e destruindo tudo a que chegavam. Durou isto tempo de quasi tres horas , em que os nossos assi os escandalizaram , que se começaram a alargar da galé , ficando todos taes , que se não podiam menear , sendo já alguns mortos , e todos os mais feridos em muitas partes. Indo-se já os Mouros affastando , pasmados do que viam , permittio Deos que se desferrolhasse hum Mouro , que andava a banco na galé , que se lançou ao mar , e foi ferrar huma lancha , indo já affastada , e disse aos Achens que porque deixavam aquella galé , que os mais dos Portuguezes eram mortos , e todos os outros tão feridos , que não escapariam. ElRey , que estava da terra vendo a briga , não fazia senão cevar os seus com mais gente ; e vendo affastar as lanchas , lhes mandou outras de refresco , com o que tornaram a voltar , e investiram a galé , não achando os nossos no estado em que o Mou-

ro lhes pintou, senão tão vivos, e espertos, como da primeira vez; e postos em defensão da galé, pelejando como desesperados, faziam novas façanhas: mas como o partido era tão desigual, e muitos dos inimigos que vinham de refresco, apertaram tanto que entraram á galé, não sendo mais os que pudessem pelejar que Simão de Sousa, Manoel de Sousa, D. Antonio de Castro, Antonio Caldeira, e Jorge de Abreu, todos homens Fidalgos (que tinham feito obras memoraveis, e dignas de se recitarem por espanto) que todos tinham mortalissimas feridas. E como estes que entraram de tropel eram mais de trezentos, foram levando estes Fidalgos até o pé do masto, fazendo todos cousas façanhosas. Aqui pregaram as mãos com huma frécha a D. Antonio de Castro na haste de huma chussa com que pelejava, que tinha enfiada nas barrigas de mais de quarenta daquella feita: e com as mãos encravadas pelejou hum pouco como hum leão, mas com as forças das pancadas se lhe foi tanto sangue, que cahio morto. Os outros ficaram tendo o impeto aos inimigos, matando nelles como se foram mosquitos: e tão grande medo lhes tinham todos, que não ousando chegar a elles, de longe os combatiam com lanças, e dardos darremesso, de que hum deo pelos peitos a

Si-

Simão de Sousa, que rompendo-lhe as armas o passou de parte a parte, cahindo logo morto. Aqui acabáram de morrer em serviço de Deos, e d'ElRey quatro filhos de Duarte Galvão, Jorge Galvão, Manoel Galvão, Ruy Galvão, e este esforçado Cavalleiro Simão de Sousa Galvão, que veio ter o fim tão peculiar a elle. Os tres que ficáram estavam já em estado, que de não poderem menear as armas se rendêram, ficando os inimigos senhores da galé, em que acháram ainda vinte e cinco dos nossos vivos, estirados, e cheios todos de muitas feridas. Esta foi a maior, e mais bem pelejada briga no mar (com tão grande desigualdade) que lemos, nem ouvimos, e certo que se pudera este successo contar entre os casos famosos do Mundo, e muito mais para louvar, e engrandecer, que o daquelles Heroes que acompanháram a Jasão, que as fabulas tanto louvaram, e alevantáram. Os Mouros magoados de verem alli tantos parentes, e amigos seus mortos das mãos dos nossos, quizeram vingar-se nos que ainda estavam palpitando; mas acudio a isso o seu Capitão, que lhos tirou das mãos, porque desejou muito de os levar alli vivos. ElRey esteve vendo como entrava a galé, desembarcando o Capitão, mandando levar os nossos ás costas dos seus (porque se não po-

diam bolir) lhos apresentou. ElRey por dissimular sua maldade mostrou pezar-lhe de os ver tão maltratados, e sentio a morte de Simão de Sousa : e mandando recolher os feridos , pera que os curassem, lhes disse, que como farassem, elegeessem entre si hum, pera que fosse a Malaca dizer ao Capitão, que mandasse buscar a galé, e aos mais companheiros, porque desejava muito de ter paz, e amizade com os Portuguezes, mandando ter delles muito bom cuidado, porque queria ver se com aquelles podia caçar outros.

C A P I T U L O VIII.

De como Gonçalo Gomes de Azevedo, que bía pera Maluco, chegou a Banda, e do que alli passou com D. Garcia Henriques : e de como chegou a Tidore Alvaro de Sayavedra Ceron, que partio da nova Hespanha, e do que aconteceu a D. Jorge com elle.

P Artido de Malaca Gonçalo Gomes de Azevedo com o soccorro pera Maluco, como atrás contámos, foi com bom tempo tomar a Ilha de Banda, onde achou ainda D. Garcia Henriques, que estava com tranqueira, e em terra, que o recebeo bem, e se agazalhou em outra tranqueira, que mandou

dou fazer, pera onde se passou Manoel Falcão, porque desejava de se tornar pera Maluco, e soldar-se com D. Jorge, dando-lhe conta de tudo o que era passado antre aquellos dous Fidalgos, de que elle ficou mui escandalizado de D. Garcia. Poucos dias depois chegou Vicente da Fonseca, que hia pera Malaca com as cartas de D. Jorge, com os autos, e papeis contra D. Garcia, e foi agazalhar-se com Gonçalo Gomes, a que tambem contou ao que hia pera Malaca, requerendo-lhe que prendesse D. Garcia, do que se elle escusou; mas disse que lhe tomaria o navio por ser da obrigação da fortaleza. Isto se começou logo a romper, o que D. Garcia não pode crer. Tanto que foi tempo de ir pera Maluco, foi-se Gonçalo Gomes despedir de D. Garcia, que foi com elle até a praia, e embarcado nos batéis chegou ás náos, e prepassando pela de D. Garcia, lhe metteo dentro Ruy Figueira com alguns Portuguezes, que fez logo levar a amarra, e deo á véla juntamente com Gonçalo Gomes. D. Garcia, que andava sobre aviso, e tinha já ensaiado o mestre do que havia de fazer, e estava prestes com alguns batéis, em que logo se embarcou, foi demandar a náos, que ficava detrás por artificio do mestre, que deo com ella por davante. Vendo Ruy Figueira vir

os batéis, entendeo o negocio, e capeou a Gonçalo Gomes que hia diante, que voltou, e vendo ir os batéis, lhes atirou com hum camelo, que foi dar em hum delles, em que hia Manoel Lobo, e lhe matou alguns remeiros. Ruy Figueira acudio ás vélas, e as fez preparar, e tornou a não a seu caminho, com o que D. Garcia se tornou muito triste, e magoado, havendo aquillo além de perda, por affronta mui grande. As nács. foram sua derrota, em que os deixaremos, por continuar com D. Jorge. Depois de D. Garcia embarcado, ficou continuando na guerra contra os Castelhanos, a quem os Reys de Tidore, e Geilolo favoreciam, e ajudavam, lançando suas Armadas no mar, com que defendiam os mantimentos, que hiam pera a nossa fortaleza, com o que a puzeram em muito grande aperto. E pera pôr os nossos em mór cuidado, chegou a Tidore hum navio de Castelhanos, de que era Capitão Alvaro de Sayavedra, que tinha partido da Nova Hespanha por mandado de Fernão Cortés, cujo parente era, porque se lhe offereceo a descobrir dalli Maluco. Partio dia de Todos os Santos do anno de mil quinhentos e vinte sete com tres navios, de que desappareceram dous, sem se saber onde, nem como. Este chegou a salvamento pera dar tantos

tra-

trabalhos áquella fortaleza, e foi o primeiro navio, que da nova Hespanha navegou pera Maluco, e poz no caminho tres mezes pelas grandes correntes d'aguas, que achou per antre aquellas Ilhas em seu favor. Foi este soccorro muito festejado dos seus, e ainda mais o estimáram, por saberem a navegação daquellas Ilhas pera a nova Hespanha, porque alli podiam brevemente ser soccorridos: e alli ficáram tão soberbos, que houveram que tinham pouco que fazer em tomarem a fortaleza. E logo os Reys de Geilolo, e Tidore negociáram suas Armadas pera irem tomar a Ilha de Moutel, que era d'ElRey de Ternate, do que foram avisados os seus sangajes, e moradores, e mandáram pedir soccorro a Cachil Daroez. Dom Jorge mandou em sua companhia Fernão Baldaya por Capitão da galeota nova, que já estava acabada, e lhe deo trinta e cinco Portuguezes, e regimento a Daroez que andasse no mar da Ilha de Moutel pera a de Maquiem, e que fizessem aos inimigos toda a guerra que pudessem. Desta Armada foram os Castelhanos avisados: e Fernão de la Torre despedio logo Alvaro de Sayavedra na galeota nova que tambem fez, com quarenta Castelhanos, e no caminho de Moutel se encontrou com Fernão Baldaya, que hia apartado de Cachil Daroez;

é co-

e como ambos eram esforçados Cavalleiros, logo se commettêram desparando primeiro sua surriada de bombardadas. E envestindo-se, começaram huma mui travada batalha, e nos primeiros encontros matáram Fernão Baldaya com oito Portuguezes; os mais (que era gente muito coitada) logo se renderam aos Castelhanos, tanto que se víram sem Capitão. Sayavedra se recolheo com a galeota, levando cinco mortos, e todos os mais feridos, e em Tidore foi recebido com muita festa, e affirmavam os homens de Maluco que houveram os Castelhanos esta vitoria por culpa do nosso Condestabre, porque não metteo pelouro no camelo da coxia, ou por esquecimento, ou peitado. Este ruim successo sentio muito D. Jorge, porque lhe não ficavam na fortaleza mais de cincoenta Portuguezes. Cachil Daroez havendo-se por tão affrontado daquelle caso succeder estando elle ausente, de anojado deixou a Armada em Moutel, e se foi a Ternate. Foi isto aos quatro de Maio; e aos oito, quando os nossos estavam mais desconfiados, chegou Vicente da Fonseca, (que se tornou com o soccorro que achou em Banda,) e deo novas ao Capitão da vinda de Gonçalo Gomes de Azevedo, e do que passára com D. Garcia. Fernão de la Torre, tanto que soube do soccorro, determinou

nou de o mandar esperar ao caminho , e armou pera illo as duas galeotas , e hum bargantim , em que mandou embarcar Sayavedra com cento e vinte homens. Gonçalo Gomes vindo sua derrota chegou á Ilha de Bachão , e vio-se com aquelle Rey , de quem foubes o estado em que a nossa fortaleza estava ; e deixando alli Manoel Falcão , até que o saneasse com D. Jorge , foi seguindo sua jornada. E indo na volta de Ternate , houve vista da Armada Castellhana , que logo conheceo , e mandou embandeirar o seu navio , por lhe mostrar o alvoroço , que tinha de se encontrar com elles , porque vissem o pouco que os receava ; e pondo-se em armas com ambos os navios juntos , tocando seus instrumentos de guerra , os foi demandar. Sayavedra vendo tanta confiança , foi passando de largo , tocando as trombetas , como que o salvava. Gonçalo Gomes sem fazer caso mais delles foi surgir em Ternate no porto de Talangame , e dalli se passou á fortaleza , onde foi mui bem recebido de D. Jorge , que logo lhe entregou a capitania mór do mar , e a Alcaidaria mór da fortaleza ; e sabendo de D. Jorge o damno que tinha recebido dos Castellhanos , pareceo-lhe bem tratarem de pazes , e assi o aconselhou a D. Jorge , pelo que enviou hum Cavalleiro honrado a Fernão de la Torre ,

re, mandando-lhe dizer, que sempre dese-
 jára de ter com elle paz, e amizade, assi
 por serem Christãos, como por vassallos do
 Emperador, tão liado em parentesco com
 ElRey de Portugal, e que já agora podia
 cuidar que não commettia aquellas amiza-
 des por necessidades que tivesse, pois esta-
 va com soccorro fresco; mas porque lhe
 parecia serviço de Deos, e d'ElRey esta-
 rem amigos: que se quizesse acceitar as pa-
 zes com aquelles apontamentos, que lhe
 mandava, estava prestes pera as fazer, se-
 não que de todas as perdas, males, e da-
 mnos, que da guerra succedessem, daria
 conta ao Emperador. Fernão de la Torre
 recebeo bem a Jorge Goterres, (que assi se
 chamava aquelle Cavalleiro,) e vio os apon-
 tamentos, que eram os seguintes. » Que Dom
 » Jorge era contente de fazer pazes com os
 » Reys de Tidore, e Geilolo por amor de
 » Fernão de la Torre, e que daria hum Cas-
 » telhano, que lá estava cativo do tempo de
 » D. Garcia, e que Fernão de la Torre lhe
 » havia de dar todos os Portuguezes, que fo-
 » ram cativos na galeota, e tornar-lhe a me-
 » tade da Ilha de Maquiem, e que não aju-
 » daria aquelles Reys contra elle: e que os
 » Portuguezes, e Castelhanos, que se passas-
 » sem de hum a parte pera outra, não sendo
 » por caso crime, se entregassem, e o mes-

» mo

» mo os escravos : e que Cachil Daroez , e
 » ElRey de Bachão não fariam mais guerra
 » aos Reys de Tidore. » Fernão de la Torre
 consentio em tudo , sómente na restituição
 da metade da Ilha de Maquiem , porque
 dizia que era já do Emperador , e sem sua
 licença o não podia fazer. Jorge Goterres
 respondeo , que pois alli era , que ficasse co-
 mo dantes ; e despedindo-se d'elle se foi pe-
 ra Ternate , ficando a guerra aberta. Ven-
 do D. Jorge que Fernão de la Torre esta-
 va alterado , determinou de lhe fazer toda
 a que pudesse , em que sobre esteve , por-
 que entendeo em Gonçalo Gomes de Aze-
 vedo Capitão mór do mar , que mais fol-
 garia de fazer cravo , que guerra : e que
 pelos poderes que levava , o não podia obri-
 gar a cousa alguma. E por se não vir de-
 pois a achar em faltas , despedio Simão de
 Vera em hum navio com as cartas , e pa-
 peis contra D. Garcia , que eram os que
 Vicente da Fonseca tornou a trazer , pedin-
 do alli ao Capitão de Malaca , como ao
 Governador da India , que o soccorresse com
 gente , navios , roupas , e munições , dan-
 do-lhes conta do estado em que aquella for-
 taleza estava. Simão de Vera se fez á véla ,
 e foi tomar a Ilha de Mindanao pera to-
 mar mantimentos , e alli foi morto pelos da
 terra , e quantos hiam com elle. Fernão de
 la

la Torre foi logo avifado do navio , que D. Jorge mandava a pedir foccorro , pelo que tambem despedio Sayavedra na sua naveta pera a nova Hespanha , escrevendo aquelle Viso-Rey o estado em que ficava , pedindo-lhe foccorro. E pera testemunhas das vitorias , que tinha havido dos nossos , mandou embarcar com elle alguns dos Portuguezes , que foram cativos na galeota , em que entrava hum Fernão Moreira , patrão da ribeira , hum Comitre , e hum Escrivão do público judicial da fortaleza , e outros dous , que por suas vontades quizeram ir naquella jornada , hum chamado Simão de Brito Patalim , e outro Bernardo Cordeiro. Sayavedra se fez á véla a quatorze de Junho , e fazendo sua derrota foi tomar a Ilha Hamei , cento e setenta leguas de Tidore , onde surgio pera fazer agua , e lenha. Os nossos que hiam contra suas vontades , determináram de lhe queimar o navio , porque não pudesse ir á nova Hespanha : e não podendo achar commodo pera isso , furtáram hum noite o batel , e com quatro escravos , que tomáram da náó , se foram caminhando pera Ternate , de Ilha em Ilha , soffrendo tantas fomes ; trabalhos , e infortunios , que de cansados se deixáram ficar tres delles em hum daquellas Ilhas : os outros tres foram seguindo sua derrota até

até chegarem á Ilha Grandij do senhorio de Tidore , onde foram conhecidos , prezos , e mandados a Fernão de la Torre , que sabendo quem eram , os mandou metter a tormento , e confessando o que passava , mandou degollar Simão de Brito Patalim , e enforçar Fernão Moreira , o outro ficou cativo. Destas cousas teve aviso D. Jorge , que sentio muito , e quiz fazer guerra aos Castelhanos ; mas Gonçalo Gomes de Azevedo se escusou disso , porque não tratou mais que de cravo , e largou os cargos , pera que os proveesse em quem quizesse , ficando como mercador particular , forrando-se de todas as obrigações. D. Jorge deo os cargos a hum Leonel de Lima , que fez tambem tanto como o outro : pelo que ficou pairando até lhe vir o soccorro que mandava pedir. Alvaro de Sayavedra vendendo-se sem batel , esteve a risco de se tornar , mas commetteo a jornada até tomar humas Ilhas , que por terem muitas arvores , e serem frescas , lhe poz nome Bel-jardim , que estam em altura de dez grãos do Norte , quasi duzentas e fincoenta leguas donde tinha partido. Os naturaes daqui são homens alvos , de olhos pequenos , poucas barbas ; parecem-se muito com os Chins , e presume-se que se perderia alli algum junco feu , e que a gente ficaria na terra , de que

que se veio a povoar muito , (porque todos trazem comfigo suas mulheres per onde vam ;) e como ficáram naquellas Ilhas sem conversação , fizeram-se os que delles procedêram tão barbaros , que pareciam salvagens. Não havia naquellas Ilhas criação de aves , nem de gados ; vestiam huns pannos que faziam de hervas : não tinham ferro , porque em seu lugar usavam de cascas de amexas , e de ostras , com que cortavam as cousas que queriam : pescavam em humas almadias de madeira de pinho , de que havia muitas nas Ilhas : o seu pão eram cocos seccos ao Sol , a que na India communmente chamão copra. Comião hervas pizadas , e não usavam fogo , porque nunca o viram , senão depois que estes da companhia de Sayavedra lho ensináram a fazer , e comêram até então o peixe cru. Sayavedra deixou-se ficar alli alguns dias , em que lhe entráram os Ponentes , com que foi forçado arribar a Maluco , como adiante diremos. Certo que são muito pera considerar estas cousas , e parece que foi permissão Divina o máo fim que tiveram estes dous homens que hiam pedir soccorro , o Sayavedra , e o Simão de Vera , hum por parte dos Portuguezes , e outro da dos Castelhanos : no que mostrou Deos clarissimamente quão deservido era daquellas guerras , que

huns

huns Christãos faziam a outros , entre o mais apartado paganifimo do Oriente , e onde a lei de Mafamede se começava a atear , e que depois accendeo tamanhas labaredas por aquellas partes : mas estes avisos de Deos não deixa entender a cubiça humana , que sempre mede as cousas mais por seu appetite , que por razão. Deixando esta materia , tornemos a D. Garcia Henriques , que estava em Banda. Tanto que Gonçalo Gomes de Azevedo se partio , elle se embarcou em hum junco , e foi sua derrota pera Malaca : no caminho tomou huma embarcação de Mouros Jaos com alguma fazenda , e chegando a Malaca , antes de surgir , mandou pedir seguro a Pero de Faria pera elle , e pera todos os que hiam com elle , pelo negocio de D. Jorge que lhe elle mandou , e desembarcando em terra , lhes tomou a fazenda a todos , dizendo que elle lhes não segurára mais que as pessoas , mas depois lha tornou com fiança de se apresentar em Goa , o que lhe concedeo por acudir a huma briga de Amoucos , que em Malaca houve , que elle apazigou com morte de oito.

CAPITULO IX.

Do que aconteceu a Antonio de Miranda, que invernou em Ormuz: e de como Diogo de Mesquita foi cativo da Armada de Cambaya, e foi mettido em huma bombardarda, pera que se fizesse Mourro, e da grande constancia que teve: e de como esta Armada pelejou com Henrique de Macedo, e da brava batalha que tiveram.

REcolhido, como atrás dissemos, Antonio de Miranda de Azevedo pera Ormuz com as prezas que tinha tomadas, mandou vender toda a fazenda das náos que tomou, em que se fizeram sessenta mil cruzados: pagou aos soldados, e deo-lhes mezas. Como entrou Agosto foi-se a Mascate, e negociou a Armada toda, com que se fez á véla pera ir esperar as náos de Méca (que haviam de ir pera Cambaya) na paragem da ponta de Dio, onde todas vam demandar. E fazendo sua jornada, tanto que deo na costa da India, achou o tempo tão grosso, que não se atreveo andar ao pairo, porque o comiam os mares. E fazendo final á frota foi-se na volta de Chaul, pera onde todos o seguiram. Sómente Henrique de Macedo, e Antonio da Sil-

Silva, que se deixáram ficar na paragem de Dio por soffrerem melhor o pairo. Os da Armada de Antonio de Miranda hiam trabalhados: o Camorim pequeno, de que era Capitão Lopo de Mesquita, desviou-se da Armada, e os ventos, e aguas o leváram á enseada de Cambaya com mares que os comiam, onde quiz a Fortuna que encontrasse huma náó de Mouros mui bem artilhada, que trazia duzentos homens de peleja, que tambem hia correndo com tempo, levando hum bolso de véla, com que hia demandando Surrate. Lopo de Mesquita, posto que não tinha mais de trinta soldados, armou-se, e dando o traquete foi demandar a náó, e a investio, e da primeira pancada que lhe deo se lançáram dentro Lopo de Mesquita, e Diogo de Mesquita seu irmão com alguns vinte soldados, que foram recebidos dos inimigos com muito esforço, travando-se dentro huma bem formosa batalha. As náós como estavam asidas huma da outra, davam tamanhas pancadas com os mares que eram banzeiros, que abríram por algumas partes, por onde começaram a fazer muita agua: e sempre se desfizera huma com a outra, se com a força não quebrára a balroa com que estavam prezas, com o que se apartáram cada huma pera sua parte, ficando Lopo de Mes-

Couto. Tom. I. P. I. V qui-

quita com os seus pelejando na náó dos inimigos com muito valor, ferindo, e matando nos Mouros cruelmente. Os do galeão não puderam tornar a ferrar a náó, e foi-lhes forçado (pela muita agua que faziam) dar á véla pera Chaul. Os que ficavam na náó vendo que sua salvação estava em seus braços depois de Deos, determináram de se livrar por elles, pelejando como leões famintos, fazendo tamanha destruição nos Mouros, que depois de terem os mais delles mortos, e os outros feridos, entregáram-se-lhe, ficando os nossos também com muitas feridas. A náó com a muita agua que fazia hia-se ao fundo, a que os nossos acudíram, huns ás bombas, outros a tapar os buracos, mas a coufa hia em crescimento: pelo que Lopo de Mesquita mandou a seu irmão Diogo de Mesquita, que se mettesse no batel com alguns Portuguezes com elle, e mandou metter muitos caixões de ouro, e prata que a náó trazia; porque se se ella fosse ao fundo, se salvasse aquillo, e não deixou de trabalhar por vencer a agua. Os do batel havendo que a náó não poderia deixar de se ir ao fundo, receando-se que os sorvesse com ella, e que os outros se quizessem metter no batel, que era pequeno, o que seria causa de se perderem todos, affastáram-se da náó,

e de-

e deram á véla , sem Diogo de Mesquita (que gritava tal não fizessem) lhe poder valer ; e foram governando pera Chaul , fazendo-lhe Diogo de Mesquita seus requerimentos , e pedindo-lhe que o puzessem na náó onde ficava seu irmão , de que lhe a elles deo muito pouco. Lopo de Mesquita que ficou na náó com outros tantos como hiam no batel , que seriam oito , ou dez , tanto trabalháram ajudados dos Mouros , que tomáram algumas aguas por partes , com que ficou a náó pera poder governar , e deram á véla pera Chaul , onde ao outro dia surtio , achando já alli Antonio de Miranda , que soube do que passava , e ficou muito agastado pelos do batel , que se não sabia delles. A fazenda desta náó se tirou , e vendeo , dando-se as partes aos soldados , e ficáram a ElRey forros mais de sessenta mil pardãos , a fóra o ouro , e prata que hia no batel , que montava mais. Os do batel , que tomáram o caminho de Chaul , quiz Deos pagar-lhes sua deshumanidade , (porque não cuidem que ha quem possa fugir a seus castigos ,) e assi foram dar com a Armada de Dio , que já andava fóra , que seriam trinta e tres galeotas mui bem pectrechadas , de que era Capitão mór hum valente Mouro chamado Alixá. Este vendo o batel se foi a elle , e o tomou , recolhen-

do-se com huma preza tão folgada, e que aos nossos custou tanto; e fazendo-se na volta de Dio, encontrou com o galeão de Henrique de Macedo, (que como já disse-mos se deixou ficar com o de Antonio da Silva naquella paragem, de quem se tinha apartado com o tempo.) Alixá vendo o galeão, o rodeou com sua Armada, começando-o a bater com sua artilheria de camelos, e falcões de metal, de que trazia muitos. Henrique de Macedo negociou muito bem o seu galeão, repartindo o trabalho delle pelas pessoas de mais confiança, e recebo os inimigos com muito animo, dando-lhes suas salvas com a artilheria que trazia léstes: com que lhes desapparelhou muitas das fustas por cima, porque como o galeão era alteroso, passavam-lhe os mais dos tiros por alto, por serem as galeotas rasteiras, que se mettião debaixo da sua artilheria, batendo o galeão ao lume d'agua, por onde lhe abríam muitos rombos, e se houvera de ir ao fundo, se não fora a muita diligencia de Henrique de Macedo, que acudia a tudo com muita presteza, mandando tapar os buracos com colchas, colchões, e com outras cousas. A bateria dos inimigos era cada vez maior, e o galeão estava já todo desapparelhado, os mastos quebrados, as obras de cima desfeitas de forte, que

ficava razo , e os nossos no convés descubertos a seus tiros , sem deixarem seus lugares , pelejando todos com muito valor. Henrique de Macedo corria o galeão de poppa á proa , animando , esforçando os seus , tendo em baixo alguns homens de muito recado com escravos , e marinheiros pera acudir em aos buracos que se abrissem. Todos este dia mereceram hum grandissimo louvor , porque com andarem feridos de rachas , e frêchadas , por huma parte pelejavam com suas espingardas , com que tinham mortos muitos dos inimigos ; e por outra ajudavam a bornear as peſſas da artilleria , fazendo os mais delles o officio de bombardeiros , carregando as peſſas , e atirando com ellas como se toda a vida o usaram , soffrendo , e pelejando como homens que se viam tão destroçados , e perdidos , e que queriam vender mui bem suas vidas. Alixá vendo o galeão todo arrazado , determinou de o abalroar , e entrar , o que accommetteo com grandes gritas ; mas custou-lhe caro este accommettimento , porque achou nos nossos tal resistencia , que com morte de muitos o fizeram affastar , e alli por outras algumas vezes que os tornaram a commetter. Durou esta briga quasi oito horas , sendo cada vez mais cruel , e apertada , estando os inimigos admirados
do

do trabalho , que os nossos tinham soffrido , e do novo animo com que , cada vez que os accommettiam , os achavam. Estando neste risco , e o Alixá determinado de os não largar até os render , soccorreo-os Deos com a chegada do galeão Reys Magos , de que era Capitão Antonio da Silva , que acudio ao tom das bombardadas , e vinha com as vélas dadas , e postos em armas ; e vendo o nosso galeão tão piedoso , deo graças a Deos pela mercê que lhe fizera em o trazer aquelle tempo ; e pera alegrar a todos , mandou com muito alvoroço tocar as trombetas , que começaram a tanger : *Alegrai-vos , alegrai-vos , que aqui vem os tres Reys Magos.* Chegando ás galeotas , metteo-se em meio dellas , e as começou a varejar com sua artilheria , em que fez mui bom emprego. Alixá tanto que vio o soccorro , tomando o remo em punho , se foi sahindo , e Antonio da Silva seguindo-o ás bombardadas , fazendo-lhe o Alixá sempre rosto com algumas galeotas , e atirando-lhe tambem muitos tiros , de que quiz a desaventura que acertasse hum Antonio da Silva , de que cahio morto , não perigando outrem no seu galeão. Os seus soldados ficaram muito tristes , e voltáram pera o outro galeão. E sabendo Henrique de Macedo tamanho desastre , o sentio em extreme-

tremo ; e porque o seu galeão não tinha mastos , deo-lhe os Reys Magos huma toa , e com muito trabalho o poz em Chaul tão destrocado , que não apparecia mais que hum pequeno de casco sobre a agua ; e assi apparece ainda hoje das varandas da Igreja das Chagas em Goa , onde está esta batalha pintada , e cada anno se renova por memoravel. O Alixá se foi recolhendo pera Cambaya , onde chegou , e apresentou ao Sultão Badur os cativos , com que elle folgou muito. E como era fraco , e cruel , (coufas que sempre andam juntas ,) e sobre tudo malissimo , mandando levar aos Portuguezes diante de si , os persuadio a se fazerem Mouros , apertando muito com Diogo de Mesquita , que soube ser homem Fidalgo , e grande Cavalleiro , do que elle sempre zombou , com lhe fazerem muito grandes promessas , e mimos. E vendo que por aqui o não vencia , o quiz fazer por tormentos que lhe mandou dar , de quem se elle moveo menos ; o que visto pelo tyranno , mandou levar huma bombardas muito grossa , e o mandou metter nella , estando elle presente , a quem o Cavalleiro de Christo com grande constancia disse : *Faze , cruel , o que quizeres , que eu por nenhum temor da morte hei de deixar a Fé de meu Senhor Jesus Christo , pela falsa , e menti-*

rosa lei de Mafamede: manda pôr o fogo, que a morte he breve, e eu gozarei dos bens eternos, que se não acabam. Tomára que o tormento fora maior, e mais cruel, e comprido, pera mostrar o gosto com que desejo de passar todos pela horra de meu Deos. Palmado o Badur daquelle animo, e constancia, o mandou tirar da bombardas. Os mais companheiros convencidos daquelle firmeza, não houve em algum delles, a quem promessas, e ameaças mudassem, e foram todos mettidos em huma cruel prisão, donde depois sahiram com honra, porque Deos não desampara os seus servos. E de Diogo de Mesquita sabemos que lhe deo ElRey D. João só por isto as fortalezas de Cofala, e Moçambique, como em outro lugar se verá.

CAPITULO X.

Do que aconteceo na jornada a Martin Affonso de Mello Juzarte: e de como se perdeo na costa de Bengala: e dos grandes trabalhos que passou até ser cativo.

COM todos os que no cabo do verão partíram pera fóra, temos continuado, sómente com Martin Affonso de Mello, que guardámos pera este lugar, por não
con-

contarmos suas cousas por pedaços. Partido este Capitão de Goa, foi tomar a Ilha de Ceylão, como levava por regimento, pera soccorrer áquelle Rey da Cota, que estava já desapparecido da Armada de Calecut; porque tanto que teve rebato da nossa, logo se recolheu, e o Madune levantou o cerco que tinha posto ao irmão. E porque a causa desta guerra, e a origem destes Reys adiante em principio da quinta Decada damos razão, por nos parecer alli melhor lugar, o deixamos agora. Estimou aquelle Rey da Cota este soccorro muito, e ficou mais obrigado ao serviço d'ElRey de Portugal, cujo vassallo era. Martin Affonso não tendo alli mais que fazer, deo á vela, e passou os baixos á outra banda, e foi invernar a Paleacate, onde mandou desarmar os navios, e concertallos, e alimpallos muito bem, pera na entrada de Agosto seguir sua jornada pera Malaca. O segredo della não pode estar tão cuberto, que se não viesse a romper pelos soldados, de que ficáram tão enfadados (cuidando que hiam ás prezas) que se amotináram, e alteráram, chegando a cousa a tanto, que tratáram de queimar a Armada pelo avorrecimento que tinham todos á jornada da Sunda: e assim puzeram fogo, a que Martin Affonso acudio, e quiz Deos que o apagassem, sem

nun-

nunca se saber donde lhe veio. Vindo Agosto , embarcando-se Martim Affonso , deixáram-se ficar na terra muita parte dos seus soldados , e elle foi seguindo sua jornada. E por ter novas que na costa do Pegu andavam algumas fustas de Rumes , a foi demandar , e surgio na ponta de Nagramale , onde se deixou estar por ver se vinham as fustas dos Rumes dar com elle. Aqui lhe deo tamanho temporal , que não podendo soffrer a amarra , levantáram-se , e foram correndo com os traquetes por onde cada hum pode. Ao outro dia achou-se Martim Affonso sem os navios , e como a tormenta cessou , tornou a voltar pera Negramale aos esperar. E navegando per antre humas Ilhas , deo a galé em hum baixo onde logo adornou. Castanheda diz que era caravela ; mas nos livros velhos dos provimentos das Armadas deste tempo achámos nomeada galé , que naquelle tempo eram carracas na grandeza , e no pezo , e não se remavam mais que pera se revocarem. Martim Affonso teve tal tento , que por sentir reboliço na gente , poz cobro na bateira , e mandou metter nella André de Sousa , mandando-lhe que se affastasse , e não deixasse metter pessoa alguma dentro , porque tratou de ver se os podia salvar em jangadas , que logo mandou ordenar de páos , tavoas , e remos.

mos. E por ser de noite escura , e medonha , com as pancadas acabou a galé de se abrir , ficando alguns pedaços grandes no secco , em que os Portuguezes se deixáram estar , fazendo-se prestes alguns pera se lançarem ao mar , ao que lhes foi á mão Martim Affonso , esforçando-os , e animando-os , affirmando-lhes que com o favor Divino elle trabalharia por salvar todos. E chamando a bateira , metteo-se nella , e recolheo hum , e hum , os que elle chamou , e depois de se encher , ficando só seis Portuguezes , e os escravos todos , se affastou por recear que se os tomava se perdessem , ficando os da galé pedindo misericordia , com palavras piedosissimas , que cortáram bem a Martim Affonso ; mas não pode fazer outra couza , promettendo-lhes , que tanto que lançasse aquella gente numa terra que apparecia , tornaria a voltar por elles. E foram remando com muito trabalho até chegarem a huma Ilha , distancia de huma legua de caminho. E por ser de noite , e o mar fazer grandes esgarceos , temeo chegar-se a terra ; e lançou dous marinheiros a nado , pera verem se havia alli praia , ou penedia , que não tornáram mais , nem se soube o que foi delles , pelo que tornou Martim Affonso a voltar pera a galé , e tomou os Portuguezes que nella ficáram , e

tor-

tornou-se pera a terra, onde tomou conselho sobre o que faria, e assentou de se ir de longo della até Arracão, persuadindo, e esforçando a todos a soffrer os trabalhos da fome, e sede, porque não levavam mais que hum pouco de biscouto que puderam salvar, sem agua alguma, e todo aquelle dia por causa da sede não quizeram comer. E indo seu caminho houveram vista de hum aldeia affastada da praia. Martim Affonso mandou á terra hum homem Fidalgo chamado Francisco da Cunha, e com elle hum João Fialho, pera irem á aldeia ver se lhe queriam dar agua, e chegados a terra foram cativos dos naturaes, que á vista dos nossos os leváram amarrados. E porque o vento, e o mar crescia, e elles estavam sem agua, e havia dous dias que não bebêram, requerêram todos a Martim Affonso, que os lançasse em terra, porque antes queriam ser cativos, que morrerem á sede. Martim Affonso trabalhou de os tirar deste proposito, com os persuadir a soffrerem mais hum dia de trabalho até chegarem a Arracão, (que era terra onde os Portuguezes hiam todos os annos commutar, e vender;) mas elles sem ter respeito a cousa alguma se puzeram em desembarcar, o que Martim Affonso sentio muito, e fez grandes estremos. Visto este caso por alguns

Fi-

Fidalgos Cavalleiros, como Simão Ferreira, André de Sousa, Gonçalo de Mello, Nuno Freire, e outros dous Cavalleiros, lançaram-se da parte de Martim Affonso, e fizeram com os mais, que desistissem de seu proposito, e que se fossem até Arração, e que permittiria Deos que achassem alguns dos navios de sua companhia, e assi foram correndo a costa. Os dous que alli ficaram foram depois resgatados com Francisco da Cunha, que viveo depois muitos annos no Algarve casado. O batel foi de longo da terra até darem em hum ribeiro, que sahia ao mar, de agua doce, de que mandou Martim Affonso encher huma jarra, ao que foram Diogo Pires Deça, e Nuno Fernandes Freire, com outros dous companheiros, porque Martim Affonso sempre se guardou de chegar a terra porque se não sahissessem todos pelo risco a que se poriam. Alli foi ter com elles hum negro dos naturaes, com huma panella pequena de arroz cozido que lhe resgataram, com que se recolhêram pera a embarcação, aonde se repartio por todos; e como eram perto de sessenta pessoas, coube a cada hum seu bocado, e com esse pouco de biscoito que tinham, como tiveram agua ficaram satisfeitos, e foram seu caminho com provisão na jarra, que era pequena, de que
se

se não dava mais razão, que quanto se podia molhar o padar tres vezes ao dia. Com estes trabalhos chegaram a Arração, e tomáram dous Ilheos que estavam á entrada, onde acháram logo na praia dous sacos de biscoito todo molhado, e hum caixão com alguns guingões dentro, e pareceo-lhes que feria de algum dos navios de sua companhia. Nestes Ilheos acháram agua roim, e falobra, e humas favas como as nossas, humas verdes, e outras seccas, de que alguns comêram, e no mesmo instante lhes deo humas desinterias, a que na India chamam corruptamente mordexim, havendo-se de chamar morxis, e a que os Arabios chamam fachaiza, que he aquillo que Rasis chama fâhida, que he hum mal, que em vinte e quatro horas mata, cujos effeitos são ficar logo o pulso submerso, muito delgado, com hum suor frio, com grande incendio por dentro, e sede grandissima, os olhos mui fumidos, grandes vomitos, em fim deixa a virtude natural tão derribada, que parece hum homem morto, como todos os que comêram as favas ficáram. Martin Affonso acudio a este negocio, defendendo aos outros que as não comessem. E porque não havia com que remediar os pacientes, ficáram deitados por essa praia, esperando pela hora em que espirassem. Mar-

tim

tim Affonso anojado de ver dez , ou doze companheiros naquelle estado sem lhes poder valer , toda a noite passou , e o mesmo fizeram os sãos. E andando Nuno Fernandes Freire , e Francisco Mendes de longo da praia , porque fazia luar , vigiando se viam alguma embarcação , viram sair d'agua hum grande tartaruga , e baqueando-se , foram mui escondidamente apòs ella , até a verem recolher em hum parte onde tinha os ovos , e chegando a ella a tomáram com trabalho , e acháram duzentos ovos , que com muito alvoroço leváram a Martim Affonso que os estimou muito , e logo mandou escalfar as gemas em hum bacineta de latão , que por acerto hia no batel , e elle com a sua mão os foi dar aos doentes , que estavam taes que não sentiam cousa alguma , e a tartaruga fazendo-a em pedaços a mandou cozer em hum capacete , de que todos comêram com esse pouco biscoito que tinham. Com isto cobráram os doentes algum alento. Ao outro dia tomáram outra tartaruga com outra somma de ovos , que se deram aos doentes , e com isto faráram sem perigar algum ; no que se cumprio bem aquelle nosso adagio antigo (que a quem Deos quer dar a vida , a agua da fonte lhe he mézinha.) Alli estiveram tres dias , e Martim Affonso se embar-

barcou com determinação de passar a Chagão , porque hia alli hum companheiro que já estivera naquella Cidade , e navegando pera lá , foram tomar a praia de huma Cidade chamada Suquriá , de que era senhor hum Mouro chamado Codavaſcan. Alli estiveram tres dias comendo palmitos de que havia muitos. Codavaſcan foi logo avisado de ſua chegada , e deſejou de os haver , por ſe ajudar delles em huma guerra que tinha contra hum vizinho : e mandou a iſſo hum Capitão com duzentos homens que os tomáram , ſem os noſſos lhes poderem fugir , levando-os ſoltos com muitas promeſſas de honras , e mercês. Codavaſcan os recebeu mui bem , conſolando-os de ſeus trabalhos , e que fizeſſem conta que eſtavam em Portugal , porque tudo ſe lhes daria de que tiweſſem neceſſidade , e que elle lhes promettia de os mandar pera a India ; e deo cuidado a peſſoas de recado que os agasalhaſſem , mandando-os logo veſtir , porque hiam quaſi nus. Ao outro dia que iſto paſſou 'chegáram áquella barra duas fuſtas da companhia de Martim Affonſo , de que eram Capitães Duarte Mendes de Vaſconcellos , e João Coelho , que ſouberam de huns peſcadores como alli tinham chegando huns poucos de Portuguezes que eſtavam na Cidade : pelo que lançáram em terra

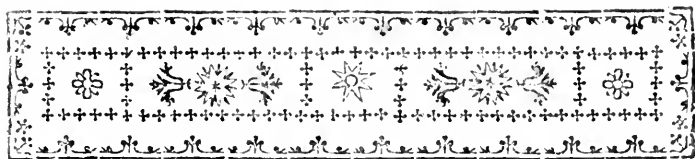
ra hum Negro em trajo dos naturaes pera ir saber quem eram, que fallou com Martim Affonso, e sabendo dos seus Capitães, ficou muito alvorogado, e foi-se logo a CodavaSCAN, e lhe pedio licença pera se ir, lembrando-lhe a promessa que lhe fizera. CodavaSCAN lhe disse que lhe não negaria ir-se pera a India como lhes promettêra, mas que por então tinha necessidade de sua ajuda pera contra hum vizinho seu; e que mandasse recado aos Capitães dos navios que se deixassem estar, que elle os mandaria prover de tudo. Martim Affonso os mandou avisar do que passava, pedindo-lhes se deixassem ficar, como fizeram, mandando-lhes ElRey dar mantimentos, e logo se partio pera a guerra, dando armas aos nossos, que levou pera guarda de sua pessoa. E vindo á batalha com o inimigo, fizeram Martim Affonso, e os companheiros tamanhas cavallerias, que elles fôz desbarataram os inimigos, e CodavaSCAN lhe tomou a sua Cidade, e terras, e recolheo-se vitorioso. Martim Affonso lhe pedio, que, pois o tinha servido no que queria, o deixasse embarcar nos seus navios, que os esperavam por seu mandado; como todos os Mouros não amam a Christão senão por necessidade, ou interesse, lhes disse, que se resgatassem, e que então os foltaria. Martim Af-

fonso ficou muito enfadado , dizendo-lhe que com que se havia de resgatar se estava alli perdido como elle via ? que puzesse elle o preço ao resgate de todos , e mandasse com elle hum homem , que no primeiro porto de Portuguezes lho daria sem lhe faltar hum real. Codavaſcan zombou daquillo. Vendo Martim Affonso , e os mais aquella tyrannia , determináram de fugir , pera o que mandáram recado aos Capitães das fustas pelo mesmo Negro que lho trouxe dellas , em que lhes pedia , que em hum certo dia (que lhes limitáram) mandasse pelo rio affima algumas almadias até hum certo lugar pera os recolher. Vindo a noite aprazada sahiram de casa , porque não tinham guardas , e espalhados foram demandar o lugar das almadias , que era dalli a quatro leguas. O caminho era mui roim , e comprido , em que se perdêram alguns , que não tiveram outro remedio senão tornar-se pera a Cidade , onde entráram ainda de noite ; e achando que não foram sentidos , se deitáram nas suas camas pera dissimulação , e antre estes era Diogo Pires Deça hum delles. Martim Affonso com os mais foram por diante , e como o caminho era pestifero , tardáram tanto , que lhes amanheceo nelle , e foi-lhes necessario embrenharem-se. Ao outro dia foubese de sua fugida , e

man-

mandou Codavaſcan levar perante ſi Diogo Pires Deça , e os mais , a que perguntou pelos companheiros ; elle lhe diſſe que não dera fé de couſa alguma , nem os achára menos , ſenão pela manhã quando acordára. Codavaſcan deſpedio logo quatrocentos homens apôs Martim Affonſo , e appellidando a terra foram dar com os noſſos embrenhados , e os tomáram. Martim Affonſo diſſe ao Capitão (cuidando que Codavaſcan lhes mandaffe fazer algum mal) que elle ſó tinha a culpa daquella fugida , e não ſeus companheiros , porque como ſeu Capitão os levava , que ſe merecia caſtigo , que a elle ſó ſe deſſe. O Mouro lhe diſſe , que não ſe perturbaffe , porque não havia culpa em pertender ſua liberdade : que Codavaſcan não deixaria de lhe fazer muitos gazalhados , e de cumprir a palavra que lhe tinha dada. Eſtando neſtas praticas , chegaram alguns Bramenes , e peitáram aquelles Mouros pera que lhes deſſem hum dos Portuguezes pera o ſacrificarem a ſeus Idolos , porque lhe tinham feito promettimento , que ſe lhos deparavam , de lhe ſacrificarem hum delles. Hum Capitão dos Mouros lhe entregou hum Gonçalo Vaz de Mello , que nas guerras paſſadas tivera humas palavras , em que affrontára o Mouro , porque ſe quiz vingar delle. Martim Affonſo

prometteo por elle grande resgate, mas não pode acabar com elles cousa alguma, e logo alli á vista de todos o degolláram, mostrando grandes actos de Christão, e muita firmeza na Fé de Christo. Do sangue deste, e de outros muitos Martyres estão todas as praias do Oriente banhadas, pelo que ainda ha Deos de permittir, que por todas ellas se vejam Templos levantados, onde elle seja venerado, e louvado. Martim Affonso ficou muito triste do caso, e assi foi levado com os mais a Codavascan, que o tornou a mandar pera sua casa, como dantes, sem mais prizão, dando-lhe todo o necessario. Vendo Martim Affonso que este negocio não tinha remedio, escreveu aos Capitães das fustas tudo o que lhe tinha acontecido, mandando-lhes huma carta pera o Governador, em que lhe pedia os mandasse resgatar, (como depois fez, mandando a isso hum Mouro chamado Coge Cabadim, que os trouxe a Goa já em tempo de Nuno da Cunha.) Dos mais navios da Armada de Martim Affonso não achámos em lembrança o que foi delles, nem Castanheda o diz; mas quanto a nós, a mór parte delles se perdêram.



DECADA QUARTA.

LIVRO V.

Da Historia da India.

CAPITULO I.

*De como ElRey D. João mandou por Governador da India Nuno da Cunha:
e do que aconteceu na jornada.*

PELAS náos do anno de vinte e seis, que chegáram da India em Agosto de vinte e sete, de que eram Capitães Tristão Vaz da Veiga, Francisco de Anhaya, e outros, teve ElRey D. João novas das differenças dantre Pero Mascarenhas, e Lopo Vaz de Sampaio; e assi mesino por via de Veneza as teve da Armada que o Turco fazia, e mandava ordenar pera passar á India. E sendo-lhe necessario acudir áquellas cousas com huma grossa Armada, elegeo pera Governador da India Nuno da Cunha seu Veador da Fazenda, pessoa de muita confiança, e em quem concorriam as partes, que o cargo requeria, ordenando-lhe
on-

onze náos, e quasi, ou mui perto de quatro mil homens. Correo logo a fama, e por fer Armada contra Turcos, acudíram muitos Fidalgos, e Cavalleiros á Corte a se offerecerem a ElRey, despachando-os, e fazendo-lhes mercês a todos: mandando dar tanta pressa á Armada, que quando foi em Março, estava toda posta em Belém, onde ElRey foi estar alguns dias pera despachar muitas cousas. Alli deo a Nuno da Cunha grandes regimentos, cujos principaes pontos eram, que logo fizesse huma fortaleza na Ilha de Dio pera segurança da India, pera os Turcos não virem alli ter receptaculo, porque dariam grande oppressão ao Estado. E que alli mesmo fizesse outra no Reyno do Camorim, na parte que lhe melhor parecesse, pera ter enfreado aquelle Rey, e pera credito do Estado, em lugar da outra que D. Henrique largou em Calecut; e que lhe mandasse prezo Lopo Vaz de Sampaio, e lhe fizesse inventario de sua fazenda, que fosse em mãos de pessoas abonadas. Que se os Turcos passassem á India, ajuntasse todo o poder, e se puzesse na barra de Goa ao mar, até saber aonde hiam demandar, e que depois de saber onde os tinha seguros, fosse pelejar com elles; e outros da fazenda, e justiça, que não são da nossa historia. Embarcados todos, e
a Ar-

a Armada prestes pera dar á véla , faltou-lhes o tempo , por onde não pode sahir pera fóra senão aos dezoito de Abril deste anno de vinte e oito , em que Nuno da Cunha se fez á véla com onze náos , de que eram Capitães ; elle , que hia embarcado na náó Rosa ; Simão da Cunha Copeiro mór d'ElRey em Santa Maria do Castello ; e Pero Vaz da Cunha Estribeiro mór d'ElRey irmãos. do Governador na náó Santa Catharina. D. Fernando de Lima em Santa Maria do Espinheiro ; Francisco de Mendoça em Santa Maria de Monferrate ; Antonio de Saldanha em Santa Maria da Ajuda ; Garcia de Sá na náó Vitoria , e hia provído da capitania de Malaca ; e Dom Francisco Deça , João de Freitas , Bernardim da Silveira , Affonso Vaz Zambujo. Nestas náos mandou ElRey duzentos mil cruzados em Portuguezes , e outras moedas pera as necessidades da India , e pera a carga , que hiam repartidos por todas as náos. Seguindo sua derrota , indo todas em conserva na volta das Canarias , a náó de Simão da Cunha , que hia por poppa da de João de Freitas , por se não querer desviar o seu Piloto (que nisto são todos mui teimosos) lhe deo duas pancadas tamanhas , que logo a abrio em dous pedaços , e por levarem o esquife em cima se lançou com

mui-

muita pressa ao mar, onde se metteo João de Freitas com alguns que puderam, sobre o que houve muitas cutiladas, e mortes, e se foram pera a náó de Simão da Cunha, que logo amainou sentindo bem aquelle desastre, e mandou lançar o batel fóra pera recolher a gente, que andava já a nado onde perecêram muitos: entre estes foi hum homem casado, que na náó hia com sua mulher, e tres filhas moças, que vendo a náó aberta, abraçando-se todos finco, com hum pranto piedosíssimo, e gritos que penetravam os ares, assi liados todos se foram com a náó ao fundo; expectaculo, que fez arrebear a todos em lagrimas, com ter cada hum bem que chorar sua desventura. Succedeo isto ás dez horas do dia, e foi tão supito, que as outras náós que hiam á vista não souberam de cousa alguma senão quando víram submergir-se a náó debaixo do mar, e acudindo todos com esquifes fóra salváram ainda muitos, e afogáram-se cento e sincoenta pessoas. Nuno da Cunha sentio em estremo este roim successo, e seguindo sua viagem foram todas as náós (tirando a de Bernardim da Silveira que se apartou) tomar a Ilha de Santiago, onde fizeram aguada, e se provêram de mantimentos em duas caravélas que hiam carregadas delles pera isso. Dalli as
des-

despedio Nuno da Cunha com cartas pera ElRey, em que dava conta do successo da viagem até li. E tomando sua derrota deram na costa de Guiné, onde acháram grandes calmarias: e por a náó de Antonio de Saldanha ir muito zorreira, e andar tão pouco, que toda a viagem foi Nuno da Cunha sem vélas de gavea por esperar por elle, lhe requerêram os Pilotos que a deixassem, porque melhor era perder huma náó viagem, que todas. Nuno da Cunha mandou disto recado a Antonio de Saldanha, e que trabalhasse por arrumar a náó, e compassar-se, porque lhe era necessario adiantar-se por não perder viagem. Antonio de Saldanha lhe mandou dizer, que se fosse muito embora, que elle trabalharia tudo o que pudesse por ver se havia remedio no andar da náó. Com isto deo Nuno da Cunha com as outras náós os traquetes, e em pouco tempo desappareceram. Antonio de Saldanha ficou triste, e todos os da náó por se verem alli ficar fós. Hia com elle embarcado o pai de Fernão Lopes de Castanheda, que ElRey mandava á India pera escrever os feitos daquellas partes, porque foi Rey que se não contentou de pagar a seus Vassallos os muitos serviços que nellas lhe fizeram, com outras muitas honras, e mercês, mas ainda com lhes orde-

nar,

nar, que vivessẽm perpetuamente por fama na escriptura. Este homem andou na India quasi dez annos, correndo a mór parte della, até chegar a Maluco, escrevendo as cousas daquelle tempo mui diligentemente, que recopilou em dez livros, acabando o seu decimo com o Governador D. João de Castro. Este volume nos differam algumas pessoas dignas de fé que ElRey D. João mandára recolher a requerimento de alguns Fidalgos, que se acháram naquelle raro, e espantoso cerco, porque fallava nelle verdades. A estes, e a outros riscos se põem os escriptores, que as escrevem em quanto vivem os homens de quem o fazem; e por isso com menos receio escrevemos as cousas passadas (como ElRey nos mandou) que as presentes, que tambem temos escriptas, e assi em humas, como em outras, nem por respeitos, nem por temor deixaremos de as fallar: e posto que tambem em algum tempo se mande recolher algum volume dos nossos, outro virá em que se ellas manifestem. E tornando a Antonio de Saldanha, os Officiaes da sua nao andáram vendo donde nascia o defeito della, mudando humas vezes a carga á proa, outras á poppa, andando com os mastos, ora a ré, ora ávante, e tantas cousas destas fizeram até lhe acertarem o compasso; e começou a
náo

náo a andar dalli por diante muito differentemente; e seguindo sua derrota, encontrou com a náo de D. Francisco Deça, que se festejaram bem, acompanhando-se sempre até irem na volta do Cabo de Boa Esperança, onde encontráram as náos de Nuno da Cunha, de Pero Vaz da Cunha, de Dom Fernando de Lima, e a de Affonso Vaz Zambujo, porque todas as mais eram cipalhadas, indo cada huma seguindo sua derrota, que logo contaremos. Nuno da Cunha, tanto que conheceo as náos, foi o seu alvoroço mui grande, e chegados á falla souberam o que lhes tinha acontecido, e assi todos juntos foram demandar o Cabo. No rosto delle, a seis de Julho, lhes deo tamanho temporal, que não podendo soffrer o paio por serem os mares mui grossos, e cruzados, foram arribando em poppa com pequenos bolsos de véla, salvo Antonio de Saldanha, que por ter náo nova, pode soffrer o trabalho; dos mais foi cada hum correndo por onde melhor pode. Ao outro dia acalmou o vento, e Nuno da Cunha, e D. Fernando de Lima vindo á falla sobre o que fariam, assentáram que fossem por fóra da Ilha de S. Lourenço, porque era já tão tarde que por dentro não podiam passar á India. E seguindo seu caminho, estando já do Cabo pera dentro,

fo-

foram governando a Lefnordeste , pera se deitarem por fóra da Ilha , onde os deixaremos por continuarmos com as outras náos. D. Francisco Deça , Francisco de Mendoça , Affonso Vaz Zambujo , depois de passada a tormenta dobráram o Cabo , e tomáram o caminho por dentro , e foram demandar Moçambique , por irem faltos de agua , e mantimentos; e chegando áquelle porto ao entrar da barra , a náos de Affonso Vaz Zambujo deo na Ilha de S. Jorge , onde ficou pera sempre , salvando-se toda a gente , e por ser tarde ficáram alli invernando. Bernardim da Silveira , que ao fahir do Reyno se apartou logo , foi seguindo sua derrota , passando alguns temporaes , que lhe deram muito trabalho , e depois de dobrar o Cabo de Boa Esperança , indo demandar Moçambique , foi o seu Piloto encahar no parcel de Çofala , onde se perdeo , affogando-se muita parte da gente , e a outra mais , que se salvou em terra , foi morta pelos Cafres , o que depois se soube por alguns da terra.

CAPITULO II.

*Do que succedeo ás mais náos da companhia
do Governador Nuno da Cunha : e de como
elle se perdeu na Ilha de S. Lourenço : e
do que aconteceu á gente da companhia
de Manoel de Lacerda.*

JÁ temos dado relação do successo de cinco náos , agora continuaremos com as mais ; e como esta viagem foi desastrada , e teve varios successos , he necessario que relatemos todos : e assim o faremos agora do que aconteceu á náo de Garcia de Sá , e á de Antonio de Saldanha , que de toda esta Armada ellas sós passaram á India. A náo de Garcia de Sá , depois que fez sua aguada na Ilha de Sant-Iago , logo se apartou da conserva , e foi seguindo sua derrota , achando no rosto do Cabo o mesmo tempo que as outras , com que esteve de todo perdida. Passado o Cabo foi tomando o caminho por fóra padecendo muitas fomes , sedes , e infortunios , de que lhe morreo muita gente , e chegou a estado , que não havia na náo mais de huma pipa de agua , mas foi em paragem que ao outro dia houve vista da costa do Malavar , como adiante diremos. Antonio de Saldanha depois de passada a tormenta , que elle esperou ao
pai-

paio , foi seu caminho até dobrar o Cabo , achando muitos temporaes , e contrastes , que lhe deram bem de trabalho. E passando á vista da Ilha de S. Lourenço na paragem do rio de Sant-Iago , onde estava a gente das náos de Manoel de Lacerda , e de Aleixo de Abreu , que se alli perdêram o anno passado , como dissemos , onde todos tinham padecido gravissimas fômes , e trabalhos , esperando que Deos os soccorresse com alguma náao que por aquella paragem passasse , pera lhe fazerem final , encommendando-se ao mesmo Deos em seus corações , pedindo-lhe os tirasse daquella terra : e como suas esperanças estavam em elle trazer por alli alguma náao , não tiravam os olhos do mar , onde de continuo os estendiam por verem se viam vélas , e acertando de verem esta de Antonio de Saldanha , em todos fez grande alvoroço , parecendo-lhes que já estavam remidos. E porque hia anoitecendo fizeram grandes fogos em cruces , pera por elles mostrarem aos da náao , que estava alli gente perdida , que foram logo vistos de todos , e bem entenderam que eram Portuguezes os que lhe faziam aquelle final , e tomando os traquetes , puzeram-se de noite á trinca. Como amanheceo foram na volta da terra a que não ousaram de chegar por não ser sabida ,

ef-

esperando que da terra lhes viesse algum em alguma almadia com recado do que era : e assi affastando-se de noite da terra, e tornando a ella de dia, andáram alli oito, sem se determinarem a mandar o esquife a saber daquella gente, e no cabo dos oito dias dando-lhes hum tempo rijo desaparecêram. Os da terra ficáram desconsoladissimos tanto que deixáram de ver a náó, e tomando conselho sobre o que fariam, assentáram que se passassem á outra banda, alli porque lá teriam mais mantimentos, como por serem por lá as náós mais continuas, e poderiam ser vistos de algumas que se dispuzessem a tomallos, ou pela ventura achariam alguma embarcação da terra, em que se pudessem passar a Çofala, ou a Moçambique : fazendo dous esquadrões em que haveria trezentas pessoas, tomáram o caminho do sertão, ficando alli hum mancebo doente por não poder seguillos. Estes homens todos desapparecêram neste caminho, e até hoje se não soube delles couza alguma, por onde parece que foram mortos pelos da terra; porque aquelles do sertão são barbarissimos, sendo o remate de todos seus trabalhos outros tanto maiores como foram os que lhes custáram as vidas. Vejam agora os Reys se ha na vida couza com que se fatisfaçam tamanhos trabalhos, como
seus

seus vassallos passam nesta Conquista da Índia : e que prego ha com que se pague hum só risco da morte , quanto mais tantos , quantos são os em que cada dia se vem , no mar tanta tormenta , e perigos , na terra tanto risco entre pelouros , e fogo : comendo mal , dormindo peor : pelejando todas as horas por honra de seu Deos , e de seu Rey. Por onde haviam de trabalhar , que os homens que fossem repartidores dos galardões , fossem aquelles que tem visto , e experimentado os mesmos riscos , e trabalhos , porque dem com compaixão , e não taxem com escaceza , tendo mais respeito aos merecimentos dos homens , que á pretensão que muitos tem de quererem valer com os Reys por hum muito mal entendido meio , como o de quere-rem accrescentar em sua fazenda , porque nunca ella cresce mais , que quando justamente se pagam merecimentos. Antonio de Saldanha foi seguindo sua derrota com tantos trabalhos , fomes , e sedes , que lhe morreram sessenta homens , e lhe adoecêram quasi todos , indo mais de hum mez a quartilho de agua por dia a cada pessoa. E em fim de todos estes trabalhos , havendo-se cada dia por perdidos , foram a ferrar a costa da India , como adiante diremos. E tornando a Nuno da Cunha , e Pero Vaz da

da Cunha , e D. Fernando de Lima , depois de passada a tormenta , foram sempre em companhia com roins tempos , e com calmarias que lhes deram , e com muito trabalho foram ferrar terra na Ilha de S. Lourenço , na paragem do rio de Sant-Iago , já no fim de Outubro , onde lhes foi forçado furgirem pera fazerem aguada , de que hiam muito faltos. O Governador Nuno da Cunha mandou o esquife a terra pera verem aonde havia agua , e sendo na praia , acudio a elle aquelle mancebo que atrás disse-mos ficára da companhia de Manoel de Lacerda por doente , (que parece que ordenou Deos ficar alli pera se salvar.) Este tanto que vio o batel em terra , remetteo aos que hiam nelle como doudo abraçando-se com todos , chorando com prazer de os ver ; e elles de dó de o verem daquella maneira arrebutáram todos em lagrimas , e soluços , e tomando-o no batel o leváram a Nuno da Cunha , a cujos pés se lançou , contando-lhe sua desaventura , e a perdição daquellas duas náos ; e como havia mez e meio que Manoel de Lacerda , e Aleixos de Abreu com todos os da sua companhia se partíram dalli desesperados de poderem alli vir náos tão cedo. Nuno da Cunha sentio muito a desaventura daquella gente , e houve-se por mofo em não chegar a tem-

po que os pudera salvar a todos, mandando a seus criados que agazalhassem bem aquelle moço, e o curassem, que depois viveo muitos annos casado em Goa, e foi Meirinho. Nuno da Cunha, e os mais Capitães mandáram fazer aguada em abastança. E havendo quatro dias que alli estavam, deo-lhes hum temporal travelsão tão riço, que a náó de Nuno da Cunha, que estava sobre huma só ancora, começou a cassar pera a terra, e largando outra que deo sobre pedra, foi logo cortada, e o mesmo fizeram outras até seis, que todas foram trincadas do rato, (fallando ao modo marinho,) de maneira, que foi a náó encalhar em terra sobre hum areal, aonde se encheo de agua até a cuberta debaixo da ponte. As outras duas náós quiz Deos que tiveram amarras de caíro, que se não cortáram, e puderam ter, e soffrer o tempo, estando porém muito arriscadas. Estavam a este tempo os batéis em terra fazendo aguada, e querendo acudir á náó, não puderam sair pera fóra, porque o vento fazia na boca do rio mui grandes esgarceos. A gente da náó ficou toda sobre os castellos, e na ponte, onde estiveram até o outro dia, andando Nuno da Cunha toda a noite vigiando, e mandando tirar assim o cofre do cabedal, e algumas cousas, que
mais

mais puderam , porque se não perdesse tudo. Ao outro dia acalmou o vento , e vieram os batéis , em que o Governador mandou embarcar o cofre , e a mais fazenda que pode , e a artilheria que hia por cima : e depois de ter recolhido o que havia , elle se passou com parte da gente pera a náó de seu irmão Pero Vaz da Cunha , e a outra mandou pera a de D. Fernando de Lima. Dalli se fizeram á vêla , com tenção de se irem pôr dentro de Moçambique , tomando aquella derrota , em que os deixaremos por continuarmos com as cousas , que neste tempo succedêram na India , por guardarmos a ordem dos tempos.

C A P I T U L O III.

De humá Armada nossa , que partio de Cochim , e se perdeo no rio de Chatuá : e de como o Governador Lopo Vaz de Sampaio partio pera Cochim , e desbaratou humá grande Armada do Çamorim.

A Ffonso Mexia Veador da Fazenda , que estava em Cochim , foi avisado que o Çamorim fazia algumas náos prestes pera mandar a Méca cárregadas de pimenta , que tinha a carga em differentes rios , e querendo impedir que não sahisse pera fóra , armou com muita pressa treze navios

de remo, a cujos Capitães não achámos os nomes, e a oito de Setembro se fizeram á véla, e indo pera a costa de Calecut, deolhes huma tormenta, a que chamam a Varrá de Choromandel, tão grossa, e grande, que deo com todos os navios á costa no rio de Chatua, sem escapar hum só; affogando-se a mór parte dos nossos, e os que se salváram em terra, delles foram mortos pela gente della, e delles cativos. Camorim ficou soberbissimo com este successo, e mandou com muita pressa preparar huma grossa Armada, ajuntando todos os seus navios de seus portos, pera sabirem a dar guarda ás náos que havia de lançar fóra em fim de Setembro. Os Mouros de Cananor que estavam de pazes, com esta desaventura começaram-se a alterar. De tudo foi logo o Governador Lopo Vaz avisado, e com muita presteza despedio Simão de Mello em hum galeão, e seis fustas pera guarda daquella costa, e elle se ficou preparando pera acudir a ella em pessoa, primeiro que os movimentos dos Mouros de Cananor fossem por diante, esperando por Antonio de Miranda, que sabia que estava em Chaul, que não tardou muito. O Governador o recebeu muito bem, pedindo-lhe ficasse em Goa descansando dos trabalhos, e elle se fez á véla com seis galeões, in-

indo elle embarcado em S. Diniz , e dos outros eram Capitães Heitor da Silveira, Fernão Rodrigues Barbas , Lopo de Mesquita, Henrique de Macedo, e Antonio de Lemos da Trofa, a que deo o galeão Magos, que foi de Antonio da Silva, que as galeotas de Dio matáram. Levava o Governador mais sete fustas , de cujos Capitães não achámos os nomes de mais que de D. Tristão de Noronha. E fazendo sua jornada tanto ávante como monte Deli, achou Simão de Mello com sua Armada, de quem soube, como D. João Deça Capitão de Cananor lhe mandára recado, que em Tremapatão estava hum frota do Camorim de cento e trinta vélas, sessenta paraos bem artilhados, e as mais náos, e paguezes de carga, que hiam pera Méca carregadas de drogas, e que os paraos lhe hiam dando guarda. Desta frota era Capitão hum Mouro, natural do Reyno de Tanor, chamado Cotiale, havido entre elles por homem santo, que aquelle verão passado tinha vindo de Méca de se offerecer á casa do seu Sanctuário. Tanto que o Governador soube esta nova, havendo conselho com aquelles Capitães, assentou-se que se lançassem ao mar defronte de Cananor, que alli havia a frota de ir dar com elles, porque se os tomassem a terra haviam todos de fugir della.

la. O Governador mandou as fustas de longo da costa vigiar a Armada inimiga , e tanto que foi noite , furgio com os galeões , e mandou Serqueira o Malavar no seu navio , que era muito ligeiro , espiar os inimigos , e saber que derrota tomavam. Cotiale sabendo que Simão de Mello estava a monte Deli , não tendo ainda novas do Governador , determinou de ir pelejar com elle , e tomallo , e voltar sobre a fortaleza de Cananor , e commettella , havendo que seria fácil levalla nas mãos , e vinha com toda aquella frota , que cubria o mar á véla. O Serqueira em a vendo voltou ao Governador , e lhe deo de noite a nova , e logo se preparou pera pelejar com elle , mandando recado aos galeões pera que se fizessem prestes. Cotiale de madrugada houve vista da Armada do Governador , e cuidando que era Simão de Mello , alli á véla como hia a foi demandar. Os nossos vendo tamanha frota ficáram embaraçados , porque tudo o que viam em tanto navio era multidão de gente que os cubria , muita , e grossa artilheria , que por suas proas apparecia , e muitas , e bastas armas de todas as fortes que reluziam , muitos , e muito diferentes instrumentos de guerra que vinham tocando : em fim tantas carrancas , e ameaços de morte , que pudera espantar outra
mui-

muito maior Armada que aquella. O Governador chamou a si os Capitães , e lhes disse , que elle havia de pelejar com os inimigos , que se fizessem prestes. Alguns dos Capitães lhe disseram que pareceria temeridade , que o bom seria ajuntarem-se os galeões , e encadearem-se , e fazerem-se fortes pera se defenderem , se os inimigos os fizessem commetter. Outros foram de parecer que pelejassem , porque os navios inimigos eram rasteiros , e que forçado haviam de receber muito damno. E baralhando-se o negocio em porfias , chegou Serqueira o Malavar , e como era muito esforçado , e sabia bem da guerra daquella costa , e conhecia aquelles Mouros , disse ao Governador : » Senhor , que esperais , que vagar he » este ? Porque não commetteis aquelles ini- » migos que vem chegando ? Porque assi he » muito peor , que como são muitos , e se » vos sentirem , receio hão-vos de fazer » damno. Commettei os inimigos , que vem » espalhados por huma ilharga daquellas com » as fustas , e primeiro que os outros lhe » acudam , os desbaratareis , e chegarão os » galeões com a tormenta de sua artilheria , » e tudo farão franco. » Ao Governador pareceo-lhe bem , e levantando-se , disse : » Ora sus , hei de pelejar , a elles com o » nome de Jesus ; e quem quizer acompa-
 » nhar

»nhar o seu Governador, e a bandeira de
 »seu Rey, siga-me.» E tomando huma es-
 pingarda ás costas saltou em huma fusta,
 de que era Capitão João Fernandes o Ta-
 ful, valente soldado, e dos do seu galeão
 saltáram com elle Ruy Vaz Pereira, Dom
 Sancho Manoel, João Rodrigues Pereira,
 Braz da Silva de Azevedo, Garcia de Mel-
 lo, Duarte Coelho, Fernão da Silva, Nu-
 no Pereira, André Calco de Evora, Ma-
 noel de Brito Cabral, Francisco de Bairros
 de Paiva, e outros Fidalgos, e Cavalleiros.
 Embarcado o Governador, achou-se com
 treze fustas, porque áquella hora lhe che-
 gáram tres de Cananor, cheias de muita,
 e boa gente, cujos Capitães eram Francis-
 co Mendes de Braga, Martin da Silva, e
 Jorge Vaz, que D. João Deça lhe manda-
 va de soccorro; porque tanto que teve vis-
 ta da Armada do Governador, e vendo ar-
 rancar a do inimigo da terra, despedio os
 navios. De todos fez o Governador duas
 batalhas, ou alas, dando huma a Simão de
 Mello, a quem encommendou a dianteira, e
 com elle Lopo de Mesquita, e Fernão Ro-
 drigues Barbas nos batéis de seus galeões,
 e nesta ordem foram demandar os inimi-
 gos, que vinham espalhados, e os com-
 mettêram por huma ponta, dando-lhes a
 primeira salva de bombardadas, de que def-
 tro-

troçaram alguns , e sem quererem investir, tornaram a metter cargas nos falcões , e deram outra furriada , com que tambem metteram alguns no fundo. Sete navios nossos investiram logo com outros tantos dos inimigos ; sendo os primeiros que ferraram, Serqueira Malavar , Francisco Mendes de Braga , e Martim da Silva todos de Cananor. E deitando logo nos inimigos huma somma de panellas de polvora , os abrazaram de todo. O Governador com o seu terço chegou tambem áquella quadra , e deo sua salva , de que desbaratou muitos , e ferrou com outros com muito animo , sendo elle dos primeiros que os investiram , e tal pressa lhes deo , que rendeo toda aquella quadra , primeiro que Cotiale lhe soccorresse. Os galeões hiam em meio da Armada , ficando-lhe toda a inimiga descuberta , com que tiveram lugar pera jogarem com sua artilheria ; e como a Armada vinha muito estendida , e a nossa pelejava em huma das quadras , empregaram seus tiros de maneira , que metteram muitas náos no fundo. Os nossos tinham já axorados mais de vinte navios ; e vendo os mais tamanho damno , começaram-se a desmandar , e recolher pera a terra. Andava já neste tempo o mar coalhado de corpos mortos , e os galeões já baralhados com as náos inimigas.

gas. Durou isto até o meio dia que a viração começou a ventar , com que os inimigos deram á véla , e se foram fugindo pera a terra. O Governador os não quiz seguir , porque estava com alguns feridos , e todos cansados , e contentou-se com a victoria que lhe Deos tinha dado , que era tamanha , que ficáram dos navios dos inimigos , antre mettidos no fundo , e tomados , trinta e cinco , e foram tomadas sincoenta peſſas de artilheria ; e Mouros antre cativos , e mortos foram dous mil , ſem da noſſa parte haver mais que alguns feridos : o que pareceo milagre pela multidão das fréchas , e pelouros groſſos , e miudos , de que os navios todos estavam encravados , e o mar parecia de côr de ſangue. A Armada inimiga que hia fugindo hia tal , e com tamanho medo , que alguns navios varáram na primeira terra que acháram , ſem irem buscar rios , ou barras. Foi eſta grande victoria defronte de Cananor , cuja praia estava cuberta de Mouros , esperando ver o desbarato dos noſſos ; e vendo a preſteza com que os ſeus com tamanha Armada foram desbaratados , ficáram paſmados , e em todo o Malavar ſe fez hum geral pranto , porque poucas caſas houve em que não faltasse marido , filho , ou irmão. Isto quebrantou tanto a todos , e atemorizou o Camo-
rim

rim de feição, que receando que ElRey de Cochim, com o favor do Governador Lopo Vaz lhe tomasse Cranganor, despedio com muita pressa o Principe herdeiro pera ir segurar aquella fortaleza. O Governador parecendo-lhe que Cotiale se quizesse desaffrontar, e que ajuntasse pera isso mais Armada, como estava com a mão leve da vitoria, deixou-se estar dous dias esperando por elle, e vendo que não vinha, determinou de ir por todos os rios em que os seus navios haviam de estar recolhidos, pera os acabar de abraçar, e assolar, mandando diante Simão de Mello, que levou comsigo o Serqueira por espia, porque sabia todos aquelles rios; e achando em hum delles doze paraos varados, entráram de madrugada de supito, e puzeram-lhe fogo, em que todos ardêram. E desembarcando Simão de Mello em terra, cortáram todos os palmares que havia ao derredor da povoação, a que tambem se deo fogo. Dalli se passou ao rio de Chatua, onde a nossa Armada se perdeu, pera dar hum castigo a seus moradores pela morte que deram aos nossos, e entrando nelle de madrugada queimáram quatorze paraos, que estavam varados, e a povoação, com morte de muitos Mouros: e assi foram destruindo outros lugares até chegarem a Cranganor,

en-

onde acháram huns navios nossos em guarda daquelle rio , que Affonso Mexia tinha mandado , depois que soube que o Principe de Calecut era chegado , pera defende-rem a pagassem daquelle rio aos seus.

C A P I T U L O IV.

De como o Governador Iopo Vaz de Sampaio destruiu o Arel de Porca : e da Armada que do Reyno partio: e do que lhes aconteceu na jornada até chegar a Cochim.

CHegando o Governador a Cranganor, lembrou-lhe que tinha adiante o Arel de Porca , que havia vinte annos vivia a despeito do Estado , recolhendo muitos ladrões , e lançando outros de seus portos , que faziam muita guerra aos Portuguezes , e lhe tinha dado muitos trabalhos , sem Governador algum o poder castigar , tendo por isso cobrado tamanho bico , que publicamente deitava Armadas fóra , que correndo a costa até a de Choromandel roubavam os Portuguezes , com o que se tinha feito poderoso , e rico. E pelos descuidos dos Governadores , de pobre pescador se fez senhor de terras , e Estados , e inimigo declarado da India , o que se lhe dissimulou pelo muito perigo , e pouca honra
que

que se ganhava com o quererem destruir: e tinha feitos tantos damnos por estar bandedado com o Camorim, que quando o Governador D. Henrique estava em concerto de pazes com elle, a primeira cousa que lhe pediu foi que lhe entregasse este Arel. E isto não foi só agora, porque ainda depois nossos descuidos deixáram crescer de nada inimigos, que deram bem de trabalhos ao Estado, como pelo decurso da historia apontaremos: o que nasceo dos Governadores da India estarem com o olho em seus respeitos particulares, e com o tento em se lhes virá successor, ou não, a quem como chegava lhe lançavam (como lá dizem) o gato nas barbas: e disto tem nascido todas as misérias da India. E certo que parece hum jogo de dochelo vivo, que de mão em mão se vai apagando hum pouco, e praza a Deos que o não faça de todo. E deixando esta materia, Lopo Vaz de Sampaio como hia vitorioso, não quiz deixar arrefecer sua Fortuna, e determinou de dar hum castigo a este Arel, porque não vivesse tão folgado. E dando rebате aos Capitães pera que se fizessem prestes, mandou a Simão de Mello, que com a gente dos navios de remo levasse a dianteira, e elle com toda a mais dos galeões a retaguarda. E chegando de madrugada sobre aquel-

aquella barra, desembarcáram todos em terra em dous batalhões de quatrocentos homens cada hum: e Simão de Mello sem sentimento entrou a povoação, e deo nas casas do Arel, que eram de madeira, pondo-lhe logo o fogo por muitas partes, que começaram a arder com grande braveza. O Arel escapou por desastre, e queimou-se-lhe a mulher, e mais familia, e a povoação foi mettida a ferro, e a fogo, e lhe tomáram trezentos paraos mui bem feitos, e muitas peffas de artilheria de bronzo, falcões, berços, e dous camelos, hum de metal, e o outro de ferro, e lhe cortáram todos os palmares que puderam, de sorte que ficou destruido de todo. Feito este negocio, que foi muito honroso, embarcáram-se os nossos a seu salvo, e a outro dia entráram em Cochim, onde o Governador foi muito bem recebido. Foi isto aos dezeséis de Outubro, e aos dezefete chegaram as náos de Garcia de Sá, e de Antonio de Saldanha com muita gente menos, e todos os mais doentes, que o Governador mandou desembarcar, e curar muito bem, e festejou aquelles Fidalgos muito. Delles soube como Nuno da Cunha era partido por Governador com huma grossa Armada, e que não sabiam delle, mas que conforme ao tempo que se tinham apartado, pois o não

acha-

achavam na India , que não poderia já aquelle anno vir a ella. O Governador se deixou ficar até quinze de Novembro esperando por elle pera se embarcar pera o Reyno , se elle viesse: e vendo que tardava , affirmando-lhe que estaria em Moçambique , despedia em busca d'elle hum Bastião Freire em huma naveta com regimento , que tomasse a costa de Melinde , o mais assima que pudesse pera Guardafú , e que dalli fosse discorrendo por ella abaixo até Moçambique , pera ver se havia algumas novas do Governador Nuno da Cunha. Bastião Freire se fez á véla a vinte de Novembro ; e de sua viagem adiante daremos razão. O Governador ficou despachando as náos pera o Reyno , e depois de tomarem a carga as fez á véla entrada de Janeiro de vinte e nove , em que com o favor Divino entrámos , e não achámos lembrança alguma , de quem foi por Capitão dellas , porque os que trouxeram ficáram na India. Partidas as náos , o Governador se embarcou , e foi correndo a costa do Malavar , na ordem que levou quando foi pera Cochim , mandando diante Simão de Mello com a fustalha , e o Serqueira por espia , que entrava todos os rios , e tomava falla donde havia paraos ; e sabendo que em Marabia (que he hum rio do Reyno

de

de Cananor) estavam recolhidos quatorze navios de Calecut, dando rebate a Simão de Mello, (que de madrugada entrou áquelle rio) poz fogo a todos, por se não embarçar em os tirar, tendo hum muita arrezoada briga com os da terra, que acudíram aos defender, (por estarem a mór parte delles abicados em terra,) em que os nossos saltáram pera os queimarem á sua vontade; e depois de feitos em cinza, se embarcáram a seu salvo, e se foram pera o Governador que chegou a Goa, e mandou ordenar hum Armada grande, em que mandou Antonio de Miranda pera o Malavar, de cujos Capitães não achámos nomes, sómente Christovão de Mello que hia em hum galé, e Francisco de Mello em hum galeota; e do que lhes aconteceu, adiante daremos razão.

C A P I T U L O V.

De como o Governador Lopo Vaz de Sampaio foi avisado de hum Armada de Cambaya que andava fóra: e de como a foi buscar, e pelejou com ella, e a desbaratou de todo.

HAvendo poucos dias que o Governador era chegado a Goa, lhe veio hum recado apressado de Francisco Pereira de

de Berredo Capitão de Chaul , em que o avistava como ficava a Armada de Cambaya sobre aquelle porto , e que receava o quizessem commetter , e que lhe podia acontecer hum desastre pela pouca gente com que estava. O Governador como tinha ainda os galeões no mar , mandou-lhes metter mantimentos , e munições , e negociar as fustas que havia com muita brevidade : e começou-se a embarcar contra parecer de todos os Fidalgos , e Capitães por dizerem que era descredito do Estado ir a pessoa do Governador da India buscar hum Capitão d'ElRey de Cambaya , o que podia fazer outro Capitão com o mesmo poder que levava , e deixar-se ficar em Goa por opinião do Estado ; porque sempre se havia de cuidar antre os inimigos , que ficando elle , ficava mais cabedal. O Governador por fima de todas as razões se embarcou , e se fez á véla entrada de Fevereiro , levando sinco galeões , duas galés , e quarenta e quatro navios de remo. Os Capitães que foram nesta jornada nos galeões , e galés foram : Antonio de Saldanha , Garcia de Sá , Antonio de Lemos , Lopo de Mesquita , Heitor da Silveira , Simão de Mello , Henrique de Macedo ; e os Capitães das fustas adiante nomearemos os mais delles. Dando á véla despedio Heitor da

Silveira com todos os navios de remo, pera que fossem cingindo a ribeira, e elle com os galeões, e galés se foi ao mar. Chegando a Chaul não achou os inimigos, pelo que despedio hum navio ligeiro a espiallos: e elle com toda a Armada surgio a hum Ilheo, que está huma legua ao Norte daquella barra. Alixa Capitão mór da Armada de Cambaya estava com toda ella (que eram sessenta e quatro galeotas) mettido no rio de Bombaim, e sabendo da Armada do Governador despedio treze fustas, pera que fossem haver vista della. E o dia que o Governador surgio no Ilheo, lhe apparecêram a balravento, estando Heitor da Silveira a terra com as fustas furtas. Os inimigos depois de notarem tudo, chegaram-se ao Governador a tiro de falcão, e lhe deram huma boa salva. Heitor da Silveira tanto que os vio, arrancou donde estava apòs elles, que como o víram se foram recolhendo. O catur, que o Governador tinha mandado a espiaar os inimigos, chegou o mesmo dia, e lhe disse, como todos estavam mettidos em huma enxada na boca do rio de Bombaim, o que sabido pelo Governador chamou todos os Fidalgos, e Capitães a conselho, e lhes disse que lhe parecia bem fazerem-se na volta de Dio, porque havia de estar fraca aquella fortaleza, e sem gente,

te, porque toda andava na Armada, e que seria muito facil tomarem-na; e que os de dentro quando o vissem sobre aquella barra haviam de cuidar que deixava a sua Armada desbaratada, e que sem dúvida o não esperariam, e lhe largariam a fortaleza, e que depois se buscariam os inimigos. Antonio de Saldanha, e Garcia de Sá que votáram primeiro, disseram que lhes não parecia bem aquillo, que muito melhor seria ir buscar aquella Armada, e pelear com ella, e que depois de desbaratada se poderia fazer o que elle dizia; mas que assi, vendo Alixá que desapparecia, cuidaria que lhe fogiam, e cobraria animo, e voltaria sobre Chaul, que lhe seria tão facil de tomar, como elle o fazia a Dio, e que seria muito grande perda, e affronta; que se não podia suspeitar que estivesse Dio tão desapercibido, que se pudesse tomar com a facilidade que dizia: e que tambem lhes não parecia bem ir sua pessoa buscar as fustas de Cambaya; que se deixasse alli ficar, e mandasse hum daquelles Fidalgos áquelle negocio, e que todos o acompanhariam, e que isso bastava pera os inimigos; e seria maior credito, e reputação dizer-se, que hum Capitão desbaratára tamanha Armada, que não que a pessoa do Governador se achára nisso. Com este parecer

se foram todos os mais Capitães. O que visto pelo Governador , deo-lhe a desconfiança de cuidar , que cada hum pertendia aquella honra pera si , e tomar-lha a elle , e disse , que elle havia de ir pelejar com os inimigos , e que quem o quizesse acompanhar o fizesse : e despedio dalli Heitor da Silveira , que fôsse com as fustas todas diante a pôr-se na barra , e o Governador á sua vista hum pouco ao mar foi demandar o rio de Bombaim. Esta noite se vio huma cousa no Ceo maravilhosa , que foi hum final branco , e luzente , comprido á feição de espada larga , que corria do Noroeste a Sueste , e ficava com a ponta pera a parte em que estava Dio. Os Mouros notáram isto a roim final. A estes cometas chamam os Gregos Xiphia , porque xiphos he o mesmo que espada : e os que escrevem destes cometas dizem que são de côr luzente , e que acabam em ponta , como este tinha , que era aquella que cahia sobre Dio. O Governador amanheceo sobre Bombaim aos seis de Fevereiro , que foi ao outro dia logo , em que cahio dia de Cinza , e houveram vista da Armada do inimigo , que estava na ponta daquella barra. O Governador metteo-se em hum navio ligeiro , e foi correr as nossas fustas , e fez a todos huma muito breve falla , pondo-lhes diante suas
obri-

obrigações, facilitando-lhes a vitoria, affirmando-lhes que estava só no commettimento: que lhes mandava da parte d'ElRey, que nenhum navio tirasse bombardada, sob pena do caso maior, ao tempo do commettimento, porque se não estorvassem os marinheiros, que os afferrassem primeiro, e que ganhassem aquella honra á espada, porque alli ficaria a vitoria mais formosa, e ao primeiro que investisse navio lhe prometteo cem cruzados, e o navio, tirando artilheria, encommendando a dianteira a Heitor da Silveira, que poz todos os seus navios em ordem. O Governador receando que os inimigos lhe fugissem pera o rio de Bando-ra, que estava diante meia legua, mandou a hum Capitão, que tanto que a batalha se travasse, fosse com oito navios, (que lhe nomeou, e a quem mandou recado,) e tomasse a boca daquelle rio. Heitor da Silveira escolheo os melhores navios pera a dianteira, de que eram Capitães Diogo Coelho, Gaspar Paes, Francisco Alvares, João Rodrigues o Chatim, Pedralvares de Mesquita, Antonio Correa, Lourenço Botelho, Christovão Lourenço Carracão, o Calafate de Chaul, Diogo Quaresma de alcunha o Malu, Pero Barriga, Antonio Colaço, Christovão Correa, Jorge Dias, e Antonio Fernandes; com este hiam embar-

ca-

cados estes Fidalgos Christovão de Mello de Sampaio , sobrinho do Governador , D. Francisco de Castro , João Pereira , Manoel Rodrigues Coutinho , André Casco , Francisco de Barros de Paiva , Luiz Coutinho , Duarte Coelho , João de Mello , Antonio Barbudo , João da Silveira , Mancel do Carvalhal , Nuno Pereira , Langarote de Alpoem. De todos os navios de remo fez o Governador tres batalhas , e nas duas hiam as duas galés , e pera as fustas se passáram todos os Fidalgos , e Capitães da Armada ; e assi nesta ordem foram demandar o rio. Alixá vendo ir os nossos navios os sahio a receber com grande determinação , e chegando a tiro de bombarda , deram sua salva sem os nossos fazerem caso della , com choverem sobre todos os navios nuvens de pelouros , e passando os nossos pelo meio de todos estes perigos , e bombardadas , os foram afferrar , dando-lhes ao mesmo tempo a sua furriada , de que lhes matáram muitos , investindo-os logo. E o primeiro que poz a proa em huma galeota muito formosa foi Antonio Fernandes , com quem hiam embarcados os Fidalgos , que assim nomeámos , onde se baldeou logo Francisco de Barros de Paiva , que hia no esporam , e da pancada que a fusta deo , tornou a recuar pera fóra , ficando elle só dentro sobre

bre a postiga, que era de appellação, onde se defendeo com muito valor de muitos que o commettêram. A fusta tornou logo a ferrar a galeota, e os nossos trabalharam pela entrar; mas foi-lhes mui bem defendida, ficando Francisco de Barros em grande aperto, porque carregavam sobre elle muitos tiros, e golpes, de que se defendia com muito trabalho. Os nossos trabalhavam pelo soccorrer, commettendo a entrada, sobre o que se fazia huma muito aspera batalha, porque os inimigos eram muitos. Estando a cousa mui baralhada, acertou de cahir da meia gavia da galeota dos Mouros huma panella de polvora na mesma galeota do masto á poppa, que quiz Deos dêsse em outras, que todas tomáram fogo, com que a fusta arrebentou, deitando por esses ares a todos quantos nella havia. Francisco de Barros quiz sua ventura que cahisse dentro na nossa fusta ferido de huma zargunchada. Ficáram mais feridos João Pereira de huma fréchada no rosto, D. Francisco de Castro de huma pedrada na cabeça. Heitor da Silveira, que foi dos primeiros que abalroáram, trabalhou por chegar á galeota do Alixá, mas por estar na retaguarda afferrou em outra que logo axorou, e o mesmo fizeram os mais Capitães cada hum á sua, apertando tanto com os inimigos,

gos , que os fizeram lançar ao mar depois de mui bem escalavrados. Alixá vendo o estrago dos seus mudou-se a hum navio pequeno , e tomando o remo foi-se acolhend-o. Os mais da sua companhia vendo-o ir , trabalháram por se salvar , e seguindo-os os nossos , os foram alcançando , e axorand-o , ficando-lhes desta feita nas mãos quarenta , e seis galeotas , em que se tomáram oitenta bombardas grossas , e outras miudadas , e das outras foram queimadas tres. Das quinze que escapáram recolheo Alixá sete , com que se foi pelo rio dentro até Taná , as outras se mettêram pelo rio de Nagotana , onde foram tomadas pela gente do Melique Rey de Chaul. Venceo-se esta batalha sem custar da nossa parte mais que hum homem que cahio ao mar. Perdêram-se dos inimigos antre mortos , e cativos oitocentos homens brancos Turcos Rumes , e mais de duzentos bombardeiros , e da gente da terra mais de dous mil. Foi couisa milagrosa , que o cometa , com ser dia claro , sempre appareceo no Ceo até aquella hora que se a batalha venceo , que se escondeo. O Governador Lopo Vaz de Sampai deo muitas graças a Deos por tamanha mercê , e armou muitos Cavalleiros ; e pondo em conselho dos Capitães se voltaria pera Dio com tamanha vitoria , cuja fama

ma havia de ter os inimigos espantados, e atemorizados, foram muitos de parecer que sim; mas Garcia de Sá, e Antonio de Saldanha foram do contrario, antes lhe requêram da parte d'ElRey que não roubassem a honra a Nuno da Cunha, que vinha só áquelle negocio, pedindo ao Secretario que lhe dêsse instrumento daquillo, e o Governador tambem lhe pediu outro, de como quizerá commetter aquella jornada, e que os seus Capitães lha estorváram. E certo que se entendeu que se voltára a Dio, tomára aquella fortaleza, segundo todos ficaram quebrantados com a perda de tamanha Armada, em que elles tinham toda sua força, e cabedal. Vendo-se o Governador contrariado, determinou de ir dar em Taná, e destruir aquella Cidade, pera dar hum sacco grande á sua gente, por irem cheios de honra, e de proveito; e caminhando com todas as fustas pelo rio dentro, lá nos passos que são perigosos, deo em secco toda a Armada, onde ficou aquella maré a risco de se perder, trabalhando todos até lhes rebentar o sangue das mãos. A alguns Capitães que ficaram em nado, deo-se-lhes pouco do trabalho em que o Governador estava, porque como esperavam por outro novo, já lhes não tinham muito respeito. Como a maré tornou a encher,

cher, alevantáram-se os navios do secco, e fahíram-se pera fóra. O Governador por não experimentar outra desobediencia, e por ser já fim do verão, determinou de se ir pera Goa, deixando Heitor da Silveira com vinte e sete navios de remo pera ficar na costa de Cambaya, fazendo toda a guerra que pudesse, e elle se recolheo a Chaul, e dalli a Goa.

C A P I T U L O VI.

Da guerra que Heitor da Silveira fez na costa de Cambaya: e de como destrubio a Cidade de Baçaim, e as Villas de Taná, Bombaim, e outras: e do que o Governador Lopo Vaz de Sampaio fez em Goa, e do que aconteceu no Malavar.

PArtido o Governador Lopo Vaz de Sampaio pera Goa, determinou Heitor da Silveira de ir tomar huma fortaleza afastada da agua duas leguas por aquelle rio de Nagotana dentro, em que estava hum Capitão d'ElRey de Cambaya com seiscentos homens de cavallo, e dous mil de pé, e indo demandalla não pode chegar a ella, porque o estreito que entrava até lá era baixo, e de pouca agua; mas desembarcando onde pode chegar a Armada, queimou seis povoações muito grandes que havia naquell-

quella parte em que desembarcou. O Capitão que estava na fortaleza soube de como os nossos andavam em terra, acudindo com toda a gente que tinha, foi a tempo, que os nossos tinham já tudo feito, e se começavam a embarcar. Os de cavallo que hiam diante remettêram a elles com grandes gritas, e apupadas, chamando-lhes nomes. Heitor da Silveira, que ainda estava em terra, foi-lhe forçado fazer rosto aos inimigos, pera terem os seus tempo de se embarcarem; e tomando com espingardas, teve-lhes o encontro, derribando-lhes alguns, com que os fizeram parar. Hum soldado dos nossos, homem não conhecido, e sem nome, (a que muito deseíamos de o saber, pera lho darmos muito honrado nesta historia,) adiantando-se hum pouco com humma lança, e rodela, esperou hum Mouro de cavallo a pé, que des que vio nelle romper seu encontro com a lança alta, o soldado correu a sua, e o tomou por debaixo do braço da lança, e passando-o todo, deo com elle no chão; e ainda não estava bem nelle, quando já o soldado (que lhe levou logo as redeas do cavallo na mão) saltou em cima com muita ligeireza, e ar; e enrestando a lança, voltou a outro de cavallo que remettia com elle, e o levou pelos peitos, dando com elle de per-
nas

nas affirma muito mal ferido , a que os nossos deram huma grande apupada , e logo furriada da espingardaria. O soldado em derribando o Mouro , remetteo ao cavallo , e o tomou pelas redeas , e com muita confiança se veio recolhendo pera Heitor da Silveira , cavalgado em hum , e com outro a destro ; e chegando a elle lhe pedio o armasse Cavalleiro , o que elle logo estava. Louve agora Livio o seu Marco Corvino , por matar hum Francez em desafio , por cujo feito lhe mandou Octaviano Augusto alevantar estatua em meio de seus aposentos. Engrandeça o seu Torquato pelo collar que tomou a outro , que eu não farei mais que contar singelamente estes , e outros feitos semelhantes , mais dignos de estatuas , que os dos seus Romanos. Mas o tempo que deixo de gastar em seus louvores , gastarei em estranhar o descuido dos Reys nesta parte , que a estes taes nem com estatuas , nem com pão satisfizeram nunca seus feitos : pelo que muitos , e muito valerosos Cavalleiros , que obráram façanhas dignas de memoria eterna , estão hoje tão postos em esquecimento , que até os nomes se lhes não sabem , como a este nosso Cavalleiro , que por este feito não teve mór galardão , que em quanto Lopo Vaz governou depois disto chamar-lhe o seu Caval-

valleiro, e tello na Igreja apar de si em pé; e depois que acabou, póde bem fer que o acabasse tambem a fome. E tornando a Heitor da Silveira, com aquella boa ventura do soldado carregou sobre os inimigos, e os fez affastar, e elle, e todos se embarcaram a seu salvo, e se tornaram a sahir do rio. Dalli foram pela costa affima até a Cidade de Baçaim do Reyno de Cambaya, e chegando áquella barra, mandou Heitor da Silveira fondalla, e reconhecer o sitio da Cidade por Christovão Correa Capitão de hum Bargantim, que foi entrando pelo rio, e notou que antes de chegar á Cidade estava hum tranqueira de madeira de duas faces entulhada com tres baluartes grandes, e fortes, em que havia sessenta peßas de artilheria; e por huma almadia que tomou foubes estar Alixá Capitão das galeotas, que depois de desbaratado se recolheo áquella Cidade, e a fortificou, com receio que o Governador fosse dar nella, e ajuntou tres mil homens de pé, e quinhentos de cavallo que comfigo tinha. Informado Heitor da Silveira de tudo, poz em parecer dos Capitães se daria na tranqueira, em quanto o conselho durou, os soldados da Armada todos bradavam que deßem na Cidade, e concludio-se que se deßse, e negociando-se pera de madrugada desembarcarem, tanto que

que rompeo a alva, entráram os nossos pelo rio dentro, e chegando á tranqueira, que estava estendida de longo da praia, em que haviam de desembarcar pera commetterem a Cidade, puzeram os proizes em terra por meio de muitas, e mui amiudadas bombardadas, que lhes atiravam dos baluartes: e os primeiros que saltáram em terra, foram duzentos Canarins, que ficaram na Armada, de que era Capitão Malu, Mocadão mór dos marinheiros, que Heitor da Silveira lançou diante pera quebrarem nelles aquella primeira furriada dos inimigos, que deo por antre elles sem lhes fazer damno. Heitor da Silveira desembarcou muito á sua vontade, mandando diante hum Capitão com hum companhia pera commetter as tranqueiras, e elle com a bandeira de Christo, e toda a mais gente foi na retaguarda. Chegados os nossos á tranqueira, a commettêram com muito animo, achando os de dentro postos em defensão, antre quem se ateou hum muito crespa briga, de que os de dentro ficaram de ventagem, porque de cima lançavam sobre os nossos toda a cousa que achavam de páos, pedras, fogo, polvora, e todos os mais instrumentos mortaes; os nossos sem temerem cousa alguma ás espingardadas, fizeram affastar os Mouros de alguns lugares com

com morte de alguns , com o que outros muitos ajudados huns dos outros cavalgáram pelos lugares vãos a tranqueira , e de fima appellidáram *Portugal* , *Portugal*. Os Mouros vendo os nossos em fima largáram tudo , e se recolhêram á Cidade até onde os nossos os seguiram , entrando de volta com elles. Alixá não estava na tranqueira , porque entendendo , que se os nossos des- embarcasssem a haviam de cavalgar , foi-se pôr em filada fóra da Cidade , porque quando os nossos accommettessem lhes sahisssem , e os desbaratasssem. E assi foi , que indo os nossos no alcance dos seus até a Cidade , arrebentou da filada com a gente de cavallo , e detrás toda a de pé , e foi demandar os que entravam na Cidade. Heitor da Silveira que estava fóra , vendo os inimigos tocou a recolher , e ordenou hum esquadrão com toda espingardaria á roda , ajuntando todos a si , que logo voltáram , tanto que sentíram os inimigos , e assi se poz com proposito de pelejar com elle. Alixá cuidou que os nossos fugiam , vendo-os recolher ao esquadrão , e os foi seguindo até chegar a Heitor da Silveira , que os de cavallo foram commetter com grande determinação , cuidando que rompessem o esquadrão ; os nossos desparando sua arcabuzaria , derribando muitos , fizeram voltar os
mais ;

mais ; porque os cavalloos com o estrondo espantados voltavam pera trás rompendo os seus de pé , que vinham chegando , e affi huns , e outros se desbaratáram deitando a fugir , e sem pararem na Cidade se foram recolhendo huns pera a serra , outros pera outras partes. Os nossos não os quizeram seguir por estarem cansados , e mandando-os espiar , sabendo que desamparáram a Cidade , a entráram , e saqueáram , roubando muita fazenda , ouro , e prata , porque estava rica , e próspera ; e depois de se fartarem bem , lhe puzeram fogo em que toda ardeo. Heitor da Silveira esteve sempre á porta com a bandeira de Christo , e tocando a recolher foi-se á tranqueira , e mandou embarcar toda a artilheria della , e puzeram fogo a tudo , que ardeo até os alieffes. No rio tomáram tres Taurins carregados de madeira mui formosa , que logo mandou pera Goa , que o Governador estimou pera o concerto das Armadas. Os Tanadares vizinhos ficáram disto tão amedrontados , que o de Taná mandou offerecer a Heitor da Silveira quatro mil pardaos de pareas cada anno , que lhe elle acceitou , de que se fizeram papeis , que não apparecem , nem são necessarios , porque o direito senhorio destas terras ficou depois melhor pela doação , que o Soltão Badur Rey de

Cam-

Cambaya fez dellas aos Reys de Portugal, como adiante diremos. Heitor da Silveira deo outra volta pela enceada de Cambaya, e desembarcou em alguns lugares que destruiu, e abrazou, e como foi tempo se recolheu a invernar a Chaul. O Governador, tanto que chegou a Goa, despachou Garcia Deça pera ir entrar na capitania de Malacca, mandando provimentos pera Maluco; e pera Ormuz mandou tres galeões carregados de fazenda d'ElRey, de que eram Capitães D. Francisco Deça, Antonio de Lemos, e Lopo de Mesquita. Antonio de Miranda sabendo no Malavar, onde andava, que no rio de Chael estava humna não carregada de pimenta, entrou dentro, e a tomou, e tirou pera fóra, e a mandou a Cochim, e queimou aquella povoação, e quatro paraos que estavam varados, e tomou outros quatro que estavam no rio; e depois deste successo, andando correndo a costa, succedeo andar Christovão de Mello ao longo da terra com a sua galé, e seis navios mais, e Antonio de Miranda ao mar delle, não sabendo os Mouros do Capitão mór, e vendo aquella galé, e poucos navios de longo da terra, armáram sincoenta paraos, e o foram demandar. Christovão de Mello tanto que houve vista delles, foi-se remando pera o mar, alli pelos affastar

da terra, como pera chegar ao Capitão mór. Os inimigos cuidavam que lhes fugia, e foram-no seguindo até haverem vista do Capitão mór, que vendo aquella Armada ir apòs a nossa, como tinha o balravento, dando á vèla descarregou sobre elles; e o mesmo fez Christovão de Mello. Os inimigos vendo o Capitão mór ficáram embaraçados, e voltáram pera a terra; Christovão de Mello, que lhes ficou mais perto, lhes chegou com seus navios, e pondo-lhes as proas os foi axorando, ficando-lhes nas mãos quatorze navios, e os mais por ligeiros escapáram. Esta vitoria foi a derradeira deste verão, e Christovão de Mello se recolheo a Goa, e Antonio de Miranda a Cochim.

C A P I T U L O VII.

De como Christovão de Mendoga Capitão de Ormuz mandou Antonio Tenreiro por terra ao Reyno com as novas das galés, e da jornada que este homem fez pelo deserto de Arabia: e de como chegou ao Reyno, e ElRey mandou Manoel de Macedo a Ormuz a prender Rax Xarrafa.

A Trás temos dito como Christovão de Mendoga foi entrar na capitania de Ormuz, levando em sua companhia Rax Xar-

Xarrafo , que como era homem alterado , e soberbo , tornou logo a usar de sua natureza , e a se levantar contra ElRey , revolvendo aquella Cidade , e tyrannizando-a , pelo que deixavam as Casilas de vir a ella , e a Alfandega a render menos. E porque no mesmo tempo em que chegou a Ormuz succedeo o caso de Rax Soleimão , porque se desfez a Armada , que era sahida contra a India , pareceo-lhe a Christovão de Mendoça obrigação avisar ElRey de tudo , escrevendo-lhe assi isto , como as cousas de Rax Xarrafo ; e elegeo pera esta jornada hum Antonio Tenreiro , natural de Coimbra , homem nobre , que já fora com Balthazar Pessoa ao Xequé Ismael , donde tomou o caminho pera Jerusalem , e foi prezo pelos Turcos , cuidando ser espia , e levado ao Cairo , onde foi depois solto , e dalli passou a Chipro , e por hum caso que lhe naquella Ilha aconteceu , se tornou pera a India ; e desembarcando em Trypoli atraveßou o deserto , e foi ter a Bassorá , e dahi a Ormuz , onde havia pouco que era chegado desta jornada. Este homem sabia bem a lingua Turquesca , e Persica , e pelo muito que importava levar-se recado a ElRey , acceitou a jornada , e a vinte deste Setembro passado partio de Ormuz pera Bassorá , até onde poz quarenta dias , por

causa dos ventos que achou contrarios. Nesta Cidade se deteve vinte dias, porque não achou já a Casila que hia pera Damasco, e o Xeque que era nosso amigo o não queria deixar atravessar o deserto só, nem dar-lhe pera isso guia; e foi tão importunado delle, que lha houve de conceder. E comprando duas camelas de leite, humas pera elle, outra pera o Piloto, provendo-se de mantimentos, de tamaras, biscouto, fariinha, alguma carne de fumo, e odres de agua, partíram entrada de Novembro deste anno de vinte e nove, depois de meia noite, porque não fosse visto. Caminhando o que restava della, ao outro dia se mettêram por aquelle espantoso deserto, por onde tudo o que alcançavam com os olhos eram nuvens, e farras de arêas soltas, e movediças, que com qualquer vento eram levadas de humas partes pera as outras, como fazem as ondas do mar com grandes tempestades, não encontrando por todo o caminho senão urso, tygre, leões, lobos, e alimarias bravas, de que Deos sempre os guardou, governando-se o Piloto pela estrella do Norte, de noite, e de dia por algumas balizas que os caminhantes tinham postas em paragens que os ventos as não pudessem arrancar, e assi caminhavam vinte e cinco leguas por dia, dormindo em cima das camelas,

onde tambem comiam , sem se descerem ,
 assi por amor das alimarias bravas , e feras ,
 como por se não enterrarem , e sumirem
 naquelle mar de arêas ; dando a cada ca-
 melas huma quarta de farinha huma vez ao
 dia , e alguma pouca de agua , e cada qua-
 tro , cinco dias as fartavam della em char-
 cos , que a paragens havia em partes duras ,
 e seccas , em que as aguas do inverno se re-
 colhiam. E em certas paragens como estas
 se acham alarves , grandissimos ladrões , que
 vivem de saltar as Cañilas. Ao derredor
 destes charcos se criam alguns cardos bra-
 vos de que as camelas comiam. Antonio
 Tenreiro foi commettido duas vezes das
 alimarias , de que Deos , e a ligeireza das
 camelas o livráram. E huma madrugada
 fugindo á redea solta de dous leões , corrê-
 ram daquella feita duas leguas , ficando a
 camela de Antonio Tenreiro manca de hum
 pé dum estrepe que se lhe metteo , e foi-lhe
 forçado deter-se , descer-se , e tirar-lho , e
 curallo como pode , e desta feita esteve tres
 dias sem caminhar , e no cabo delles torná-
 ram á sua jornada , padecendo grandes fô-
 mes , sedes , e medos ; e a cada oito dias
 achavam aquellas partes seccas , em que se
 refaziam de agua ainda que roim , e em
 cada huma dellas se detinham hum dia ,
 por dar folga ás camelas. Em duas partes
 des-

destas acháram dous Castellos arruinados, onde já se agazalháram Alarves; e a cabo de vinte e dous dias de caminho chegaram a hum pequena Villa acastellada, cercada de muro, e taipas grossas, e povoada de Alarves, na entrada della estava hum formosa fonte, de que regavam suas sementeiras, e por derredor havia alguns palmares de tamaras. Aqui acháram hum Cafile já de caminho pera Damasco, em que se metteo Antonio Tenreyro, despedindo dalli o Piloto, tendo-lhe bem pago seu caminho. Este dia que partio a Cafile, foram dormir a outra fortaleza perto, e desta a quarenta leguas sahiram do deserto, e entráram pelas terras de Alepo Cidade grande de Soria, cercada de muros, prospera de tudo, povoada de muitos, e mui ricos mercadores, que alguns presumem que fosse edificada das reliquias da muito antiga Hierapoly de Alepio Prefeito do Emperador Juliano, e que delle tomou o nome. Mas o Bispo D. Ambrosio, Penitenciario que foi do Papa Julio Terceiro, que veio á India por Turquia, e Arabia, e esteve nesta Cidade de Goa no Convento de S. Domingos, de cuja Ordem era, homem douto nas letras Divinas, e nas linguas Chaldea, e Arabia, disse que quando Deos livrára Abrahão de Ur Cidade dos Chal-

de-

deos , fora ter a Alepo Cidade cabeça de Soria ; e como trazia muitos gados , e era homem de grande caridade , estando aqui aposentado dava cada dia aos pobres do leite de seus gados , e tinham já esta razão por ordinaria , que acudiam pela manhã aos criados de Abrahão , e lhe perguntavam , *Jelep* , que na lingua Chaldeica quer dizer , *ordinhaſte já ?* e que daqui ficou este nome a esta Cidade ; e que os mesmos Arabios doutos de Alepo , que assi o tinham em suas escrituras , e que sem dúvida esta Cidade fora habitada , e senhoreada de Abrahão. Isto contava elle aos Padres de S. Domingos , de quem o nós foubemos. Este Bispo morreo em Cochim , indo-se embarcar pera o Reyno , e segundo a nossa lembrança em tempo do Conde do Redondo. Aqui nesta Cidade se deixou ficar Antonio Tenreyro pera esperar por hum Venezeano chamado Micer Andreas pera quem levava cartas , e letras pera lhe dar dinheiro , e aviamento pera passar á Europa , que era ido a Constantinopla , e ficou esperando por elle ; e tambem porque o inverno era grande , e de grandes neves esteve aqui trinta dias , até vir Micer Andreas , que o aviou , e se metteo em huma Casila que hia pera Tripoli de Soria , onde se embarcou , e foi ter a Chipro , e dalli se passou a Vene-

ne-

neza , passando muito grandes trabalhos , e tormentas ; e tomando o caminho por terra , chegou a Portugal pouco depois de fer partido Nuno da Cunha pera a India. El-Rey estimou muito as cartas de Christovão de Mendouça , e as novas das galés serem defarinadas ; e por saber que por terra , e em espaço de tres mezes podia ter recado de Ormuz , porque não poz esse homem no caminho ordinario mais , que todo o outro tempo foram detenças por impedimentos que lhe succedêram. Esta viagem , e chegada de Antonio Tenreiro poz grande espanto no Reyno , por ser o primeiro que a commetteo só com hum Piloto. Succedeo-lhe no cabo de todos estes trabalhos , que o primeiro dia que chegou ao Reyno , que esteve com El-Rey até bem de noite , dando-lhe novas da India , sahindo dos Estaos onde El-Rey pousava pera ir descansar , indo vestido em hum albernoz , que todo o caminho levou , saltáram com elle no Rocio , e lhe deram dezefete , ou dezoito cutiladas , e estocadas , de que o deixáram por morto , e foi dalli levado , e curado. Soube-o logo El-Rey , mandou ao seu Surgião mór que o curasse como sua pessoa , e que se inquiresse aquelle negocio , sobre que as Justças fizeram mui grandes diligencias , sem se alcançar cousa alguma ,
nem

nem elle suspeitou nunca donde lhe aquillo podia vir. Viveo este homem depois ; mas ficáram-lhe algumas fontes que lhe purgavam, em que trazia canudos de prata. Apofentou-se em Coimbra onde casou, e viveo de tenças, e comedias, que lhe ElRey deo. ElRey pelas novas que teve das inquietações do Guazil, vio que lhe era necessario acudir ás cousas de Ormuz primeiro que Rax Xarrafo acabasse de as damnar; pera o que mandou ordenar huma não pera partir em Outubro pera a India, porque determinou de mandar prender Rax Xarrafo, e levalllo pera o Reyno; e este negocio encarregou a Manoel de Macedo, que chegou da India nas náos da viagem, depois do Tenreyro chegar, pelo ter por homem determinado pera todo o negocio, e lhe deo por regimento que fosse tomar Ormuz, e como entrasse do estreito da Persia pera dentro abrisse hum regimento que levava, e que fizesse o que lhe nelle mandava, porque nem delle quiz fiar aquelle negocio por se não vir a romper. Esta pressa, e segredo metteo em confusão Tristão da Cunha, pai de Nuno da Cunha, porque fez todas as diligencias possiveis por saber ao que hia Manoel de Macedo, sem nunca o poder alcançar. Pelo que escreveo huma carta por elle ao filho, que continha

es-

estas palavras : » Filho Nuno, lá vai hum
 » mancebo em huma náó mui apressado por
 » mandado d'ElRey, nunca pude saber ao
 » que vai, deixa-lhe fazer tudo o que lhe
 » ElRey manda, sem lhe ires á mão a cou-
 » sa alguma, manda pimenta, e deita-te a
 » dormir. » Ha-se de saber, que Tristão da
 Cunha a todos os seus filhos nomeava pe-
 los nomes, e sobrenomes, e lhes fallava
 por vós; só a Nuno da Cunha com fer-
 o mais velho Veador da Fazenda d'El-
 Rey, do seu Conselho, e Governador da
 India, nunca o nomeou senão por Nu-
 no, e não lhe fallou senão por tu. Manoel
 de Macedo deo á véla em Outubro, e de
 sua viagem adiante daremos razão.

C A P I T U L O VIII.

*Das cousas que acontecéram em Malaca
 até chegar Garcia de Sá: dos ardís de
 que o Achem usou com Pero de Faria,
 por ver se podia colher em seu porto
 algum navio: e de outras cousas
 que mais passáram.*

COm a tomada da galé de Simão de
 Souza, como atrás temos contado, fi-
 cou o Achem muito soberbo; e como era
 malissimo, e falso, pareceo-lhe que podia á
 con-

conta daquelles Portuguezes que tinha cativos , colher naquelle porto algum navio nosso pera o tomar. Pera isso determinou de usar de ardís , e manhas com o Capitão de Malaca , como logo diremos. Andava elle neste tempo em guerra com ElRey de Aru , que era nosso amigo , e como este tinha mandado a Malaca a pedir soccorro ao Capitão , do que logo o Achem foi avisado , e receou que com o nosso soccorro lhe dêsse aquelle Rey grandes trabalhos , pelo que determinou de atalhar , e estorvar o soccorro que mandava pedir. E tomando hum dos Portuguezes cativos da galé de Simão de Sousa , chamado Antonio Caldeira , com outro companheiro , lhes deo hum bantim , mandando-lhes que fossem a Malaca , e dissessem da sua parte ao Capitão , que elle desejava muito de ter com elle paz , e amizade , e que pera princípio della lhe queria dar todos os cativos Portuguezes , e a galé com toda a sua artilheria , e a que tomára na fortaleza de Pacem , e a de huma náó nossa que dera á costa , e que bem podia mandar logo portudo. Chegado este homem a Malaca , (estando naquella Cidade o Embaixador d'ElRey de Aru , com promettimentos da ajuda que pedia ,) e dando recado ao Capitão Pero de Faria , que o grangeou muito , parecendo-lhe

lhe que Deos lhe abria o caminho pera haver aquellas cousas em que ganhava mais que no soccorro d'ElRey de Aru , que já negociava , tendo commettida aquella jornada a Diogo de Macedo Capitão mór do mar de Malaca , que estava com toda a Armada que tinha no mar , pelo que determinou de a recolher , e fazer pazes com o Achem. Isto não pareceo bem a Martim Correa , que conhecia a maldade daquelle Rey , e disse a Pero de Faria que tanto offerecimento parecia invenção , que aquillo era mais espiar a fortaleza , que commetter pazes , e ver se dava soccorro ao Rey de Aru , pera o fazer sobreestar nelle ; porque bem sabia elle a grande causa que havia pera estarem escandalizados delle pela tomada da galé ; e que forçado se havia de tratar de satisfação , e vingança por todas as vias : que elle havia de temer , e arre- cear que a mór , que por então se podia tomar delle , era dar-se ajuda a ElRey de Aru pera o poder desbaratar , e que entendessem que Mouros não commettiam nunca pazes , senão por interesse , ou necessidade , e que esta não tinha elle agora por parte dos Portuguezes , mas que receava tella , se mandasse Armada contra elle ao Aru ; e que tantas promessas juntas sem ver ainda o flagello sobre si , era cousa que dava bem a en-

entender sua tenção. Estas razões parecêram bem a Pero de Faria, e disse a Antonio Caldeira perante o mesmo Martim Correa, o que lhe tinha dito, pedindo-lhe que lhe dissesse o que suspeitava, e se se podia arrecear serem aquillo invenções do Achem? Antonio Caldeira lhe disse que o que entendia eram tamanhos desejos no Achem de pazes, que sem dúvida daria tudo o que tinha offerecido; e quanto a elle em nenhuma fórma deixaria de se tornar pera elle, pela vontade que sentia pera com todos os Portuguezes, e porque lho promettêra, que lhe dêsse resposta, porque logo havia de voltar. Com esta confiança deste homem ficou Pero de Faria mais crente que o Achem lhe fallava verdade. Pelo que determinou de acceitar as pazes, porque desejava de haver ás mãos os Portuguezes, e tanta artilheria como lhe offerecia, pelo que o despachou logo, e escreveu ao Achem que acceitava sua amizade em nome d'ElRey de Portugal, e que dalli por diante o havia por amigo, e que como a esse, o ajudaria em tudo o que lhe fosse necessario, e que logo mandaria pelos Portuguezes, e mais cousas, e que não favoreceria ElRey de Aru, e que logo mandaria recolher a Armada que pera isso tinha prestes, e mandou com este homem hum casado de Malaca;

que

que sabia a lingua Malaya , com procura-
ções bastantes pera assentar as pazes com o
Achem , mandando-lhe por elle algumas pe-
ças , e brincos. Estes homens foram tomar
humã Ilha na costa do Achem , que era po-
voadã de Mouros , que vendo os dous Por-
tuguezes fós os matáram. O Embaixador
de Aru que estava em Malaca esperando
pelo soccorro despedio Pero de Faria com
desculpas pera ElRey de lhe não mandar
soccorro , porque pera haver aquelles Por-
tuguezes , e mais cousas que o Achem of-
ferencia , lhe era assi necessario ; mas que el-
le era seu amigo , e assi o mostraria em to-
das suas cousas que lhe cumprissem. Com
esta resposta se foi o Embaixador descon-
tente , e se embarcou sem se despedir de
Pero de Faria , de que elle ficou hum pou-
co pejado , porque desejava de poupar a
amizade deste Rey , porque era muito fiel
amigo ; pelo que logo despedio Fernão de
Moraes , que alli estava por Capitão de hum
galeão , pera se ir ver com aquelle Rey ,
e temperallo , e dar-lhe satisfações das cau-
sas por que então o não ajudára contra o
Achem. Fernão de Moraes chegou ao por-
to de Aru poucos dias depois do Embai-
xador , e como ElRey estava tomado de
Pero de Faria , mandou que nenhuma pes-
soa fosse a bordo do galeão. Fernão de Mo-
raes

raes esteve quatro dias sem vir recado da terra , pelo què entendeo que nascia aquillo do agravo d'ElRey , e como era homem de muito animo , muito arriscado , contra o parecer de todos se metteo em hum balão com alguns criados , e foi a terra , e caminhou pera os Paços , e entrando muito confiado aonde estava ElRey , lhe fez sua cortezia. ElRey vendo aquella confiança o agazalhou com bom rosto ; Fernão de Moraes lhe deo todas as fatisfações que pode , e os respeitos por que Pero de Faria o não ajudava por então contra o Achem , e que quanto ás obrigações que lhe tinham , essas lhe não podiam negar , porque bem sabiam quão leal amigo fora sempre do Estado. ElRey pareceo por então que ficava desalivado com o que lhe elle disse , mas era ao contrario , porque o escandalo que dentro tinha era tal , que determinou de prender a Fernão de Moraes , e tomar-lhe o galeão ; mas quiz por então dissimular até ver o que succedia á sua Armada , que havia poucos dias era partida a Pacem a buscar a do Achem ; porque se viesse com vitoria , então faria o que determinava , e quando não , pela necessidade dissimularia ; e por esta razão deteve Fernão de Moraes oito dias , sem no galeão se saber novas d'elle , e o tinham já por morto , e estive-
ram

ram algumas vezes pera se irem pera Malaca. Passados estes dias chegou a Armada d'ElRey, que teve com a do Achem huma grande batalha, de que se apartáram sem vitoria de nenhum: esta Armada trazia outro Portuguez dos que estavam no Achem, que o mesmo Rey tornava a mandar a Pero de Faria, porque lhe tardava o recado de Antonio Caldeira, e lhe mandava por este dizer que mandasse logo buscar a galé, e Portuguezes, e artilheria: este Portuguez foi tomado em hum balão. Vendo ElRey a Armada sem vitoria, lançando suas contas, vio que lhe não vinha bem quebrar com os Portuguezes, porque pela ventura os haveria ainda mistar, ou ao menos porque se não juntassem com o Achem, pelo que largou Fernão de Moraes, e lhe deo o Portuguez. Fernão de Moraes chegou ao galeão, onde achou todos desconfiados d'elle, e fazendo-se á véla pera Malaca, deo conta a Pero de Faria de tudo o que lhe succedeo. Os Reys ambos como eram Mouros houve pouco que fazer em se concertarem fazendo pazes, com cócegas que ambos tinham hum do outro do favor dos Portuguezes. E como o Achem se vio desapressado, não quiz mais nada de Pero de Faria, que sem dúvida se acudira com huma Armada áquelle negocio, houvera-lhe de

de entregar tudo , ao menos a galé , e os Portuguezes , porque receára que não o fazendo , se fosse ajuntar com ElRey de Aru , e o destruissem ; e assi se perdeu esta occasião , e os Portuguezes morrêram em cruel cativeiro.

CAPITULO IX.

De como ElRey do Achem tomou por engano hum galeão , de que era Capitão Manoel Pacheco : e de como foram descobertos huns tratos que Sinaya de Raya Chelly de Malaca trazia com o do Achem , e de como foi morto.

N Este tempo chegou Garcia de Sá áquelle fortaleza , e tomou posse della , do que logo foi avisado o Achem , e houve que com o Capitão novo faria melhor seu negocio. E porque de ambos os recado que tinha mandado a Malaca não tinha resposta alguma , nem sabia o que se lá tratava , mandou hum homem seu áquella Cidade em muito segredo a saber do Bendorá Sinaya de Raya (com que tinha intelligencias secretas) o que se lá praticava sobre as offertas que mandára fazer , e que gente haveria na fortaleza , porque desejava de a tomar. Este homem se vio com Bendorá , que lhe deo conta de tudo o que

Pero de Faria passára com Antonio Caldeira , e como seguro em sua amizade mandava fazer pazes , e buscar os Portuguezes , e que sempre segundára , se não chegára Garcia de Sá. Com este recado despedio o Achem logo hum Embaixador a pedir pazes , e chegado áquella fortaleza desembarcou em cima de hum elefante com grande acompanhamento que trazia , e foi correndo a Cidade de fóra com hum prato de ouro nas mãos , em que levava a carta , que o Achem escrevia ao Capitão , e diante d'elle hia hum homem , como Rey darmas , que ao som de alguns instrumentos hia gritando , e publicando alto , que ElRey do Achem mandava commetter pazes , e amizades aos Portuguezes : (esta ordem guardava em todas as que commettia ,) e assi foi levado ao Capitão , que o recebeo com apparato. Elle lhe deo sua embaixada , cuja conclusão foi desculpar-se do que fora feito a Simão de Sousa na sua barra pelos seus sem o elle saber , e que estava prestes pera emendar aquelle aggravo , assi em castigar os culpados , como em restituir a galé , Portuguezes , e artilheria , e que lhe pedia corressem em amizade , e commercio ; e que seguramente podiam os Portuguezes ir , e vir a seu porto , comprar , e vender , sem receberem aggravo algum. Garcia de Sá ouviu

vio tudo muito bem , não lhe parecendo que pudesse haver tamanho fingimento , e maldade em homem que tinha titulo de Rey , cuja obrigação era guardar verdade , e justiça. E acceitando-lhe as offertas , negociou hum casado , que mandou em companhia do Embaixador com procurações , e apontamentos pera concluir as pazes com o Achem. Chegados áquella Cidade , foi o nosso recebido d'ElRey com muitas honras , dando-lhe peças a elle , e a todos os que com elle hiam. E praticando nas pazes lhe concedeo tudo o que levava por apontamentos , como quem se não queria desconcertar no preço , pera ver se podia effectuar seus concertos. Assentadas as pazes , mandou-as pregoar por toda a Cidade com grandes solemnidades. Feito tudo isto , despedio o nosso Embaixador com mostras de amor , e amizade. E embarcado na barra de noite , foi salteado , e morto elle , e todos , e o balão sumido por mandado d'ElRey em tanto segredo , que nunca se soube , e Garcia de Sá presumio que se perderiam no mar. O Achem foi logo avisado de tudo por Sinaya de Raya , que lhe mandou dizer que nada suspeitavam , antes o Capitão estava muito satisfeito das honras , que elle fizera ao seu Embaixador , com o que o Achem despedio logo outro Embai-

xador a Garcia de Sá com o peza-me do desaparecimento do seu, que lhe pedia mandasse confirmar as pazes por algum homem honrado, já que o outro se perdêra com os papeis, e capitulos dellas. Garcia de Sá enganado com estas mostras, mandou fazer prestes hum galeão, e Manoel Pacheco pera ir nelle, avisando-o alguns da maldade daquelle Mouro, que elle nunca cuidou que houvesse tanta em nenhum peito humano, como houve neste. Negociado Manoel Pacheco, embarcáram-se com elle mais de oitenta Portuguezes mercadores com muitas fazendas pelo proveito que esperavam daquelle novo commercio. Sinaya de Raya avisou logo ao Achem, aconselhando-lhe, que tomasse o galeão, porque depois seria facil ir tomar aquella fortaleza, pela pouca gente com que ficava, porque a mór parte della hia nelle. Manoel Pacheco foi tomar a barra do Achem, e andando aos bordos lhe sahíram muitas lancharas, poucas, e poucas, que o foram demandar, como que hiam de paz; e allí carregáram tantas que pareceo mal a alguns, que disseram a Manoel Pacheco, que bom seria precatarem-se, e armarem-se, que aquillo era alguma manha do Achem. Já no galeão havia alguns Achens, e derredor delle muitas lancharas, que vendo a confiança dos

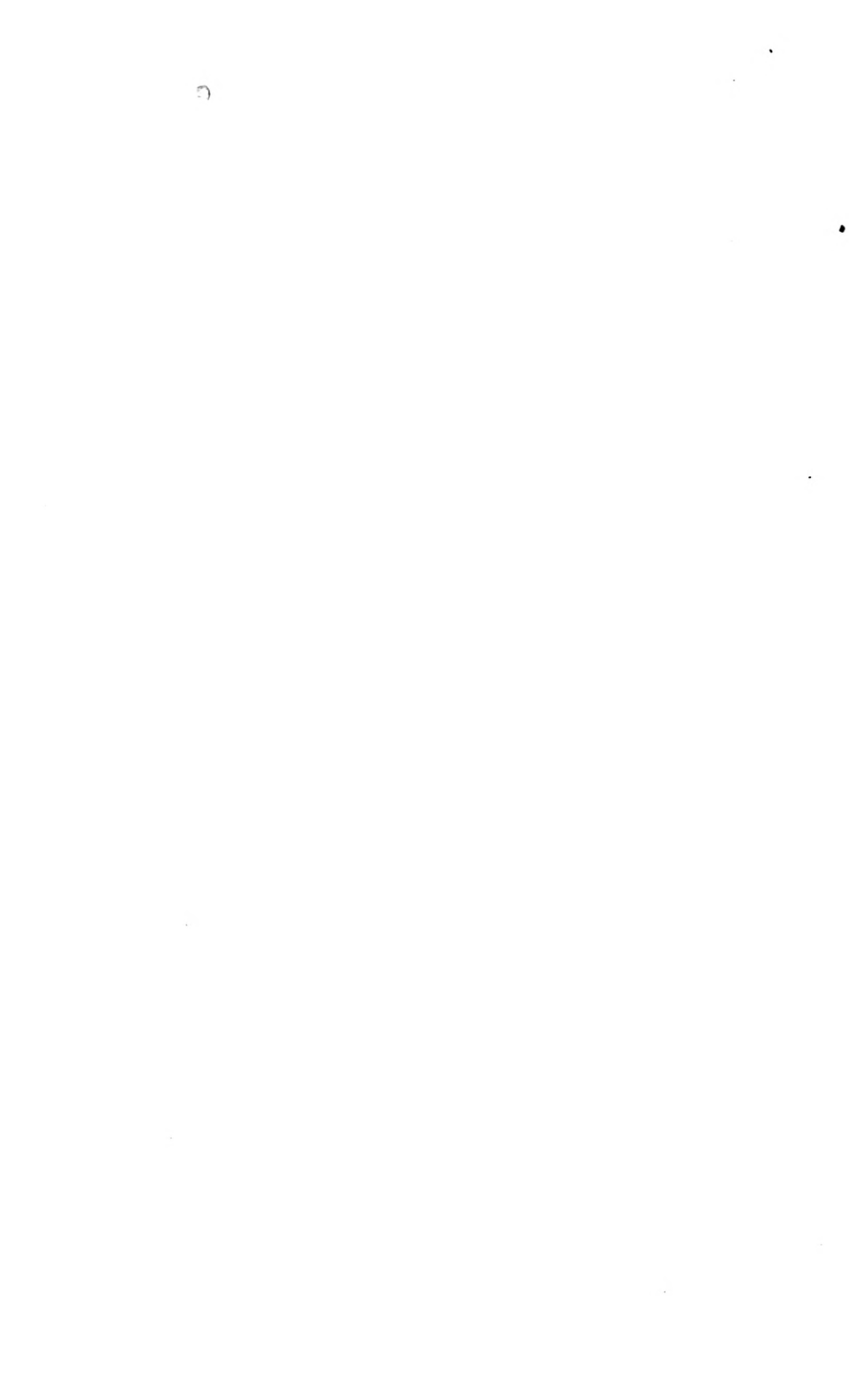
Por-

Portuguezes arremessáram-se dentro , e remettêram com elles , e primeiro que tomássem armas foi morto Manoel Pacheco , e os mais delles , e todos os outros foram tomados ás mãos , sem escapar hum só. O galeão foi levado dentro , e entregues os Portuguezes a ElRey , que logo os fez matar a todos , e aos que lá tinha , e com isto mandou dizer a Garcia de Sá , que lhe agradecia muito o galeão que lhe mandára , que lhe não faltava mais que hum bargantim que lá tinha , que lhe rogava lho mandasse , senão que cedo o iria tomar. Garcia de Sá vendo tamanho engano , e maldade ficou pasmado , e parecia que queria arrebentar de pezar , do que lhe tinha acontecido. Sinaya de Raya mandou dizer ao Achem que mandasse huma Armada , que elle cumpriria a palavra que lhe tinha dado de lhe entregar aquella fortaleza , o que o Achem fez , mandando setenta lancharas com tres mil homens , que foram dar vista a Malaca. Garcia de Sá com essa pouca gente que tinha se fechou na fortaleza , tendo grande guarda , e vigia nella. Os Achens andáram por aquella costa aguardando recado de Sinaya de Raya ; e permittio Deos pera evitar tamanho mal , que sahissem hum dia em terra , e se puzessem ao longo de hum tanque , que chamam

nam d'ElRey, a comerem, e beberem os Achens com os Malayos de Sinaya de Raya; e foi o banquete de feição que ficáram os Achens bebados, e contáram aos Malayos todos os tratos, que seu amo trazia com o seu Rey, e de como tinha ordenado hum Domingo (estando o Capitão com todos os homens na Igreja) ter levado hum camelo, que estava defronte da porta principal, e borneallo pera dentro, e dar-lhe fogo, com que mataste todos, e abrir-lhes as portas da fortaleza; e assi lhe contáram da morte do Embaixador, e de Manoel Pacheco. Recolhidos daqui, inspirou Deos no coração de hum Malayo daquelles, que se fosse logo á fortaleza, e contou ao Capitão tudo o que ouvira, de que Garcia de Sá ficou sobrefaltado, e escondendo o Malayo mandou chamar Sinaya de Raya, que logo foi com hum enteado seu chamado Tuão Mafamede, e recebendo-os bem, recolheo-se com Sinaya pera cima, onde tinha homens que o tomáram, e deram com elle de hum ja nella em baixo, onde se fez em pedaços, porque cahio de altura de cinco sobrados. E vindo pera baixo disse a Tuão Mafamede o que fizera, e o porque; ao que lhe elle respondeo, que se tal era que fizera muito bem. Garcia de Sá o segurou, e lhe disse, que servisse ElRey de Portugal,

gal , que elle lhe faria muitas honras , e mercês , e que se recolhesse , e quietasse , mandando-o acompanhar até sua casa , e fez mercê ao Malayo que lhe descobrio a traição , que teve em segredo , sem se saber que veio delle. Logo correo a nova da morte de Sinaya , pelo que os Achens se recolhêram , e o seu Rey ficou mui magoado do successo. Tuão Mafamede affombrado do que víra , logo desapareceo com mulher , e filhos , e se passou a Viantana , onde estava o Rey que Pero Mascarenhas desbaratou em Bintão.

FIM DO LIVRO V. DA DECADA IV.



Recd. 10/11/57 Livraria Coelho,
Lisbon, \$209.40 (24 vols.)

